
3 1761 04229 7234

Inquérito
á
vida literária
portuguesa

TIP. DA EMP. LIT. E TIPOGRÁFICA
(OFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE)
178, R. ELIAS GARCIA, 184 - PORTO

J. M.

Boavida Portugal

Inquérito literário

I—*DEPOIMENTOS DOS SENHORES:*

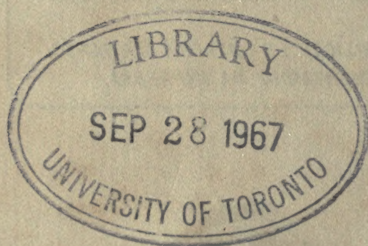
Dr. Julio de Matos—H. Lopes de Mendonça—Teixeira de Pascoais—Dr. Augusto de Castro—Gomes Leal—João Grave—Gonçalves Viana—Dr. F. Adolfo Coelho—Dr. Veiga Simões—Julio Brandão—Visc. de Vila Moura—Malheiro Dias—etc.

II—*RÉPLICAS DE OUTROS ESCRITORES.*

III—*COMENTARIOS DA IMPRENSA.*



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, Praça dos Restauradores, 17
1915


LIBRARY
SEP 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

Inquérito literário

I

SINFONIA DE ABERTURA

Apesar de nos jornais não ser muito habitual tratarem-se largamente assuntos literários, com muita fé, muita tolerancia e muito trabalho, podemos agora dar ao publico este repasto intelectual, que imaginamos da sua utilidade. Não que esses assuntos não sejam simpaticos; mas porque os intelectuais são pessoas mais de apreciar quando precisam dos jornais do que quando estes precisam dêles.

Mas, vamos direitos ao nosso caso.

A dois anos de um facto historico, que cremos propulsor de uma nova ordem de idéas, e tendo-se inquirido largamente da vida económica e social do país, justo e até necessário era que se inquirisse tambem da sua vida literária.

A literatura é como que a floração de uma civilização. A sua decadencia ou o seu esplendor mar-

cam a decadencia ou o esplendor da vida de um povo.

Assim convencidos e crentes de que prestávamos um serviço ao país, chamámos os homens tidos como competentes a depôr num inquérito á vida literária portuguesa.

O grande publico que lê deseja encontrar nos livros o caminho a trilhar. E os livros andarão bem possuídos de idéas novas que seja preciso sagrar na alma do povo? e quem nos garante a nós que a revolução política entrou já nos livros, revolucionando as idéas? por êles o grande publico saberá já para onde caminha?

Estas e outras interrogações hão de ter sido feitas (porque a alma portuguesa flutúa incerta e timida) e os livros talvez não hajam respondido.

Pois bem! *fiat lux!*

Do alto desta tribuna sagrada — a Imprensa, — o povo português vai ouvir a voz dos seus magos.

O momento é solene.

Com a mão sobre a biblia sagrada da consciencia, a palavra dominando o sussurro dos que se ageitam para ouvir, os nossos intelectuais vão dizer o que pensam sôbre o facto literário que muitos dêles cultivam e todos estudam carinhosamente.

O seu diverso modo de pensar, que circunstancias várias teem impedido de se debater, em serena discussão de onde saíria muita luz, é assim exposto publicamente, para dêle se tirarem as conclusões que encerra.

A monarquia dos ultimos anos foi um regime que viveu rodeado de instituições republicanas. Por cada egreja uma escola. Assim cresceram estas que afogaram aquela. O conflito necessariamente havia de produzir uma nova maneira de pensar dentro da sociedade portuguesa, tàtuando os novos espiritos.

Ora, dois anos passados sôbre a alforría dêsses espiritos, após uma longa preparação anterior, hão-de poder dizer já quanto a sua antiga tatuagem, agora liberta, produziu de ideais novos.

Por conseguinte, as tendencias dos novos escritores indiciarão, porventura, a ressurreição da vida nacional? — qual é o laço historico-social que nos liga ao passado? — quais as características que marcam um presente de renascimento, entre as várias manifestações da literatura? — esta literatura revela as novas aspirações e ideais que nos podem abrir caminho na vida, repondo-nos no antigo lugar da consideração mundial? — terão os novos escritores encontrado definitivamente os processos que melhor hão-de traduzir essas aspirações e ideais novos? — existirá nas letras um claro reflexo da revolução política?...

O povo ignora ainda tudo isto, e muitos que neste país falam e escrevem parecem não estar bem seguros do caminho a seguir.

*

Ao iniciarmos o inquérito á vida literária portuguesa, nada mais tivemos em vista do que pôr em confronto, para serem estudadas, as opiniões dos nossos intelectuais. Tudo que por conta propria nós pudessemos dizer no assunto, ficaria longe do resultado dêste processo de depoimentos autorizados.

Não nos satisfazem êles em absoluto. Alguns, pondo-se á margem da sua responsabilidade social, rodearam escolhos que eram exactamente os pontos da verdade a esclarecer.

Fizeram-no por timidez? fizeram-no por covardia?

Em qualquer dos casos, julgando mentir aos nossos leitores, falsearam o depoimento que, com a mão na bíblia sagrada da consciencia e a voz dominando o sussurro dos que se ageitam para ouvir a sua palavra, tinham obrigação de fazer, leal e francamente, a todo o país e a todo o mundo.

Os intelectuais portugueses parecem não pezar devidamente a sua responsabilidade social. Muitos desprezam-na a ponto de se lhes não poder pedir.

Ora, cada consagração (ainda que fantasiosamente colhida) importa sempre a confissão de uma autêntica vassalagem a s. ex.ª o público.

Não é em vão que se chamam os educadores, os guias. A estas palavras corresponde, em todos os países, uma responsabilidade efectiva e reconhecida.

Só a intelectuais portugueses póde ser consentido pôrem-se á margem dessa responsabilidade. Responderem por meias palavras, ainda nos mais graves assuntos!

Os ídolos modernos hão de ser (se não são já) a verdade demonstrada. É talvez por isso que, a certa altura da sua vida, os povos partiram os antigos, como partem os modernos, quando êles se tornam sibilinos, enigmáticos, misteriosos.

A par destes... (minto: não é a par dêstes) Acima dêstes, porém, existem os poucos que têm na devida conta a responsabilidade que tomaram perante o público e perante a sua consciencia educada, ilustrada.

A literatura é uma religião de que êles são sacerdotes. Para êstes, um depoimento da importancia dos que aqui deviam ser feitos reveste a magestade de um sacrificio á Verdade. Cada palavra é um bocado do cérebro que lhes tomou fórma na consciencia. E, erecta a fronte, firme a palavra, correspondem á confiança que o público nêles depositou dizendo toda a verdade.

Nós sabemos tambem porque os primeiros rodeiam escólhos, porque são sibilinos, misteriosos, de meias palavras. Temem defender a verdade como a concebem. Uns, pelas razões já apontadas, no que diz respeito á sociedade de que são mentores; outros, porque são incapazes de defesa, no que diz respeito aos visados desfavoravelmente, de quem temem a desforra. Alguns ainda, os velhos, porque

lhes falta o vigor; outros, os novos, porque envelheceram.

O nosso inquérito demonstrará o brio de todos; mas, daqueles que não souberem defender-se, faremos nós gratuita defesa—se os representantes do altivo *j'accuse* no-lo consentirem.

Todavia, ái dos vencidos!

*

Explicados os motivos que nos levaram a este inquérito e ainda as especies de intelectuais com que havia a contar para lhes responderem, restanos ainda justificar o critério seguido na colheita dos depoimentos.

Podiamos seguir a primeira idéa que nos surgiu: ir ouvindo e publicando, á medida que uns intelectuais implicassem com os outros. Mas não; isto não dava o caracter sério que sempre costumamos imprimir aos nossos actos e era mister em tal assunto. Porque ninguem é agredido por outro que o vá louvar depois; nem alguem, louvado, responde agredindo. Daqui se vê que não atingiamos o fim desejado.

Por isso, resolvemos colher todos os depoimentos, ir juntando, juntando, até que, com êles na mão, e sem nada havermos revelado a uns do que sabiamos dos outros, os pudessemos começar a publicar. Assim não são possiveis as vinganças.

O resultado deste inquérito tem, sobre todos

que assim não forem feitos, a vantagem de ser isento de qualquer suspeita; isto é: revela nitidamente a livre opinião dos nossos intelectuais sobre a vida literária portuguesa contemporanea.

Era este o nosso fito.

Do confronto das diversas opiniões aqui publicadas, verão os nossos leitores: — 1.º que á gente de real merecimento é elevado um capitolio de gloria e á outra é elevado um calvario de esquecimento; — 2.º que os conflitos porventura originados pelas opiniões aqui expostas hão de ser liquidados apenas por discussão serena e grave, como convém a intelectuais chamados a falar ao seu país, com a mão sobre a biblia sagrada da consciencia; — 3.º que, além do que fica dito, não é preciso acrescentar mais nada para elucidar o publico sobre o papel por nós desempenhado em tão grave assunto.

BOAVIDA PORTUGAL.

O snr. dr. Julio de Matos

Não acredita que atravessemos um periodo de renascimento literário

O snr. dr. Julio de Matos, que em todo o país é bem conhecido como um sabio, em amisade com muitos sabios estrangeiros, pela consideração e respeito de que é digno, foi justificadamente chamado a depôr no inquérito agora aberto pela Republica.

Demais, a indicação do seu nome para ministro da Instrução e a sua escolha para reitor da Universidade de Lisboa, com o aplauso geral, impunha-nos claramente o dever de o não esquecer.

Eis o que nos disse:

—Não sei bem como corresponder ao seu desejo; porque a especialidade de estudos a que me dedico e as dificuldades que ao exercicio do meu cargo, há nove mezes, dia a dia, me distraem de outros assuntos, teem-me posto um pouco á margem das questões literárias.

«Todavia, e visto o seu empenho, sempre lhe

direi que a nossa literatura, como todas as manifestações da vida nacional presente, atravessa uma fase de assustadora desorientação. Vivemos a imitar a literatura francesa, que, afinal, excepção feita a Anatole France, não vive em melhores condições.

Ainda se os nossos escritores lêssem os livros ingleses e alemães ou conhecessem mesmo a literatura da nossa visinha Espanha, apezar de não ser muito rica, arejariam a inteligência com muito proveito.

«Mas, não. Pouco ha aí quem saiba que, na prática, na utilitária Inglaterra, há bons poetas e magnificos prosadores.

«Nós só estamos em correspondência mental com a França, onde, todavia, os escritores mais procuram escolher titulos do que escrever obras de valor, onde a probidade literária foi sempre coisa mais desejada do que encontrada. Quando alguma dúvida scientifica nos tortura o espirito, em qualquer dos caminhos da vida, e temos empenho em o esclarecer, consultamos os livros franceses da especialidade; mas, chegados ao ponto, vemos ladear a dificuldade, pretextando não ser ali o lugar proprio de falar do assunto e outras desculpas que se não desculpam. No mais, dizem o que a gente sabe. Onde alguma coisa de original se lê é nos titulos.

«E logo hão de ser estes mestres que a gente ha de seguir...!

«A fluctuação, a incertesa em que anda o espirito nacional manifesta-se em tudo. Não há um ideal para onde caminhemos. Estamos nos nossos caracteristicos momentos de depressão intelectual, moral e fisica, continuando a ser o mesmo povo incapás do que os franceses chamam *l'esprit de suite*, da tenacidade e persistência numa decisão tomada. Temos grandes feitos no passado. Só a epopeia dos descobrimentos maritimos faz a admiração de todas as nações. Depois disto, que parece ter sido o nosso papel, caímos, abastardamo-nos.

«Tudo o mais que temos feito tem sido por arrancos, semelhantes aos do enfermo que num dado momento concentra todas as reservas nervosas para produzir um certo acto e sucumbe em seguida.

«Somos os homens da ocasião. Passada ela, não somos os mesmos.

«Ai tem um exemplo bem frizante. Tendo verificado quanto a monarquia era ignobil, puzemos os ombros a êsse velho muro e derrubámo-lo. Depois disso, que se fez? Os homens que haviam tomado a direcção dêsse esforço, não tendo que fazer, começaram a esgadanhar-se. Em vez de combinarem a maneira de construir uma pátria nova, fizeram partidos, dispersaram as suas forças.

«E continúa assim, até que o perigo exterior nos excite de novo. É preciso estarem sempre de aguilhão em punho para nos obrigarem a fazer qualquer coisa.

«Se não, veja: foi preciso que os realistas nos entrassem em casa armados e equipados, para vermos os chefes politicos agrupados, em louvavel cooperação patriotica, em volta do presidente do ministério.

«E oxalá que êsse movimento patriotico, que se traduz em artigos de um certo vigor na imprensa, tenha salutares consequências na vida do país.

«Mas o caracter do povo português manifesta-se numa simples coisa — como observou um escritor estrangeiro que nos visitou:—a insistencia com que usa da palavra «ámanhã». Tudo é deixado para ámanhã, ainda o que hoje poderiamos fazer num ápice; de modo que o ámanhã em que as coisas deviam ser feitas nunca chega, continuando a não fazer nada e sempre muito aborrecidos, como quem esgotou as forças antes de começar o trabalho.

«Já fômos grandes; mas nada somos hoje. Fomos um país de navegadores; hoje seremos, quando muito, um país de «mergulhadores». Já andamos ao de cima; agora rastejamos pelo fundo.

Quem seria hoje capaz de fazer uma obra como a de Pombal? O que êle fez em anos de govêrno, levar-nos-ia hoje vidas, gerações. Em Lisboa, o que se vê aí ainda de uma certa grandeza é pombalino,

«Mas, vou-me já alongando demasiadamente em considerações para concluir que vai em todas as manifestações da vida nacional uma desorientação enorme.

«É claro que a literatura há-de, necessariamente, reflectir este estado geral dos espiritos.

«Por isso, não vejo que exista qualquer corrente definida, ou mesmo que se desenhe, nos dominios do romance, do teatro ou da poesia.

«Romancista, depois do Eça, não vejo que tenha aparecido e feito sucesso. Apenas Malheiro Dias, que parece não ter publicado romance depois da *Maria do Ceu*. Mas nem êle nem outros parecem seguir ou abrir qualquer corrente.

«No teatro... Eu há muito que não frequento teatros. Mas, a avaliar pelos titulos que vejo nos cartazes... dão vontade de vomitar. Calculo que sejam verdadeiras exposições de pornografia. No genero sério, parece que nem autores nem peças teem feito carreira. A poesia, meu amigo, vae por aí muito cultivada. Mas não sinto que os poetas sejam levados por uma corrente definida, ou tenham um fito. São todos mui-pessoaes e individualistas.

«Alguns, porém, mostram possuir apreciaveis qualidades. Correia de Oliveira, por exemplo, é um poeta de valor.

«Mas, de tudo o que lhe tenho dito, o que não pode concluir-se é que haja qualquer renascença literária, ao que me parece.

— V. Ex.ª decerto conhece aquela revista do Porto, *A Aguia*, que se diz orgão de uma renascença portuguesa...

— Sim, existe. São rapazes, não é verdade? Mas tudo aquilo é muito ordinario.

— Rapazes... nem todos. Guerra Junqueiro, por exemplo, não é já facil passar por isso.

— Ora, em que se baseia essa renascença? na saudade? Mas isso póde lá ser! A saudade é, por sua natureza, um sentimento depressivo. A saudade é a recordação de uma pessoa querida que nos faltou. Cultivar a saudade é amarrar-se ao passado, é alimentar um estado mórbido, é ajudar a definhar mais a raça.

« Todos esses rapazes cantam tristezas, maguas que êles proprios criam; mas isso não é modo de renascer. Todos êles descendem de uma fase de decadencia, de regressão, iniciada pelos *Simples*. E aí tem porque Junqueiro está com êles.

« Nesse livro, Junqueiro tornou-se contemplativo, asceta. Veja quão grande distancia vai dêle até á *Morte de D. João!* O que neste é vida, entusiasmo e fé, é no outro a lamuria, o regresso á vida rural, a contemplação da propria sombra.

« Parecem feitos por autores diversos.

« Ora tudo isto atesta o que já lhe disse: — vai por tudo uma desorientação, um atrazo secular, uma apelação para o passado, que não póde, de modo algum, ser indicio de qualquer renascimento. Não há um ideal para que se caminhe, e se a renascença de que falam se baseia na saudade, no desalento, é um triste ideal e uma triste renascença.

« As raças fortes é que triunfam.

« Quando a Alemanha, que é um país cheio de vida, tem e procura engrandecer o seu ideal de

conquista, para fazer um grande império, o maior; quando a Inglaterra não descansa para ser a primeira nação industrial e ter o dominio dos mares, dispendendo todos os anos exageradissimas verbas para realisar êsse ideal... Portugal senta-se, fixa o olhar no chão, bem simbolisado no *Desterrado* de Soares dos Reis, e... deixa correr o marfim!

« O saudosismo é uma especie de sebastianismo. Mas os sebastianistas ainda teem fé num messias, ainda teem um ideal por que lutam. Os lamechas que só teem saudades.... não teem mais nada.

« Depois, uma literatura, como a dêles, que se faz panteista, que préga naturalmente o regresso á vida simples, á vida patriarcal, ao campo, que nos aconselha a voltar para traz, quando as outras nações teem toda a sua atenção posta no futuro, encarando-o altivamente, não na atitude do *Desterrado*, mas em atitude de marcha, essa literatura é uma excrescência do passado, não póde viver.

« É preciso criar o amor á luta, fazer dêste povo sentimental e doente, enternecido e piégas, um povo capaz de vencer no conflito da vida.

« A nossa raça foi forte. Caiu? pois levantemo-la. A victoria é dos fortes. Mas não me parece que cheguêmos lá por êstes processos de educação.

« Com a atitude de má fé da Espanha para com a República Portuguesa surgiu aí na imprensa um pouco de patriotismo que, se se acendesse e propagasse, seria optimo. Mas, vê? foi preciso que nos estimulasse o perigo exterior.

*

« Se o amor patriotico renascer, podemos talvez chegar ainda a ser o antigo povo, cheio de fé, ardente defensor do seu torrão, ambicionando torna-lo sempre maior e mais respeitado.

« Sem patriotismo... iremos para o fundo. »

O snr. dr. Julio de Matos, pelo desassombro das suas declarações e ainda pelos créditos de que gosa nos nossos meios intelectuaes, estamos certos de que dará origem a uma discussão muito proveitosa para as letras portuguesas.

O snr. Lopes de Mendonça

diz não existir uma forte corrente literária, por falta do indispensavel estímulo, que são os leitores

Eis a resposta do snr. Lopes de Mendonça:

— O inquérito a que me sujeitam coloca-me em talas, por isso que não quero corresponder com uma recusa descortês á sua amabilidade. Certo é que eu ando de há tempos muito alheio á vida literaria da minha terra, de absorvido que me encontro nos estudos da sua história. Estou como um homem que saísse de repente de um poço, e que não pudesse afazer os olhos á luz viva. Acresce o meu menos que mediocre pendor para critico, capás de etiquetar as obras de pensamento como um botanico paciente classifica as plantas do seu herbolário. Não sei analizar as minhas impressões. Sinto, admiro ou detesto, sem desejo sequer de descobrir as molas que me atiraram o espirito para a admiração ou a repugnancia. Por outra, não sou operador, sou matéria para autopsias, se acharem que vale a pena gastar nelas o escalpelo. Eis os motivos da minha relutancia.

Sobre a sua primeira pregunta, [1] ocorre-me que nós perdemos o norte literário dêsde que correntes várias nos desviaram do romantismo. E isso pela razão essencial de que nós, os povos da peninsula, somos romanticos até á medúla, quasi me atreveria a dizer desde os tempos remotos de Seneca e Lucano, com risco de fazer guinchar contra o anacronismo. Não quer isto dizer que devessemos ficar em caudatários de Byron ou de Hugo, sem que esses vultos formidaveis nos deixassem enxergar mais horizonte.

O que era preciso é que não viessem desengonçar-nos o pescoço com torcegões violentos para nos obrigarem a olhar para outra banda. E nós, os portugueses, temos grande tendencia para nos deslumbrarmos com as novidades.

Contava-me há dias um erudito professor uma observação, assás cruel, feita a nosso respeito por um sabio estrangeiro que tomára parte num congresso scientifico em Lisboa. Notava êle que os portugueses estavam sempre dispostos a acolher sem grande criterio as ultimas doutrinas aparecidas, por mais exageradas ou revolucionarias que fossem. Concluia, propondo-nos que, para fazer *pendant* ao galo emblematico da França, nós escolhessemos para nosso emblema... um papagaio. É

---

[1] Aspectos da literatura portuguesa contemporanea; correntes dominantes no teatro, no romance, na poesia.

cruel, repito, mas, muito á puridade, não podemos negar ao nosso detractor um ligeiro assomo de justiça. Aplique *el cuento* á literatura, e não o julgará menos adaptável do que á sciencia.

E é pena, porque com esta facilidade de assimilação, para não dizer de imitação, nós prejudicamos e desnaturamos a seiva riquissima que sobretudo se revela na nossa obra poetica. Ainda ha dias, espreitando para fóra do meu poço, eu passei os olhos por varios numeros de uma revista de rapazes, e fiquei verdadeiramente surpreendido pela belesa de versos, subscritos por nomes para mim quasi desconhecidos. Pezou-me que os maculassem certas extravagancias de fórma, certos exotismos de linguagem, certas nebulosidades rebuscadas, um certo formulário escolastico e artificial... Eu bem sei que isto são pecados de mocidade, que os anos remediarão. Mas a generalisação destas tendencias revela, a meu vêr, uma falta de substractum nacional, assás resistente para neutralisar influências estranhas e por vezes morbidas. É possivel que eu veja mal, o que não admira, em vista de ir entrando pela velhice dentro. Sim! porque sempre consola o nosso amor-proprio o atribuir estas deficiencias á velhice.

Mas como quer tambem que em Portugal exista uma forte corrente literária, bem nacional e exuberante, se nos falta o indispensavel estimulo, que são os leitores? Não ha medalha que não tenha o seu reverso. O que principalmente prejudica a nossa li-

teratura é sabermos todos — todos, é claro, falo da gente culta — sabermos todos francês. Entra a gente em qualquer das principais livrarias de Lisboa, e custa-nos a descortinar, no meio da avalanche das novidades de Paris, o recanto onde se encolhem, tremulos de pejo, os livros portugueses.

Como é que se ha-de resistir áquela onda? Acusam-se os nossos homens de letras de recortar as suas creações pelos figurinos de França. Pudéra! Em primeiro lugar, não é facil que êles próprios fujam á influência das suas leituras, preferentemente escolhidas entre a producção dos prélos franceses. Em segundo lugar, como hão-de agradar por outra fórma aos paladares habituados ao sabor daquela cozinha? É necessário um grandissimo talento, conjugado com uma pertinácia meritoria, para impôr á admiração das gentes familiarizadas com Loti ou France acepipes que saibam a Vieira ou Herculano.

Confessemos, em todo o caso, que recentes iniciativas de belos talentos teem creado uma atmosfera de, não direi intenso entusiasmo, mas simpatico interesse, pelos nossos clássicos. Mercê da repetição contínua dos nomes de Gil Vicente e de Camões, da exibição teatral das suas obras, tende a extinguir-se o supersticioso pavor que inspirava a lombada dos *Lusiadas* e a dissipar-se a névoa densa que encobria os *Autos*. Ora esta influência, a manter-se, póde ser fecunda em resultados benéficos para a nacionalização de obras de arte.

Esses resultados já se acentuam bastante na moderna geração. Se por principio não quizesse abster-me de quaisquer referencias pessoais, para não pecar por omissão, no louvor, ou por menção no deslouvor, eu poderia citar com aplauso, principalmente entre os poetas, nomes de corifeus bem capazes de arrastar atraz de si um côro imponente. Parece-me, com efeito, assistir ao desabrochar de uma escola lirica que, impregnando-se das genuinas tradições nacionais, substitue contudo aos artificialismos mitológicos, dos quinhentistas e dos árcades o panteismo scientifico, que de Shelley se propagou para as literaturas europeias. E sabe perfeitamente que não ha doutrina filosófica mais propria ao desenvolvimento da inspiração poetica. O que é preciso é que a transcendencia do pensamento não prejudique a emoção, e que os nossos juvenís poetas tenham sempre presente aquele conceituoso elogio do sábio Gaston Paris a Sully-Prudhomme : de que êle tinha jus á simpatia e ao reconhecimento de quantos haviam lido na mocidade os seus versos, por isso que os ajudara a amar. Com efeito, o amor...

Valha-me Deus! por onde ia eu embrenhar-me nesta cavaqueira *à bâtons rompus!* Vejo que me tenho fartado de tagarelar sem responder precisa e sintéticamente ás suas preguntas. Perdôe-me, mas elas são realmente de tal complexidade, que nem quinhentas páginas in-fólio esgotariam a matéria.

Sobre o teatro, dir-lhe-ei resumidamente que, fa-

lhando-nos a corrente tradicionalista, aos modelos estranhos teremos que recorrer, embora o nacionalisemos no assunto, a não ser que surja entre nós algum génio capaz de emparelhar com Ibsen ou Strindberg, e ainda assim não serão decerto exclusivamente nacionais os germens da criação. E a propósito, dir-lhe-ei o que há pouco me passou pela cabeça e que vai porventura fazê-lo sorrir. Afigura-se-me, através das extravagancias macabras ou burlescas do Grand Guignol, entrever uma tendência de retrocesso literario, sabe para quê? para o teatro helênico. Depois do exito de várias revivescencias tentadas lá por fóra, não me espantaria de que os dramaturgos contemporaneos obedecessem á influencia directa da grande trindade trágica ou á do divino Aristofanes. E nesse caso, se os nossos escritores seguissem a corrente, sentiriam desoladamente, como eu tenho sentido por vezes, a deficiencia da nossa cultura clássica.

Quanto ao romance, pouco lhe posso dizer, por não conhecer bem a evolução moderna do genero. Parece-me que os romancistas portugueses não farão obra sincera, se resistirem á dupla tendencia do temperamento nacional: o sentimental e o aventuroso. E há efectivamente cultores que, deixando vogar o espirito nesta corrente, se têm afirmado com brilhantismo. Acodem-me á boca nomes queridos, que só por obediência ao preceito que me impuz não pronunciarei agora.

E é ainda para não o falsear que me abstenho

de responder ás preguntas, que obrigariam á menção de personalidades. Eu não ignoro que, dadas as tristes costumeiras da imprensa e do publico, esta palestra só teria um leve interesse se enterrasse carapuças em cabeças conhecidas. Mas tenha paciencia. Sujeito-me resignadamente ás que por acaso me queiram talhar, e que não serão decerto apoteóticas, mas recuso-me sistematicamente a impô-las a outrem. Dou-lhe ampla permissão para me castigar com o absoluto silencio, livrando assim o publico da maçada de me ouvir.

Leva-me isto a responder por ultimo á sua pregunta, que se refere á minha personalidade. A minha ambição seria classificar-me como genio e pôr-me em taes andas que ombreasse com Eschylo ou Shakespeare, pelo menos. Verdade, verdade, não mo permite a consciencia. Mas não levo a minha modestia a ponto de não me julgar com direito a este singelo epitáfio: «Deu um exemplo, que frutificou. Pouco mais ou menos isto me dizia por vezes o meu querido D. João da Camara, cuja memória evoco com profunda saudade e com piedoso respeito.»

Aí fica o depoimento do snr. Lopes de Mendonça, que, na nossa opinião, ainda terá de se haver com os autores de «uma revista de rapazes...»

O snr. dr. Teixeira de Pascoais

Diz que a poesia religiosa da Raça é o primeiro sinal do seu renascimento

Há nomes que naturalmente ocorrem ao debater-se determinado assunto. Assim, num inquérito á vida literária portuguesa, o nome do snr. dr. Teixeira de Pascoais, não só como poeta, mas, sobretudo, como director da revista-orgão da Renascença Portuguesa A Aguia, *impunha-se naturalmente.*

Depois, como um dos quesitos do inquérito indaga, ainda, da existencia e orientação da renascença literária em Portugal, deviamos, naturalmente, ouvir alguem que a representasse oficialmente e ninguem mais competente do que aquele que é considerado chefe dos renascentes.

Foi-nos impossivel consultar pessoalmente, ácêrca dêste inquérito, o snr. dr. Teixeira de Pascoais.

O ilustre autor do *Sombras*, concordando plenamente comnosco, no modo de vêr a respeito da responsabilidade dos intelectuais chamados a fazer

afirmações perante o seu país, escreveu-nos a seguinte carta:

Meu bom amigo.—Ácêrca das preguntas que me faz sobre o movimento literário do país, envio-lhe as seguintes ligeiras e incompletas considerações. Espero que me perdôe o seu nulo valôr e falta de interesse critico, e peço-lhe que tome estas minhas palavras apenas como um desejo de satisfazer o seu amavel pedido. O assunto proposto exige demorada atenção e longo trabalho; e isso não me é possivel num momento em que o meu espirito anda tão preocupado com outras coisas, entre as quais a revisão e aperfeiçoamento dos meus livros já publicados, cuja próxima segunda edição pertencerá á «Renascença Portuguesa». Direi, de passagem, que o *meu pensamento poético* desenvolveu-se em mim com tal rapidez que, para não lhe ficar atraz, tive de o exteriorisar em livros escritos á pressa. Compreende-se, portanto, a necessidade de corrigir e aperfeiçoar a minha obra, que já consta de dez volumes compostos e publicados num periodo de onze anos. Só peço a Deus saude e tempo para conseguir este maior desejo da minha vida, a unica razão da minha vida. O amôr que dedico á minha obra não é sómente um amôr paterno. Amo-a, porque estou convencido de que ela deu ao espirito português alguma coisa que lhe faltava.

Eis o que lhe posso responder á pregunta que me fez ácêrca do meu papel na literatura contem-

poranea. E já disse o bastante para ofender a minha repugnancia em falar de mim e esse aspecto mais simpático da Caridade — que se chama Modestia.

Na época actual, pertence á Poesia o lugar mais alto na nossa literatura. Não digo isto por causa da minha pessoa, que pode ser posta de parte sem que se torne sensivel a sua falta. Nem quero mesmo referir-me aos dois maiores poetas europeus —Guerra Junqueiro e Gomes Leal.

Basta-me falar de Antonio Correia de Oliveira, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, Mario Beirão, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, e, depois destes, dos novissimos poetas, Carlos de Oliveira, Augusto Santa Rita, Afonso Mota Guedes. Eis uma vasta seára espiritual dadivosa e prometedora dos mais belos frutos. Estes poetas criaram em Portugal uma poesia profundamente portuguesa e original. Eles bebem a sua inspiração no mais intimo veio religioso da alma lusitana, criadora da Saudade, a *Virgem do Desejo e da Lembrança,* nascida do casamento do Paganismo com o Cristianismo.

Os seus versos são feitos de luz do sol e de lágrimas, de terra e ceu, de beijos e de preces, de sombras e claridades. É a poesia religiosa da Raça o primeiro sinal do seu renascimento. Quando a alma de um Povo está para criar uma nova primavéra espiritual, a Poesia é a primeira flôr que aparece.

Mas este *religioso sentimento luzitano* já se tornou consciência e sabedoria e filosofia nesse poderosissimo cerebro de Leonardo Coimbra. O seu livro intitulado — *O creacionismo* — demonstra isto admiravelmente. Basta lê-lo com inteligencia e amôr. Escusado insistir no que esta obra representa para a desejada civilisação portuguesa. Outras tendencias há na actual poesia portuguesa; mas eu não posso concordar com elas porque são estrangeiras para a nossa alma. Ultimos vestigios do estrangeirismo que caracterisou o periodo da decadencia.

Quanto ao Romance, conheço, pelo menos, alguns seus representantes de grande merecimento: Raul Brandão, Antero de Figueiredo, Vila Moura, António Patricio, Malheiro Dias, Souza Costa, Veiga Simões, João Grave e Justino Montalvão. Os nossos prozadores são admiraveis artistas, mas precisam de criar um alto pensamento luzitano que organise e oriente a sua obra.

Quanto ao Teatro... imagino que, depois de Gil Vicente e Garrett, é coisa que não existe em Portugal. O português é muito espontaneo e sincero. A sua arte dá-se imediatamente ao leitor, sem interpretes; e, quando tenta adaptar-se á representação e ao scenario artificial, desfalece e vulgarisa-se. Além disso, o português vive pouco dentro da alma humana; a sua vida dispersa-se pela natureza, a sua dôr é mais feita das lagrimas das coi-

sas, recebe-a mais do exterior que dos intimos sobressaltos do espirito.

A Espanha é a terra natal do Drama. Portugal a terra natal da Elegia, esse drama feito nuvem. A elegia é divina e vôa para as estrelas; o drama é humano e desce aos abismos sepulcrais. A elegia é o proprio olhar da saudade, isto é, do nosso espirito que se lembra do céu de onde veio, e por isso, deseja regressar á patria natal. A elegia é a fórma divina do Lirismo Português, é a nossa alma religiosa envolta em luar de morte e crepusculos de ante-manhãs de vida...

O drama é o olhar dos homens, afogado em lágrimas, enevoado de tôrvos desesperos; é a vida animal contrariada pela própria dolorosa contingência.

A terra de Portugal é elegiaca e divina e, portanto, eternamente hostíl á terra espanhola.—*Teixeira de Pascoais.*

O snr. dr. Augusto de Castro

contesta que nós tenhamos, presentemente, uma literatura

O snr. dr. Augusto de Castro é, sem duvida, uma figura de relevo dentro das letras portuguesas. Não porque êle cultive todos os géneros literários, como muita gente; mas, sobre tudo, pelo amor que dedica ao teatro. Estão ainda na memoria de todos os deliciosos momentos que nos proporcionou com as suas peças O chá das cinco *e* As nossas amantes, *ambas como as anteriores, de um lavor literário realmente admiravel.*

Porque é um nome e ainda porque sabemos quanto vale, como inteligente e estudioso que é, esforçámo-nos por que viesse manifestar as suas idéas no inquérito á vida literária portuguesa contemporanea.

Dêle recebemos as seguintes interessantes declarações :

— Não existem em Portugal correntes literárias dominantes como, de resto, não existem, nêste momento, em literatura alguma do mundo. O na-

turalismo passou; o simbolismo, como escola literária — venenosa flôr de decadencia — fez o seu tempo. A epoca actual é de dispersão — de dispersão economica, de dispersão social, de dispersão intelectual. Uma corrente neo-romantica passa certamente sobre o espirito literário de hoje na poesia, no romance, no teatro, como uma forte reacção idealista e panteista. Mas essa mesma corrente é dispersiva, multiforme, policroma. A epoca é de hesitação: a humanidade procura estados novos de solidariedade e de sintese; a literatura, expressão moral desse esforço, tatêia tambem o caminho em busca de fórmulas novas. Nessa jornada incerta, vaga, descortinar influencias actuais, directas, vivas, é impossivel, é inutil.

A estas causas de caracter geral, outras causas de disciplina acrescem em Portugal. Portugal atravessa um periodo de combate, sem ter, aliás, uma literatura ou uma arte de combate. Certamente porque esse combate é muito mais de homens do que de ideias, muito mais de pessoas do que de principios — e as proprias ideias e principios que há em luta estão atrazados, no movimento intelectual da Europa, pelo menos, quarenta ou cincoenta anos e, na sua expressão literária, fizeram já em toda a parte o seu tempo.

Daí, meu caro amigo, o divorcio entre a sociedade em que vivemos e a arte que produzimos. Por isso, especificadamente, no caso que interessa ao seu inquérito, dir-lhe-hei mesmo que, neste mo-

mento, não só não vejo em Portugal quaesquer correntes literárias dominantes, como, apesar de encontrar e admirar algumas figuras literárias de relevo, eu contesto que nós tenhamos presentemente uma *literatura*.

Tire, meu caro, as figuras literárias extintas, umas pela morte, como Eça ou Fialho, outras, pelo voluntario abandono da sua hegemonia literária, como Junqueiro ou Ramalho, e, além de não encontrar *ideias representativas*, não encontrará hoje literariamente em Portugal o que se chama *figuras representativas*.

A existencia de uma literatura supõe a existencia de uma acção social e moral dos seus homens de letras. Para se dizer que, num dado momento, um país possue uma literatura, não basta que nesse momento esse país tenha uma ou duas duzias de escritores de merito: é necessario que essa ou essas duzias de escritores exerçam sobre esse país uma acção moral e mental, que a essas manifestações literárias corresponda uma função social. Uma literatura é uma força espiritual dirigente. Ora ninguem me dirá que seja esse o caso actual de Portugal — caso que, no entanto, há vinte ou trinta anos se dava. Decaímos? Por certo. Essa decadencia pode ser, porém, uma fase de renovação e é, sem duvida, um aspecto da crise geral portuguesa. Só os países que estão de posse do seu equilibrio moral podem possuir uma literatura, que é a mais alta expressão desse equilibrio.

*

Não temos, pois, uma literatura — o que não quer dizer, repito, que não tenhamos uma *élite* literária e, dentro dessa *élite*, figuras eminentes e de sensivel acção mental que, apenas ao momento e ao meio em que vivem, devem ver essa acção isolada e restrita a camaradagens literarias, a *cotteries*, a circulos limitados de admirações ou afectos. E o facto para os proprios homens de letras de maior vulto é tão sensivel, que basta olhar em redor para ver: Julio Dantas que conquista, principe da sua geração, uma situação no teátro, abandona, pode dizer-se, a sua carreira de autor dramatico, de que só de longe em longe se recorda e procura na Biblioteca, no Conservatorio, na bibliographia, gastar as energias do seu alto e culto espirito; Malheiro Dias, depois da morte de Eça, o mais autentico temperamento de romancista em Portugal, troca o romance, que o consagrou, pela cronica politica e de costumes; o poeta Eugenio de Castro deixa adormecer, ou pouco menos, na paz da sua Coimbra, a sua fecunda inspiração. E note, meu amigo, que Julio Dantas, Malheiro Dias, Eugenio de Castro venceram na luta, abriram caminho em pé de guerra e, por isso, o seu desalento, ou como queira chamar-lhe, tem uma dobrada significação. Se dêstes que são, entre as reputações feitas, os de mais recente triunfo, passarmos aos mais antigos, o exemplo é igualmente frizante: a lira de Junqueiro emudeceu, o grande poeta exilou-se nas abstracções da filosofia; Gomes Leal fugiu para a mudez

do misticismo; Fialho de Almeida, depois de, no silencio, ter abdicado do seu principado literario, deixou-se morrer no Alentejo; Bento Moreno ainda há dias se me confessava retirado; Lopes de Mendonça fechou-se dentro da Academia das Sciencias. Outros há que, intelectualmente, emigraram de Portugal: Ramalho Ortigão que voltou á sua actividade literaria para só escrever para a imprensa do Rio; Souza Pinto, que só escreve para o Brasil, etc.

Ainda há dois ou tres temperamentos que insistem, de longe em longe, como Marcelino Mesquita; ainda há sobretudo, como Correia de Oliveira, Lopes Vieira, Gil, Pascoaes, etc., vozes de poetas que cantam. Os rouxinoes são os ultimos a calar-se—diria o nosso Alencar dos *Maias.*

Qualquer dêsses homens, interrogado sobre a sua situação, daria uma resposta diversa. No fundo a razão é uma só, de que uns têm a consciência, outros apenas o pressentimento. E essa razão é que êles estão em Portugal numa ilha deserta. Dessa ilha onde vivem, comunicam certamente com os seus leitores—mas não os vêem e sentem que êles, os leitores, os não vêem tambem a êles. Não há entre uns e outros essa especie de solidariedade intelectual que é sempre o mais nobre estimulo para um homem de letras.

Os escritores portugueses — resumindo—hoje, em Portugal, podem ter leitores, uns mais, outros menos; mas não têm público. O público supõe num determinado numero de individuos, fisicamente se-

parados, uma determinada «coesão mental» segundo a frase feliz de Tarde. É essa «coesão mental» que não se dá para que em Portugal haja um *público literário*. Sem êsse público literário, a literatura é uma palavra—mas não pode ser uma realidade moral. Eis o facto.

O homem de letras em Portugal tem nêsse momento deante de si uma grande missão a cumprir: a de concorrer, pelo seu esforço artistico, para o fortalecimento do espirito de nacionalidade. Precisamos de criar uma literatura nacional; precisamos de fugir dêsse cosmopolitismo literário a que o sceticismo elegante das duas gerações últimas nos levou e que seria, se não reagissemos, o abastardamento da lingua, do caracter artistico, da expressão moral da raça.

Todos os dias nos queixamos do desdem que o português afecta pela sua terra e por tudo o que lhe vem da sua terra. Ninguem, mais do que o homem de letras, tem em Portugal culpa dêste facto —e culpa gravissima é esta. A conhecida carta em que Ramalho Ortigão se despediu nas *Farpas* de Eça de Queirós, quando êste deixou Lisboa para iniciar a sua vida consular, fez escola, no seu tempo. Ramalho, despedindo-se, batia no hombro do amigo para lhe dizer que fosse depressa, que não olhasse para traz, que não tivesse saudade *disto*. O autor de *A Holanda* penitenciou-se mais tarde dêsse gesto desdenhoso, escrevendo no *John Bull* êsse capitulo de evocação de Portugal que é uma

obra prima, e tantas outras páginas portuguesas de lei em que o espirito português palpita. Dezenas de anos depois da despedida de Ramalho, Eça morria em França, deixando, como testamento literário, êsse poema da *Cidade e as Serras*, em que um grande amor lirico pelos montes e rios da sua patria canta um hino de saudade e de fé. Embora! O sceticismo literário, de que êstes dois grandes escritores foram chefes e que deixou o seu imperecivel monumento em *As Farpas*, foi o grande educador das gerações que se seguiram. Abandonamos na literatura o veio fecuudo da tradição e da raça.

Foram os homens de letras—que são num país os naturais detentores da tradição do sentimento e da lingua—um dos principais agentes da progressiva desnacionalisação de costumes que, nos últimos cincoenta anos, se operou em Portugal.

Felizmente, meu caro amigo, um grande espirito de revivescencia nacional se nota. A obra de Teofilo Braga, que durante anos, sósinho, quasi sem ser lido, edificou as bases da historia das tradições literárias portuguesas, começa a ser discutida. Julio Dantas, Lopes Vieira ressuscitam, no teatro, Camões e Gil Vicente. Correia de Oliveira, e Augusto Gil fazem, como João de Deus e como Antonio Nobre, versos para o povo. Eugenio de Castro transforma-se num neo-clássico. Escritores como D. Carolina Michaëlis, falam-nos dos quinhentistas e ensinam-nos a amál-os. Delfim Guimarães estuda

o poeta Crisfal. Malheiro Dias retoma o romance português de amor. Antero de Figueiredo escreve numa lingua cristalina os amores de Inês de Castro. A tradição clássica, a tradição popular, a tradição camiliana, veem purificar a obra literária, nacionalisá-la não só nos seus aspectos, mas no seu espirito, vivificá-la, dar-lhe o sentimento da raça, que começava a faltar-lhe, o culto da linguagem, que se prostituia.

É êsse o grande horisonte que se desenha ao espirito literário e ao espirito artistico português. Grande horisonte! Para isso basta que nos resolvamos a tomarmo-nos a sério uns aos outros e a surpreender na nossa vida e no fundo da nossa alma alguma coisa de português pela palavra e pelo amor, figuras e emoções que não sejam as caricaturas e as ironias que a mão imortal de Eça nos ensinou a traçar. Veja como, na nossa visinha Espanha, na obra de Galdós, Ibañez, Trigo, Benavente, Dicenta, Quinteros e tantos outros, corre sangue espanhol.

Que a arte portuguesa, fatigada da extravagancia, do cosmopolitismo do sceticismo, regresse de vez á *terra mater*, ao seio amoroso da sua terra.

Só lá encontrará o fio puro da tradição, a limpida fonte do sentimento, a viva chama da fé. Formidavel força de nacionalisação de costumes, escola admiravel de caracter e de raça, só lá então, junto da alma nacional, a actual obra literária portuguesa tornará a encontrar a razão social, que

hoje lhe falta, da sua existencia, voltando a ser, no sentido moral e nobre da palavra, uma *literatura*—*Augusto de Castro.*

Este depoimento comprova perfeitamente o acordo do seu autor com as idéas que nós lhe apresentámos sobre o dever que todo o intelectual tem de falar ao seu país, com a mão sobre a biblia sagrada da consciência e a voz dominando o sussurro dos que se ageitam para ouvir a sua palavra...

As declarações do snr. dr. Augusto de Castro hão-de pezar de um modo benéfico na apreciação que, em geral, se faz da nossa evolução literária.

O poeta Gomes Leal

diz que de Antéro, de Junqueiro e principalmente dêle procederá uma verdadeira renascença, impregnada de misticismo

Gomes Leal é das figuras de maior destaque dentro das nossas letras. Do triunvirato formado com Antero do Quental e Guerra Junqueiro, só êle, na frase de um escritor, foi tocado pela asa do génio. Os seus livros estão cheios de relampagos e fulgurações estranhas do seu temperamento de artista. Em virtude do misticismo em que caiu, tem sido objecto de viva discussão, havendo quem o considere morto para as lidas do pensamento. Mas êle sente que essa fase do seu espirito é filha de uma natural evolução psíquica, não só perfeitamente consciente e equilibrada, como ainda fonte de novos ideais artisticos.

Após dois longos dias de canseira, por casas de amigos e pela sabedoria dos moços de esquina de varios bairros lisboetas, conseguimos descobrir a morada de Gomes Leal.

Com aquele sorriso que foi outrora um látego

temivel e agora é uma constante carícia, fomos recebidos pelo poeta, com palavras de muito louvor pela nossa iniciativa.

— Sendo nós um povo de imitadores — diz-nos êle — não vejo que haja qualquer corrente literária nova, traduzindo qualquer ideal que porventura tenhamos.

«O que por aí predomina é o realismo. No teatro, é, especialmente, o realismo pornográfico, exceção feita de alguns, infelizmente poucos escritores, de verdadeiro merito.

«Começando pelo principio, citar-lhe-hei o Garrett, que se pode afirmar ter inaugurado o realismo no *Frei Luiz de Souza*. Naquela passagem, onde o romeiro, chegando, diz: «ninguem!», um romantico teria feito uma longa tirada. Veja o meu amigo quanto aquela exclamação diz e quanto de nova ela tem no seu tempo.

«Garrett é o traço de união entre o romantismo e o realismo. A literatura contemporanea procede dêle. Era um espirito verdadeiramente superior. O seu *Camões*, que é uma obra deliciosa, tem tres diversos aspétos, demonstrativos do estudo dos nossos clássicos e ainda do seu ousado espirito inovador: é arcádico, romantico e realista. Êle enche todo um século da nossa literatura.

Depois dêle, vemos apenas o Gervasio Lobato e o D. João da Camara, nas scenas de costumes. São de uma verdade e de um talento admiraveis.

«Augusto de Castro é tambem uma figura de

muito merecimento. Eduardo Schwalbach, Julio Dantas, este, sobre tudo no esplendido trabalho da *Severa*, marcam o teatro do nosso tempo.

«Por aí não vejo mais nada que nos mereça atenção. Ha alguns que querem dinheiro e fazem pornografia; outros querem a Gloria e fazem maçadas. Não teem talento.

«No romance, lembro-me especialmente de Julio Diniz e Trindade Coelho. São adoraveis! Veja que diferença entre êles e o Eça de Queiroz!

—Todavia, o Eça é geralmente considerado como o principe do romance moderno e é frase feita que, morrendo, levou a sua arte — dissemos nós, não para emitir, mas para evocar apreciações correntes a respeito do falecido romancista.

— Qual?! O Eça foi apenas naturalista e não realista. A sua obra filia-se na *Tereza Raquin*, na *Madame Bovary*, de Flaubert, no *Demi-monde*, do Dumas filho. A qualidade dêle é ser um grande assimilador e de tal modo que, depois, chega a criar e a ficar original. Mas o Julio Diniz e o Trindade Coelho são muito melhores.

«Fialho destacou-se na *Ruiva,* pelo lado descritivo. Era um espirito brilhante, mas não era um purista na linguagem. Inventava uns termos muito extravagantes e muito franceses, arranjando, por vezes, lamentaveis embróglios, que apenas mostram não conhecer os termos portugueses correspondentes e que, decerto, seriam mais interessantes.

«Dos vivos, citarei Malheiro Dias, que no *Ca-*

gliostro se mostra um belo artista. Rocha Martins é, no ramance historico, uma figura com quem simpatiso, pela naturalidade do scenário e ainda por conseguir pôr na boca dos personagens a linguagem do tempo. O seu *Bocage* é muito bem feito.

«Eu gostaria de ver adoptado na nossa literatura o genero do romance em que se tornou notavel Pierre Loti, descrevendo os costumes das colónias. Veja o realista delicado, subtíl, o paisagista, sobretudo, que êle é na *Madame Chrisantème!*

— E teremos nós escritores capazes de cultivar com bom exito êsse genero? — interrompemos nós.

— Olhe, Malheiro Dias, Julio Dantas e, melhor ainda, Antero de Figueiredo, por ser um delicado, podiam, se quizessem.

«Seria um novo e bonito horizonte para a nossa literatura.

«Passando dos dominios da prosa aos da poesia, dir-lhe-ei que considero muito os poetas seguintes: João de Deus; Castilho, em muitas coisas; Antero; Teófilo, nas *Tempestades sonoras*, que foi realmente um exito; Junqueiro, nas *Sátiras* e nos *Simples*; o Soares de Passos, que é adoravel de sentimento e de delicadeza; José Duro; Julio Dantas; Cesário Verde; Fausto Guedes, no *Amor*; o conde de Monsaraz e o filho; Lopes Vieira, no *Pão e as rosas*; João de Barros, no *Anteu;* Correia de Oliveira, no *Auto do fim do dia*; Teixeira de Pascoais e Metzner.

«Os meus poetas predilectos são Alexandre

Herculano, Garrett e o Antero, pela fórma lapidar e espirito idealista.

— Mas os poetas de hoje consideram esses muito afastados dos ideais e processos do nosso tempo...

— Já sei, já sei—interrompe-nos Gomes Leal —é por êles serem sentimentais e chorões, não é verdade? Pois, meu amigo, a arte pura é para todos os tempos.

« Bem choramingas era aquele poeta italiano, o Leopardi, e, afinal, a Italia, depois de Dante e Petrarcha, não produziu outro igual. Eu considero-o acima de Lamartine e Victor Hugo. É inegualavel na delicadeza e finura do conceito.

« O nosso clima produz muitos poetas, sobre tudo idealistas. Antero foi um dos mais nebulosos e obscuros. Todos os outros são de uma fórma mais precisa, mais lógica. João de Deus fez-se lêr pela sua simplicidade, caracteristicamente popular e há de viver emquanto existir lingua portuguesa.

« Eu convidaria os poetas do meu tempo a adoptarem uma fórma o mais singela e simples possivel, sendo muitissimo elevada, tal e qual como numa gota de agua se pódem espelhar os ceus. Os pósteros irão desenterrar das bibliotecas aquêles autores que se souberem fazer entender do povo. »

Falámos ainda largamente da poesia e dos poetas, mostrando-nos Gomes Leal a sua adoração pelos parnasianos, como representantes de uma perfectibilidade e amor extraordinários, ao mesmo

tempo limpidos e simples no desenvolvimento das ideias. Por fim, e porque um quesíto do nosso inquérito o pede, Gomes Leal fala-nos dêle.

—Em mim—diz—há tres coisas: o poeta popular e de combate, nas *Sátiras* e *Panfletos*; o poeta do sonho e do misterio, na *Nevrose nocturna*, nas *Claridades do Sul*, na *Lua morta* e na *Mulher de luto*; e o poeta mistico, na *Historia de Jesus*, na *Senhora da Melancolia* e no segundo *Anti-Christo*.

«Entre mim e Junqueiro há uma distinção: êle deseja falar á razão e, como Hugo, procura o conceito sóbrio e cortante, falando á lógica; eu inclino-me mais a falar aos afectos. Nas tiradas mais violentas das minhas sátiras, eu falo mais ao entusiasmo das almas e ao sentimento dos corações, enfim, á suprema razão espiritual, do que ás convenções sociais, á crítica das fórmas e aparências e aos factos concretos.

«Do meu misticismo, revelado no segundo *Anti-Christo*, na *História de Jesus* e na *Senhora da Melancolia*, como ainda em livros de Junqueiro e em *Sonetos* de Antero, sairá uma nova ordem de ideias —a renascença literária portuguesa.

«Aqueles que me leem decerto terão na memoria as palavras que eu, no segundo *Anti-Christo*, escrevi sobre o Christianismo e a sua influencia futura mundial.

«Ha pouco, relendo alguns escritos de Antero, deparei com fragmentos da carta que êle escreveu ao seu tradutor, Stork, e com trechos dêle a

respeito da religiosidade ocidental, que lhe vou ler.

E rebuscando entre os papeis, Gomes Leal toma um onde lê:

— Ha muita coisa de comum acordo entre as minhas doutrinas e o Budismo, mas creio que há mais alguma coisa do que isto. Parece-me que é esta a tendencia do espirito moderno que, dada a sua direcção e os seus pontos de partida, não pode sair do naturalismo, cada vez mais em estado de bancarrota, senão por esta porta do psyco-dinamismo, ou pan-psiquismo. Creio que este é o ponto nodal e o ponto de atracção da grande nebulose do pensamento moderno, em via de condensação. Por toda a parte e sobre tudo na Alemanha encontram-se claros sintomas desta tendencia. O Ocidente produzirá, pois, por seu turno, o seu Budismo, a sua doutrina mistica definitiva, mas com mais solidos alicerces, e por todos os lados em melhores condições do que o Oriente. »

Ainda num outro pedaço de papel Gomes Leal diz estar melhor explicado o pensamento de Antero e lê:

— O espirito é que é o tipo da realidade. A Natureza não é mais do que uma longiqua imitação, um vago arremêdo, um simbolo obscuro e imperfeito do espirito. Para o santo o mundo cessou de ser um cárcere: êle é pelo contrario o senhor do mundo, porque é o seu supremo interprete. Só por

êle é que o mundo sabe para que existe: só êle realisa o fim do Universo.»

Após a leitura dêstes dois trechos, o poeta diz-nos:

— A estas palavras de Antero acrescentarei agora: Se Antero compreendeu que havia nos seus versos mais alguma coisa do que o doutrinarismo budistico, porque não foi até onde devia ir, que era até ao Christianismo, e podendo matar a sua sêde da verdade, se dessedentou apenas nos enxurdeiros ou nos pequenos riachos do caminho, podendo matá-la na fonte primacial?...

«Mistérios incognosciveis do coração humano! Seria hesitação, falta de energia, ou a prematuridade da morte que lhe não deu tempo?... Para mim, é indiscutivel não só que de Portugal sairá a nova renascença espiritual, maior que a italiana de Petrarca, mas que até mesmo a Espanha literária nos secundará muito em breve, como já outrora se acamaradou comnosco nas conquistas maritimas e cavaleirescas contra o Oriente.

E, novamente, nesta cruzada tambem contra uma réles moral deprimente, um naturalismo depravado e licencioso: contra um teatro pornográfico e imoral: contra animatógrafos escandalosos: elas purificarão ambas, juntamente com a Italia, com a Alemanha e a casta literatura inglesa, esta atmosfera de depravação e alcoice que se respira nêstes começos do século vinte, como numa alcova suspeita de Nasia da ultima moda, cheia de cosméticos cheirosos e moléstias clandestinas.

« Levantando a alma e castigando os costumes, analizando, enternecendo, eutusiasmando, só assim caberá á poesia o papel de civilizadora e purificadora. Façamos a critica dos costumes como uma higiene salutar e necessaria e depois abramos bem larga, bem ventilada, bem escancarada, a janela que deita para o Purissimo Ideal...

« Se Antero hesitante, nevrálgico, doente, se deixou ficar na ideia do Budismo sem se atrever a dar mais um passo definitivo para o Christianismo que êle claramente entreviu, porque é que Junqueiro, que tambem está hesitante, não se atreve a dar êsse ultimo passo redentor? Porque não rompe com o seu passado ímpio, não o renega como eu reneguei, não o amaldiçoa, como eu amaldíçoei?

« Eu, por mim, irei até onde os Fortes vão.

« Antero já lá vai; Junqueiro parece ter tambem morrido para o cultivo da arte; de modo que hei de eu ser, porque ainda me sinto com força para as lutas do pensamento, o precursor de uma nova era menos materialista. Note que eu creio no espiritualismo, mas de braço dado com a sciencia; porque não admito que o asceta, pelo facto de o ser, não possa ter uma concepção do universo.

« Este misticismo na arte ha de invadir todo o Ocidente. Nós, em todos os tempos, fomos á frente da Europa e, agora, dar-lhe-hemos, mais uma vez, uma nova orientação.

— Então acredita que estejamos em presença de um renascimento literário, não é verdade?

— Não é, meu amigo. A renascença ha de dar-se, como já lhe disse, procedendo de Antero, Junqueiro e especialmente de mim. Mas hoje ainda não ha representantes.

— Mas a revista literaria *A Aguia* diz-se orgão...

— Deixe dizer o que ela quizer — interrompe-nos Gomes Leal.

«Ela é, quando muito, orgão de uma roda de rapazes, que alimentam as suas pretensões de um méro elogio mutuo. É lá possivel que possam renascer pela saudade, que é uma ideia regressiva! *A Aguia* é um daqueles feitos de que todos nós ficamos sempre tendo saudade quando deixamos de ser rapazes. Essa *blague* deve ser *pour épater les bourgeois*.

«E é preciso que venha a critica, dos homens que a podem fazer, reduzir as coisas ás devidas proporções. E' tentativa de rapazes e mais nada. Nem se podia admitir que, para levantar uma literatura, se juntassem varios individuos, como para levantar um muro caído.

«Só uma evolução, que o tempo trará, pode fazer o renascimento da nossa literatura. *A Aguia* é uma rapaziada. Estamos em vesperas de uma nova fase do nosso espirito artistico, que, afinal, obedece ás leis universais e eternas da acção e da reacção. Vamos para um ascetismo que contrabalançará o cansado materialismo moderno, mas que, além de nós, não tem mais representantes.

Abrimos um campo novo. Os rapazes são

*

ainda uns romanticos; mas teem do romantismo o peor: são obscuros, não se sabem fazer entender. Vivem nuns mundos desconhecidos, onde nunca poderá penetrar ninguem. Mas isso não é produto da evolução, nem da acção ou reacção do tempo: foi uma scena que êles combinaram, com as mesmas palavras e intentos de Baudelaire: *épatons les bourgeois!*

«Eu podia não falar nisto. Mas é preciso que se acabe com as sociedades de elogio mutuo. Quem não tem muitos amigos tambem tem direito a fazer-se lêr. É preciso que saibam que nós, os que êles consideram velhos, não abandonamos ingloriamente os lugares conquistados e creio que todos, que tiverem consciencia das suas responsabilidades sociais, hão de vir, cortezes e sinceros, colocar os novos que o não são, á devida distancia.»

Em seguida, quizemos saber quais as obras que no entender do poeta se tinham imposto por um merecimento real. E êle diz-nos:

— Como o seu inquérito se refere á literatura contemporanea e o Fialho morreu hontem, citarei dêle os *Contos*, *O país das uvas*, *Barbear e pentear*; do Eça, as *Prosas bárbaras*, os *Maias*, as *Paginas* e o *Mandarim*; de Julio Dantas, as páginas de observação de *Um serão nas Larangeiras*, que acho modelar, a *Severa* e outros que não tenho de memoria.

«Ah! uma nota interessante é dizer que seria bom explorar o genero de romance á semelhança dos de Droz, de tipos populares. Gervasio Lobato

tinha para êle uma verdadeira quéda, mas não se dedicou muito a explorá-lo. Agora temos aí Schwalbach, que póde, quando quizer, cultivar esse genero, porque tem verbo e observação, e tambem Campos Junior, no romance histórico, se tivesse uma fórma mais concreta e não fosse tão folhudo. »

E Gomes Leal fala-nos de varias scenas a propósito. A certa altura, porém, volta a dizer-nos:

« Olhe, ponha lá, na altura em que falo dos poetas, o nome do autor do *Tentando as asas*, que é um livro que eu aprecio muito.

« Esquecia-me tambem de lhe recomendar o Brederode dos *Azulejos* e o conde de Sabugosa, na escola parnasiana, de um fórma delicada, a perfeição plastica de Teófilo de Gautier. »

Falámos ainda da moderna literatura brasileira, manifestando o nosso poeta a sua admiração por toda uma grande geração de poetas como Olavo Bilac, Luis Guimarães, pai e filho, etc.

E com aquele mesmo sorriso que punha laivos de sangue em tudo que tocava, numa ironia cortante e contínua, e agora é uma constante caricia para toda a gente, Gomes Leal acompanhou-nos até á porta da rua, amavelmente, oferecendo-se-nos para tudo que pudessemos precisar dêle, como amigo velho.

— Seja feliz! Que os resultados do seu simpático inquérito tragam á vida activa, ao combate das ideias, os nossos fugitivos intelectuais! Quando lhe fôr prestavel...

O snr. João Grave

diz que as renascenças, em arte, não dependem da vontade dos homens: aparecem espontaneamente.

Todos os nossos leitores conhecem, decerto, o nome de João Grave, ao menos como cronista de finas impressões e florída linguagem, que quinzenalmente faz publicar nas colunas do Diario de Noticias.

Muitos, porém, hão de conhecê-lo mais de perto, atravez das paginas dos seus romances « Ultimo fauno » e « Famintos », sempre como um artista que se revê na sua obra e espreita de um canto silencioso e escondido a vida humana que passa, conflituosa, turbulenta.

O snr. João Grave, a quem não pudemos falar por se encontrar no Porto, apenas recebida uma carta que lhe dirigimos, respondeu prontamente ao nosso inquérito, nos seguintes termos:

—As letras nacionaes, no nosso tempo, caracterisam-se especialmente por um notavel poder de execução, de senso estético e de bom gosto denunciados com nitidez na côr, no som, no ritmo,

na plasticidade formal, de que resultou uma prosa capaz de fixar luminosamente desde as mais intensas, fortes e exuberantes realidades da vida ambiente até ás mais tenues e hesitantes irregularidades psiquicas e aos mais extranhos e incertos estados de alma. Creio, porém, que a nossa literatura, tanto no teatro, como no romance, como na poesia, não descreve uma trajectoria perfeitamente acentuada.

Na verdade, o movimento literário português é, na maior parte dos casos, conduzido por sentimentos e impressões e não por sínteses de ideias; —é um produto da alma e não do cerebro; provém mais das emoções impulsivas não rectificadas do que do raciocinio, da metódica elaboração intelectual—porque o nosso povo e os seus representantes directos em arte vivem ordinariamente pela sensibilidade e não pela inteligência. Ora, as tendências de uma literatura apenas pódem ser julgadas pelas ideias que essa literatura exprime—ideias polarisadas num sentido social, moral, de estética ou de filosofia. Toda a tendência tem por origem a especulação, o que a torna, evidentemente, numa condensação ideologica. Afirmarei, no entanto, que no teatro de D. João da Camara,—*Velhos* e *Triste Viuvinha*, há um pouco de regionalismo, da raça, do sentir lusitano. Quanto aos nossos outros dramaturgos, que se salientam por um vivo talento creador, parece-me que não visam, nas suas obras, á representação de um povo e de uma decadencia, á notação arguta de uma memoravel hora histo-

rica, á definição subtil de uma psicologia colectiva, procurando apenas efeitos originaes pelo contraste das situações violentas.

Em poesia, vai-se definindo um lirismo ao mesmo tempo mistico e pagão, inspirado pelas tradições, pelo subjectivismo popular e pelo amor á natureza.

Pregunta-me ainda quaes os principaes cultores e obras de merecimento que conseguiram impôr-se e ainda as que o conseguiram imerecidamente.

Não saindo para fóra dos limites em que se exerceu a actividade literaria da minha geração, considero que os escritores e poetas que actualmente fruem uma aura de celebridade relativa a conquistaram honestamente pela harmonia da realisação e pelo brilho das suas obras.

Á ultima parte da pregunta formulada não responderei, por melindres de dignidade profissional e ainda porque, não sendo critico, poderia errar nos meus pontos de vista individuaes, o que determinaria inuteis polemicas.

Em resposta ao terceiro quesito do inquérito, sobre a existência (?) de uma renascença literária em Portugal, suas ideias e tendências e legitimos representantes, direi que as renascenças, em arte, não dependem da vontade dos homens e aparecem espontaneamente, influenciadas pelo espirito novo de um ciclo florescente e por causas misteriosas que as criticas não atingiram por enquanto. É justamente assim que surge a Renascença Italiana — que só poderia frutificar na Italia, guarda vigilante

e fiel do tradicionalismo grego e romano. Essa Renascença foi o movimento intelectual e artistico que, na Europa, substituiu as ideias e as fórmas da Edade Média, a rebelião contra as abstrações do Christianismo, o regresso á natureza e á observação da realidade, a reacção pela verdade tangivel contra as ficções da imaginação. Tendo sido iniciada, intuitivamente, por Boccácio e Petrarca, estendeu a sua influência renovadora a todos os ramos do saber. Primitivamente foi o humanismo—o conhecimento das linguas grega, hebraica, latina, a história, a erudição. Depois, apoderou-se das sciências em que introduziu as matemáticas, rasgando-lhes horisontes nunca entrevistos.

Mais tarde invadiu a filosofia e as artes plásticas:—a arquitectura, a pintura, a estatuária—inspirando-se na copia ou na imitação do modelo antigo, até recuperar toda a sua autonomia criadora.

Perpetuado claramente o movimento em obras imortais, vieram então classificá-lo os criticos e os filósofos. São estas razões, ligeiramente apontadas, que me obrigam a falar de uma renascença literária em Portugal.

Ácêrca do meu papel dentro das nossas letras, parece-me ter já respondido. Com efeito, os meus pobres e insignificantes livros tem, mais do que nenhuns outros, os vicios que assinalei e não se vislumbra nêles nenhuma tendência dominante. São produtos de impressões e de sensações e não de ideias concretas—*João Grave.*

Em resposta a várias pessoas que nos tem preguntado se publicamos artigos de réplica aos intelectuais chamados a depôr no nosso inquérito, responderemos afirmativamente, e com a simples condição de estarem dentro dos limites da cortezia. Só do choque das ideias e das opiniões poderá surgir a luz que ilumine os novos caminhos que pretendemos trilhar.

*

Chegam-nos aos ouvidos rumores de gente pouco satisfeita por não ter sido chamada a depôr no nosso inquérito. Ora êste é um dos casos em que não basta ter-se escrito um ou dois livros de vil prosa para se ser tomado a sério na república das letras. Demais, a nossa república exige uma certa circunspecção e decência para se não desacreditar. Os que se acham com categoria e não foram chamados, devem atribuir o facto ou a uma errada apreciação dos seu méritos, ou a uma falta de autoridade para falar de coisas sérias, que ainda uns quilos de papel impresso não salvam.

Dir-nos-hão agora: que especie de autoridade têm alguns escritores consultados e dos quais se disse mal?—A explicação é facil:—é que o nosso inquérito é de tal modo elevado, que os escritores chamados, embora tenham mal que se note, ficam ainda grandes. Dos outros que o não foram, diriamos mal, mas... não ficaria mais nada.

O snr. Gonçalves Viana

diz não existir renascimento literário, a não ser na poesia, e, esse mesmo, incompletamente esboçado

Entre o nome dos intelectuais portugueses que maior consideração merecem, pela honestidade da obra e pelo amôr (não movido de prémio vil), ao trabalho de todos os dias, conta-se o do snr. Gonçalves Viana.

O progresso literário do país deve-lhe muitos e bons serviços, por ser dos poucos que ainda zélam a pureza do nosso belo e tão mal tratado idioma.

Por isto e ainda por sabermos que segue com cuidado a marcha da literatura, foi chamado a depôr no nosso inquérito.

O snr. Gonçalves Viana envia-nos as seguintes interessantes declarações:

— Penhorado pelo convite, não posso nem devo recusar-me a satisfazer o seu desejo.

Procederei ordenadamente.

1.º Se por moderna literatura portuguesa havemos de entender a contemporanea, a contar do des-

credito, merecido ou imerecido, a que desceu o periodo romantico, que começára nos fins do seculo 18.º fóra de Portugal, e aqui se manifestou no principio do segundo quartel do 19.º os aspectos desta literatura nova, tambem importada, afiguram-se-me incertos, titubeantes, e por tal forma indecisos, que é dificultoso a um velho, como eu sou, educado num ambiente muitissimo diverso e com predilecções adquiridas e fundamente enraizadas, constituir-se em julgador de uma época literária, que está decorrendo, mas não é já a sua.

Direi, todavia, que se por uma parte em certas sciências, principalmente nas de observação, temos indubitavelmente progredido, e é de presumir que progridamos cada vez mais; por outra parte, nos ramos de sciência que mais dependem de meditação e raciocinio, bem como na literatura de imaginação, a era em que se está vivendo, em que eu vou teimando em viver ainda, considero-a em geral intelectualmente inferior á que a precedeu e perdurou até o terceiro quartel de seculo findo.

Examinemos os quatro quesitos contidos no 1.º articulado, não sujeitando a análise, pelos motivos expostos, as sciências que teem por base critério experimental, que por si mesmas se aperfeiçoam, e em que o nosso progresso é evidente.

A erudição, a não ser individual, é hoje rara, se a comparamos com a dos tempos passados. No ramo da historia estamos em patente inferioridade. Não surgiu modernamente entre nós qualquer vulto

que possa hombrear com Alexandre Herculano, ou mesmo com Rebelo da Silva, Oliveira Martins, ou com Gama Barros, felizmente ainda vivo este ultimo, mas pertencente ainda áquela época excecional. Alberto Sampaio, cujo alto valor e seriedade scientifica nos prometiam a continuação da obra iniciada por Herculano e prosseguida pelo ultimo escritor mencionado, relativamente á historia social, arrebatou-o a morte prematuramente.

Possuimos, é certo, obra colectiva ou pessoal de grande valia, disseminada, como está, pela maior parte, em revistas scientificas, não conseguirá fazer escola, com temor o julgo.

Nas sciências sociais apenas vejo que se avantaja em pedagogia Francisco Adolfo Coelho, com uma competencia incontestavel, ainda ultimamente revelada no seu magistral estudo, intitulado *Questões pedagogicas*, publicado no «Instituto.»

A etnografia, a demopsicologia e a arqueologia histórica e prehistórica, a reconstituição do nosso passado remoto, documentada ou não em monumentos escritos, tivera extraordinário movimento progressivo com Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Estácio da Veiga, Paulo de Oliveira, Martins Sarmento, Santos Rocha, Consiglieri Pedroso, Arruda Furtado, Teófilo Braga, Vasconcelos Abreu, F. Adolfo Coelho, Tomás Pires e outros; hoje, áparte as *Religiões da Lusitánia*, de José Leite de Vasconcelos, vive apenas em revistas scientificas, mercê da inquebrantavel deligência dos seus directores e

de um ou outro colaborador. Citarei o *Arqueólogo Português*, o *Arquivo Histórico*, várias memórias editadas pela Academia das Sciências de Lisboa, a *Revista Lusitana*, e até certo ponto o *Instituto*, publicações que nos fazem honra, mas não lograram grangear o favor do grande público. Uma dessas revistas, *Portugalia*, desapareceu com a morte do seu director, Rocha Peixoto, e não parece que o seu benemérito proprietário, Ricardo Severo, pense em continuá-la, o que é de sentir. Outra revista, de caracter muito mais modesto, mas de grande interesse, a *Tradição*, cessou de publicar-se após dois anos de existência.

A única das sciências em que se patenteia progresso visivel, com relação aos períodos anteriores, é a filologia, representada em Portugal por nomes conhecidos e respeitados fóra dêle: D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Vasconcelos Abreu (orientalista hoje substituido por Sebastião Rodolfo Dalgado), Francisco Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, David Lopes, Esteves Pereira, Epifânio Dias, José Maria Rodrigues, A. A. Cortesão, Pedro de Azevedo, Joaquim Nunes, etc.; e ainda há bem pouco tempo por Julio Moreira, já falecido.

Pela sua parte, Candido de Figueiredo assinala-se pelo incansavel zêlo com que fiscaliza a pureza do nosso idioma, quer pela lição, quer pelo exemplo.

Este progresso inegavel, porém, é lento e talvez menos esperançoso actualmente do que já foi.

Sobre sociologia, filosofia, além dos estudos de F. Adolfo Coelho, pouco se poderia mencionar numa resenha tão sumária como esta.

Com respeito a história das artes e a biographia artística, sobresaem os nomes de Joaquim de Vasconcelos, de António Arroio, de Sousa Viterbo, não há muito falecido, e recentemente o de José de Figueiredo, na verdade primacial.

Esta espécie de indagações esteve e está perfeitamente representada, ainda que por número reduzido de cultores.

Por outro lado, uma parte dos nossos compêndios de ensino vamos buscá-los quasi sempre a França, para remediar a escassez dos nacionais. Pouco melhorámos com relação ao passado.

Dêste modo cai em desuso a terminologia portuguesa, ou se não cria e divulga autorisadamente nomenclatura nova, onde seja necessária; e um país sem vocabulário seu artistico e scientifico assente, e tratados nacionais que o ensinem, é um país atrasádo, como o é aquele que não possue literatura scientifica abundante e acreditada, e nêste caso tem estado infelizmente o nosso, e assim continúa.

Houve tempo em que nas nossas aulas de geografia esta se ensinava por um compêndio francês barato, no qual o aluno aprendia que a língua portuguesa era uma — *espéce de dialecte espagnol, qui n'a guère donné à la litterature que la Lusiade de Camoens!*

Era a justa paga de despropósito igual ensinado por João Felix Pereira na sua *Geografia* a respeito do holandês, que ali se classificava como dialecto alemão «grosseiro e bárbaro». O que nos não dizia o conhecido polígrafo, aliás homem instruido, era a razão de tais epítetos, isto é, o que vem a ser um idioma grosseiro, nem porque chamava bárbaro áquele em que escreveram Vondel, Spiegel, Visscher, e modernamente Henrique Conscience, Dozy e Tiele.

Passemos agora aos outros tres quesitos do 1.º artigo, principalmente ao 2.º, que parece haver sido o motivo capital do inquérito: teatro, romance, poesia, tres fórmas de manifestação da literatura de fantasia, com intuitos moralistas, ou sem êles e de pura arte únicamente.

Vamos por partes.

Não temos teatro nacional. As felizes tentativas de Lopes de Mendonça, de D. João da Câmara, de Marcelino de Mesquita, de Julio Dantas, de Eduardo Schwalbach, de Augusto de Castro, de outros ainda, mesmo as modelares, não conseguiram fixar cunho nacional, nem cativar o público, entusiasmá-lo, como o conseguiram ainda no período romântico, as de Pinheiro Chagas, de Fernando Caldeira, de António Enes, e antes as de Almeida Garrett, de Joaquim da Costa Cascais, de Mendes Leal e outros dêsses tempos de prosperidade do teatro português.

Na farça ninguem modernamente igualou Gervá-

sio Lobato, porque as valiosas comédias de Eduardo Schwalbach teem outro caracter mais delicado: literáriamente superiores, prendem e interessam menos o geral do público.

No teatro de índole universal, nas peças de tese, não obstante uma ou outra de valor efectivo, ou de notavel realce pela sua originalidade, oscila-se entre o romanticismo não confessado e o realismo aparente, e, a não haver mudança nos processos ou na concepção, recairemos em breve nos logares comuns e com as personagens de chavão, em que ultimamente se dessorou o teatro romântico, que por isso não deixou saudades.

Outro tanto se póde dizer a respeito do romance português, se exceptuarmos as novelas de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, de D. Ana de Castro Osorio, de D. Claudia de Campos, de D. Alice Pestana, e os contos de Trindade Coelho. Verdadeiro romancista temos um, cujas obras, descontada qualquer rara imperfeição de fórma, nada teem a invejar ao melhor que se produz em outras nações presentemente: refiro-me a Carlos Malheiro Dias. Contudo, ninguem conscienciosamente dirá que se avantagem ao que mais excelente nos deixou o periodo romântico, ao que nos legaram Herculano, Garrett, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Julio Diniz, Teixeira de Vasconcelos, Arnaldo Gama, para sómente citar os nomes primaciais, entre os quais mencionarei ainda o de Pinheiro Chagas, cuja produção assombrosa em quasi todas

as manifestações literárias, prejudicou cada uma delas, mas ainda não foi igualada entre nós.

Duas revelações cabe indicar, ambas recentes, e que pela novidade merecem menção particular, como ensaios de duas especies, que bem se podem dizer inéditas em Portugal, principalmente a primeira.

Tem esta por intuito vulgarizar as aplicações práticas das sciências, especialmente da agricultura, por fórmulas romantisadas, presas por ténue fio de enredo simplicissimo: aludo aos contos de Mota Prego, escritos com uma adoravel singeleza, e quasi sempre constituidos na linguagem por frases feitas, modos de dizer triviais e conceitos vulgares de uma propriedade encantadora. A outra é um ensaio de literatura regional, que consiste em narrações e enscenação de tradições locais, de caracter histórico ou supersticioso: refiro-me aos *Escorços Trasmontanos*, de Ferreira Deusdado. É um tentamen timorato êste, sem dúvida; mas as duas especies poderão no futuro produzir frutos mais valiosos, pois são veios quasi inexplorados entre nós. Com relação aos contos de Mota Prego, só me recordo de processo análogo nos contos de Henrique Zochokke, *A Aldeia do Homem que faz ouro* (Das Goldmacherdorf), e *Buraquinho na Manga* (Loch im Armel), que provavelmente o autor português não conhece.

Devo acrescentar aqui dois nomes de escritores modernissimos, aos quais dedico o maior apreço:

Antero de Figueiredo, pelas suas *Recordações e Viagens*, e André Brun, contista alegre, engraçado, mas sensibilissimo, que, se ás vezes lembra Mark Twain pelo imprevisto do conceito e da expressão motejadora, dêle se diferença por uma ternura ingénua, como no conto da *Micas*, e na *Doida da minha rua*, de que nem o caracter, nem a frieza do afamado humorista americano lhe foram exemplo ou modêlo. É português, e bem português, na graça quasi infantil, sem deixar de ser vivissima, expontânea, e oportunamente compassiva. A nenhum dêles conheço pessoalmente; não há portanto nêste meu juizo a menor parcialidade.

Resta-me falar da poesia. Em poemetos de pequeno fôlgo, poesias soltas, quintilhas, quadras, de vários metros, a literatura recente está continuamente a dar-nos exemplos incontestaveis de que não perdemos esta feição, que sempre em nós foi proeminente. No soneto, forma estrófica desdenhada pela escola romântica, ressurgiram no periodo actual émulos dignos de Bocage, de João Xavier de Matos, de Nicolau Tolentino, que pela sua parte já o haviam sido dos petrarquistas da renascença. Não nos faltam poetas líricos de grande merecimento; poetas épicos, didáticos ou filosóficos, que sobresaiam pelo talento, ou nos surpreendam pela originalidade, não temos nenhum. Mesmo entre os satíricos, unicamente avultam na actual produção literária os que poderiamos denominar «facêtos»; sendo facil apontar um nome, ao qual, pela sua

obra, infelizmente dispersa, se aplicaria com justiça o titulo de eminente: falo de Acácio de Paiva, do *Belmiro* de tantos expontâneos e impecáveis sonetos, verdadeiro poeta, primoroso na forma e no conceito, e com delicado sabor nacional e pessoalissimo.

O periodo romântico, todavia, em nada foi inferior em poesia ao actual; quatro ou cinco individualidades pairam em plano superior aos mais vitoriados nomes entre os contemporâneos. Tomás Ribeiro, João de Lemos, João de Deus, Soares de Passos, Guilherme Braga e Bulhão Pato; e Guerra Junqueiro, diferente dêstes todos, já como inovador insubmisso, juntamente com o infeliz Antero do Quental, constituem o periodo de transição. Inútil seria nomear Almeida Garrett, a todos superior.

Será isto um modo de vêr individual, mas eu falo por mim e conforme o meu juizo e apreço; com equidade, ninguem me levará a mal que eu diga o que penso em assunto que deve estar fóra das discussões apaixonadas.

O 2.º artigo do questionário: — Obras de merecimento e seus autores — perigoso seria desenvolvê-lo, com relação a gente viva, descontentando muitos, talvez a todos. Cabe-me no entanto a obrigação de assinalar alguns nomes das modernas gerações, e entre êles um já ilustre por tantos titulos, Julio Dantas, a quem é adequadamente aplicavel aquela afirmação de Camões:

... presente aqui vereis
Cousas que juntas se encontram raramente.

Cumpre tambem não esquecer o malogrado António Nobre.

Com o maior contentamento registarei aqui mais os nomes de D. Lutgarda de Caires, D. Branca de Gonta Colaço, Conde de Monsaraz, Augusto Gil, Fernandes Costa, Eugénio de Castro, Lopes Vieira, Correia de Oliveira, Cunha, pai e filho, Cristovão Aires, Brederode, Leite de Vasconcelos, António Feijó; pedindo me desculpem não mencionar outros, que o mereciam, mas que ou não me ocorrem, ou lhes desconheço as obras. Estou citando de memória, e apenas me refiro á poesia. Nesta divina arte primámos sempre, com leves intermitências após as quais ressurgimos com maior vigor, é força confessá-lo.

Sómente os editores poderão dizer quais as obras que teem logrado impôr-se, no caso da avaliação justa dever ser feita pela rapidez com que se exaurem as edições; isto apezar de ás vezes se dar manifesta contradição entre o valor real dos livros e a venda que teem.

Há livros que eu adoro, e não são escássos em número. Devo confessar no entanto que a maior parte dêsses objectos da minha preferência e do meu enlêvo pertence ao periodo anterior ao contemporâneo.

No domínio do sentimento reflectido ou espon-

tâneo vou dar um exemplo. Entre as scenas de romance mais impressivas e patéticas que eu conheço e aprecio, realçam quasi cronológicamente as seguintes: A morte de Mignon, no *Wilhelm Meister*, e a de *Werther*, de Goethe; a última visita de Waverley a Flora Mac-Ivor, na novela de Gualtério Scott, daquele nome; a morte de João Valjean nos *Miseraveis*, de Vitor Hugo; a scena do recoveiro e da filha, na *Morgadinha dos Canaviais*, de Julio Diniz; o final do romance de Malheiro Dias, *Maria do Ceu*. Hesito em decidir qual dêsses lances dramáticos é mais aflitivo, mais pungente: talvez o primeiro e o ultimo sobrelevem na intensidade dramática a todos os outros, e conseguintemente aqui temos o romanticismo a pleitear primazia com a escola realista contemporânea no dominio do sentimento.

Direi contudo que, pelo imprevisto da situação e pela rapidez fulminante do desenlace, cabe no meu conceito o primeiro lugar a Malheiro Dias. Por aqui se verá que não sou admirador cego do passado, em detrimento da literatura contemporânea. O que sustento é que os iniciadores em Portugal da escola realista, Eça de Queiroz, Teixeira de Queiroz, Ramalho Ortigão, Conde de Ficalho, Fialho de Almeida, não foram superiores em capacidade criadora aos iniciadores da escola romântica; e que os representantes actuais daquela, com raras excepções lá indicadas, não igualam os seus modêlos: reproduzindo-lhes o que eu tenho por defeitos,

não lhes reflectem as qualidades; exageram-lhes o vocabulário extravagante e desnecessariamente neológico, e exploram artificialmente as scenas escandalosas, pintadas ao vivo com uma crueza indesculpavel em obras meditadas, semeando escabrosidades que causam tédio, e nas quais parece que se comprazem varios autores hodiernos.

Muito se enganará, todavia, quem supuzer que a escola romântica feneceu entre nós de inacção, aí pelos fins do seculo passado. Ela continua vivaz, ás vezes mal disfarçada, a disfrutar o agrado dos individuos que lêem novelas.

Os contos realistas e os romances psicológicos, á maneira dos russos, só entreteem os ócios dos leitores de gosto mais apurado, e poucos são os gulosos niquentos que lhes dão apreço. A prova está em que os longos e engenhosos romances patrióticos, mas guindados ao heroico, de António de Campos, ainda fazem a delicia de muitos leitores assíduos; quando é notório que há bastante tempo, em outros centros cultos, essa espécie, na qual se imortalizaram Scott, Alexandre Dumas e tantos outros, já cedeu o lugar ao romance de peripécias extravagantes, imprevistas e absurdas, que a substitúa, e que tem por herois e heroínas umas criaturas que na vida real seriam tidos por doidos varridos.

Um escritor primoroso, aquele que verteu para excelentes versos franceses a *Ceia dos Cardiais*, de Julio Dantas, deu-se ao trabalho de, com o maior esméro e correcção, traduzir em francês duas

das mais perfeitas narrativas romantisadas de Alexandre Herculano. Não encontrou editor que em França se abalançasse a custear as despezas da edição, tão pequeno interesse desperta lá, hoje em dia, este género, com que a escola romântica, pela pena de Vitor Hugo, de Cesar Cantú, de Manzoni, de Alexandre Herculano se acreditou, e que ao depois, com outros mais inábeis, se desacreditou. Teve o género a mesma triste sorte do melodrama lacrimoso, que ninguem ali suporta já, mas que em Portugal ainda por vezes alcança quem pacientemente o escute, e até o aplauda.

Não existe portanto renascimento literário em Portugal, no que respeita a obras de imaginação, a não ser na poesia, e êsse mesmo, por enquanto, ainda não completamente esboçado. Podemos todavia conjecturar que se manifestará cada vez mais pujante, fugindo aos processos artificiais, e sustentando bem altos os seus créditos antigos, só transitoriamente eclipsados.

4.º — De mim, o que posso afiançar é que trabalho sinceramente, e busco, quanto nas minhas forças cabe, ser util no que para êsse público escrevo. Cultivo um ramo de saber, que desperta pequeno interesse: tem por objecto o idioma pátrio, por me parecer que é dever de todo o escritor estudá-lo, comunicando por qualquer fórma aos seus conterráneos os resultados dêsse estudo. Acérto? Desacérto? Não sou eu o juiz. Creio que nêste campo algum serviço haverei prestado, pelo menos

como estímulo a outros, mais competentes do que eu serei.

Conclusões : 1.ª — Progresso constante, mas lento nas sciências.

Decadência manifesta no teatro e no romance, não obstante os vultos proeminentes de quatro escritores num dêles, de um único porém no outro.

Manifestação prometedora, individual e perfeita do cultivo de duas espécies novas — propaganda romantizada de sciências aplicadas, e literatura regional baseada em tradições locais.

Poesia. — Mantém o lugar distinto que havia reconquistado no periodo romântico, mas em domínios mais restritos. Ressurgimento do soneto como fórma poética preferida.

Revivescência da actividade na Academia das Sciências de Lisboa, com a admissão oportuna de escritores competentissimos. Renovação no ensino público superior, com a criação de novas cadeiras na Universidade de Coimbra, e elevação do Curso Superior de Letras a Faculdade, com mais vasta reorganização, que seria conveniente ampliar ainda.

2.ª — O público, em geral, poucos livros lê, o jornal satisfaz-lhe a débil curiosidade. Nenhuma obra, por mais bem escrita que seja, enriquecerá o seu autor em Portugal, porque se lhe imponha pelo merecimento. Em sciência, como em literatura, o Brasil é o nosso melhor freguês, por emquanto. Só adquirem voga, infelizmente, hoje em dia, as peças obscenas de teatro, especulação vergonhosa de em-

prezários sem escrupulos e de autores esfomeados, ou inconscientes.

3.ª—Não existe pronunciado renascimento em nenhuma das modernas manifestações literárias da nação; o que existe é mais numerosa produção literária».

Como os leitores vêem, não se regateiam aqui louvores; mas quando alguma escabrosidade se levanta, o snr. Gonçalves Viana não teme, não hesita, não faz diplomacia, para evitar ferir...

Conscio de quanta sinceridade e desassombro é preciso que os intelectuais ponham nas declarações feitas ao seu país, disse simplesmente e tudo o que sentiu.

Bem haja.

O snr. dr. Adolfo Coelho

diz que não temos direito a saudar a aurora de um verdadeiro renascimento literário

O snr. dr. Adolfo Coelho é uma incontestavel autoridade no assunto de que nos andamos ocupando. Tanto na cátedra como no livro, tem sabido manter uma linha de superior criterio e sabedoria, que o tem tornado ídolo dos seus discípulos e dos seus leitores.

Por estas e ainda por muitas outras razões facilmente aduziveis, não podiamos esquecer o nome do snr. dr. Adolfo Coelho.

Eis a resposta que o distinto filólogo e lente da Faculdade de Letras deu ao quesitos do nosso inquérito:

—Os tempos são como a esfinge memfítica: só de longe lhes apercebemos bem as feições e ainda assim quantas divergências na apercepção! Como julgar com segurança do movimento literário novissimo, do que com algum rigor podemos dizer da mais recente geração, dos que (para limitar) ten-

taram os primeiros passos já dentro do seculo XX ou só nos ultimos 12 anos chamaram pela primeira vez a nossa atenção? Acresce, da minha parte, que estou longe de conhecer toda a produção literária, pelo menos a que merece ser conhecida, por qualquer titulo, dessa dezena de anos. Base essencial dessa apreciação seria um estudo rigoroso dos materiais que possuimos sobre a nossa vida nacional, principalmente pelos aspectos sociais e ainda, restringindo, sobretudo pelos lados artistico, ético, religioso, scientifico.

Dum estudo dessa naturesa, sem duvida muito imperfeito, publiquei já excertos, o mais extenso num opusculo reproduzido de *O Instituto*, 1911 (*O plano geral do ensino publico*), cuja continuação está adiantada em manuscrito. Dêsse estudo deduzo *que nos faltam as condições, presentemente, para uma verdadeira renovação literária.* Não nego a possibilidade dela surgir num futuro mais ou menos próximo.

Mas o que dá o processo indutivo aplicado ao problema literário, tanto quanto êle póde ser objecto de exame em particular? Aqui surgem as dificuldades aludidas. Todavia, talvez possa concluir-se alguma coisa de um exame comparativo, ainda que se limite ao periodo iniciado e ao periodo imediatamente anterior da nossa literatura, de que restam ainda sobreviventes, como vivem outros de fases transitorias, e agora se finou um representante dos românticos, um amigo de Garrett e

Herculano, o periodo a que me refiro (abstraindo das dificuldades das demarcações nesta materia) é o que começa por 1860-1870, depois de quasi encerrado o periodo romântico, o periodo aberto pela chamada *escola coimbrã*, cujo decano foi João de Deus, em que se puseram principalmente em relevo Antero do Quental e Teófilo Braga e em cujo movimento entraram ainda outros mais ou menos distintos, como Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Alberto Sampaio, Anselmo de Andrade, o penultimo dos quais, o menos conhecido, nos deu como fruto de já adiantados anos um importante trabalho historico e o ultimo, depois de vaguear por vários dominios, assentou arraial nas questões económicas e financeiras. Dêsses, cujos nomes cito, sobrevivem Teófilo Braga e Anselmo de Andrade, assim como Guerra Junqueiro, que começou a manifestar-se na fase ainda inicial do periodo e encerra a sua carreira com o fabríco da calda bordelesa e a legação de Berne.

A comparação entre o que se fez em Coimbra, naquele lembrado decenio de 1860-1870, e o que se faz agora, principalmente, ainda em Coimbra, e no Porto; uma comparação, por exemplo, de *A Aguia* e o *Dionysos* com o esquecido *Tira-Teimas*, revelaria tendências em parte muito analogas. Diferença notavel consiste em que então pontificava o velho Castilho, por cuja chancelaria se passavam cartas de talento e genio e se decretava a destituição de Camões, promovendo ao lugar suposto vago o ba-

charel Tomás Ribeiro, poeta de agua de groselhas segundo a classificação de Ricardo Burton. Os de 60 e tantos tinham no seu caminho, na chancelaria de Castilho, uma *delenda Carthago*, de que não existe paralelo no seculo xx, a não se tomar como tal a temerosa mediocridade e inercia de espirito da enorme maioria.

Naquela fase, há cerca de meio seculo, existia, como hoje, o mesmo culto de Camões, o qual despertou o grito de guerra contra a *Conversação preambular* do *D. Jaime;* existiam os mesmos intuitos patrioticos. Os novos respiravam igualmente republicanismo: daquela geração vieram ainda Teófilo Braga a ser o presidente do governo provisorio do 5 de Outubro e Manuel de Arriaga o primeiro presidente eleito pelo Congresso nacional da república portuguesa. Teófilo Braga colabora ainda com versos recentissimos, nas revistas da nova geração, o que prova certo entendimento de intuitos.

Mas 1860-1870 não tinha visão messiânica, segundo se me afigura, revolvendo na memoria, porque escrevendo isto não tenho presente nenhum documento manuscrito ou impresso. Os daquela geração contavam só comsigo mesmos e, a pensarem em Messias, cada um no foro intimo se julgaria tal. Não se escreveu então coisa que se parecesse com o seguinte de hoje: «... para Portugal se prepara um periodo de criação literária e social como poucos o mundo tem tido...» conclue-se o breve aparecimento na nossa terra do tal supra Camões?

A frase é humilde e acanhada. A analogia impõe mais. Diga-se «de um Shakspeare» e dê-se por testemunha o raciocinio, já que não é citavel o futuro (*A Aguia*, 1912, n. 5, pag. 143).

De megalomania não estavam isentos os homens da geração de Antero do Quental. Sousa Martins, na monografia nosologica dêste, pôs, a proposito de certas manifestações, o ponto de interrogação: megalomania? De Teófilo Braga dizia-se que, entre amigos, se contava em o numero dos tres homens maximos da historia.

Oliveira Martins escrevia em 1892, quando era chamado a acudir á crise financeira do país: «As nações não morrem enquanto há homens», isto é, enquanto possuem um Oliveira Martins. A megalomania está hoje ainda mais, muito mais, generalizada; há-a individual e colectiva. Na Faculdade de Letras, por exemplo, aparecem sujeitos que se dizem de posse da *filosofia definitiva,* da filosofia que há de dominar o futuro, mas que ignoram o que há de mais elementar em logica e psicologia. Talvez cada um dos nossos poétas se julgue o tal sobre-Camões, o tal Shakspeare. O titulo *Aguia* é caracteristico, não sei se reminiscência do *Condorismo* brasileiro, cujos representantes como Castro Alves, Fagundes Varela, se me afiguram (apesar da zombaria de Camilo, sobretudo por causa do nome *Fagundes*—coisas de Camilo!) muito superiores aos nossos novissimos. Não queira todavia o destino que o librar-se da *Aguia* lembre antes o esvoaçar

do môcho. É verdade que êste é o *pássaro Minerva* (embora em resultado de um qui-pro-quo, segundo Max Mueller). O *Tira-Teimas* coimbrão era muito mais modesto que a altiva *Aguia.*

Não contentes com ter ontem rompido os mares, queremos tambem dominar nos ares. Falta-nos um Aristófanes para celebrar a nova *Nephelokokkygía. Aegri somnia...*

Como hoje, os novos de 60-70 combinavam as tendências republicanas com um aristocratismo intelectual, muito evidente sobretudo em Antero e no Eça, apesar da propaganda socialista do primeiro e das conferências democráticas, iniciadas por êle, e o seu grupo. *Est modus in rebus*, lembrava um ouvinte do Eça ao vêr a perfeita correcção indumentaria com que êle se apresentava no Casino Lisbonense.

Não se pretendia então voltar atrás; mas sim rasgar novos horizontes, combater o *indígena*, o compatriota bestializado nos hábitos tradicionais, nos velhos preconceitos, embora fazendo-lhe as inevitaveis concessões, esquecendo talvez o aforismo de Goethe «não se fazem reformas sociais com luvas de pelica». Pelo lado politico, êsse movimento veiu a degenerar, por isso, na entrada de Oliveira Martins no partido progressista, com aplauso de Antero, na perspectiva de ser o Marquês de Pombal do José-Carlos de Bragança, enquanto outros filhos da geração da escola coimbrã, a que já aludi, permaneciam no Crédo republicano.

Na geração de 60-70 havia cultores de um gongorismo inspirado talvez nos discursos anfiguristicos da ceremonia dos graus aos caloiros, como um famoso Cerqueira Veloso, que traduzia conceitos vulgares em linguagem puxada, inacessivel ao vulgo, por exemplo: «Muitas vezes o milharuco do encéfalo devora a abelha da alma», o que queria dizer: a reflexão destroi as boas intenções; a «viuva da Feira com as suas lagrimas de pedra» era a Sé Nova na comemoração de Pedro V. Foi a êsse género que particularmente se chamou estilo coimbrão. Teve e tem muitas variantes. Alguma coisa, longinquamente analoga, aparece já nas *Trovas de Poesia* do Coudel-Mór Fernão da Silveira (*Cancioneiro de Resende*). Surgiram na segunda metade do seculo XIX, em França, os decadistas ou decadentes que cultivaram ramificações do género e tiveram para seu uso glossarios manuscritos ou impressos de termos abstrusos. Nós tivemos medicos, de cujo estilo fez as despesas algum Nysten, artificio barato e que teve admiradores. Um Taine sai da Escola normal superior com aquele estilo nitido e regular, mas falho de individualidade, que nos faz adivinhar, quando chegamos ao fim da pagina impar de muito livro francês, o que vem na linha seguinte da pagina par; e Taine faz um esforço de artista, trabalha por dar-se um estilo seu, exercita-se até que êle se lhe torne aparentemente espontâneo. Oliveira Martins, segundo o seu benévolo critico-psicologo Moniz Barreto, «fez o seu

estilo no de Taine» (em verdade não parece tal). O simianismo, em vez do esforço proprio. É mais cómodo. Os Nystens, os glossarios decadistas, as torsões burlescas na corda bamba da linguagem dão resultados ainda mais prontos.

Escreve, por exemplo, um novissimo:

«A pintura, devendo ser a eternização da esfinge semi-fluida que espectram num *fascias* certos minutos de spasmo conceptivo ou na paisagem a sombra—dôr do espaço—, quando as coisas começam o seu sonho, importa indagar o *quantum* de fé medieva, paroxistica, contracturante que, no seu afan, pôs o artista de que trata».

Nada mais pletropoliticamente desconjuntantes que êsses esgares gloticos, descargas de associações violentas e imprevistas no centro de Broca. Isto é contagioso, como o bocejo, linguagem da nausea psíquica. Êsses dois periodos inspira-os a musa do psitacismo, estudada por Dugas.

Alguns dos novissimos pensam que a poesia do futuro deverá ser simples, muito simples, como já tinham tentado por vezes João de Deus e outros. A simplicidade vai, porém, facilmente á chatesa, á banalidade, á vacuidade de sentimentos e ideias. Exemplo:

Põe um enfeite
Com tua mão,
A lua de leite
No meu caixão.

Os românticos, os seus sucessores de 60-70, in-

troduziram muitas vezes a equação da natureza e do espirito na sua poesia—o hilozoismo, a personificação ou animismo, fizeram subir a natureza á altura do homem ou absorveram o homem em a natureza, até em a natureza inorgânica. Os novíssimos são em geral de grande infelicidade nêsses processos de apercepção estética. Nada que nêles se aproxime da frase mito-poética de um Wordsworth, de um Hugo, ou de uma estrofe como a do Childe Harold (III, 82):

I live not in myself, but i became
Portion of that around me ; and to me
High mountains are a feeling, but the hum
Of human cities torture: I can see
Nothing te loathe in nature, save to be
A link reluctant in a fleshly chain
Class'd among creatures, when the soul can flee,
And wit the sky, the peak, the heaving plain
Of ocean, or the stars, mingle, and not in vain.

No género parece que *A Aguia* só chega a soltar pios como os seguintes, aliás com admiração de um critico do grupo:

A folha que tombava
Era alma que subia
E mal o luar os molha,
Os choupos, na noite calma,
Já não tem ramos nem folha,
São apenas choupos de alma.

Ha paralelos disto do seculo XVII.

*

A deficiência técnica, em que tantas vezes naufragaram os arrojos do Junqueiro, manifesta-se muito em os novíssimos. Afundam-se êstes nas suas pretenções á originalidade, evitando leituras e estudos reveladores da existência de uma estética normativa que são incapazes de sacar integra do proprio espirito. Condição essencial do progresso para cada um está em que se reconheça como um elo na cadeia da Evolução e não se julgue capaz de se constituir em começo absoluto. Há nessa pretenção a uma originalidade absoluta erro fundamental e ruinoso, muito do português em todos os dominios da actividade mental. Parece rara no estrangeiro. Há pouco um crítico da *Revue Bleue* castigava-a nalguns escritores franceses. O grande Goethe, ao contrario dêsses *originais*, tinha sêde de informação e o vasto manancial da que adquiria não lhe fazia perder jamais o cunho da sua personalidade. Os verdadeiros originais, dizia um psiquiatra, encontram-se nos manicomios.

Admite-se que um artista musico, escultor, pintor careça de estudar a técnica da sua arte e que pelo conhecimento do passado se torne capaz de abrir novos caminhos. Ás vezes por simples oposição, se acham rumos ainda não seguidos. O poeta, o prosador tem de tomar o exemplo nos artistas de outros dominios, ainda quando nêle haja a faisca divina, para ter um logar na historia da arte. Viana da Mota dizia a um amigo que os seus progressos na expressão musical resultavam da dominação

crescente da técnica. Educado na Alemanha, êste nosso compatriota estuda os filósofos, cultiva a estética e é até colaborador da «Zeitschrift für A Esthetik» de Dessoir, centro naquele país dos estudos sobre o vasto assunto.

As questões sociais, religiosas, políticas, a filosofia, nos seus mais elevados aspectos, ministram objecto para nova poesia ainda muito pouco aproveitado. Os antigos criaram na poesia didactica um género em que produziram obras imorredouras, como o Poema de Lucrécio, as Geórgicas de Virgilio. Tudo na vida do homem, como em a natureza, tem seu lado poético, como lado moral, e a poesia didactica vale, não pelo que tem de didactico, mas pelo que tem de poético. A própria poesia lírica, o drama, teem muito em que se inspire naqueles dominios. As artes gráficas e plásticas teem dado já belos exemplos. A geração poética da segunda metade do século XIX não foi surda a tais inspirações. A geração novíssima deve tentar a vida nova e não dar a preferência á *éternelle chanson.*

A filosofia é o escolho evitado do português, de espirito em regra simplicista. Os novíssimos, por enquanto ao que parece, tocam apenas de leve nêsse pomo dourado; um bom sintoma talvez é o descrédito em que se me afigura cair o positivismo contista, que aliás não fôra o *Credo* de muitos da geração anterior.

No que precede há base, embora parcial, para responder aos quesitos 1 a 3 *do Inquérito á vida lite-*

rária portuguesa. O meu juizo tende a sintetizar-se no seguinte:

Não acho manifestas correntes, bem caracterizadas, nas diversas formas literárias cultivadas pelos novíssimos, nem vejo nêles individualidades suficientemente distintas; acho-os inferiores aos melhores, pelo menos, do periodo anterior.

Poderão evoluir; mas não temos direito de saudar, como tendo surgido já, a aurora de um verdadeiro renascimento literário. Urge que tentem curar-se dêsse mal terrivel, que Jules de Gaultier designou com o nome de *bovarismo.*

Ao 4.º quesito respondo que não me considero *escritor*, no sentido que dou a esta palavra. Sou um *investigador*, especialmente no dominio da psicologia individual e étnica (estuda esta, segundo a obra de Wundt, os tres fenómenos capitais da vida dos povos: a linguagem, o mito e a religião, com a arte, o costume) e da aplicação nos problemas educativos. — *Adolfo Coelho.*

As afirmações do snr. Adolfo Coelho, pela autoridade de que gosa e pela franqueza de que usa, interessarão, como poucas, o nosso meio literário.

O snr. dr. Veiga Simões

diz que a nova geração aspira a tornar-se expressão de sentimento pátrio.

Mais um nome que para o nosso inquérito não podia ser esquecido. O snr. dr. Veiga Simões é, pelo seu livro Geração Nova, *considerado como um crítico. Além disso, os seus livros de prosa — magnificos, no dizer dos outros críticos — dão-lhe um lugar especial entre os nossos modernos escritores.*

Tratando-se de apreciar as tendências da literatura portuguesa contemporânea, o nome do snr. dr. Veiga Simões impunha-se-nos, como sendo o crítico dos novos.

Eis a respota que o conhecido autor do *Nitócris* nos envia:

Presado confrade: — Peço-lhe o favor de não assustar os seus leitores, afirmando-lhes que nêste momento surge em Portugal um renascimento literário. Não há para estas coisas como a prudência. Murmuremos com cautela:

—Prudência... Muita prudência.

Ambos nós somos ainda do tempo em que os poetas vinham ao mundo já de oculos e calvicie veneravel resplendendo, ainda mesmo antes de abertas as portas da Academia, em que os nossos folhudos romancistas (e passou-se isto em tempos de Eça e de Fialho!) do portico complicado de um capitulo, pediam licença ao leitor benevolo para interromper o fio da narração e considerar com gravidade a moral doméstica e a sua perigosa decadência. Então era o dôce torrão de Afonso Henriques basto alfôbre de génios; Elvira foi de novo rainha da poesia, a calva era uma forte inspiração —e na Academia, os senhores dos destinos, entreolhando-se, verificavam que não havia *fauteuil* vago para dar a qualquer génio que nesta idade de oiro fosse acaso, sob uma olaia copada, desferir a lira esquecida ali num ramo pelas musas. Nunca teve mais gasto o papel de oficios, que os génios adoptavam em todos os seus labores: e nêsse grave remanso, amanuense chegou a haver que num processo de promoção de classe meteu um soneto do Director Geral, e mandou para a Academia um suculento oficio em que sua ex.ª solicitava trinta dias de licença.

Ora o nosso caso é êste. Para os lados do norte, bem distante do sussurro do Chiado, ali onde o sol tem agonias mais saudosas, a vida é simples como a quiz Sá de Miranda, e ninguem sabe dos génios que esmorecem melancolicamente diante de uma

salsa, no Martinho,—parece que algumas creaturas, sem saber umas das outras, amaram as coisas da nossa terra, por muito a amar conheceram o seu intimo sentido—e em prosa e verso o disseram. Isto me parece pouco mais ou menos o caso tremendo capaz de assustar os seus leitores.

Mas como a ponta do véu a esta hora terá sido levantada, cuido que o melhor, para acomodar o público e restituir aos génios consagrados o repouso habitual, é, mal refeitos do susto, explicarmos o que há, com patriotismo e clareza.

Os grandes homens do nosso tempo (e ninguem respeita mais os seus oficios a Apolo do que eu) vieram por nosso mal num tempo em que o grande Fontes, na barca governativa, realizava lá fóra empréstimos de dinheiro e inspiração, aumentando a dívida flutuante e a poesia nacional.

Chegavam as môças gerações, irritando os ouvidos plácidos dos génios, no guizalhar ruidoso de coisas novas e incertas. Mas ai! dentro em pouco, pelas margens do Tejo murmurosas, embalde pescavam a inspiração que já sentiam faltar-lhes. E como os outros, para a França a pediam, apressados, pela via mais pronta; e de França lhe chegava empacotada, a inspiração—e uma calva.

Ora nós lembrámo-nos de uma coisa que nos pareceu inofensiva: sermos o que realmente somos, reatarmos o filão do genio português perdido pelos grandes vates da nossa admiração, e beber na mesma fonte sagrada onde bebeu Camões e foi de-

pois beber Garrett. O meu amigo há de achar isto importante: mas em artigos de fundo se apregôa que o nosso ensino há muito anda desnacionalizado — (coisas dos jesuitas, etc...) — e nunca ninguem se voltou sequer no assento, contrafeito. Tambem o meu amigo ouviu pelos comicios afirmar que oitenta anos de constitucionalismo fizeram perder a consciência da nossa nacionalidade; e isto na politica pareceu-nos sempre um crime tremendo. Mesmo na *Pátria* de Junqueiro, o Doido procura a sua alma, envenenada pelos servos do Rei: e toda a gente achou bem. Vem agora meia duzia de creaturas que aspiram tornar-se expressão de sentimento pátrio; e—caso estranho—todo o mundo proclama (a propria Academia das Sciências já mesmo emitiu receios) que ninguem póde entender a nova geração de Portugal.

É evidente que a nova geração dispõe de meios de expressão um pouco mais ricos que o chorado Bulhão Pato ou o vernáculo snr. Sousa Monteiro: mas isso são necessidades intelectuais de um país profundamente idealista, que não pode contentar-se com um realismo banal de além-fronteira — isso é a mais doce herança que desde Bernardim nos vem ficando.

Mas o público é que olhou para nós todos, os novos, com espanto incrédulo: e os nossos grandes homens logo acorreram a acautelá-lo — «que nós queriamos reformar isto tudo, com mil diabos...»

É claro que ninguem se vai sentar, de sociedade,

ao redor de uma mêsa patriarcal, em cadeiras doiradas de algum desembargador do Paço, em tempos de D. Maria Primeira, estofadas a damasco vermelho, despedindo sobre a mêsa um murro lusitano:
—Ora vamos lá a *renascer* esta coisa!

Não; o meu amigo sabe-o bem. Essa *Aguia* que tanto preocupa os nossos imortais não renasce coisa nenhuma. Procura apenas recolher as fazes desta corrente de pensamento, que é afinal o de nós todos, estimulando-as e vulgarizando-as, e sobretudo interessar o país por si mesmo: e eis aqui uma coisa regular que me parece garantida por todos os códigos e todos os regulamentos da polícia.

Vem-me dizer que êste renascimento (chamêmos-lhe então assim) começou na literatura. Mas isso é de todos os tempos. Foi assim em tempos de Garrett, quando o romantismo precedia a revolução, acordando a alma nacional, adormecida a ouvir certa história que um brigadeiro contava numa reunião muito galante, em casa—não me lembro agora de que fidalgo do tempo. E não lhe vou dizer o que foi que precedeu 93: ambos estamos receando um volume consideravel... Por isso mesmo essa bíblica figura de poeta que é Teixeira de Pascoais foi tomada pela nova geração como um profeta de névoa dizendo-lhe vidências em versos-profecias.

Tudo o mais, o que o dôce ensaista Maeterlinck chama *le reveil de l'âme*, é movimento de caracter

geral, expressão do próprio tempo, que porventura na nossa terra (porque não dizê-lo?) encontrou campo mais belo, porque apenas acorda energias dormentes.

Eis, meu amigo, o que neste momento consideravelmente assusta os nossos grandes homens; e a sua solicitude em os socegar por meio de um inquérito só pode merecer o meu louvôr, e o meu agradecimento.

Sim, meu amigo. Porque todos nós velamos pela obra dêsses mestres para com ela entrarmos a construir o seu grande monumento. E quando os grandes homens do nosso tempo, em corpo baixarem á campa fria, o que julga o meu amigo que êles nos deixarão cá fóra? A sua alma? Não, amigo; simplesmente—os óculos.

Depois do que lhe digo, o meu amigo ficará julgando que a minha admiração se fica nos que comigo seguem caminho igual. Mas evidentemente. E o seu pasmo subirá ao ouvir-me dizer com que veneração eu admiro Teófilo, cuja obra tem na nossa literatura intenção paralela á de Camões e Garrett; que admiro o grande poeta da *Oração á Luz* como admiro o profundo génio poético de Teixeira de Pascoais.

E pois que me pregunta pelos artistas da nossa terra que considéro, deixe-me agora indicar-lhe António Patricio, voluptuoso filho de Dionysos, o maior prosador da nossa terra depois do Eça e do Fialho; Teixeira Gomes, o irregular belo es-

critor do *Agosto azul;* Silva Gaio e Eugenio de Castro, Jaime Cortezão e Mario Beirão, Correia de Oliveira e Lopes Vieira, Carlos Parreira e Augusto Gil, Vila Moura e... E, considerando já Ramalho e Gomes Leal na história da literatura, com isto me parece quasi esgotada a lista dos camaradas que mais estimo, literariamente.

Agora, quanto aos que eu admiro, não quererá o meu amigo ser tirano, impondo-me uma longa e laboriosa relação...— *Veiga Simões.*

Várias pessoas nos teem feito a observação de que só consultámos *os velhos, os conselheiros.* Pelo do snr. dr. Teixeira de Pascoais, pelo de hoje e ainda por outros, essas pessoas verão que nós procurámos nomes que pela sua categoria alguma coisa significam dentro das letras e que por motivos vários se nos impõem para esclarecer os intuitos dêste inquérito.

O que êles disserem de menos justo ou menos profundo será ainda proveitoso, para se lhes avaliar exactamente o quilate, apeando-os dos pedestais onde uma má crítica os haja, porventura, colocado. É, na arena, onde precalços como êste ás vezes os chamam, que êles mostram quanto valem. Pelo contrário, aqueles que até hoje não tenham sido apreciados como merecem, impôr-se-hão tambem, pelo que disserem.

Não são, pois, só *os velhos, os conselheiros,* chamados a depôr: já há muitos novos e de vária feição.

O snr. Julio Brandão

diz não vêr correntes literárias que não se tenham há muito observado

Ao contrário do que toda a gente se tem permitido manifestar, nós não procuramos sómente os criticos, nem exclusivamente os literatos, para esclarecer a situação da literatura portuguesa contemporânea.

São novos e velhos, criticos e não criticos, prosadores, poetas, dramaturgos, romancistas, etc. etc. que veem dizer de si e do que através das suas especialidades êles vêem na republica das letras.

Só assim se conseguirá esclarecer o assunto.

O snr. Julio Brandão, que é um literato por demais conhecido no nosso meio, foi justamente chamado a depôr neste inquérito.

A interessante carta que nos enviou põe-nos diante dos olhos mais uma nova face do prisma que todos andamos a espreitar amorosamente, desde o começo da publicação dêste inquérito. Eil-a:

Meu prezado colega:—Só hoje me é possivel

responder ao seu amavel convite, em globo, e muito atabalhoadamente. Perdôe-me!

Parece-me que a nossa literatura continúa a ser acentuadamente subjectiva e lírica; nós somos um povo de poetas, meu amigo, e de poetas amorosos. Somos capazes de todos os heroismos—tendo uma estrela a alumiar-nos.

Áparte certas alterações formais, na essência não vejo nada de novo, nas diversas manifestações literárias. Não observo correntes, que se não tivessem há muito observado.

A poesia moderna tem, na realidade, cultores notaveis; é variada e rica—precisamente porque cada um, dos bons, bebe pelo seu copo. Não vejo que se tenha criado nenhuma nova poesia; vejo poetas diferentes, cada um com o seu temperamento e a sua arte. E como a nossa poesia é lírica, os poetas sinceros, arrancando os seus poemas da sua mais profunda sensibilidade, teem de ser pessoais e portugueses...

E veja: os romancistas que melhor exprimiram o sentir português foram Julio Diniz e Camilo; e as novelas que teem alcançado exito são as que se entretecem de aventura apaixonada, ou que vibram de lirismo, de elegia, de piedade.

O nosso mais notavel novelista moderno é, para mim, D. João de Castro; creio até que será o nosso único *novelista* actual; os outros, e alguns de talento, são *romancistas.*

A diferença, para mim, de novela e romance é

a que existe entre os processos de Camilo e de Eça de Queiroz, para não sair de Portugal.

Quer dizer de teatro? Parece-me evidentemente em decadência. Guerra Junqueiro, quando frizou a diferença entre o povo espanhol, intensamente dramático, e o português, vascularmente elegíaco, indicou naturalmente a razão porque o nosso teatro tem apenas lampejos efémeros. A última revivescência foi-lhe dada, triunfalmente, por Henrique Lopes de Mendonça. *O Duque de Vizeu* marca época no teatro português.

Além deste escritor insigne, e não falando nos deliciosos idílios de D. João da Camara, tão nossos, Julio Dantas, Marcelino Mesquita e Afonso Lopes Vieira hão de continuar a enriquecer a nossa literatura dramática.

...Mas, afinal, quando serão proíbidos os cinematógrafos?

Deixei de propósito para último lugar o caso do renascimento literário entre nós—e quem o representa. Era o ponto búrlesco.

É certo que existe uma taboleta «Renascença», com uma revista pendurada; mas tudo isso me parece uma patuscada de *vaudeville*. Não quer isto dizer que não colaborem nêsse grupo homens de real talento; mas que fazem êles renascer? Não, a Renascença é uma filarmónica, ou melhor, uma cooperativa em que o sócio gerente, o impagavel Pascoais, entrelaça na fronte de Aria e de Semita os loiros do maior génio europeu contemporâneo. Êle afir-

ma-o, e a rapaziada mais nova acredita-o sob a palavra de honra de Pascoais.

Um movimento dirigido por êle — «para orientar as classes mais cultas» — é uma coisa imprevista de audacia e de estupidez. As classes mais cultas! O snr. Pascoais é uma bexiga de porco, a rebentar de vaidade, — e afectando modestia, bondade, ternura ariana. Na essência é um tartufo. É um Budasinho que usasse navalha de ponta e mola. De uma ignorância e de uma abundância poética aflitiva. É ver as baboseiras que escreve, em prosa de colegial; é ver as suas notas de crítica — em que, nas entrelinhas pelo menos, êle é sempre o Supremo Génio, o mais profundo filósofo contemporâneo.

Os versos dêste ária misturado de semita são de uma arte pobrissima, sem o menor equilíbrio estético — aqui e ali com trechos líricos felizes, mas que êle embrulha em longas tiradas do Rosalino Candido. E sempre o mesmo Saudosismo — que não é o de Garrett, porque Garrett é um asno, mas é o da Raça, do ária e do semita, que deu a Virgem Maria e Vénus, o cristianismo e o paganismo. O que êle sabe de raças! Faz vertigens!

Além disso, Pascoais, de vez em quando, diz ao orbe estupefacto o que se salvará no oceano das idades, das letras portuguesas. Quer saber? São dois sonetos de Antero; o episodio do Adamastor; uma das cartas de Soror Mariana; a oração á Luz, de Junqueiro, e pouco mais, áparte a obra dêle,

Pascoais, que o digno homem está a refundir em Amarante, para lhe arrancar tudo que não seja dos árias ou dos semitas, enfim, da raça portuguesa... Que lhe parece o pándego?!

Aquela Oração á Luz é, de resto, uma generosidade do *ária*. É claro que Pascoais, desde os tempos do franquismo, que tão ardentemente amou, não simpatisa com o grande Poeta; mas, desde que Pascoais apareceu republicano... histórico, quiz ser *mãos largas* com o autor da *Patria*: aplaude-lhe a *Oração á Luz*: corre a salvá-la!

Mas porque é que os *Simples* se não podem integrar nos *árias?* Não, não! Pascoais não permite. Mas porque é que João de Deus é sempre mal tratado, o divino poeta, nas baboseiras vergonhosas que bolsa o snr. Pascoais? Mas porque é que poetas novos do talento de Manuel da Silva Gaio, de Eugenio de Castro, de João de Barros, de Augusto Gil, de Guedes Teixeira, não falando em mim, é claro, que sou réprobo, em muitos outros anteriores, e em vários rapazes que se teem revelado brilhantemente, não podem ser descendentes dos Arias e dos Semitas? É que o snr. Pascoais não gosta que lhe chamem mistificador; não lhe convém que, assim como gritaram ao velho rei no conto de Andersen, «que êle ia nú», que digam tambem, entre um côro de aplausos ingénuos ou inconscientes, que o snr. Pascoais é um subalterno a armar ao efeito, — ou um caso de manicómio. Não quer que lhe rebentem a bexiga de porco.

Terminando: a Renascença não existe; existe a *Aguia*. É claro que serão sempre belas as coisas belas que lá forem escritas — que servem para amparar no seu trono de papelão, por pouco tempo, o pateta de revista de ano que a dirige.

E sabem quem são, entre outros, os criadores da Renascença? Os snrs. Carlos de Oliveira, Augusto Santa Rita, Afonso Mota Guedes.

João de Deus e Garrett nada representam na raça. Representam aqueles!

Bom, já escrevemos de mais — e convém esperar um pouco, visto que o homem está a rever a sua Obra — a maior da Europa.

Porque aquilo de chamar a Junqueiro e a Gomes Leal poetas europeus, leva agua no bico. . . Seria até um caso de psicologia que eu desfiaria agora, e que seria divertidissimo.

Mas já tenho abusado, não é verdade? — *Julio Brandão.*

O snr. Visconde de Vila Moura

diz dever-se á nova geração de artistas um movimento consciente, rico de impressões novas

Mais um novo chamado a falar sobre o actual momento literário.

O snr. Visconde de Vila Moura foi um dos nomes que bastas vezes os velhos *nos indicaram como revelador de um talento pouco vulgar e que não deviamos esquecer para o nosso inquérito.*

Eis a resposta que o snr. Vila Moura deu aos quesitos que lhe enviámos:

Os preconceitos literários da velha e da actual Literatura

Persistem entre nós, contra as novas correntes, os preconceitos que dividiram a familia intelectual do seculo XIX. Êstes prejuizos são: — a guerra ao personalismo, o espirito de seita, a preocupação de uma Arte social e exacta e outros preconceitos que prendem á reacção *positivista.*

Naquele seculo há a considerar as grandes figuras, as que se libertaram pelo temperamento dos

compromissos das escolas (Garrett, Herculano, Camilo, Oliveira Martins, Fialho, João de Deus, Antero, Nobre e Junqueiro) e os outros, os menores, — os que se remeteram aos interesses das respectivas confrarias, explorando a idéa anónima, e sem espírito de creação, viveram a glosar, a repetir...

Resultado da faina dêstes ultimos: A sciência de então foi servida por bonzos: a Arte deu no *realismo*—uma estética de régua e compasso, fotografia e cópias; e com o pretexto romântico—uma casuistica de ingenuidades, lamurias, freiras e tuberculosos, episódios de filosofia amena, histórias de casamentos contrariados.

Ao presente vingam ainda os velhos erros com leves variantes. Os que restam dos antigos formigueiros letrados pretendem salvar o trabalho inutil agarrando-se ás velhas pranchas—*positivismo*, *realismo*, *romantismo*, *arte social*, *nacionalismo*, *regionalismo*, e dezenas de lugares comuns que a sua insuficiência pinta a vermelhão para que o vulgo os leia. É claro que o menor numero, o publico consciente, sabe o que valem aqueles estalões de mérito; que as grandes figuras hão de sobreviver ás nacionalidades que não souberam defender-se; que as Letras não cabem nas seitas; que o *cosmopolitismo*, longe de ser um erro, deve tornar-se um fim, que os grandes temperamentos pouco teem com os Linneus das letras, e de pouco valem aqueles marcos a não ser como ilustração geográfica da inferioridade de quem os usa.

A nossa maneira de entender a Arte

Na sua concepção liberta a Arte compreende toda a Beleza. Não tem moral alguma especial. Quando os passados diziam que «as suas idéas se confundiam com as suas paixões»—queriam dizer que só exteriorizavam as idéas por que se apaixonavam. É o caso de Prudhon, que se generalizou aos artistas do passado. Os velhos artistas religiosos podiam ter dito—a nossa arte é a Fé. Os chamados decadentes de outras eras podiam ter confessado :—a nossa Arte é uma auto-análise, a exteriorização do que somos.

Presentemente o artista não usa a Arte como um espelho; reflecte um mundo que tanto pode ser intimo como estranho, realiza o polipersonalismo—parte da idéa de que o mundo real é na sua expressão comum inverosimil em Arte, edita a imaginação, vive na Arte o estranho, o genio das coisas estranha na Arte a vida comum, faz do temperamento o fio-mestre da vida impressiva.

Os escritores portugueses—Há entre nós grandes artistas

Assim considerada a Arte, resta vêr se há ou não entre nós figuras de destaque. É cedo para vêr da sua influência no meio em que trabalham.

O futuro tratará do caso sempre secundário. O que importa é saber se na concorrência geral das grandes obras de beleza há obra apresentavel.

Entendo que há. Há realizações de Arte em Portugal, sobretudo em poesia, que têm bem o direito de integrar-se na obra de comoção eterna que vive no tempo a Arte pura. Deve-se á nova geração de Artistas, especialmente aos poetas, um movimento bem consciente e intenso, rico de expressões novas, em que o elemento étnico não figura já como um pretexto de Arte mas sugere e premeia a Arte.

Jámais uma época sentiu como a de hoje o génio das coisas. Em Portugal a sua revelação deve-se aos poetas, que podem dizer-se os primeiros artistas que souberam integrar-se no grande movimento de Beleza-livre, que por toda a parte interessa e autoriza a vida *idealista*.

Causas de erro na Renascença literária portuguesa

Entretanto, vigoram ainda, como vimos, velhos preconceitos. Ao movimento poético e em geral artístico do momento não corresponde esforço paralelo nem por parte das academias, nem das escolas, nem dos apelidados criticos, nem do público.

Os chamados scientistas foram autorizados pelas ultimas leis de instrução a ir lá fóra especializar-se para aprenderem a ensinar, e bem assim convidados a redigir revistas—orgãos das Universidades—que do mesmo passo fossem elementos de ensino e a prova real de que os seus méritos não pertencem ao segredo das escolas.

Não sei que se tenha usado da primeira faculdade—a de frequentar por conta do Estado as grandes escolas estrangeiras; quanto ás Revistas, a Universidade de Coimbra publicou... um numero!

Existe uma publicação—*A Aguia*, orgão da Renascença Portuguesa. É uma revista de artistas com uma feição restrita, mas de singular valor pelos poetas que tem revelado.

Devido ao esforço dos artistas que a criaram, sem favor do grande publico que a não sabe lêr,—vive ao menos como um bom exemplo.

É mais uma tentativa de valor a que mais tarde se fará justiça, quando tiver de vêr-se a série das poucas empresas literárias que a audacia inteligente criou de há poucos anos para cá. É uma Revista de novos que, entretanto, tem publicado inéditos de Herculano, Camilo, Oliveira Martins e Nobre, trabalhos de artistas notaveis, escritos de Bazilio Teles, Coelho Neto, Malheiro Dias, etc. Isto afóra versos dos primeiros poetas portugueses da geração nova. É claro que há ali colaboração muito inferior em prosa e verso, o que sempre sucede nas revistas e mórmente naquelas que vivem na indiferença de um público inferior, sem pagarem artigos, e do mero esforço e fé de um grupo reduzido.

Tambem foi um caso de audácia a *Portugalia*, e igualmente o é a *Revista Lusitana*, mais conhecida dos estrangeiros que dos nacionais—onde José

Leite de Vasconcelos, com o concurso dos *raros*— debate etnografia, arqueologia, filologia e história sem outro estimulo que não seja a sua fé nas sciências que serve.

Contrariamente as Universidades, com o favor do Estado e a obrigação de dizerem da sua sciência e trabalho, nem sequer publicam as Revistas que as leis lhes impõem. Os professores, em logar de cumprirem o que lhes é expresso nas leis e deixa de ser um dever para se tornar uma obrigação, vêem talvez de mau senho os citados exemplos.

E restar-lhes-á porventura tempo para maldizer o pouco que um estimulo superior criou e superintende. É isto mais facil que dizer da sua sciência nas revistas.

A Critica vive em geral o interesse mesquinho da facção, perdendo-se nas horas *vagas de interesse* nas enxertias da citação, sem arriscar um pensamento filosofico que a norteie.

O Romance é quasi sempre acanhado de intenção e urdidura. Pois que pretende reflectir um pensamento que mereça a simpatia do grande público, é inferior como o grande público. Edita cidades e figuras de cartão. Vive em regra a sensibilidade vulgar dos leitores.

Finalmente, o Teatro ou é um desdobramento da eloquência facil dos demais tablados, ou uma exploração de saracoteio, vida equivoca e intriga, mexida entre farrapos!

O preceito de Gallifet, já citado, de que a vida comum é inverosimil no Teatro, é desconhecido pelos autores portugueses.

O Teatro é, pois, entre nós inferior, como o público que afinal o atende e aplaude.— *Vila Moura.*

O snr. Malheiro Dias

diz que a pobreza da nossa literatura deriva da impossibilidade em que se encontra o homem de letras de viver para a sua arte e da sua arte

É bem conhecido de todos o nome do snr. Carlos Malheiro Dias, para que nos seja necessário apresentá-lo aos nossos leitores.

A sua resposta ao nosso inquérito visa, sobretudo, a situação do escritor português, que é—concordamos—bem pouco invejavel.

Dela se deduzem conclusões largamente elucidativas do nosso momento literário.

O snr. Malheiro Dias enviou-nos a seguinte carta:

—Não quero eu vêr-me abrangido pela sua acusação entre os escritores portugueses que, sob vários pretextos, se recusaram a contribuir para o esclarecimento dos diversos quesitos compreendidos no seu inquérito. Motivos de diversa ordem, entre os quais não entram o receio de pôr em estado de guerra a nossa conflituosa República das Letras e de inspirar malquerenças contra mim, não me per-

mitem dar a resposta reflectida que o seu questionário exigiria. Mas parece-me que suprirei em parte a falta com as poucas e superficiais considerações do meu depoimento desvalioso. Dêste modo me considerarei menos culpado de haver contribuido com o meu silencio, se bem que em percentagem insignificante, para o resultado negativo da sua iniciativa.

O retraímento nas respostas ao seu inquérito compreende-se. As diversas proposições que o constituem parecem subentender a distribuição de um papel social importante aos homens de letras portugueses. Estes, porém, não o usufruem. Uma profissão económicamente inviavel não póde corresponder senão a um valor social precário. O homem de letras acha-se reduzido a ser, hoje, em Portugal, uma de três coisas: um proletário, um parasita, ou um *dilettante*. Fóra do jornalismo, os homens da pena, dignos de referencia, ou não vivem dela, como dela não viveram Eça e Fialho, como dela não vivem Teixeira Gomes, Antero de Figueiredo e Abel Botelho, ou se com ela e só com ela pretendem viver acham-se condenados a uma existência de atribulações comovedoras.

Um periodo houve em que os homens de letras adquiriram uma evidência social transitória. Êsse periodo coincidiu com o advento do Liberalismo. No país empobrecido, improgressivo e inculto da terceira década do seculo XIX, a ideia liberal era um monopólio de juristas e letrados. A política do

liberalismo, confinada a uma *élite* intelectual, elevou os homens de letras. Só porque êles eram escritores? Hum! Ninguem acredite nisso. Apenas porque êles haviam posto as suas penas ao serviço da causa política. Garrett, Herculano e todos os outros deveram a sua aura *social* muito menos ao mérito da sua gloriosa obra literária do que á situação que a política lhes criára e que singularmente lhes viera facilitar a imposição subsequente do seu prestigio mental.

Beneficiou-os ainda o aparecimento de uma sociedade que fez do amor das artes, do cultivo da inteligência e do espirito, um como que distintivo de nobresa.

Os homens de letras estiveram, durante 20 anos, em moda. Hoje, nada disso acontece. A aristocracia, que ainda agazalhou nas suas salas as principais figuras mentais da penultima geração de homens de letras, perdeu as próprias aparências de influência social que ainda a adornavam.

Um escritor vivendo da sua pena, altivamente, absorvido na sua tarefa de artista, isolado de quaisquer subserviências burocraticas ou políticas, onde se encontra? A *profissão* de homem de letras não existe entre nós. Quer isto significar que escritores não existam dignos de fundar e honrar essa profissão? Não. Seria injustiça ingrata o admiti-lo. Para exemplo bastará indicar êsse artista admiravel, homem de letras até á medula, que sucessivamente ou simultaneamente tem sido médico militar, profes-

sor do Conservatório, comissário do govêrno junto ao teatro Nacional e inspector das Bibliotecas—e se chama Julio Dantas. É necessario que se seja fundamentalmente um escritôr para, resistindo á solicitação absorvente de tais tarefas, que sempre desempenhou com dedicação inexcedivel, ter podido nos intervalos em que elas o deixavam em liberdade produzir uma obra consideravel como a sua.

Já não é pouco o conseguir-se que êsses funcionários do Estado, que são na sua quase totalidade os nossos homens de letras, satisfaçam o luxo superfluo de uma literatura que não poderia sobreviver sem as suas desinteressadas dedicações. Pedir-lhes ainda que sejam mentores e directores da opinião, que exerçam com altiva independência um sacerdócio para que lhes faltam fieis, e mantenham a dignidade da casta literária á altura em que os artistas opulentos e adulados da França e da Inglaterra a elevaram, é exigir muito.

Um dos motivos capitais que impedem a literatura nacional de corresponder em *obra produzida* ao que devia esperar-se da *qualidade mental* de muitos dos seus cultores, reside na impossibilidade em que se encontra o homem de letras de viver para a sua arte e da sua arte.

Um grande escritor não se faz nas secretarias, com os residuos cerebrais que lhes deixam as ocupações de que se alimenta. Percorra-se de memoria o indice dos maiores vultos da literatura nacional. Com excepção de poucos, entre os quais Camilo e

Pinheiro Chagas, só obtiveram produzir obras de mérito absoluto aqueles, de entre os nossos escritores, a quem o Estado estipendiou, preservando-os da luta esterilisante contra a miséria, ou aqueles que souberam criar meios de subsistência para custear êsse dispendioso luxo de *fazer arte escrita* num país analfabeto. Como em todas as profissões, certamente a literatura comporta um periodo de luta, uma aprendizagem e um tirocinio. Mas não menos certo é que, em Portugal, o homem de letras chega á gloria — os poucos que lá chegam! — na mesma miséria em que partiu da obscuridade.

Um inquérito á *vida literária?* Mas se não há vida literária... Não se tome a nuvem por Juno. O que existe, entre nós, são actividades literárias isoladas. O interessante, o util, seria começar por fazer-se um inquérito ás condições económicas em que existe o nosso escritor, estabelecendo para isso três categorias ou classes: A do que vive exclusivamente do produto da sua pena; a do que vive subvencionado pelo Estado; a do que vive de recursos próprios ou adquiridos em outra ocupação que não seja a literária. Verá a que confrangedores resultados chega!

Se eu acredito numa renascença literária? É conforme. Acredito numa renascença precária, restrita ao fenómeno periódico de uma renovação do nosso pequeno *elenco* literário. Mas, como as restantes *renascenças* literárias, essa que a sua esperança entrevê acha-se condenada a viver a mesma vida de

privações que comprometeu o pujante desenvolvimento das gerações anteriores. Há motivos para crêr que os literatos nascidos nesta era de convulsão constituam uma falange comparavel á do romantismo, que se agrupou em volta da trindade fulgurante de Herculano, Garrett e Castilho, ou digna de equiparar-se á sua imediata sucessora, a que serviu de traço de união o genio de Camilo, e que trouxe ás letras portuguesas Junqueiro, Antero, Eça, Ramalho, Oliveira Martins, Bruno, Julio Diniz, Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Antonio Enes, Gomes Leal, João de Deus, Arnaldo Gama, Silva Gaio, outros ainda?

Não acredito, embora creia na prolongação do talento literário da latinidade, de que somos coherdeiros. A geração actual despertou a meio de uma Revolução e a esterilidade literária das revoluções é conhecida. Mas por isso mesmo que prevejo o cruel desastre de tantas generosas esperanças, o aniquilamento de tantas e nobres ambições, me comove assistir aos seus *programas de ilusão.*

Quem pensa nestas horas dubias em salvar do aniquilamento e da miseria a geração literária que desperta? Só se ouve clamar por armas e por pão. A que veem os poetas e os romancistas? Quem lhes pede odes e novelas? Pois não denunciava o *Seculo*, há poucos meses, o perigo do homem de letras, como sendo uma das causas da desgraça nacional? Leiam os escritores essa sentença; e não a reputem em absoluto iniqua, porque — embora

não fosse a intenção do homem utilitário que redigiu essa impiedosa denuncia o desmascarar a inviabilidade da profissão literária em Portugal, de facto, essa pseudo-invasão da literatura na política outra coisa não revela mais do que a triste necessidade em que se encontram os plumitivos de recorrer, para viverem, a profissões que deviam ser-lhes vedadas, por incompativeis com as suas vocações...

Se á margem do seu inquérito entender que não destoam demasiado estas sombrias palavras, póde v. publicá-las — *Carlos Malheiro Dias.*

Era exactamente êste o tom em que esperavamos ouvir falar os nossos intelectuais. Poucos o têm feito até aqui.

Mas nós não temos culpa dos desmandos de quem tinha obrigação de nos dar exemplos e não deu.

Doutra vez será, talvez...

II

As réplicas

II

AS RÉPLICAS

Como era de esperar, as afirmações feitas nêste inquérito produziram um enorme interesse, não só entre a gente propriamente intelectual, como ainda entre aquela que simplesmente gosta de ser espectadora das grandes lutas do pensamento.

Êsse interesse, todavia, transforma-se, dia a dia, numa benéfica reação, que terá como consequencia, igualmente benéfica, o conflito de opiniões dos nossos intelectuais. Foi no intuito de que alguma coisa util saisse, não só para as actuais gerações, como ainda para as gerações futuras, que respondemos afirmativamente poder toda a gente contraditar as opiniões expostas.

Teem a palavra os snrs. Raul Proença e dr. Antero de Figueiredo, para responderem ao snr. dr. Julio de Matos.

É na luta das idéas que se conhecem os grandes cérebros.

O snr. dr. Julio de Matos, que é um sabio psiquiatra, sendo além disso reitor da Univesidade de Lisboa e indigitado ministro da instrução publica, estamos certos de que com a mesma independência e desassombro como as fez, saberá manter as suas afirmações e zelar os seus antigos e excelentes créditos.

O snr. Raul Proença

analisa as declarações do snr. dr. Julio de Matos

Snr. Boavida Portugal.—Li na *República* de há dias a resposta que o snr. dr. Julio de Matos dirigiu ao inquérito pelo seu jornal iniciado sobre a vida literária portuguesa.

Comecei por discordar, não digo já da consulta, mas do lugar de honra que foi conferido ao ilustre médico, quando havia homens de letras, e pessoas portanto muito mais competentes no assunto, a ouvir em primeiro lugar. A leitura dêsse famoso depoimento veio confirmar-me na minha discordância: a resposta do snr. dr. Julio de Matos não só revela a maior ignorância da matéria a discutir como tambem põe em triste evidência a maneira como êle entende a missão de critico. Parece que o que a *República* quís fazer, foi, não um inquérito á literatura nacional, mas á critica nacional. Se tal foi o seu intento, desde já lhe dou aqui os parabens, porque teve logo no primeiro testemunho um exito fóra de toda a previsão. O critico português, mesmo inteligente como o snr. dr. Julio de Matos, é infelizmente essa coisa triste.

O autor destas linhas fez parte da Renascença Portuguesa, foi mesmo um dos seus fundadores; e

como os intuitos dela teem sido deturpados, acho conveniente revelar ao público quais foram as idéas que logo após a República fizeram reunir alguns homens novos, muitos dos quais dos mais distintos nas nossas letras, para iniciarem um movimento de educação nacional.

Para esse fim, reproduzo o trecho de um manifesto que fui encarregado de elaborar e que, tendo sido aprovado por todos, consubstancia bem o pensar dos fundadores da Renascença:

Eis o que é preciso evitar a todo o custo. Urge concentrar num *blóco* de renascença nacional tudo o que há aí de esparso—todas as boas vontades que teem esbarrado com a indiferença, todas as iniciativas que teem malogrado por falta de uma acção comum e persistente, todas as inteligências que se esterilizam no isolamento. Blóco, sim, mas norteado apenas pelo amor da colectividade, estranho a todas as facções politicas, religiosas e filosóficas, e a todas as *coteries* literárias e artisticas; e tão largo que nêle caibam as tendências mais variadas, contanto que *uteis*, e os espiritos mais diversos, contanto que *dedicados*.

. . . .

Se todos nós, esquecendo divergências de detalhe, divergências verbais a que o português costuma ligar uma importancia absoluta, coisas mesmo essenciais sob outros pontos de vista, nos ligassemos como um só homem para a resolução dos problemas nacionais, com certeza que ainda alguma coisa poderiamos conseguir. É esta a nossa esperança: a solidariedade bem entendida.

. . . .

Que fazer pois? Que males concretos devemos combater, e que remedio urge opôr-lhes?

Os males são conhecidos, e não nos compete, nem queremos, aqui estabelecer uma *etiologia* completa da nossa doença colectiva, bastando indicar-lhe os principais sintomas, ligados a uma causa genérica, que não pretendemos no entanto ser unica.

A sociedade portuguesa, depois de três seculos de educação jesuitica, depois de um verdadeiro ensino de *esquecimento*, olvidou todas as energias vivas, todas as forças intimas que a tinham posto outróra a par da civilização mundial. A nossa educação moderna, mesmo a actual, apesar de todas as aparências, não tem feito mais que prolongar por impulso adquirido o movimento da Contra Reforma, pensando muito a sério colaborar com a civilização moderna; chegando-se a este paradoxo cruel e original: ser um perigo difundir a instrução, se a instrução é o que fazem os nossos liceus e as nossas escolas superiores, onde ainda sobreleva a letra ao espirito, as palavras ás ideias, as abstrações teóricas ás realidades praticas, e onde se troca a ignorância pela imbecilidade adornada e pedante. Achamo-nos assim num mundo novo, como estremunhados num banquete. Damos a impressão de quem esteve num sono hipnótico de seculos, e que de repente acorda entre vivos.

O nosso espirito, a nossa maneira de encarar os problemas, o nosso modo de os resolver, as ideias fundamentais que formamos da vida e do mundo, tudo isso que é o que importa numa sociedade, porque é o que nela ha de garantias para uma sociedade melhor, são coisas anacronicas, sem relação nenhuma com o meio europeu, em que nos integramos fisicamente. É como se fossemos uma pústula no seio da Europa, onde circula ininterruptamente um sangue sempre novo e sempre vivificante. Como estremunhados, pensamos ideias que não são *para* o nosso tempo, continuamos num sonho distante, estranhos á actividade, estranhos ao pensamento moderno. De vez em quando um golpe de vento mais forte sopra

de além Pireneus e açoita-nos as faces; é o scientismo, é o positivismo, é o evolucionismo, é o determinismo.

. . . .

E é vêr então, como todos êsses principios que lá fóra inspiraram sucessivamente ideias de progresso, de creação e de conquista, e que tiveram por principal mérito serem *fecundos*, aqui se tornam prejudiciais, e se constituem em estorvos e em preconceitos. O amor da Sciencia só nos serviu para crêrmos que ela provou que muita coisa se não pode fazer; o positivismo, para defendermos os dogmas parados; o evolucionismo, para nos ensinar que tudo se faz muito devagar e que é bom portanto não nos mexermos muito depressa; o determinismo, para nos ensinar que tudo é obra de leis imanentes e que não vale mesmo a pena mexermo-nos absolutamente nada.

As ideias que lá fóra foram no seu momento *progressivas* tornaram-se, pois, aqui *inibitorias*, como afagos para a nossa passividade inata o para o nosso fatalismo hereditario. E o mal é tão grande que até na linguagem, esse banal instrumento de uma época, nós estamos fóra do nosso tempo: falamos uma linguagem politica e social que ninguem já entende, e que faria rir ás gargalhadas o operario menos culto da França ou da Inglaterra. Daqui, a nossa incapacidade para resolvermos os problemas *novos* que se levantam no nosso caminho, porque não se resolvem problemas *novos* com uma mentalidade *antiga*.

O remedio indica-o claramente o mal. Que fazer então? Pôr a sociedade portuguesa em contacto com o mundo moderno, fazê-la interessar pelo que interessa os homens lá de fóra, dar-lhe o espirito actual, a cultura actual, sem perder nunca de vista, já se sabe, o ponto de vista nacional e as condições, os recursos e os *fins* nacionais. Temos de aplicar a nós mesmos, por nossa conta êsse espirito do nosso tempo, de que temos estado tão abso-

lutamente alheados. Os problemas são variadissimos: educativos, economicos, morais, literários, artisticos, financeiros, militares, coloniais. A escola, o livro, a revista, o panfleto, o manifesto, a conferência, a exposição, o inquérito, a viagem de informação e de estudo— tais são os meios que temos ao nosso alcance. Por êles diligenciaremos crear em Portugal estas duas coisas absolutamente novas: uma *élite* consciente, uma *opinião pública* esclarecida.

Tais eram os intentos da Renascença Portuguesa.

Cumpriu ela o seu programa? A revista *Aguia*, que foi a sua primeira realização, tem dado aos seus artigos o tom ferido pelas palavras que acabamos de transcrever?

É dever de lealdade confessar que não. Mas isto tem uma explicação facil. A Renascença tinha dois grandes núcleos: um, ao norte, entusiasta, febril, ébrio de dedicação e de audacia; outro, ao sul, pessimista, descrente, sem iniciativa e sem ímpeto. O primeiro era constituido por *poetas*, e portanto por criaturas de emoção; o segundo era formado por espiritos mais intelectivos, por medicos, por militares, por professores, por jornalistas.

O que se passou? O que era facil de presumir: no fim de alguns numeros—muito poucos—o que veio a predominar na *Aguia* não foi o lado intelectual da Renascença, mas a sua falange emotiva, mística, amorosa de sonho e de misterio. Por culpa dos elementos do sul, a Poesia tinha tomado posse da *Aguia*, da primeira pagina até á ultima; por

culpa dos elementos do sul, a Renascença Portuguesa falhára completamente na sua missão.

O «saudosismo» a que se refere o snr. dr. Julio de Matos foi assim um elemento *sur-ajouté* e de modo algum orgânico e primitivo da Renascença Portuguesa.

Manda porém a inteira justiça que se diga que nêsse «desvio» da orientação de uma sociedade não cabem só graves responsabilidades á inércia culposa dos meridionais; o snr. dr. Teixeira de Pascoais, logo no 1.º numero, por um evidente equivoco (que do mais é incapaz a sua belissima alma, cheia de tão profunda emoção e de tão humana simpatia) acentuava já êsse desvio nestas palavras do editorial: «É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; nela ressurgiremos, porque ela é a própria Raça original e criadora».

Isto era a antítese do espirito que animava os elementos do sul; poderiam êstes ter feito entrar o movimento na trajectória que lhe competia; a sua inércia porém era absoluta; por isso, dentro em pouco, a Renascença ficou limitada aos seus elementos « saudosistas » e o tom predominante na revista foi o tom « saudosista ».

O autor destas linhas, e alguns outros do sul, muito poucos, que tinham querido actuar, desligaram-se então completamente da Renascença, ainda que continuando a auxiliar a sustentação da Revista, que tem publicado, dentro do seu espirito, coisas realmente interessantes.

Quem portanto melhor do que os elementos dissidentes da Renascença está de acordo com o snr. Julio de Matos? S. ex.ª tem plena razão, quando diz, que a Saudade é um sentimento depressivo, incapaz de revigorar uma raça. Tem razão, porque é facil ter razão contra a poesia e o sonho místico. Mas no que nós divergimos, no que pelo menos eu divirjo, e muito me honro com essa divergência, é na maneira de apreciar êsses rapazes, alguns dos quais são os talentos mais reveladores, almas as mais nobres, os espiritos mais generosos do Portugal contemporáneo. De homens como Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, Jaime Cortezão, Leonardo Coimbra, Mario Beirão, Augusto Casimiro, Lopes Vieira, não se diz: «Tudo isso é muito ordinário». O que é muito ordinário é não saber distinguir entre as discordâncias doutrinárias e as apreciações a fazer dos escritores.

O que é muito ordinário, excessivamente ordinário, é cobrir-se uma pessoa com os seus diplomas de habil psiquiatra e a sua autoridade respeitada para vir lançar desprezivelmente a nota do desprezo sobre criaturas de alto valor, de nobre senso moral, crédoras da nossa admiração e do nosso respeito.

Começa s. ex.ª por dizer que várias circunstâncias o teem posto á margem das questões literárias. E imediatamente confessa, com todo o desassombro, que «a nossa literatura, como todas as manifestações da vida nacional *presente,* atravessa uma *fase*

de assustadora desorientação». Ora para darmos crédito á primeira afirmação de s. ex.ª, só achamos no nosso espirito a hipótese de que tenha feito a segunda por palpite. Como processo scientifico é perfeito.

Só essa ignorância préviamente confessada, para logo ser esquecida, o poderia levar a afirmar que vivemos a imitar a literatura francesa — o que seria bôa doutrina aplicada a uns *rapazes* de 70 e tantos, que fundaram uma revista chamada o *Positivismo*, um dos mil templos em que então na Europa se adorava Comte de mãos postas. Há de fazer-se talvez um dia a historia do que foi o positivismo em Portugal, e então vêr-se-á que êle foi, em charlatanismo e em filaucia, em dogmatismo asinino e em incompreensão estupenda, mil vezes mais degradante do que todos os «saudosismos» imaginaveis. Aplicado á geração actual o conceito é uma heresia pura. Muito ao contrário do que afirma o ilustre reitor da Universidade de Lisboa, o vicio da moderna geração literária está em querer ser demasiadamente lusista — e em ostentar realmente qualidades e caracteres que são exactamente o contrário dos atributos gauleses.

Mas com que direito então o psiquiatra ilustre vem assim investir contra os poetas actuais?

É a sua competência literária que lhe dá êsse direito?

Querem um especimen do seu gosto literário? Vejam: o snr. Julio de Matos prefere a rètorica

imitativa da *Morte de D. João* (bela em muitos pontos, não há dúvida) á poesia profundamente lirica e criadora dos *Castanheiros.*

Querem um especimen de precisão de vocabulario? Nos *Simples*, diz s. ex.ª, Junqueiro tornou-se contemplativo, asceta. Asceta, é optima. Que noção terá hoje a psiquiatria do ascetismo literário? Junqueiro asceta nos *Simples!* tudo isso é afinal muito ordinário.

Querem um especimen de psicologia introspectiva? Ei-la aqui: *A saudade é recordação de uma pessoa querida que nos faltou.* Pois quê! é-se psiquiatra, é-se considerado como uma autoridade no departamento da psicologia, vive-se na presença de um povo que tem na saudade o seu sentimento mais individual, e define-se saudade — a recordação de uma pessoa querida que nos faltou? É como se definissemos benzina uma coisa que serve para tirar nódoas!

Mas quem discorre e argumenta assim, muito embora seja uma autoridade em medicina, é incapaz de criticar a prosa do seu merceeiro, quanto mais a poesia de Pascoais!

E apesar de toda essa atitude olimpica, o snr. Julio de Matos conhece tanto o que discute que, revoltando-se contra o movimento «saudosista» e contra o idealismo místico que está sendo a caracteristica do movimento literário em Portugal, diz apreciar exactamente um dos que mais pura e ortodoxamente representam essa tendência, um dos

poetas mais exageradamente misticos da Renascença Portuguesa — Correia de Oliveira. Como é que o que lhe desagrada nuns lhe agrada noutro? Ia jurar que, ao citar o nome do autor das *Tentações de S. Frei Gil*, o snr. Matos deixou de ser o sabio que só afirma o que compreende, para ser o filisteu que cita os autores cujo retrato lhe traz mais vezes o seu jornal.

Ah! mas a critica do snr. Julio de Matos, no que me entristece e que é um sintoma grave, é que não é um facto isolado.

Em Portugal há efectivamente muita gente culta, ilustrada, inteligente, como o dr. Julio de Matos, mas que fala de *omni re scibili* com o dogmatismo e ênfase de quem tratou Aristóteles por tu.

Ora é preciso que de uma vez para sempre os nossos intelectuais considerem a critica uma coisa nobre em que o respeito pelo adversário e a tolerância pelas doutrinas contrárias é o primeiro dos deveres; é preciso que êles não considerem o titulo que possam ter á nossa admiração como uma carta branca para poderem conspurcar-se deliciosamente nas maiores injustiças e nos maiores destemperos de linguagem; pelo contrário, é preciso que êsse titulo constitua para êles um dever maior, uma obrigação mais iniludivel de se apresentarem sempre em público com o propósito firme de empregarem a mais escrupulosa probidade crítica.

Se há pessoas com quem se deva ser correcto é exactamente com os novos, que ora entram em

combate, e que mais não pedem senão que os compreendam.

Atacá-los *à outrance* é usar de uma coragem facil e exercer uma acção negativa. Trazer Jupiter em si — bem o sei — é uma coisa irritante, quando se vive entre pigmeus. Mas não se lhes pede que desçam do Olimpo; pede-se-lhes que não deturpem a verdade, que dêem aos novós o exemplo da imparcialidade crítica, da boa e generosa honestidade de consciência, da dignidade literária e da larguesa de espírito. Tudo o mais é ordinário, muito ordinário, excessivamente ordinário. — *Raul Proença, dissidente da* «Renascença».

Carta-aberta do snr. dr. Antero de Figueiredo

ao snr. dr. Julio de Matos

Exmo snr. dr. Julio de Matos: — Na resposta dada há dias a um redactor da «República», num inquérito aberto por êsse jornal á vida literária portuguesa, disse V. Ex.ª, entre opiniões controversas e afirmações menos certas, o seguinte a respeito da revista portuense — «A Aguia» — : *Tudo aquilo é muito ordinário.*

A frase é insólitamente estranha! *Ordinário* é palavra durissima, Exmo Senhor! Ordinário é peor que mau, porque burguês é peor que feio! E eu que colaborei na — «A Aguia» com dois artigos, coisa pouca mas limpinha nas maneiras, um intitulado — «Terrinhas de Portugal» (1.ª série n.º 6) e outro — «Mulheres do Camilo» (2.ª série n.º 8) não resisto a sair do meu sério, quero dizer da minha doce pacatez de pequeno homem de letras agradavelmente afastado de «coteries» literárias e de tudo o mais que lhes anda apegado, para vir convidar V. Ex.ª a me dizer, aqui, á boa paz, mas bem nítido, o que é que encontrou de *ordinário* nêsses meus pobres artigos, que, cuido

eu, pecarão por tudo menos pela canhestrice vilôa —pelo *ordinário* como V. Ex.ª rotula.

É provavel que outros colaboradores dessa revista, levantando a respeito dêles a aspera palavra que V. Ex.ª lhes dedicou, lhe façam igual pregunta, e as mais que o artigo provoca; eu limito-me, porém, a varrer a minha testada—a protestar contra o tal têrmo *ordinário* que (V. Ex.ª há de convir) não é nada polido, mesmo nada, ex.mo snr. dr. Julio de Matos.

Desculpe V. Ex.ª que eu o incomode uns minutos, obrigando-o a desperdiçar o seu precioso tempo sábio com as duas linhas da resposta solicitada; mas tambem V. Ex.ª forçou ás ondas altas da publicidade quem, como eu, só deseja viver nas ribeiras amaveis da quietação, distante, onde não chega o «vão rumor da gente», como dizia um poeta meu amigo!

Repetindo desculpas pela impertinência.—Sou com a maior consideração, de V. Ex.ª Cred.—*Antero de Figueiredo.*

O snr. dr. Julio de Matos

responde aos snrs. Raul Proença e dr. Antero de Figueiredo

Como prevíramos, as afirmações feitas pelo snr. dr. Julio de Matos, na resposta aos quesítos do inquérito, produziram grande sensação, não só no nosso meio verdadeiramente intelectual, como ainda em vária outra gente. E vimos aparecerem logo os snrs. Raul Proença e dr. Antero de Figueiredo replicando.

Firme nas suas convicções, eis que nos surge de novo o snr. dr. Julio de Matos respondendo áqueles, com a mesma serenidade antiga de quem diz sinceramente o que pensa.

Entrevistáramos o snr. dr. Julio de Matos aí por começos do mez de julho. Amavel como é, e sabedor como todos conhecem, não nos disse que ia «estudar o assunto», como qualquer pessoa que se dá ares de importância, nem que «escreveria uma resposta», para não ferir... ou para dizer bem de toda *essa gente,* como houve quem nos dissesse.

Cavaqueou comnosco e expoz, sem ressentimentos nem pretenções, a sua opinião pessoal sobre os vários quesitos que lhe apresentámos.

Passa-se depois um longo periodo e o snr. dr. Julio de Matos, que leva em Lisboa a afadigada vida de quem tem de endireitar coisas tortas de há muito tempo e ainda por ter de ir cuidar da saude numa estancia termal, esqueceu, muito naturalmente, a nossa visita. Publicámos o seu depoimento e tambem as réplicas a que deu causa e êle não deu por isso.

Telefonámos-lhe, agora, esclarecendo-o, e como tivesse recebido varias cartas a manifestarem pleno acordo com afirmações suas, já não lembradas, o snr. dr. Julio de Matos, que andava intrigado com as cartas, desejou conhecer os termos em que fôra contraditado publicamente.

Vindo ao nosso encontro, apresentámos-lhe os numeros já publicados do nosso inquérito, fazendo recair a sua atenção naquele onde se lê em grossos caractéres: Duas réplicas ao snr. dr. Julio de Matos.

Começou a lêr e, chegando ao fim do segundo periodo, diz-nos:

— Isto por ora é consigo.

Na verdade, o snr. Raul Proença preludiava uma discordância, não pela consulta, mas pelo lugar de honra que foi conferido ao ilustre médico, quando havia homens de letras, e pessoas portanto muito

mais competentes no assunto, a ouvir em primeiro lugar.

Já haviamos notado isto; mas esperavamos justamente esta ocasião para dizer que não são os lugares que fazem a honra, mas a honra é que faz os lugares. Assim, nós não démos a honra do primeiro lugar ao snr. dr. Julio de Matos: foi o ilustre professor que o honrou, fazendo ali o seu depoimento, que nós, como juiz do caso, não pedimos nem aceitamos conselho de ninguem para julgar competentissimo, nem isso estava em discussão.

Demais, toda a gente que conhece a vida jornalística sabe que nós não andamos a cuidar de quais sejam os lugares de honra ou de desonra. Honre cada um o seu, como souber e puder.

—E agora—diz-nos o snr. dr. Julio de Matos — vão por aqui fóra quasi duas colunas, para dizer que desconhecemos o primitivo programa da «Renascença».

«Nem é preciso conhecer».

E logo mais adiante nota:

—Ah! isto é fazer chicana com a palavra «ordinário»! Ora veja que nem entendem o que lêem! «Ordinário», como toda a gente vê, é o mesmo que «banal, vulgar, coisa que não diz nada de novo», que foi tudo que li em alguns numeros da *Aguia*.

«E sobre esta de vir lançar desprezivelmente a nota do desprezo sobre criaturas de alto valôr, de nobre senso moral, crédoras da nossa admiração

e do nosso respeito», direi simplesmente que não foi intenção minha desprezar ou faltar ao respeito fosse a quem fosse; ora sobre o alto valor e admiração é que não vi de quê. O que notei foi o desassombro com que uns individuos se juntaram para fazer uma renascença literária, como se juntam outros para fundar um banco ou uma sociedade por quotas.

«Quanto á lembrança do *Positivismo*, tem espirito se é para me chamar velho; porque, em 1870, devia eu estar a uns catorze anos do nascimento e não é muito crivel que eu já pudesse dirigir uma revista filosófica...

«O que eu desejo acentuar bem é o que se refere a Guerra Junqueiro, aliás facilmente depreendido da nossa primeira entrevista. *Os Simples*, como toda a obra do autor, são de uma admiravel factura, de formas inteiramente novas. Mas nós falámos sob um critério mais elevado, que é a orientação; e sobre isso é que não há atender a «pontos belos» mas só ao espirito que anima a obra.

«Sobre a Saudade, afinal, concordamos. Sómente pensaram que, conversando, eu estava a fazer uma definição. Demais, toda a gente sabe que nós podemos ter saudade não só de pessoas, mas de coisas e ainda de impressões, dos tempos da mocidade, por exemplo.

«E, afinal, quem é este snr. Raul Proença?» — pregunta-nos.

E tendo nós esclarecido, o snr. dr. Julio de Ma-

tos diz-nos sorrindo, ao mesmo tempo que contínúa a examinar o artigo do snr. Proença:

— Vê? isto não sabia eu: que dentro da propria «Renascença» já existem dissidentes. Até aqui só conhecia uma especie de progressistas com êste nome.

«Passando ao snr. dr. Antero de Figueiredo: êle mandou-me uns livros que agradeci, mas não sabia que tambem era da tal *Aguia*. Já vê que uma revista daquelas, onde a gente não vê um nome conhecido, nem qualquer coisa de novo, só os colaboradores poderão ler assiduamente. Eu não posso.

«Nos numeros que li, não vi, por acaso, o nome do snr. Antero de Figueiredo, que, em resumo, vem a dizer que a *Aguia* não é «ordinária» porque êle escreveu lá dois artigos.

«De resto, o que os magoou foi o tal «ordinário», mas não ha de quê. Eu, porque os não conheço, não podia ter empenho nenhum em lhes ser desagradavel.

«Se por isso se pudesse entender desonestidade, ainda se compreendia a magua; mas de outro modo não, a não ser que a gente seja obrigado a achar novo, fóra do vulgar, aquilo que é ordinario, banal, de todos os dias, que toda a gente sabe».

E o snr. dr. Julio de Matos, continuando a vêr outros depoimentos, nota com justiça:

— Vê? ha por aqui afirmações de importância capital para êles, como seja chamar-lhes sociedade

de elogio mutuo e muitas outras coisas e só lhes deu para embirrar com o «ordinario». Como são as coisas!

Em verdade, contra a «Renascença» e contra o seu orgão *A Aguia*, ha muita e varia acusação; mas estamos certos de que, ou o seu director, ou qualquer dos colaboradores ou mesmo pessoas que os apoiem e queiram defender, virão dizer ao país da justiça que lhes assiste. Está na logica das coisas!

Algumas defesas temos já em nosso poder e a estas e a todas que sejam serenas e cortezes daremos a publicidade que é bom que tenham.

Uma Réplica

Ao snr. dr. Adolfo Coelho

Agora é o colaborador d'«A Aguia», snr. Fernando Pessoa, que vem responder ao ilustre filólogo e lente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, snr. dr. Adolfo Coelho, que não crê no «super-Camões».

Envia-nos a seguinte carta:

Meu caro amigo — O convite geral feito na sua secção de inquérito literário, e aquele com que verbalmente honrou a obscuridade ou a juventude do meu nome, foram, como sabe, de principio aceites por mim para, no seu jornal, levantar a luva que inquiridos vários arremessaram á *Renascença Portuguesa.* Lançado, porém, que por mim fui no caminho da contra-argumentação, breve verifiquei que, tendo por dever meu responder a tudo quanto no seu inquérito se dissesse contra a *Renascença Portuguesa*, as dimensões escritas da resposta excederiam, e de muito, as dimensões de um artigo de jornal; ao passo que a nulidade do meu nome, por mais que o meu raciocínio lhe fosse capa para o público, impedia-me de, sequer, pensar em pedir-lhe a inserção de artigos sobre artigos, discutindo,

ponto por ponto, a como que argumentação dos adversários da nossa novissima poesia. Resolvi, por isso, guardar para folheto a resposta extensa e completa a quantos simulacros de objeções várias competências nominais houvessem deixado cair nas suas colunas. Preparo êsse folhêto, que a *Renascença Portuguesa* editará.

Nesta atitude me conservaria, se o Prof. Adolfo Coelho não tivesse feito incidir uma parte do seu depoimento sobre um artigo meu, publicado na *A Aguia*, e que visa precisamente a explicar, na sua significação sociológica, a nossa novissima poesia; chamado assim, como que por meu nome, á baila jornalistica, sinto-me com o direito e o dever de abrir uma clareira na minha renúncia á publicidade maior e a valer-me, na extensão de um artigo, do seu amavel convite.

Os argumentos que empregarei contra as objecções do Prof. Adolfo Coelho servir-me-ão, ao mesmo tempo e de sumário modo, de resposta geral a outras adversas referências feitas á *Renascença Portuguesa* e á nossa nova poesia ; porquanto, explicativos como são daquelas, implicita resposta levam a todos os seus inimigos. Isto não exclue— bom é que se note—a mais detalhada resposta no folheto. Apenas a prepara e imperfeitamente a resume.

Por ora, pois, responderei apenas ás vagas objecções feitas contra o caracter renovador e grande da nossa novissima poesia pelo Prof. Adolfo

Coelho no seu quasi-erudito artigo. Êsse artigo é sereno e aparentemente lucido e motivado; infelizmente, quem se dér ao trabalho de lhe procurar o fio condutor de uma lógica, encontra-lhe uma intima desconexão, desmentindo a sua fisionomia de ligado e conexo.

Seja como fôr, perscrutemos em que se baseia o Prof. Adolfo Coelho para descrêr de uma renascença literária em Portugal e de ser a nossa poesia novissima representativa dessa renascença. Cinge-se a duas considerações, que era dispensavel que estivessem submersas em elementos acidentais e anecdoticos. Essas duas objecções, que não pecam por explicitas nem por argumentadas se perdem, são: 1.º—que a nossa nova poesia não mostra avanço, especialmente no que diz respeito á grandeza individual dos seus representantes, sobre a poesia da geração de 1860 a 1870; 2.º—que não mostra avanço espiritual—isto é, em compreensão da Natureza, expressão de emoções, etc.,—sobre qualquer outra corrente poética—a romântica, suponha-se, consoante exemplos indicados de Byron e Victor Hugo. Concretizando mais: para o Prof. Adolfo Coelho a nossa novissima poesia nem pela grandeza dos seus poetas, nem pela originalidade e grandeza do seu caracter geral se impõe como poesia caracteristica de uma renascença; ou mesmo de um grande periodo poético. Isto é o essencial e o basilar do artigo; o resto ou provém disto ou não tem nada que vêr para o caso.

As duas considerações citadas reduzem-se, para o contra-argumentador, a uma só. É que a grandeza dos poetas de uma corrente literaria está sempre em relação com a originalidade, o equilibrio e a *nacionalidade* (isto é, o caracter nacional) dessa corrente. Não se póde apontar em toda a historia literária movimento que tenha surgido com caracter de originalidade, equilibrio e nacionalidade que não tenha sido representado por, revelado atravez de grandes figuras de poeta, e grandes na precisa proporção em que essa corrente é nacional, original e equilibrada.

Assim, as duas poesias que mais se nos oferecem como brotando inesperadas e originais do seio dos seus povos, são a poesia grega e a poesia de Renascença — preeminentemente, a da Renascença inglesa. A primeira surge como que virgemmente, anadiomenicamente, do oceano escuro do tempo; liga-se por episodios e elementos míticos á anterior poesia da India, mas a sua essencia, a sua *alma*, a sua assombrosa alma lucida e profunda, é-lhe original e própria. De modo igualmente flagrante rompe da noite da idade chamada média a poesia que, começando em Dante, culmina em Shakespeare e acaba em Milton.

Todas as outras épocas literárias são inferiores a estas duas em originalidade. Todas descendem muito mais evidentemente do passado do que estas.

O proprio Romantismo não destaca da Renas-

cença ou mesmo do século dezoito como a Renascença surge da idade-média e a poesia grega do que lhe é anterior. Isto é incontestavel.

Ora é precisamente nos dois periodos verificados como os maiores da literatura em materia de originalidade que aparecem as maiores obras individuais, as maiores figuras individuais de poetas. Porque é fóra de dúvida para quem tenha mais do que um vácuo de compreensão que as alturas máximas da poesia estão na *Iliada* e em Shakespeare, e, logo abaixo, nos dramaturgos gregos o nos dois épicos supremos da Renascença, Dante e Milton. De modo que a questão se reduz simplesmente a procurar o grau de originalidade, equilibrio e nacionalidade no actual periodo poético português ; se essas forem constatadas grandes, inevitavelmente se terá de concluir ou que os novissimos poetas nossos são grandes poetas, ou caso seja impossivel considerá-los como tais, que brevemente surgirão grandes poetas ou, pelo menos, um grande poeta na nossa nova poesia.

Mas a questão póde ser posta á prova mais restritamente analisando. Em primeiro logar, escusamos de perscrutar a *nacionalidade* de uma poesia: se se prova a sua plena e equilibrada originalidade, fica ipso facto, provado o seu caracter de absolutamente nacional. Porque se a poesia de uma nação é em certo periodo em absoluto original, de onde lhe poderá vir essa originalidade, esse poder de ser diversa e outra do que todas as outras poesias, se-

não de ser a genuina e suprema interpretação do que êsse país tem de essencialmente diverso e outro do que outros países — e isso é ser tal país e não outro, é a *raça*. Fica, portanto, restrita a nossa investigação a constatar a existência ou não-existência, na nossa nova poesia, de orginalidade e equilibrio.

Mas mesmo isto é escusado. O caso é *saber* constatar originalidade: pois que perfeita e verdadeira originalidade não existe sem equilibrio perfeito. Vejamos porquê. Primeiro em que consiste o equilibrio de um psiquismo qualquer, individual ou colectivo? Essencialmente no grau da sua atenção ao mundo exterior; e quanto mais êle é atento no mundo exterior, tanto maior seu equilibrio é. E em que consiste a originalidade? Em ter ideias inteiramente proprias e individuais; e «inteiramente individuais e proprias» quer dizer inteiramente subjectivas. Como, porém, o espirito elabora impressões vindas do exterior, a originalidade será tanto maior quanto maior fôr o numero de impressões do exterior que o espirito é capaz de acolher e elaborar para originalidade; isto é, quanto maior fôr a sua atenção ao mundo exterior; quer dizer, pois, quanto maior fôr o seu equilibrio. Portanto originalidade verdadeira e perfeita envolve, equilibrio, nunca é senão originalidade equilibrada.

Mas como é que se póde medir a originalidade de uma corrente literária? Em que é que consiste, propriamente, essa originalidade? Vejamos primeiro

o que é uma corrente literária. É manifestamente uma comunidade de ideias ou intuições caracteristica de poetas e literatos de uma epoca. Qual é a base de uma comunidade de ideias? Um fundamental conceito igual das coisas, uma igual atitude perante o universo e a vida.

O que é um comum conceito do universo e da vida? Um comum conceito do que constitue a realidade. O ponto único, portanto, para onde tem de convergir a nossa atenção é êste—se a nova poesia portuguesa envolve qualquer conceito novo do que é a realidade, se a sua atitude perante o universo e a vida é uma atitude inteiramente nova.

Ora Portugal pertence á civilização europeia ocidental; a sua evolução, literária ou outra, tem vindo integrada, portanto, na evolução literária ou outra, dessa civilização. E visto que essa civilização tem, em literatura porque em tudo, uma linha evolutiva, se a nossa nova poesia traz qualquer coisa de original em si, essa originalidade deve ser o principio de um novo estadio na linha evolutiva da civilização em que Portugal está integrado — nova Renascença portanto que de Portugal se derramará para a Europa, como da Italia para a Europa se derramou a outra Renascença. Mas se essa originalidade, a ser verdadeira, representará um novo estadio na geral linha evolutiva literária da Europa, a sua natureza deve ser de certo modo deduzivel dos anteriores estadios da evolução literária europeia. O que temos portanto que fazer é

analisar os estadios anteriores da evolução literária da Europa moderna, deduzir dessa análise quais devam ser os caracteristicos do estadio literário seguinte, e depois comparar êsses caracteristicos deduzidos com os caracteristicos da nossa novissima poesia. Se houver coincidência, teremos provado a nossa tése.

Os dois estadios literários da civilização europeia moderna são a Renascença e o Romantismo. Analisemos os caracteristicos dêstes, deduzamos depois os provaveis caracteristicos do periodo literário que se lhes deve seguir e comparemos finalmente êsses caracteristicos com os da nova poesia portuguesa.

Qual é a atitude da Renascença perante o Universo e a vida? O que é que para ela constitue essencialmente a Realidade? É a alma e só a alma: a Renascença não tem o sentimento da Natureza. Vejamos. Quais são as formas poeticas da Renascença? São ou poemas de amôr (Petrarcha), ou poemas de acção humana (os poetas épicos) ou dramas (Shakespeare e os dramaturgos do seu tempo). São portanto tres formas de poesia de Alma, só de Alma—visto que tratam ou do sentimento que liga as almas—o amôr—; ou de acção humana, acção de almas, portanto; ou, no seu poeta culminante, Shakespeare, mais completamente ainda de almas em acção. Quanto á Natureza, os poetas da Renascença não a *sentem*, por mais nitidamente que a *vejam:* assim, o mais observador de todos êles, Sha-

kespeare, não é poeta perante a Natureza, é observador simplesmente. Descreve o que vê em maravilhosos versos; mas nenhuma simpatia o liga a essa Natureza que tão nitidamente vê.

Dá-se com o romantismo o caso inverso. Para os romanticos a unica verdadeira Realidade é a Natureza; da Alma conhecem só cada um a sua alma individual. Daí o caracter inteiramente diverso da poesia romantica em relação á da Renascença. A sua noção da acção humana é fraca e descontínua, de modo que são incapazes de elaborar uma epopeia. A sua fraquesa psicológica é conhecida: os unicos romanticos capazes de alguma intuição psicológica, Goethe e Shelley, apoiam-se ao passado, á tradição da Renascença, na figura de Shakespeare, para beber psicologia. E o resultado? Grande como é em outras coisas, Goethe-psicologo não se pode medir, não digamos já com Shakespeare, mas mesmo com outros dramaturgos—Webster, por exemplo — da epoca shakespeareana. Shelley, para escrever *The Censi*, estudou atentamente os processos shakespeareanos—e o que resultou, ainda que belo, não se pode comparar em intuição dramatica sequer com a obra de outros tais que Webster.

Esta diferença entre os poetas da Renascença e os do Romantismo colhe-se flagrantemente no modo como pensam.

Os poetas da Renascença pensam por *ideias* ou por abstracções: os romanticos pensam por *ima-*

gens. Isto é, os primeiros pensam em termos de Alma, os segundos em termos de Natureza. Nenhum romantico poderia escrever um soneto como o *Alma minha gentil,* tão despido de imagens, tão *directamente* exprimindo a alma.

Ora, sendo estes os caracteristicos dos dois grandes periodos da poesia europeia moderna, será possivel deduzir dêles os caracteristicos que deverá ter o grande periodo da poesia que se lhes seguirá? A dedução não é facil; é facilima. Para a Renascença a Realidade é a Alma; para o Romantismo a Realidade é a Natureza. Ora, como o nosso conhecimento não tem outros objectos além da Alma e da Natureza, a nova Renascença (chamemos-lhe assim) não tem outra coisa que tomar para Realidade. A sua originalidade só poderá vir portanto *de uma fusão do psiquismo da Renascença com o psiquismo do Romantismo.*

Não há outra hipótese concebivel.

Essa fusão, porém, produz um facto curioso—a coexistencia de dois sentimentos da Realidade, uma dupla noção de Realidade. Mas só póde haver noção de *uma* Realidade; a Realidade é concebivel só como *uma.* Resulta, portanto, que para a Nova Renascença a Realidade deverá ser *fusão de Natureza e Alma.* A realidade será pois *Natureza-Alma.* Isto é, pela Nova Renascença *a Natureza será concebida como Alma.*

Ora eu creio que o professor Adolfo Coelho é suficientemente inteligente para perceber que esta-

*

mos em plena descrição da nova poesia portuguesa. Os caracteristicos que deduzimos como devendo infalivelmente ser os da poesia da Nova Renascença *coincidem em absoluto com os caracteristicos patentes da nossa novissima poesia.*

Provas? Devem ser escusadas para qualquer creatura capaz de seguir um raciocinio e ler uma página. Leia o professor Adolfo Coelho as poesias caracteristicas dos nossos novissimos poetas; medite todos os artigos de Teixeira de Pascoais—cada verso tráe o conceito de Natureza-Alma, cada frase dêsses artigos o exprime.

Para não fugir, porém, ao exemplo directo e individual, examinemos aqueles dois trechos citados por mim e re-citados pelo professor Adolfo Coelho, cuja erudita incompreensão não encontrou diferença entre êles e uma estancia, citada, de Byron, inteiramente diversa no seu sentimento, perfeitamente romantico, de Natureza como Natureza. O primeiro trecho é este, de Jaime Cortezão:

E, mal o luar os molha,
Os choupos, na noite calma,
Já não teem ramos nem folha,
São apenas choupos de alma.

Aqui temos, flagrantissimamente, o material concebido como espiritual—*choupos de alma.* Vejamos o outro trecho: são os dois versos de Pascoais:

A folha que tombava
Era alma que subia.

Aqui temos o *acto material*, que é a queda de uma folha, concebido como *acto espiritual*; e repare o professor Adolfo Coelho que Pascoais *não compára* a queda da folha á ascenção da alma—a queda da folha, *é materialmente*, a subida da alma.

Comparando estes maravilhosos trechos a trechos de Byron e de Victor Hugo, mostrou o professor Adolfo Coelho que não sabe olhar para além das palavras, e da méra gramática das frases.

Eu bem sei que o professor Adolfo Coelho *não pode sentir* a nossa nova poesia; ouso esperar que possa compreendê-la de longe, através do meu raciocinio.

Que provámos, pois?

Que a nossa nova poesia é a poesia auroral de uma Nova Renascença, que é uma poesia perfeita e plenamente original. Mas, como acima vimos, se é perfeitamente original, é equilibrada: erram portanto os que a consideram doentia a confusa, lançando sobre ela a sombra da sua própria incompreensão.—Se é original e equilibrada resulta, como acima provámos, que é *inteiramente nacional:* erram portanto quantos falam em estrangeirismo a proposito dela.—Se é original, equilibrada e nacional produz ou produzirá, como acima o mostrámos, grandes e máximas figuras de poeta: erra portanto o professor Adolfo Coelho, primeiro quando acha inferiores os nossos novissimos poetas, e depois quando considera *messianismo* a ideia de um super-Camões, isto é, de um poeta máximo, inevitavel-

mente maior do que aquêle poeta verdadeiramente grande, mas longe de ser um Dante ou um Shakespeare.

São estas, meu caro amigo, as considerações que julgo indispensaveis como resposta ao professor Adolfo Coelho. Servem, ao mesmo tempo, como viu, para responder a outros adversários da *Renascença Portuguesa*.

Repliquei com perfeita serenidade, 1.º porque o professor Adolfo Coelho com isenção de dureza escreveu, e 2.º porque de outro modo não poderia escrever em atenção á sua pessoa e ao seu jornal. Para o folheto que preparo reservo o tratar no tom que julgar merecido alguns individuos pouco inteligentes ou menos correctos, que teem deposto no seu inquérito.

Desculpe-me o espaço que lhe tomei e disponha sempre do seu amigo e admirador.—*Fernando Pessoa.*

O snr. Augusto Casimiro

responde aos snrs. dr. Julio de Matos e Gomes Leal

Meu ilustre camarada, senhor Boavida Portugal—O talentoso escritôr Antero de Figueiredo, com a sua carta-aberta ao ilustre psiquiatra, conseguiu resolver a indecisa intenção de me envolver, mal-cabidamente, na saneadora discussão que, numa hora infeliz e para bem das letras, o ex.^{mo} dr. Julio de Matos, com as suas declarações, promoveu.

Antero de Figueiredo não quiz mais, decerto, que suavisar com a sua superior ironia, a dolorosa situação em que o ilustre sábio se encontra, por obra e graça do seu dogmatismo desde a hora em que v. na melhor das intenções, mas batendo a má porta, o abordou para abrir o seu util inquérito.

Ora eu sou, apezar dos meus *velhos* projectos de sisudez, um irreverente que facilmente se comove, mas que salta no inquiéto desejo de aproveitar, para meu regalo, aquela desastrada má hora do psiquiatra ilustre.

Disso me impede, já o digo, o acatador respeito que foi, no espirito dos meus compatriotas, susten-

táculo e razão de ser da unânime admiração nacional pelo *sublime* Pacheco das cartas de Fradique.

Depois eu admiro, incondicionalmente ainda, o ilustre médico em tão má hora saído em tom de guerra má, do seu campo que tanto tem, de há muito, honrado.

E a minha admiração aumenta-a o respeito que devo a quem, há uns trinta e tantos anos, era já positivista, e tinha, provavelmente, a minha idade de hoje.

Depois o ilustre psiquiatra conta a seu favor, contra a minha irreverencia honrada, com a possibilidade de ser, um dia, ministro da instrução em Portugal. Pelo que eu acato já as suas decisões, na minha qualidade de cidadão, como as de um superior hierárquico de quem a Pátria espera provaveis medicinas e contundentes aleijões.

Assegurando o meu respeito pelo velho sábio, —adiante.

As suas palavras a propósito de Renascença nacional valem apenas pelo que há nelas de friamente sceptico, antipatriotico portanto,—crime de lésa-amor, cometido contra os que, de há dois anos para cá, crêem na possibilidade de uma nova seiva retemperando esta velha Pátria, e erguendo-a para ir ao encontro de mais altos destinos.

A «Renascença Portuguesa» e os espiritos que a servem e nela crêem, não têm a tirania dogmatica de se supôrem infaliveis...

Todos têmos, sim, um Amôr religioso á terra,

e uma esperança, que nos vem do *Passado, de que energias novas florirão ainda.*

Todos somos, no nosso patriotismo exaltado e sem politica, portugueses que procuram um lugar na história, bem ou mal, para a sua Pátria,—mas com a honradez e as intenções puras que o ilustre psiquiatra não conseguiu até hoje descortinar.

Demais, temos a certeza de que todos quantos pensam e amam a sua terra e o futuro da República,—para lá de todos os desacordos e dissidencia em materia de orientação e processo,—estão comnosco abertamente.

A sua solidariedade, a de todas as almas portuguesas sobre esta libertada pátria,—é a melhor força, a maior!...

Nela seria, com o seu vaidoso pessimismo superficialissimo e francês, um elemento desorganizador e envenenante, a figura mental do ilustre doutor.

Nós cremos confiadamente, nós amamos com devoção a nossa Pátria, evocamos o seu passado, trazemos olhar alto, a alma clara, a espinha erguida...

Seja o nosso optimismo um crime,—muito embora!... De qualquer modo, com sinceridade, nós caminhámos bem!...

Ah!—mas deixemos o ilustre psiquiatra socegadamente em Rilhafoles com o ordinário das suas declarações.

É ao grande Poeta Gomes Leal que me quero

dirigir agora, e desta forma, por não poder abraçá-lo e dizer-lhe assim a minha veneração.

Gomes Leal foi injusto para consigo e para comnosco, julgando-se esquecido.

Uma figura como a dêle não tem ocaso, e muito menos no respeito que artistas moços e honrados bem sabem, com devoção, prestar.

Foi injusto, mas teve a nobreza arrogante e dominadora, embora indevida, que lembra os seus velhos tempos...

A injustiça foi naquela Alma apenas a momentánea cegueira que uma impressão pessoal errada num momento creou.

Não!—nenhuma Alma portuguesa o esqueceu, nenhuma das que se comoveram lendo algumas das suas páginas eternas.

No esfôrço de cada um de nós, agora, a erguernos a alma, conta-se a enorme parcela de Belesa a que o seu genio creador deu Vida... Se pecámos foi não lhe dizendo o nome, não o indo buscar ao religioso isolamento da sua Alma combatida e ferida, extasiada em arroubos maiores, perto de uma morte que fôra quasi a sua.

Quem escreve estas linhas folga ter-se encontrado, um dia, com Gomes Leal. No momento, como eu para êle, o Poeta foi para mim um anónimo.

Mas a minha Alma vendo-o comoveu-se tanto que, quando lembro a scena, choro...

Ah, não, nós não o esquecêmos!...

Gomes Leal foi injusto. A alma amoravel e

christianissima do Poeta deixou-se tomar de um assomo de profana ira que lhe encrespou ainda a juba leonina e branca, numa admiravel arremetida.

Gomes Leal foi injusto... Como artista falou á tôa, citando nomes e obras desconexas,—mas naquela entrevista,—e eis a sua belesa,—falou a voz da sua gratidão.

Não foi um critério estético que a presidiu. Foi uma Alma agradecida distribuindo pródigamente o oiro do seu carinho aos que êle viu perto de si levando-lhe a assistencia da sua veneração... Alguns de nós não estivemos lá... Por mim, eu procurei-o sempre sem o encontrar nunca. Nunca os meus livros o puderam encontrar.

Mas a nossa admiração não vale menos, nem é menos erguida e exaltada e digna do Poeta. Talvez valha mais, e que a alma profunda e vidente de Gomes Leal compreenda a minha Alma que floriu ao sol alto da Belesa dos seus versos.

Gomes Leal ofendeu a sua própria alma porque um mau demónio acendeu, no seu espirito christão, a faúlha má de um ressentimento sem motivos.

Mas que importa isso, isso que vale, enfim?

Ás suas novas injustiças, mesmo, nós responderemos apenas, como rapazes e artistas honrados que somos, com o acatamento respeitador e agradecido que devemos á Alma creadora das *Claridades do Sul,* da *Mulher de Luto* e da *Vida de Jesus,* —e ao exemplo patrióta e prometaico do *Hereje* e das *Cartas á Rainha...—Augusto Casimiro.*

O snr. João Amaral

responde aos snrs. dr. Julio de Matos, Gonçalves Viana e Gomes Leal

Snr. Redactor:—Permita-me V. meia duzia de notas á margem do inquérito literário a que está procedendo a *República.*

Eu fui dos que jubilosamente aplaudiram a sua ideia, e fui dos que logo se prepararam para comentar as palavras do snr. dr. Julio de Matos, com o azedume e a revolta de quem, não pertencendo á *Renascença*, não sendo dissidente da *Renascença*, antes mantendo com a *Renascença* as peores relações, compreendo, no entanto, que essa sociedade por quotas reune dentro de si o que há de melhor na literatura portuguesa e que, para fazer ideia da nossa vida intelectual, é mais necessário lêr-se a *Aguia* do quê ser-se entendido em Garófalo... Mas, felizmente para mim, alguem de entre os fundadores da *Renascença* se antecipou ao literato obscuro e moço que subscreve estas linhas. E, dêste modo, mais diminuto e ao mesmo tempo mais pessoal se torna o âmbito das observações que tenho a fazer:

Vai decerto adiantado o inquérito da *República;* já são bastantes as opiniões expendidas; outras vi-

rão, talvez, abrandar a triste impressão que em muitos espiritos teem feito—já a ignorancia, já a parcialidade, já o desdem olímpico com que alguns homens de letras da minha terra apreciam o labor intelectual das duas gerações que me precedem e daquela a que pertenço...

Dêsse esforço, são documentos três revistas que hoje se publicam em Portugal—*Aguia*, *Dionysos* e *Rajada*. Pois bem! leia-se quanto na *República* se tem publicado sobre a nossa vida intelectual, desde as palavras do psiquiatra snr. dr. Julio de Matos, até ás eruditas palavras do filólogo snr. Gonçalves Viana, e deduzir-se-há que a *Aguia*, orgão da «Renascença Portuguesa», não é, reassumindo as opiniões daquele snr. e do poeta Gomes Leal, senão o produto ordinário, réles, de uma rapaziada... assim como o vómito é a consequencia natural de uma noite de vinho e iscas!... Quanto ás outras, *Dionysos* e *Rajada*, nada se deduz.

Ora isto é triste e V. sabe porquê:—O publico não conhece a pavorosa influência que a idade tem na vida intelectual de um artista; o publico não compreende que aos cincoenta anos a maior parte dos escritores cumpriu a sua missão e, daí por diante, não há senão aproximar-se a creatura de uma relativa imbecilidade; e desta maneira, não tendo o público a consciencia dêsse tristissimo fenómeno, para êle um grande pensador há de ser sempre o que era á data da sua melhor obra, ainda que o tempo haja passado e, com êle, novas ideias,

novas fórmulas tenham surgido como searas que amadurecem e que, por sua vez, o tempo ceifará... E assim as palavras dêsses homens antigos que nos lembram a nós outros, sons remotos, sons longinquos, assim como erguidos de sepulcros sob os passos de Topsius que os espreita já, são, para o publico que V. tanto tem interessado e integrado na luta das Ideias, a mais alta revelação da Verdade.

Resultado?—Acontecer que o seu inquérito falha na unica missão que pretendia realisar; e não será estranho ouvir a gente, ámanhã, por êsse mundo de Christo, comentarios dêste jaez:

—Tu assinas a *Aguia?*

—Eu ajudar rapaziadas, como disse o Gomes Leal!...

—Tens razão; o Julio de Matos tambem diz que é coisa ordinária... E a *Rajada?* e o *Dionysos?* Disso então não se fala... Porque a *Aguia* tem, ao menos, a protege-la as barbas patriarcais de Guerra Junqueiro, mas as outras nem isso: — o Afonso Duarte é capaz de ser bisneto do snr. Gomes Leal e o Aarão de Lacerda não passa de um bambino de olhos melancólicos... Todavia, com magua o digo aos snrs. Gomes Leal — poeta, e Julio de Matos — filósofo comtista: — Nós, os rapases do meu tempo, deste luminoso seculo que os senhores viram nascer, receiosos e perturbados, lemos as *Sombras*, do poeta Teixeira de Pascoais, director da *Aguia*, como a Biblia da nossa Fé, e

escutamos, na *Dionysos*, a voz sapiente de Manoel da Silva Gaio, que nem é psiquiatra nem positivista, mas que é, mais uma vez o digo, um dos maiores pensadores-poetas do Portugal contemporâneo.

Pela publicação desta lhe fica muito grato o seu camarada—*João Amaral*, redactor da revista *Dionysos.*

P. S. — Permita-me ainda duas observações, apenas ao depoimento de Gomes Leal.

1.º—Que o «saudosismo», a meu vêr, não deve tomar-se na moderna poesia portuguesa senão como um ambiente criado para fonte de emoções e sugestões; e que a Saudade é sem duvida o elemento mais importante da renascença espiritual de uma raça, desde que se compreenda, o que não me parece dificil, que *saudade revelada ou para revelar-se* não é, positivamente, «a lembrança de uma pessoa querida»...

2.º—Que a renascença literária é já um facto, ainda que embrionária, e não simplesmente uma aspiração; Gomes Leal é um dos seus precursores, sem duvida, sendo pena que aos olhos cansados do poeta—«os rapazes sejam obscuros, não se saibam fazer entender»,—pois se assim não fosse, se êsses olhos por onde um dia passou a luz do genio não estivessem maguados de tanto olhar o Sol, o Poeta havia de vêr, com orgulho, nas obras de Pascoais, Correia de Oliveira e outros bem mais novos, o reflexo do seu esforço grandioso e não diria ás gen-

tes absortas:—«Nós, os velhos, não abandonamos os nossos logares e havemos de colocar os novos á devida distância». Pois não é já tão grande a distância entre os seus sessenta anos e os nossos vinte? —*J. A.*

Gostariamos muito que todos aqueles que nos enviam réplicas falassem com a serenidade dos de hoje. Mas não acontece assim: a maioria faz gala em vencer, não por argumentos que convençam, mas por frases duras que na nossa roda fica mal dizer.

Alguns até mandam coisas desagradaveis para nós! Oh! senhores: prudência!

Uma réplica

do snr. Jaime Cortezão ao snr. dr. Julio de Matos

Só da discussão, mas de uma discussão calma e lúcida, sairá alguma coisa de util para as ideias literárias contemporáneas. Pena é que os nossos replicantes façam agora o mesmo nariz de cêra *dos tempos escolares, rabulando superfluante á roda de uma palavra que nem é um argumento.*

O snr. Jaime Cortezão, poeta muito considerado pelos que o conhecem, socio fundador da Renascença Portuguesa *e a cujo esforço a revista* A Aguia *muito deve, vem hoje tambem atirar a sua pedra ao snr. dr. Julio de Matos, pelo que este ilustre psiquiatra afirma e mantem ácerca da* Aguia *e da* Renascença.

Eis a carta-réplica que o snr. Jaime Cortezão nos envia:

Snr. redactor. — Só hoje recebi a carta de V. em que me respondia afirmativamente á pregunta que

lhe fazia sobre a possibilidade de responder ás opiniões dos seus inquiridos.

. . . .

O titulo de «ordinário», lançado sobre uma agremiação de individuos, animados das melhores intenções, sobre uma revista, onde teem colaborado alguns dos mais notaveis escritores da nossa terra, é mais que descortês, roça já pelo doesto insultuoso, revela um agressivo desejo de enxovalhar.

. . . .

Demais quando uma rudimentar observação, um poucochinho de método e lógica podem decidir duma questão, muito menos é necessario descambar em atitudes menos correctas. Já expliquei ao snr. redactor como sou um dos interessados nalgumas das respostas ao seu *Inquérito*, visto haver sido um dos organizadores da *Renascença Portuguesa* e ser tambem um colaborador assiduo da revista *A Aguia*. Entremos, pois, no assunto.

Começa o snr. Julio de Matos por se confessar atrapalhado, confuso, incompetente para responder ao seu *Inquérito*. Vá de transcrever:

«Não sei bem como corresponder ao seu desejo; porque a especialidade de estudos a que me dedico e as dificuldades, que no exercicio do meu cargo, *ha nove mêses*, dia a dia, me distráem doutros assuntos, teem-me posto um pouco á margem das questões literárias».

Não obstante esta declaração confessa de incompetência, pois não é competente em questões

literárias, quem está á margem delas, devido a outras ocupações, declara o snr. Matos a seguir, sem mais preambulos, que a nossa literatura «atravessa uma fase de assustadora desorientação, e julga igualmente de uma forma decisiva da «Renascença Portuguesa» e da revista *A Aguia*, ambas as quais precisamente dentro dêsses *nove mêses* teem desenvolvido a sua actividade. Está claro que depois dêsses *nove mêses* arredios e ariscos para com a literatura não podia o ingrato parturiente dar á luz coisa que não fosse um monstrosinho de mui precária vida.

Mas passemos agora propriamente ao que o snr. Matos diz da «Renascença» e da *Aguia.* Que essa «Renascença» se baseia na Saudade. Não, decerto, na saudade contemplativa, depressiva e linfática, tal como sua ex.ª tão pobremente a define.

O conceito de Saudade que aparece na *Aguia* é outro bem diferente. A Saudade, como síntese psicológica e o saudosismo é criação individual do poeta Teixeira de Pascoais, que aliás acho formosissima e cheia de profunda verdade. É pois a êle que compete a sua defesa, se é que este termo tem aqui algum cabimento. No entanto devo dizer-lhe para contraditar a definição do snr. Matos, que no conceito de Pascoais a Saudade envolve Esperança, esforço criador, entusiasmo religioso e voluntariosa continuidade afectiva.

Esta Saudade não é «um sentimento depressivo» nem «a recordação de uma pessoa querida que nos

faltou» (que coisa tão chôcha!), e cultivá-la não é «amarrar-se ao passado, alimentar um estado mórbido, ajudar a definhar mais a raça», é antes elevar a Raça á consciencia activa das suas mais altas virtudes, é levantá-la ás suas mais sublimes culminancias, arrebatá-la no impeto da sua antiga audacia, erguendo-lhe a vontade pelos seus mais genuinos sentimentos para as realisações do Futuro.

Mostra assim o snr. Matos que não tem lido *A Aguia*, e a obra de Pascoais, ou que não teve das duas a minima compreensão. De duas uma: ou falseia a verdade, ou é excessivamente míope para a descortinar.

Diz mais sua ex.ª que «todos êsses rapazes cantam tristezas, máguas que êles proprios criam: mas isso não é modo de renascer»... Pois, está claro que não é! O contrario é uma redonda falsidade e o mesmo acontece quanto á afirmação de que êsses rapazes só cantam máguas e tristezas, que êles proprios criam. Eu queria que o snr. Matos me apontasse os trechos, quer em prosa, quer em verso, onde na *Aguia*, se cantam *essas tristezas*... Dava-lhe um doce. Nos nove numeros que essa revista conta, desde que passou a ser orgão da *Renascença Portuguesa*, só ha dois sonetos de João de Deus Ramos, que revelem tristeza e desalento. Mas êsse talentoso escritor não está propriamente dentro das tendencias literárias dos demais poetas da *Renascença* e toda a gente sabe quanto êle é trabalhador, cheio de persistencia no esforço, e como toda a

sua vida é tocada de um ardente e fecundo proselitismo. Êsses dois sonetos revelam um estado de espirito, absolutamente passageiro, numa das mais activas organizações que eu conheço.

Diz mais o snr. Matos que vivemos a imitar a literatura francesa, quando um dos fins que se propõe a « Renascença Portuguesa » é precisamente combater o estrangeirismo, revelar ao nosso Povo o Espirito Lusitano, e quando igualmente ninguem de boa fé póde afirmar que o grupo de escritores da « Renascença Portuguesa » sofra de qualquer influência estrangeira.

Pelo que diz respeito á literatura francesa s. ex.ª salva apenas Anatole France!... Nem ao menos deixa escapar Octave Mirbeau!

Não será isto uma certa ignorancia do assunto?!

Depois aconselha a leitura dos inglêses, dos alemães e mesmo dos espanhois e acrescenta, num olimpico gesto, prenhe de desdem:

> Pouco ha aí quem saiba que, na pratica, na utilitaria Inglaterra ha bons poetas e magnificos prosadores.

Ora saiba o snr. Matos que todos os escritores da « Renascença Portuguesa » adoram a literatura inglesa, muito especialmente os seus poetas, que consideram muito superiores aos francêses; saiba que alguns não só conhecem a literatura e a lingua optimamente, mas até teem viajado muito a Inglaterra e que um dêsses escritores, dos que mais crêem na « Renascença », foi lá educado.

Não será isto inconsciencia, filaucia, despropósito?!

Acaba por aconselhar o snr. Matos o amor á luta para vencer no conflito da vida.

Aqui cabe fazer notar ao mesmo senhor que um dos incontestaveis merecimentos da *Aguia*, e desde o seu inicio, ainda sob a direcção de Alvaro Pinto, foi o de congregar muitos elementos dispersos para uma acção comum e que foi numa certa comunidade de desejos e ideias gerais, existente nos seus colaboradores, que teve origem a ideia da organização da sociedade a «Renascença Portuguesa».

Cabe tambem dizer-lhe que essa agremiação tem procurado criar na nossa sociedade uma vontade e pensamentos colectivos, o que em parte tem realizado no norte do país, e que para êsse fim se não tem poupado a esforços, publicando uma revista, livros, manifestos; que tem realizado várias conferencias de caracter educativo; que se propõe, como diz nos seus estatutos «promover a maior cultura do povo português» e que para isso fundou uma Universidade Popular no Porto, onde se realizaram várias lições, nenhuma das quais deixou de ser inspirada numa filosofia de liberdade e esforço, que anima o programa da mesma Universidade.

Cabe ainda dizer-lhe que se não fôra a chamada do snr. dr. Duarte Leite á presidencia do actual ministério, teria sido êsse ilustre professor quem inauguraria aquelas lições com uma série de conferências sobre *A Historia da Terra*. Cabe ainda di-

zer-lhe que para êsse fim êsse ilustre professor nos dispensava todo o seu auxilio, não desdenhando cooperar numa obra de *rapazes,* para os quais sua ex.ª se mostra tão irreflectidamente severo. Não serão, neste caso, os seus conselhos descabidos e inuteis?!

E a sua estreita interpretação estética do *Desterrado!*

Como é que não vê nessa figura em vez do abandono de quem «deixa correr o marfim», antes o exaltado e sublime Desejo tão repassado de audacia creadora, que a sua parte mais alta, o excedente super-humano se reflecte num desterro de Alma, numa religiosa mágua...?!

Oh!... e aquele achado de que Correia de Oliveira é um poeta de valor! Correia de Oliveira um dos mais legitimos representantes do espirito que caracteriza os poetas da «Renascença», o extraordinário poeta das *Tentações de S. Frei Gil*, da *Alma Religiosa*, do *Auto das Quatro Estações*, que tão belo parentesco tem com *Os Simples?!* Como é que desdenha então desta última obra e dos demais poetas da «Renascença»?!!

E dito tudo isto é inevitavel uma conclusão, e vem a ser que o snr. Julio de Matos é incompetente confesso, ignorante, irreflectido, inconsequente, ametódico, que nem sequer consegue ser verdadeiro, acrescendo ainda que todo êle respira uma insuportavel vaidade e impertinência. Sim, para que vem sua ex.ª verrinar desdenhosamente

de *ordinária* uma agremiação numerosa, trabalhadora e honesta e apontar á literatura francesa a falta de probidade literária, se a sua probidade nestas questões é o que acaba de vêr-se?!

Que adjectivo caberá agora ao seu depoimento nêsse *Inquérito?* Ordinário passa a ser de uma imaculada inocência, tão estreito é o âmbito do seu significado para um tão complexo amontoado de dispautérios.

Mas onde estará a causa dessa atitude irreflectida e agressiva? Como viria a este homem a fama de sábio?

Falta-lhe em primeiro lugar o amor á verdade, o espírito de tolerancia, a serenidade, o método, a elevação, uma certa disciplina intelectual e moral que é caracteristica do verdadeiro sábio.

O snr. Julio de Matos será tudo menos um sábio, na legitima acepção da palavra. Para isso não basta ter-se dedicado a uma especialidade e ter grande soma de conhecimentos em determinado ramo das sciências. O mais que póde produzir uma especialisação exagerada é uma incompetência, uma insensibilidade, uma cegueira para tudo o que não seja objecto unico da sua atenção, o que tudo dá numa especie de monstro intelectual, cujo olhar, não é para espantos, que de quando em quando se torne vesgo e vidrento. Mas isto não será ainda assim suficiente para explicar a sua filaucia, a sua intolerancia, a sua fúria niveladora.

É bem de vêr que para ser um crítico lhe falta

uma condição essencial, a tolerancia e o espírito de simpatia de que fala Guyau e o *inglês* Carlyle.

Será que ao snr. Julio de Matos se aplique certa opinião de Tolstoi? Diz êle mais ou menos que os velhos estereis e egoistas não perdoam á mocidade a sua frescura, a espontaneidade original, o entusiasmo criador, a audácia, a novidade, o sangue generoso inundando a vida aos borbotões. Êsse azedume de velhos pode ás vezes atingir atitudes despropositadas...

Será tambem que o snr. Julio de Matos não tenha levado a bem que Leonardo Coimbra e Cristiano de Carvalho o tenham atacado rudemente pelas suas ideias na imprensa e em conferências públicas? Será sómente *ordinário* não ter compreendido o *sábio?*

. . . .

E por hoje, para não lhe roubar mais espaço, ficarei por aqui, isto é, pelo snr. dr. Julio de Matos.

Pela publicação destas linhas, confessa-se muito grato. — *Jaime Cortezão.*

Os leitores hão de ter notado a profusão de pontinhos que exorna a brilhante carta do snr. Jaime Cortezão. Pois saibam quantos... que o brilho dessa carta está nos pontinhos: êles encobrem umas vergastadas á nossa própria pessoa, que, afinal, não

tem culpa do que cada um dos intelectuais chamados a depôr no nosso inquérito responde.

Para evitar lermos impressas as desamaveis referências que o snr. Jaime Cortezão nos escreveu; emfim, por uma questão de pudor que a publicidade agravaria, optamos pelos pontinhos. Demais, sabemos que os mortais nem sempre manteem os seus bons propósitos: uns, são bons apenas no convivio familiar; outros, só para os estranhos; uns ainda, são terriveis nos feitos publicos e suaves na intimidade; outros, delicados na conversação e desabridos na linguagem escrita. Há de tudo. Ora o snr. Jaime Cortezão, como poeta que é, dispende toda a sua requintada delicadeza nos belos versos que faz. Como qualquer mortal, não pode manter em todos os casos da vida os seus bons propósitos.

Depois, a vergonha do que os pontinhos encobrem não seria só nossa: o snr. Jaime Cortezão havia de arrepender-se, vendo-o publicado, do humor que não soube guardar para melhor hora, para responder ao snr. dr. Julio de Matos. É uma questão de temperamento e de irreflexão. Não ficamos de mal por isso; sabemos transigir com as fraquezas do próximo.

Agora, outra coisa.

Queixam-se-nos de que retardamos a publicação de varias réplicas que nos teem sido enviadas. Ora, nós compreendemos a pressa que cada um tem de desabafar e de aparecer na estacada a defender a sua causa. Mas, ao que se vê, nenhum sabe as vá-

rias e legtiimas causas de demora na publicação de artigos dentro dos jornais. Vai tudo a seu tempo. Um jornal, quando se lança em determinada tarefa, não pode abandonar todo um grande mundo que a ela é estranho e que exige o relato das suas agitações. E um jornal é já de si um remédio por dóses.

Como querem os leitores interessados pelo inquérito que os atendamos a todos ao mesmo tempo?!

Paulatim, paulatim.

O snr. dr. Teixeira de Pascoais

responde aos snrs. dr. Julio de Matos, Raul Proença e Adolfo Coelho

Hoje é o snr. dr. Teixeira de Pascoais, director da revista literária A Aguia, *que vem dizer da sua justiça sobre afirmações aqui feitas pelos snrs. dr. Julio de Matos, Raul Proença e Adolfo Coelho.*

Além de qualquer outra, o nosso inquérito tem a incomparavel utilidade de oferecer uma magnífica ocasião de cada um dos nossos escritores mostrar quanto vale. Não é facil proporcionar-se-lhes outra melhor. Aqui se devem revelar aptidões porventura ignoradas e os novos mostrarão a bagagem de talento com que veem substituir os velhos. É na hora da luta que se avaliam as forças.

Felizes os que vencem! Ai dos vencidos!

Eis o artigo que o snr. dr. Teixeira de Pascoais nos enviou:

—O jornal *República*, obedecendo a esta ância de

nova vida que felizmente começa a animar a imprensa e a desviá-la do seu exclusivismo político, abriu um inquérito sobre a literatura actual, consultando para isso vários dos nossos autores.

O primeiro que respondeu, foi o snr. dr. Julio de Matos, considerado como um dos nossos homens de sciência e próximo futuro ministro da instrução pública.

A leitura das suas assombrosas palavras obriga-me a dizer alguma coisa da minha justiça e a colocar-me assim, obscuro e desconhecido poeta que sou, em frente do considerado sábio ilustre. Declaro que jámais me encontrei em tão desagradavel atitude!

Sujeito-me a este sacrificio da minha sensibilidade, não por mim, mas por causa da «Renascença», êsse grupo de bons portugueses que amam a sua Pátria com um amôr que se traduz em trabalho, desinteresse e sacrificio.

Trabalho fecundo, realizando o sonho amado?

Não sei. Oxalá que sim! Mas fecundo ou estéril, num sentido errado ou verdadeiro, êsse trabalho, para um espírito medianamente humano, deve ser digno de certa consideração e respeito.

Ora, o snr. dr. Julio de Matos, ao referir-se á «Renascença Portuguesa», pôz de parte toda a sombra de consideração devida, para se assenhorear apenas das pedras que a Vaidade atira aos outros, e erigir com ela uma estátua á sua propria pessoa. O snr. Julio de Matos, como português,

como sábio, como próximo futuro ministro da instrução pública, não devia, de fórma alguma, pretender esmagar sob o seu desprêso, o belo entusiasmo, embora quimérico, de algumas almas desinteressadas que desejam trabalhar a favor do seu país.

O snr. Julio de Matos praticou um acto maldoso e antipático que o diminue como homem de inteligência esclarecida e justa. Vê-se que a sombra dos nossos sábios é hostíl ás novas florescências do espirito. Mas como é triste um doutor encafuado na sua furna scientifica, surdo e cégo a todas as vozes e claridades exteriores! Lembra um cónego aprisionado dentro do seu dogma.

Ambos imaginam possuir a verdade, uma verdade afrontante e egoista, negra, marrando contra todos os outros!

Um doutor assim é uma creatura estreita, cabe dentro da pele de um urso, e o seu espírito hipotético, apreendendo uma teoria estrangeira que lhe agrade, agarra-se a ella com marroquinas mãos até á morte.

Não: um homem que se considera um sábio precisa de observar o espírito humano nas várias formas da sua actividade criadora. Do contrário, põe, a cada passo, em conflito, as asneiras que diz com a sua fama de sábio. E é doloroso vêr um homem de inteligência, como o snr. Julio de Matos, revelar ignorância e vaidade apenas, quando interrogado sobre a literatura do seu país.

Mas o sábio ilustre não se contentou em ser ignorante e vaidoso: chegou mesmo a insultar os colaboradores da «Aguia», que é orgão da «Renascença», classificando-os de ordinários. Moralmente, intelectualmente? Não sei. Sei que essa injúria grosseira é ainda a sua vaidade, tão céga que nem se importa mesmo de descer...

A vaidade é um sentimento selvagem, infantil, primitivo, que tomou a sua primeira fórma nas penas de avestruz adornando a cabeça dos gentios, e a sua última fórma no monóculo envidraçando o olho apagado dos tôlos e dos pedantes. É imprópria, portanto, de um homem já grisalho, que estudou e reflectiu sobre a vida e o conhecimento das coisas.

Por maior que seja a altura a que o snr. Julio de Matos julga existir, há de vêr que a «Renascença Portuguesa», além de representar uma bela intenção, é mesmo alguma coisa no nosso meio.

Esta sociedade tem um fim a atingir e um critério poético e filosófico, extraído da alma lusitana, que a orienta. Ter um fim a atingir e um caminho definido que vá dar a esse *fim*, creio que representa alguma coisa num povo até aqui desorientado e esquecido das suas próprias qualidades e virtudes.

Êsse *fim* consiste em despertar na raça portuguesa a sua renovada alma original, que lhe insufle novas energias.

Mas a «Renascença» não podia ter este *fim*,

sem conhecer profundamente a alma da Raça; e, ao conhecê-la, viu que ela é a síntese perfeita da alma espiritualista dos semitas e da alma pagã dos árias; — síntese, portanto, de dois princípios religiosos e dois princípios filosóficos. E viu que há na lingua portuguesa uma palavra que traduz um sentimento que é a fusão das qualidades árias e semitas: espiritualidade e sensualidade. Ora, a *Saudade* é êsse sentimento feito de *desejo* e *lembrança*, segundo Duarte Nunes de Leão e todos aqueles que saibam lêr um pouco na alma lusitana.

A *Saudade*, pelo desejo, é naturalista e pagã, e, pela lembrança dolorida, é espiritualista e cristã. É, como já disse, Venus e Maria numa só mulher; é a Divindade portuguesa; é a Virgem Panteísta, anunciadora de um novo mundo. (Êste Panteísmo pertence-nos exclusivamente pelo espirito cristão que o penetra e transfigura).

A Saudade é a combinação dos contrastes, e, por isso, uma nova Harmonia; é a combinação da sombra cristã e da luz apolinea; e, por isso, uma nova Claridade; é a combinação, enfim, de duas religiões: e, por isso, uma nova Religião; e, sendo nova religião, é nova Arte, nova Filosofia, isto é, uma nova força moral e progressiva.

Chamei *Saudosismo* ao culto da Saudade fonte de vida e esperança, e não desânimo e morte. E pelo culto da saudade revelada, a Pátria Portuguesa caminhará para a Perfeição, e pelos seus proprios pés.

Estou convencido que só as altas, delicadas forças do espirito sabem fazer, nêste mundo, alguma coisa de amavel, belo e duradoiro. Eis porque a « Renascença Portuguesa » quer pôr em acção, definindo-as e orientando-as, as energias, até aqui latentes e adormecidas do espirito da Raça.

A actual Poesia tem sido reveladora e renovadora da alma lusitana; e, por essa razão, ela é profundamente original e admiravel sintôma do renascimento da nossa Pátria que o snr. dr. Julio de Matos desejaria vêr filosoficamente pousada de brutamontes! Mas o snr. Julio de Matos embirrou com o *Saudosismo* sem o conhecer talvez, vendo a saudade no seu aspecto banal e exterior, e desceu mesmo a considerar o *Desterrado* de Soares dos Reis (êsse marmore cheio de tristeza divina e criadora de humanas alegrias, por que êle é a saudade, a antiga *lembrança* gerando o *novo desejo*) como simbolizando o *deixa correr o marfim* da comédia! Inacreditavel!

A «Renascença Portuguesa» tem, portanto, um fim e um alto critério filosófico e religioso que a dirige e anima. E ao mesmo fim e ao mesmo critério obedece a nova Poesia portuguesa, que representa a primeira afloração do espírito da Raça. Sim: há um renascimento literário iniciado pelos poetas que mencionei na minha resposta ao inquérito da *República*. E o numero e o valor dêstes poetas são o bastante para se poder afirmar que existe, no momento actual, uma nova alma pátria que é a antiga

alma renovada e plenamente revelada, ainda no seu aspecto transcendente e poético, mas que ámanhã será perfeito pensamento definido e fecunda actividade. Há uma nova alma lusitana revelada pela nova Poesia. E só não reconhecem esta consoladora verdade os velhos espíritos empedernidos em velhos preconceitos e alguns novos espíritos (aliás de valor) afastados da sua Raça, porque não sabem ou não querem reagir contra o meio português adulterado por alguns séculos de subordinação a Roma e a Paris.

O artigo do snr. Raul Proença

Da amizade e generosidade de que êle é feito não falarei. Desejo sómente referir-me a umas palavras suas que podem ser mal interpretadas. Diz o snr. Raul Proença que a «Renascença» faltou á sua missão, não cumprindo o programa aprovado, e que a sua orientação saudosista foi tomada posteriormente. Vejamos como as coisas se passaram, quando da fundação da «Renascença». Pertenceu-me a mim elaborar um programa, que foi aprovado pelos comités do norte. Os do sul não concordaram com a sua orientação; e, sendo em maior número, rejeitaram o meu, aprovando um programa do snr. Raul Proença. Nesta ocasião escrevi uma carta a Alvaro Pinto, na qual declarava que me submetia á vontade do maior número, mas que não

podia concordar com princípios contrários ás minhas ideias.

Ora os mesmos socios que rejeitaram o meu programa já saudosista, escolheram a minha humilde pessoa para director literário da «Aguia», concedendo-me uma honra imerecida. É claro que os do sul haviam lido o meu programa, conheciam, portanto, as minhas ideias, e deviam presumir que eu não ia trocá-las por outras.

E assim aconteceu. No primeiro e segundo números da «Aguia» comecei a propaganda do saudosismo, a que dei maior desenvolvimento numa conferência que fiz no Porto. Eu defendia as minhas ideias de acôrdo com os meus camaradas do norte. Os do sul que defendessem as suas. As páginas da «Aguia» receberiam indiferentemente umas e outras. Mas a verdade é que o sul calou-se, nada concorrendo para o cumprimento do seu programa. O norte, portanto, obedecendo á sua maneira de pensar e sentir, naturalmente se abraçou ao meu programa, que ficou a vigorar desde o princípio.

A «Renascença» não faltou á sua missão; simplesmente a vai cumprindo segundo o critério do norte e desde os primeiros dias da sua existência.

Estas ligeiras palavras desejam apenas esclarecer alguns períodos, da bela réplica de Raul Proença ao snr. Julio de Matos. E não concluo, sem revelar a minha grande mágua de vêr, um tão alto e nobre espirito como Raul Proença, não con-

cordar com o saudosismo, a forma essencial, religiosa e artística da alma lusitana, que esconde no seu seio uma nova luz espiritual. Direi ainda que a «Renascença» não rejeita o que haja de bom e util nas sciências estrangeiras. O seu lusitanismo intransigente não vai além do campo religioso e artístico.

Pois não temos nós na alma da Raça ou na Saudade, matéria para uma religião nacional, para uma arte e literatura puramente nossas?

Para que imitar se podemos criar?

Eu creio que a Renascença Portuguesa segue o único caminho verdadeiro.

O senhor Adolfo Coelho e o inquérito literário

Acabo de lêr as respostas do snr. Adolfo Coelho. Diz coisas inacreditaveis! E só se podem tomar a sério, sabendo a gente que se trata de um pedagogo. Afirma, por exemplo, arrogando-se indiscutivel e risonha autoridade crítica, que os poetas brasileiros Fagundes Varela e Castro Alves são superiores a Guerra Junqueiro, Antero, Gomes Leal, quando diz que os *novissimos* são muito inferiores áqueles e *só* inferiores a êstes! Compare-se Castro Alves ou Fagundes Varela com Antonio Corrêa de Oliveira, Gil, A. Lopes Vieira, Jaime Cortezão, Mario Beirão, João de Barros, Augusto Casimiro, e ver-se-há que o snr. Adolfo Coelho ou é um crítico *das dúsias*, ou não conhece ou não

compreende a nova poesia portuguesa. Ah! que terriveis críticos desoladores tem Portugal! Fazem chorar as pedras... de riso!

O mesmo senhor, impado de importância scientífica, ridicularisa Oliveira Martins, um dos raros homens que semeou ideias em Portugal, o autor sublime da *Vida de Nun'Alvares!*

O snr. Gonçalves Viana sempre foi mais humano ao resumir, piedosamente, toda a sua admiração por Antero do Quental, hoje um poeta de renome europeu, nesta palavra choramingas, — infeliz! Que tristesa de gramáticos!

Mas o snr. Adolfo Coelho não ficou por aqui na sua inconcebivel petulância. Notou defeitos de técnica nos arrojos de Junqueiro (sic). O nosso pedagogo não compreende a forma poética animada, representando a propria emoção a condensar-se; a forma viva e a ideia viva coincidindo na gestação e nascimento; a fórma e a ideia brotando de um só jacto; a forma flexivel, dinámica, em movimento, transparente, ébria da alma que a transfigura, *angulosa, irregular*, como a mesma agitação das ondas e das comoções.

Eis a técnica verdadeira por mais próxima da vida, absolutamente oposta á do snr. Adolfo Coelho e á das venerandas poéticas consagradas. Sua excelência apenas compreende velhas regras empedernidas, que são fossilizados sentimentos inadaptaveis ao sentir moderno. Encaixá-lo dentro dos velhos ritmos inertes, corresponderia a meter uma criatura

viva dentro das paredes estreitas e opacas de um sepulcro.

E fala o snr. Adolfo Coelho em evolução! Vê-se que faz dela uma ideia muito parada. A evolução do ilustre pedagogo sofre do reumatico e usa muletas...

Apontemos mais um facto para mais se evidenciar o valor crítico dêste zoilo. Cita apenas quatro versos de António Nobre, e classifica logo de banal êste grande poeta profundamente português. Não há poema algum, por maior que seja, que não tenha quatro versos banais ou vulgares. Só refinada má fé ou absoluta incompetência podem usar de tais processos críticos!

O nosso zoilo não tem sensibilidade nem emoção que o tornem impressionavel ao espírito vivo e criador. Os chamados *mestres* em Portugal, são assim: criaturas sem resistência que o estudo definha.

A meditação forçada e dificil, o folhear monótono de antigos livros e poeirentos manuscritos, redulos a osso e a nada mais! Ficam esquelles de biblioteca, misturando o caruncho dos proprios ossos ao caruncho dos velhos cartapácios.

As relações que há entre o seu cérebro arenoso e estéril e as obras da alma comovida, são perfeitamente iguais ás que existem entre uma estante e um livro... Não teem alma que os anime; teem uma especie de energia exterior que os empurra...

Como hão de êles compreender as obras do es-

pírito vivo e renovador? Impossivel! Que tragedia obriga-los a falar! Mas quando aparecerão os homens de sciência e sensibilidade superior? Homens de estranha simpatia que vejam as coisas na sua realidade objectiva e criada na sua íntima e transcendente realidade criadora? Quando aparecerá o sábio que estude e abra os olhos á luz do sol, e não queime as pestanas á luz do petroleo?

Quando êsse homem aparecer, saberá fazer justiça ao actual espírito português.

A obra da «Renascença» é humilde e sincera; mas, apesar da sua humildade, não pertence ao snr. Adolfo Coelho e a outras «mumias» idênticas, apreciá-la.

O pretencioso desdem irónico com que se refere a homens como Junqueiro, Antero, Gomes Leal, Nobre (homens que aumentaram a riqueza intelectual da sua Pátria), cobre de ridículo o ilustre mestre, que não faz mais do que arrecadar aquilo que os outros criaram, no seu pobre cérebro mais sêco que as têtas de uma velha.

Direi ainda aos leitores da *República* que a *Renascença Portuguesa* é uma sociedade honesta, composta de criaturas sinceras que um sonho de nova vida, de beleza e perfeição moral anima.

Eu creio que êstes sonhos devem merecer a simpatia, e por isso, me espanta a malquerença que á *Renascença Portuguesa* dedica uma boa parte dos nossos homens de letras e aos nossos pretensos homens de sciência que, exactamente como o snr.

Adolfo Coelho, antes de dizerem mal da nova geração, declaram ignorar a maior parte da sua obra ! !

E que não ignorassem ? Suas excelências são pequenos cerebros fossilisados em restritas ideias antiquadas e, portanto, instintivos inimigos de todas as novas criações do espirito. Odeiam, na sua qualidade de empalhados pássaros nocturnos, a nova luz nascente.

Fiquem-se suas excelências no seu ódio estéril, o único pasto dêsse fantasma que é o seu pobre espirito defunto.

Ainda o snr. Julio de Matos

Li na « República » a indigente tréplica dêste snr. ao snr. Raul Proença.

Entre várias frases, que são a última expressão da vulgaridade, declara o snr. Julio de Matos que não quiz ofender ninguem, quando empregou a palavra *ordinário*, ao referir-se á « Aguia ».

Ordinário, segundo o ilustre crítico, significa vulgar, banal, o que não diz nada de novo.

Realmente, em questões de banalidade, pertence ao snr. Julio de Matos o primeiro lugar, (vide as suas intervistas no cit. jornal n.os 591 e 603). De resto, é facílimo dizer-se perante qualquer coisa : « ah, sim, já vi, já conhecia » e idênticas frases de conselheiro omnisciente.

É claro que nem tudo o que a Revista da « Re-

nascença» tem publicado, é digno de nota; todavia, encontram-se nos seus números admiraveis trabalhos literários, devidos principalmente ás penas de Leonardo Coimbra, Jaime Cortezão, Correia de Oliveira, Mário Beirão, Afonso Lopes Vieira, Teófilo Braga, Antéro de Figueiredo, Augusto Casimiro, Vila Moura, Raul Proença, Augusto Martins, Fernando Pessoa, A. A. Cortezão, António Arroio, João A. Ribeiro, Afonso Duarte e ainda outros igualmente invisiveis para o monóculo do snr. Julio de Matos...

Além disso, a orientação da «Aguia» e o critério que a dirige, exprimem alguma coisa de novo no nosso meio. Dêsse critério e dessa orientação já falei atrás.

Mas para o snr. Julio de Matos, nada há de novo debaixo do sol.

O vidro mágico do seu monóculo deu-lhe a visão integral da vida e do Universo.

Diz aínda o mesmo senhor que «notou o desassombro com que uns individuos se juntaram para fazer uma renascença literária, como se juntam outros para fundar um banco ou uma sociedade por quotas». Isto é absolutamente falso. Ninguem se juntou para fazer qualquer renascença.

O que se deu foi o seguinte:

Um certo número de individuos, animados de bons desejos e belos sonhos, viram, nas últimas transformações políticas, na nova vida que parece animar êste povo e nas obras dos novos Poetas,

que os velhos tanto desprezam, uma afloração da alma luzitana mais profunda e renovada — um sinal claro de renascimento da raça.

E reuniram-se então numa sociedade que tivesse em vista acirrar essas novas forças espirituais despertas, organizando-as e orientando-as.

Bem sei que é uma empresa séria e dificil, superior ás nossas forças.

Contudo, a intenção é bôa e patriótica, e não deve causar indignados assombros a ninguem.

Nós apenas iniciámos a grande obra a fazer em Portugal. Outros indivíduos de superiores qualidades que, porventura, apareçam, dar-lhe-ão fecundos impulsos redentôres, para bem dêste povo que os nossos pretensos sábios, macaqueadores do estrangeiro, superiormente desprezam, imaginando fartar, com êsse desprezo, a sua voraz vaidade, insaciavel, atacada de fome canina!

O snr. Julio de Matos chamou á «Renascença» uma sociedade de elogio-mútuo.

Sendo ela formada por indivíduos, entre os quais existe um íntimo parentesco espiritual, é naturalissimo que êsses indivíduos se amem e se refiram uns aos outros em termos agradaveis. Ou seria mais natural e simpático que se injuriassem e jogassem a pedrada?

Talvez para certas criaturas...

Já vê o leitor que não se trata de elogios mútuos no mau sentido da palavra.

Deixemos, por agora, a pena, firmes na nossa esperança de ressurgimento pátrio.

Os pios tristes de alguns velhos pássaros nocturnos não são de funesto agouro:—são pios da caducidade impotente, rabujices de velhas pernas trôpegas... coisas inofensivas, afinal...—*Teixeira de Pascoais.*

Mostraram-nos, do snr. dr. Teixeira de Pascoais, um artigo que outro jornal aproveitou por nós o considerarmos *fóra de todas as praxes.*

É claro que « todas as praxes » a que nos referimos são as usuais maneiras de quem se preza. Das outras e de quem as pratica, não falamos.

Comenta-se depois: *como se nestas questões de apreciação literária e artística forçoso fôsse obedecer... a praxes.*

Nós julgavamos que sim, para se distinguir a linguagem da esquina, da linguagem própria dos intelectuais. Se as questões literárias e artísticas fogem a esta praxe, não merecendo um estilo nobre, então... pedimos desculpa e achamos bem aquela resposta do snr. dr. Teixeira de Pascoais publicada noutro jornal. (1)

A cada coisa o seu lugar.

---

(1) Vide na III parte o artigo publicado no *Mundo,* sob o titulo: *« A Renascença Portuguesa » e um inquérito literário.*

Duas cartas

Uma do snr. Gomes Leal e
outra do snr. Raul Proença

Como os nossos leitores teem observado, aumenta, dia a dia, o interesse pelo nosso inquérito.

Além das respostas que as pessoas consultadas deram aos quesitos por nós formulados, muitas outras teem vindo fazer declarações de certo modo valiosas para o desejado esclarecimento do assunto.

A consulta é da responsabilidade do nosso critério. Á margem dela, porém, a todos é licito fazer comentarios, desde que alguma coisa de importância sintam dever dizer. Nenhum escrito anónimo daqueles que nos foram enviados será publicado.

Com esta carta, o poeta snr. Gomes Leal vem lançar mais luz sobre a larga entrevista que com êle tivemos e veio publicada na *República* do dia 11 de setembro. Nem o mestre viria emendar-se, reconsiderando só á vista de uma segunda entrevista que tambem tivemos com o snr. dr. Julio de Matos, publicada em 19 de setembro.

Nós temos ainda pelo grande poeta a mesma admiração antiga. De sorte que, de todas as vezes que o visitamos, perdemos a noção do tempo a ouvi-lo discretear sobre as questões literárias e artísticas, que são, ainda na adversidade, os seus assuntos predilectos.

Querendo reduzir á escrita uma das nossas palestras, que foi talvez de mais de duas horas e daria bem um volume de duzentas páginas e, fazendo-o nós em pouco mais de três colunas do nosso jornal, havia necessariamente de ficar muito apertada, sintética e concisa de mais.

Tem pois razão o snr. Gomes Leal para vir hoje desenvolver e esclarecer o seu pensamento, que sincero e bom como é, não envolveria qualquer má intenção, nem contra *novos* nem contra velhos.

Além disso, á vista da sua carta, as nossas palavras seriam escusadas, se não fossem tambem uma homenagem ao seu alto espirito.

Fala o snr. Gomes Leal

Meu presado amigo.—Absorvido por um trabalho literário que me toma algum tempo, nem sempre posso lêr muito do que se escreve no jornalismo quotidiano.

É por isso que só há pouco li uma carta do snr. dr. Julio de Matos, em que se referia a algumas frases minhas que talvez lhe tivessem soado mal, e que na realidade a mim tambem me chocaram, por

que não fôra essa positivamente a essência do que eu quisera exprimir.

E isto sobretudo refere-se á questão da revista *A Aguia*, mais aos seus colaboradores.

Nos meandros de uma conversação entram bastas vezes casos episódicos ou anecdóticos que frequentemente, em vez de precisarem melhor o que nós queremos dizer, pelo contrário mais arredam os nossos silogismos da sua nobre linha recta.

Portanto, confio á palavra escrita o que eu não soube bem resumir, nem concretisar na palavra falada: porque a escrita não é só mais concreta, mas mais perduravel. Já os latinos diziam: *Verba volant, sed scripta manent.* E isto é verdadeiro, e póde ter referência tanto a êste frágil papel volante em que traço agora estas linhas, como aos caracteres há seculos gravados, numa vetusta cripta egipcia dos tempos de Rhamsés.

E, por causa de falta de precisão das frases minhas decerto, é que eu, narrando ao meu amigo casos anecdoticos a respeito da originalidade de Baudelaire, e das frequentes partidas que êle pregava aos *filisteus, os bons burgueses de Paris*, eu citei uma certa frase sua, de quando era boémio: — *épatons le bourgeois!...*

Ora é claro que eu não tenho agora, a respeito da originalidade, esta dita opinião boémia, nem creio que o proprio Baudelaire a mantinha, quando traduzia as obras de Edgar Poe, ou quando êle

proprio tracejava as suas obras, as *Flores do Mal*, os *Poemetos em prosa*, ou os *Paraisos artificiais*.

E, portanto, tambem eu não podia alimentar, nem alimento a opinião errónea de que poetas e escritores distintos e moços, colaboradores da *Aguia*, e que tiveram a generosa concepção de uma novissima e purissima Renascença, — cujo sonho, só por si, é poético, é alto, e que sentiram e proclamaram essa nobilissima intenção de darem novas azas ao abatido e medíocre ideal dêste século, desejando arrancá-lo do seu fétido lameiro *naturalista-pornográfico*, não podia asseverar, repito, que tivessem uma originalidade tão convencional e espectaculosa.

Por isso o que eu pretendi dizer, mas não consegui talvez precisar, foi que aos rapazes, aos moços, aos *novos*, é preciso desculpar muitas coisas que se nos antolham *absurdas:* porque ás vezes, mesmo nessas excentricidades que contundem os calos terciarios e burgueses do bem senso comum, do chamado *toda a gente*, há já ás vezes sintomas muito frisantes e muito tangiveis de uma originalidade precoce.

E eu poderia para provar isto, se fosse preciso citar muitas excentricidades de jovens artistas, musicos, poetas, pintores, aos quais hoje chamamos *génios*, e os quais alguns dêles se chamavam simplesmente Hoffmann, Edgar Poe, Paganini, Rossini, Byron, etc...

A respeito da revista *Aguia*, mais das condi-

ções de *auxilio mutuo* em que ela fôra baseada, eu aventei que isso era de certo um grandissimo incentivo, mas ás vezes perigoso. E pensei-o, e exprimi-o assim, recordando-me de uma certa revista literária dos bons tempos românticos, dirigida por um já falecido autor dramatico, na qual revista os seus colaboradores recíproca e mutuamente se enramavam as frontes, com os loiros apolineos.

Ora isto, que eu apontei unicamente como um perigo ás vezes possivel e provavel, não o exprimi afirmativamente como sendo uma pécha defeituosa dos colaboradores da *Aguia*

Eu não sou contrario ao incentivo mútuo, nem ao público aplauso, e acho-os até mesmo de uma necessidade urgente e absoluta para afloração do Genio.

Mas para isso é preciso que êles sejam pautados pelo sensato e frio criterio, e isto pertence á critica, ou pelo aplauso espontâneo e emotivo do publico, e isto pertence ás grandes massas, sobretudo quando êsse aplauso explode imponente, ressonante, e tonante, como uma trovoada nos Alpes.

A Arte, disse Marmontel, é de todas as emanações sublimes da nossa alma, a que é como a caridade, menos egoista.

E efectivamente o poeta, o musico, o cantor, não se comprazem egoistamente e solitariamente com as suas canções, com as suas télas, ou com as suas elegias ou sinfonias sentimentais.

Para o seu puro espírito artístico ficar recom-

pensado, basta-lhe só frequentes vezes *comunicar-se* fazer-se aplaudir ou ouvir.

E é isto o que explica a tradição mitológica do grande musico Orfeu, desterrado, fugitivo, erradío entre os homens, comprazer-se em fazer ouvir os acordes da Divina Cítara ás feras bravías, e o caso do Molière recitar as suas facetas comedias á cosinheira... que talvez tambem fosse uma fera domesticada.

Citei com aplauso, é certo, os nomes de muitos velhos e jovens escritores contemporâneos, e infelizmente ainda muitos outros omiti por não me ocorrerem á memoria. Mas citei-os, abstraindo das minhas simpatias pessoais e julgando-os justiceiramente, segundo o criterio relativo das suas próprias escolas.

O que, porém, não concedi a ninguem, nem a novos nem a velhos, foi a infalibilidade pontifical.

Não poderia, pois, senão por falta de precisão de frase afirmar ou asseverar que os *novos* não pudessem um dia ultrapassar os maiores de entre os actuais Mestres.

A nós, os velhos, quem nos sagra *sacerdotes magnos*, não somos nós próprios, nem os amigos, é o consenso unânime: e êsse mesmo, não nos é sempre concedido no nosso tempo, como sucedeu a Camões, Shakespeare, Dante, Cervantes, Milton ou Wagner.

Sempre na vida literária me tenho dado muito

bem com os novos, e sempre tudo tenho esperado, e ainda espero, dos novos.

Os velhos em geral — com nobilissimas excepções, é claro — são egoistas e scepticos, autoritários e pouco emotivos, enfatuados do mérito próprio.

Repito, pois. Não desesperemos dos Novos, não desesperancemos os Novos, dos Novos é que ainda há muito a esperar.

Nós, os velhos, tiremos-lhe os nossos chapeus, e cumprimentêmo-los quando passarem...

São uns jovens argonautas que embarcaram na galéra ebúrnea da Esperança, á conquista do velocino de ouro, ou da mística taça de S. Graal?...

O nosso dever, sejam o que fôrem, é saudá-los e encorajá-los.

Não os recebamos com doestos e chascos, como certos românticos de outróra fizeram a Teófilo Braga e a Antero do Quental, que hoje são dois nomes consagrados.

Porque a verdade é esta:

Se em Portugal existe agora um núcleo de artistas moços e corajosos, que pensaram em promover uma renascença literária, ainda que ela esteja apenas num estado latente de *nebulosa*, já esta aspiração tendenciosa é significativa, como uma floração generosa e pura da alma portuguesa de onde brotaram, espontânea e heroicamente, o lírio do Ideal e a flôr rubra da coragem.

Das nebulosas é que costumam brotar sempre, segundo a astronomia, os planetas e os sóes.

Tambem o gigantesco Jupiter brotou resplandecente um dia da Via Lactea, a qual era tambem outrórа uma muito indistinta e vaga nebulosa...

Esperemos, pois, meu amigo.

Creia-me sempre, seu admirador e servidor — *Gomes Leal.* —23-9-912.

Fala o snr. Raul Proença

Sr. Boavida Portugal:—Acabo de lêr as palavras do snr. dr. Julio de Matos, palavras que pretendem ser uma réplica ás minhas afirmações, e que mais não fazem no entanto que as confirmar.

O pecado do ilustre sábio está francamente confessado: s. ex.ª não leu um único livro, podia dizer mesmo uma única página dos da nova geração. Segundo êle, basta correr rapidamente os olhos sobre um ou dois números de uma revista, para se ficar inteiramente ao facto do que vale um movimento literário. É famoso o processo. Mas eu queria que o snr. dr. Matos me dissesse que nome me chamaria, se eu me abalançasse a seguir processo idêntico na indagação do que tem feito nos últimos anos a psiquiatria portuguesa.

O seu triste e comprometedor depoimento entendia-se, se lhe tivessem preguntado, á porta de um café: «Nos poucos números que leu da revista *A Aguia*, encontrou alguma coisinha boa, que lhe enchesse as medidas?».

Não foi, porém, nêstes termos que lhe foi diri-

*

gido o inquérito; o que lhe preguntaram foi o que êle pensava sobre a nova geração literária.

S. ex.ª provou abundantemente que não pensava coisa alguma.

As explicações do snr. Julio de Matos podiam, porém, ao menos ser inteligentes; mas nem isso são — o que me fez lembrar ser o dito de Remy de Gourmont ácerca de Charles Richet. Mas deixemos o dito. Diz o reitor da Universidade de Lisboa: «Já vê que uma revista daquelas, *onde a gente não vê um nome conhecido,* nem qualquer coisa de novo, só os colaboradores podem lêr assiduamente. Eu não posso.»

A afirmação de que se não vê na revista um nome *conhecido*, abona muito pouco sobre o que o snr. Matos realmente *conhece.* Basilio Teles, António Arroio, Teixeira de Pascoais, José de Magalhães, João de Barros, Jaime Cortezão, Vila Moura, Camara Reis, António Carneiro, Antero de Figueiredo, Silva Gaio, Correia de Oliveira, Augusto Casimiro, António Sergio, Lopes Vieira e muitos outros, sem falar em Teófilo, que, com o dr. Julio de Matos, fundou o *Positivismo*, só podem ser absolutamente desconhecidos ou dos absolutamente ignorantes, ou das pessoas que juraram conhecer tudo, menos o que se faz e o que se escreve á roda dêles. Êsses sim, têm o direito de os ignorar, mas com uma condição: a de não responderem a inquéritos literários.

Êstes, completamente alheados de tais assuntos,

seja por que razão fôr (e no caso do snr. dr. Julio de Matos, será até a mais pobre possível, que é a dedicação profissional) — e vir sentenciar numa hora de ócio, para os jornais, com ar *snob*, que os ingleses e os alemães têm poetas muito bons — que os espanhois têm menos, mas, vá lá, com um geitinho sempre se arranjarão alguns — que é preciso que os nossos leitores leiam, pois, os ingleses, os alemães e os espanhois — pois que na França, onde a nova geração continua a ir buscar tudo, só há Anatole France e mais ninguem (que é tambem o que me diz o meu barbeiro) — e por fim jurar, por simples palpite, que os novos são todos uns insignificantes — eis o que me parece não dever passar sem o mais enérgico e indignado protesto dos que ainda nêste país prezam a dignidade das coisas do espirito.

Isto pelo que diz respeito á primeira entrevista. No que se refere á segunda, é lamentavel que se tenha de dizer que o snr. dr. Matos (que, como reitor de uma universidade, devia dar exemplo de seriedade crítica) insista no seu propósito de não ligar nenhuma atenção ás coisas que discute. Atribue, por exemplo, aos inciadores da Renascença, apesar do meu esclarecimento, a ideia de uma renascença literária, e escreve com um infinito espírito: «O que notei foi o desassombro com que uns indivíduos se juntaram para fazer uma renascença literária, como se juntam outros para fundar um banco ou uma sociedade por quotas».

Pois notou mal, se tal notou. Se s. ex.ª uma vez na vida quizesse lêr as coisas dos novos com atenção para depois as criticar, veria que se tratava de um «movimento de educação nacional», e não de uma renascença literária, que ninguem está hoje á altura, calcúlo eu, de decretar.

Mas se na primeira entrevista, eu só tinha notado o pouco cuidado crítico (chamemos-lhes assim), uma coisa nova notei, porém, na segunda: um espírito purissimo, de uma delicadeza ética, que deve ter sido bebido em Anatole, o único. «Vê? isto não sabia eu, que dentro da própria Renascença já existíam dissidentes. Até agora só conhecia uma espécie de progressistas com êste nome». O meu sapateiro tambem já me tinha dito o mesmo.

Apenas num ponto, pelo que se deduz da *réplica* do sábio alienista, eu fui injusto: foi quando disse que «uns mancebos de 1870 e tantos» tinham fundado a revista *O Positivismo*; em 1870, diz o snr. dr. Julio de Matos, tinha êle apenas 14 anos. Podia replicar que não afirmára ter a revista saído nêsse ano — que a menção da palavra *tantos* em seguida á data tinha uma importância que s. ex.ª parecia desdenhar — e finalmente que, tendo sido publicado *O Positivismo* em 1878, esta data ainda entrava na designação vaga que empreguei. Mas para que diria eu isto, se entendo dever dissertar com a maior honestidade de consciência, e estava sinceramente imaginando que a revista fôra publi-

cada aí por 1873? O meu equívoco é, porém, de explicação facil. Tendo saído o *Curso de Filosofia Positiva* em 1839, parecia-me uma monstruosidade que ainda em 1880, isto é, *mais de 40 anos depois da publicação da grande obra de Comte,* houvesse em Portugal «uns jovens com Moreira Freire» que lessem e fizessem as suas orações pela cartilha do filosofo de Montpellier.

Enganei-me porém. Em 1880, *40 anos depois da publicação do «Curso»*, ainda havia em Portugal comtistas estreitos, ferrenhos e dogmáticos — acreditando piamente na filosofia definitiva, na lei dos três estados e no regime sociocrático. Ora se estar mergulhado no sôno dogmático em 1870 me parecia já torpôr demasiado, não ter acordado ainda em 1880 eis o que me parece ultrapassar os limites da letargia para ter atingido os da doença do sôno.

Por último registarei aqui a frase final da réplica de s. ex.ª «E afinal, quem é este sr. Raul Proença?»

O recurso não denota artificios novos, mas é de efeito seguro, porque os argumentos *ad hominem* ainda surtem efeito. Não são, porém, argumentos dignos de ser aduzidos por homens de espírito verdadeiramente scientífico. Quando uma pessoa inteligente se defronta com razões, não deve tratar de saber *quem* são as pessoas que as dizem, mas o que elas valem intrinsecamente.

Contudo, se a sua pregunta foi sincera, e s.

ex.ª tem realmente interesse em saber quem eu sou, aqui lhe direi, em breves palavras: sou um homem, que não é psiquiatra, nem medico, nem literato, nem coisa nenhuma, mas que teve sempre um grande escrúpulo em só falar do pouquissimo que conhece e compreende.

É o que não acontece, pelo visto, a muito psiquiatra ilustre.—*Raul Proença.*

Uma carta

do snr. Albino de Menezes

A carta que hoje publicamos é de algum modo elucidativa da vida intelectual das modernas gerações coimbrãs.

O snr. Albino de Menezes, alèm da recomendação que é a sua prosa viril, interessou-nos pela apresentação que nos fez da sua pessoa:

«Pode dizer que sou um pobre diabo estudante de direito, mal vestido e mal comido, desprezado de todos como um cachorro que nem possue a boa sorte de ser galante, nunca tendo sido chamado para o seio de amigos que não possuo, com os tais féros orgulhos do pão seco e das botas cambadas que me sequestram ao convivio de uma roda bem vivida»...

Não seremos nós dos que o desprezam.

Eis a carta do snr. Albino de Menezes:

Senhor Boavida Portugal.—Dado que v. se proponha movimentar o pequeno mundo literário aonde me não é dispensavel usar lupa, querendo distinguir dentre a massa amorfa dos talentaços impúberes que despontam, figuras de estro recomendaveis á minha simpatia, permita que eu rompa

a sequencia do inquérito e intercale na série de artigos que publíca dois dedos de prosa rescendente a agua forte, a coisa mais rude talvez que ainda tem visto. Como cite duas revistas de Coimbra no seu artigo de réplica a três consultores da *República*, um estudante cá da escola, pessoa muito querida pelas qualidades morais e intuição artistíca talvez, mas certo eivada da pécha de ajuizar benevolamente do valor intelectual da roda a que pertence, natural é que familiarisado mais ou menos com o meio onde tais patuscos das letras pontificam, e conhecendo a tara megalomaníaca de que sofrem, eu me adiante na afirmativa de «não ser triste» esquecer, como prova de pouca monta e indicio subalterno de energias vivas que carrilhonem no renascimento literário contemporâneo, a revista *Dionysos*. Nascida de um esguicho banal de talento imortaloide, como que marcando a hora dificil de um parto a reclamar a assistência de lentes com meiguices periciais de obstectriz encarregue de acarinhar os monstrosinhos que despontam, e feita assim uma especie de repositorio mal engenhado de trechos de arte pobrissima, em que não há facetas translúcidas de prosa virtualisando ideações emotivas de escritor em formação, nem versos de mór fôlego avigorando em júbilos de cristal, por cujas arestas se adivinhem qualidades inatas de poetas, uma raça anemica de pedantes, que parte irremediavelmente para a morte, a *Dionysos* é uma coisa fruste, ronceira em demasia, boçal ao

exagero, que, vindo imortalisar a claque antes dos pêlos, apenas consegue pôr a claro a pobreza intelectual de alguns impúberes pretensos talentaços. A começar pelo título, que é uma reminiscência exótica do símbolo escolhido para orago de capela onde outros tantos santos reclamam do culto admirativo dos basbaques a parte de leão que lhes compete, êste rebento *snob* da classe reinadia de intelectuais impenitentes, que á medida que se adiantam no tirocínio para a vida gentilhomesca de letrados, sentem ir-lhes crescendo o rei dentro da pança, denuncia casos patológicos de aleijões mentais, aberrativas tendências de celebridade, fraquezas morais, quebras de orgulho, vacuidades, todas as pechas e lamentaveis defeitos que na tara degenerativa de certos maduros marcam um passo para a loucura.

Em Coimbra, como seja costume, aos respeitaveis pés de boi que se propõem o trabalho formidando de guardar na caixa craneana *stocks* de artigos e mais palhada sebentacea acumulada em nove meses de peregrinações através de codigos, reservarem os lentes logar de eleição entre os mais fracos, todo o fiel parvajola transportado assim, por via do incondicional apoio do mestre, a plainos superiores, se permite a petulância de usar juba leonina, de crear sonhos dentro da alma deformada, e de esgarçar em verso ou prosa coisas melifluas, baboseiras de estro decadente, toda a sorte de pe-

lintrices espirituais que assinalam a passagem de medíocres cagalumes.

Artigos dispersos em revistas e jornais, pobres de fórma, a cuja elaboração não assistem êstes impulsivos entusiasmos da alma juvenil determinando arrebiques de tropos em elegâncias plasticas de estilo cativante, e falhos da fluência imaginativa que advem á primeira manifestação artística do escritor, me deixam pensar coisas tristissimas do que seja a superioridade intelectiva de certos peralvilhos erguidos ao solio por mãos de lentes, entre as palmas da familia e ovações triunfais do França Amado. Sabido como na Universidade é costume serem assoprados os lentes pelo ouvido, fascinados da momice glotica de polichinelos que declamam, tartamudeando sabença a gestos de gigante, quando as asneirolas vulgares se classificam a 18 valores, e á maior baboseira corresponde 19, donde resulta que as maiores bestiagas são tidas á conta dos mais inteligentes e os mais inteligentes á conta dos mais burros, não admira que uma revista lançada sob tão duvidosos auspicios, como rebento anómalo de espiritos deformados pela sebenta, nos permita vêr através de paginas insossas, falhas de colorido, sem vislumbres de talento aprofundante, onde pretensas genialidades gatafunham sob a égide carinhosa da saia das mamãs, essas decadências de senso estético, que reclamam pilulas Pink aos vinte anos e dizem que uma juventude assim lan-

çada á publicidade começa a sofrer ataques de caquexia senil.

É vê-los pelas ruas da Baixa, arrebanhados em guiza de anhos, que afectam fidalguias de sangue em elegâncias pifias de côrça, expondo as fitas da pasta numa especie de feira mediocre de vaidades, a melena oleosa pendente para a orelha, com atitudes de ratazanas mergulhadas em azeite, e aspectos galantes de fantoches cuja obra se reduz a burlar os que lhes falam, caloteando a engomadeira, devendo a roupa lavada, não pagando o que comem, e insinuando possuir qualidades dominantes, é vê-los por aí poindo as arestas das esquinas, num flanar mediocre de párias imortais que preenchem as lacunas da propria vida falando da vida alheia, teem cortezias boçais para as mulheres que passam e fraquezas pelos lentes que lhes erigiram primeiramente estatuetas de papelão. Nas suas maneiras de ser e de pensar, o pretenso intelectual de Coimbra é a coisa mais supinamente boçal que se tem visto, intrometendo-se em tudo, falando do que não sabe, dizendo do que não vê, em momentos que mal reprimidos sonhos de grandeza lhe impelem o espirito fruste a bordejar portos de abrigo no convívio dos livreiros e junto ás mesas dos cafés, com a mesma impertinente farófia de eunuco sem acção, emplumachando a figura de entremês, em cujas linhas se notam exteriorizações de empobrecimentos morais, de mistura com anemias de raça decadente.

E não há a destacar nessas figuras talhadas para o ridículo, pelos modelos de uma imbecilidade crassa que adquire fóros de genialidade irresistivel, um espirito fino, um dito galante rescendendo a florências espirituais de juventude, uma frase cantante de alacridade, uma subtileza, um sonho. Procurem-se os poetas e, em vez de fabianos ritmando versos pela musica da dôr que lhes mortifique a alma artista, surgirão petulantes encadernados á parisiense, tratando com solicitude carinhosa o verniz das botas, o nó da gravata, num aprumo de quem pretende revestir-se de *aplomb* gentilesco e atingir assim a ridente celebridade dos pedantes que começam. Como se fazer versos ou ser poeta sejam a mesma coisa, e as qualidades poéticas não importem correlativas faculdades sensoriais transmitindo ao funcionamento cerebral impressões externas que firam as delicadezas da sensibilidade, quadros empolgantes, desastres, cataclismos, incêndios, lutas, tudo isso que tóca o espirito dos artistas e lhes solicita da inteligência poderes de superior realização! Razão há, pois, para afirmar que não sendo poeta todo o que rime desordenadamente sem o inspirativo equilíbrio estético que produz as obras de unidade, se-lo-há por certo o que vibre as complicadas funções da natureza, e sinta o sol, o vento, a chuva, o frio, a neve, se eleve para o alto como as águias e sofra como os cães, cante a alegria e a miseria, os regatos e as fontes, os jardins, as árvores, as flores e os campos.

Convindo saber onde é que na *Dionysos* se encontram essas luminosidades transçendentes, áparte alguma da colaboração eventual com que pródigas amizades da revista suprem as deficiências do corpo redactorial, lógico é avaliar a gradação de idealismo e emotividade da prosa e verso aí vindos a público, que concorrem para o renascimento literário contemporâneo como afluente de impulsivas energias. Revista de *ursos*, possuindo uma natural feição de sebenta feita á pressa, com uma índole filosófica de pontos obscuros, em que não é possivel arrancar do banho paludoso da glótica desconforme em que se imergem certos pensadores de pacotilha, uma teoria clara, uma ideia sã, nebulosa pelo nome e nebulosa pelo fim que se propõe, a *Dionysos* mais parece um brinco de colegiais em horas de ócio que, pretendendo armar em sois do genio, não conseguissem passar de rabos de cometa.

O convivio da sebenta e a familiaridade dos mestres, duas forças concorrentes, actuando uma sobre a inteligência que acabrunha e a outra sobre a consciência que deforma, tornam os rapazes outras tantas sombras torvas de vampiros que se não tragam facilmente em verso ou prosa, mesmo quando uma revista lhes valida pretensas qualidades de literatos petulantes, que se dão ares de génios, começando por não ter mais que uma especie de raciocínio tarado de mendigos.

Para que a *Dionysos* pudesse, pois, considerar-se produto consciente de energias castiças, ao ser-

viço de inteligências puritanas de moços com tempera inquebrantavel de herois em gestação, necessario era que atravez das paginas lhe passassem sopros de talento espadanando ideias fecundas e levantando crispações de frases trabalhadas a capricho, para fazer vibrar de emoção a alma do leitor. Mas ela é a pobre lâmpada ramelosa do templo em que a tal arte de fundilhos e pontas de cigarro pede arrimos a lentes e a figuras de destaque, numa mendicância subserviente de proxeneta em lances dificeis de crise quaresmal. E como não represente um empreendimento altivo de rapazes que trabalham mais por filaucia do que em beneficio da arte nacional, não tendo fé no proprio esforço, não pondo em jogo faculdades másculas que lhes garantam individualidade, o insucesso circunscreve-lhe os limites de uma existência breve de rosal, que murcha irremediavelmente e consigo leva os frutos dêsses talentos flebeis de fantoches, que até hoje não souberam mais do que trazer abortos.

Onde é que estão, pois, essas figuras recomendaveis á admiração do outro que lhe escreve, capazes de prestar a sua contribuição de esforço para o renascimento das letras, quando eu não vejo mais do que um grupo charlatanesco de pedantes, com uma pobresa de espirito que enternece e uma petulância ignobil de brasileiro endinheirado que pela primeira vez calçasse botas? Dir-me-há que os génios não passaram por enquanto de titubean-

tes tentatívas e que as obras fecundas com o necessario equilíbrio estético que hão de atirá-los para a gloria, sazonam em casa, á espera de momento oportuno em que as multidões embasbaquem de tanta luminosidade. Mas nêsse caso, permito-me antever sucessos frouxos, negando-lhes por sistema qualidades que não teem, talento, inteligência, qualquer coisa aproveitável que julgam residir no porte afidalgado, no laço da gravata, no corte da casaca, e que os celebrisa mediocremente em figuras ridiculas de pavões.—*Albino de Menezes.*

Outra réplica

ao snr. dr. Adolfo Coelho

O snr. dr. Sousa Costa, é, entre os novos literatos, um dos de maior valor, sobretudo no romance. Vem hoje a esta movimentada liça do nosso inquérito á vida literária portuguesa contemporânea replicar ao snr. dr. Adolfo Coelho, um dos escritores por nós consultados.

Á serra do Gerez, de onde venho, nem sempre chegam os jornais com a regularidade habitual do Chiado ou do Rocio. E assim, só ontem, na Figueira da Foz, pude lêr os numeros da *República* relativos ao inquérito líterario, que ali não pude adquirir, e entre êles o que inseria as considerações do snr. dr. Adolfo Coelho ácerca do assunto.

Essas considerações, umas de flagrante exactidão, outras de um arrojo heroico e quasi inverosimil, e todas mais ou menos temperadas daquele sabio azedume que carecterisa as suas conhecidas referências ao *imenso genio* de Garrett, levam-me a meter a foice em seara alheia. com perdão do ilustre professor, a quem me dirijo humildemente, de espinha reverente em arco abatido.

V. Ex.ª reduz os novos, ou *novissimos*, como qualifica, chistosamente, os que produzem prosa ou verso desde a entrada do seculo xx para cá, aos colaboradores da *Aguia*, fulminando-os de excomunhão maior pela pretenção de se arvorarem em fautores da renascença nacional. Ora eu conheço mal a *Aguia* e os seus intuitos de renascimento, e, como V. Ex.ª, não creio que a revivescência social de um povo possa derivar da força convencional, da vontade de um nucleo de determinadas pessoas—ainda que cada uma delas dispozesse de qualidades formidavelmente excepcionais para a obra do genio, nos seus múltiplos aspectos, com a acção correspondente no meio que lhe recebesse o calor e a vibração estimulante. O espirito colectivo de uma raça, adormecido debaixo de velhos e espessos sedimentos de uma educação viciosa, intencionalmente depressiva, não esperta num momento, ao toque de clarim de uma audaciosa falange, de bons guerreiros. É indispensável uma contra-corrente, disciplinada e pertinaz, de influências lentamente preparadas, que se infiltre na alma dessa raça, pouco a pouco, sem intermitências, até a uma plena depuração de vicios corrosivos e solidificados. Só então o despertar se verifica, e os clarins que porventura cantem as claridades da manhã nascente, são como que o éco, a ressonância cristalina das energias novas a palpitar de vida.

A Renascença italiana não é obra de Dante ou de Petrarca, de Fra-Angelico ou de Filippo-Lipo,

como o não é de Masacio, de Baiardo, de Miguel Angelo, de Rafael. Os primeiros pressentiram-na, —corrente fecunda de sentimentos e de ideias provocada por um fundo étnico especial, posto em contacto com a linha ideal de tradição, secularmente esquecida. Os outros, os da fase culminante dêsse esplendor neo-pagão, foram a repercussão maxima, principalmente nas artes plásticas, da harmonia que levou longas gerações a compôr e a instrumentar.

Enquanto nós lamentávelmente observamos que a cultura da inteligência, em Portugal, só há muito poucos anos conseguiu haver fóros de cidade, a ser tolerada pelos grandes, que a desdenhavam, e procurada pelos pequenos, a quem era interdita, na Italia, muito antes do seculo XV, a instrução constituia para aqueles e êstes uma espécie de título áparte, a realçar o brilho de outros títulos.

Nos tempos de Dante qualquer criatura simples, do povo, lia e cantava os versos imortais do mantuano. Petrarca encontrou o gosto das sciências e das artes difundido entre pobres e ricos do seu país.

Os principes, como os mercadores de Genova, de Veneza, de Florença dariam sabatinas vitoriosas, no grego e no latim, aos padres mestres de melhor fama nos soalheiros literários cá do burgo.

Pelo que, o renascimento italiano, produto desta cambustão geral e persistente de actividades, multiplicadas pelo temperamento essencial da raça, re-

presenta um fenómeno histórico que não é, nem o podia ser, como fenómeno, a resultante imediata do esforço do homem na sua acção isolada, individual e cronologicamente fixa no tempo e no espaço.

V. ex.ª sabe muito bem o que eu pretendo exprimir nestas incertas garatujas de erudição—em que v. ex.ª pontifica, de báculo e capa de asperges, como mestre. E compreende certamente que as coloquei no papel apenas na intenção de sublinhar, de fugida, que tenho a vaga impressão das razões que não deixam tomar a serio a renascença portuguesa, resultante da responsabilidade limitada de uma sociedade por quotas, com estatutos e gerencia, girando sob a firma social de—*A Aguia.*

Mas daí, Excelentissimo Senhor, até ao extremo de me pôr de acordo com v. ex.ª relativamente ao valor, á capacidade produtiva, ás qualidades intelectuais e estéticas dos colaboradores da *Aguia*, vai a distância que medeia entre uma temeridade e um acto sereno de justiça.

V. ex.ª, ao apreciá-los, como ponto de referencia de toda uma geração, serviu-se de uma medida pouco exacta, mesmo pouco abonatoria da inteireza do critico e do juíz. Não lhes leu os livros, aos que os teem. Por falta de tempo talvez, talvez em parte tambem por confiança demasiada na infalibilidade intuitiva da sua sentença, abriu um numero da *Aguia*, ao acaso, rebuscou nêsse numero, ainda ao acaso, e pela necessidade de se pronunciar, um ar-

tigo era demais para a sua agudeza de vistas, uma simples frase—e no estalão dessa frase mediu o cerebro de uma boa duzia de criaturas que pelas letras trabalham, convictamente, com fé e com amor.

Uma frase estralejante e grotesca,—« a pintura, devendo ser a eternização da esfinge semi-fluida que espectram, etc. » — colhida num repente de vaidade assomadiça, proporcionou-lhe a visão nítida, em conjunto e particularizadamente, das unidades constitutivas da geração actual.

Ora isto dóe-me, não porque me sinta directamente atingido, pois além de não ser *aigoto*, nem filho nem colaborador da *Aguia*, não dou ás minhas frioleiras literarias cotação que as habilite a entrar no patrimonio de uma geração intelectual, mas porque sou rapaz, porque sou um novo na idade e na crença do futuro, custando-me assistir á apreciação sistematica, pensada, urdida e documentada entre o bife e os ovos do almoço, daquelles que hão de ser a expressão cerebral ou emotiva desse futuro.

Eu compreendo que a frase apanhada por v. ex.ª lhe irritasse os nervos como o raspar de uma unha sobre a superficie lisa de um vidro. As responsabilidades de um mestre, de um professor de reputação e de bagagem scientifica consagrada, não podem estar, porém, á mercê de uma irritação momentânea, quando chamadas a depôr num caso de consciência como êste.

Suponha v. ex.ª que eu, e comigo a geração al-

vejada, deixados levar pelo instinto de imitação, que o nosso mestre Aristoteles assevera ser proprio do homem, apreciavamos todo o seu laborioso passado através desta ligeireza cómoda de opinião: —e digo desta ligeireza de opinião, por não ter enxergado, nas longas colunas da sua entrevista congestionada de saber, a citação de um livro, de um único, dos que devemos á actividade da geração julgada e sentenciada.

Se por essa ligeireza de critério apreciassemos o seu passado, reduzindo ás proporções respectivas a seriedade do seu nome, v. ex.ª achar-nos-ia levianos, não é verdade? E eramos levianos, imperdoavelmente levianos, sem a menor dúvida, confesso-o.

E suponha ainda que, destacavamos da sua entrevista estas duas linhas mordazes: «De Teófilo Braga dizia-se que, entre amigos, se contava em o numero dos tres homens máximos da história.» Que destacados, pegavamos nelas, sorrindo de maldosa satisfação, e as cotejavamos, com estas outras, firmadas pelo seu autorisado punho: «É Teófilo Braga, evidentemente, um dos homens mais notaveis que Portugal tem produzido nêste seculo», lembrando que v. ex.ª se referia ao seculo XIX, que em Portugal produziu homens que se chamaram e chamam Garrett, Herculano, Camilo, Antero, João de Deus, Junqueiro, Eça, Oliveira Martins e Adolfo Coelho. E que, destacados e cotejados, estes dois modos de vêr tão contraditórios, ácerca de um es-

critor que por certo não é hoje menor do que ontem, deduziamos, com ligeireza identica, que a obra de s. ex.ª era um capricho de ócios mal aproveitados, sem espirito de unidade, sem equilibrio, sem a linha severa de imparcialidade que fôrma os autenticos julgadores.

V. ex.ª não nos tomava na devida conta, encolheria os ombros, rindo de nós, convencido e muito bem, em face do dislate, da nossa incompetência em todas as matérias, sem excluir a das deduções. Encolheria os ombros, rir-se-ia, porque fôramos menos exactos, porque fôramos intolerantemente precipitados faltando ao critério das justas proporções das coisas, pretendendo descobrir no grão de areia a estrutura reduzida da montanha.

Esta tendência para a generalisação, para de um caso minimo tirarmos a regra geral, é frequente, afinal, entre as criaturas. Ainda há dias um sujeito grave, com óculos e calva, me garantiu, a estrebuchar de raivas apopleticas, que os médicos de Lisboa, trezentos e tantos médicos, eram todos, indistintamente, umas «bótas». Porquê? inquiri, assombrado. Porque um tal Silva, medico, morador numa casa de hospedes da Baixa, diagnosticara que o seu catarro era bronquite crónica. E não, o seu catarro era constipação, simplesmente constipação.

E em demasia v. ex.ª sabe que um seu colega nos sagrados enigmas da sciência psicológica, M. Moreau, de Tours, decretou a degenerescência de Juliano pelo facto de o imperador apóstata haver sido

acometido de uma forte alucinação nas vesperas de morrer — desespero bem natural em quem se vê forçado, contra vontade, a reconhecer-se impotente para restituir Jupiter ao Olimpo. Até declarou Huet outro degenerado — por lhe ter morrido doida uma irmã. A propósito desta tendência para a generalisação dogmatica, escreve Max-Nordau: «Sabemos que muitos atletas sofrem e morrem de hipertrofia do coração. E todos se ririam de mim, no entanto, se eu dissesse: «o atletismo é uma cardiopatia».

Diz v. ex.ª a um terço, pouco mais ou menos, da sua resposta aos quesitos da *República*, e a respeito do messianismo da geração de 1860 a 1870: «Os daquela geração contavam consigo mesmos e, a pensarem em Messias, cada um no fôro íntimo se julgaria tal». O julgar-se tal, cada um, no fôro íntimo, não traz obstaculo á marcha dos mundos e ao prazer inocente de todos nós, ao menos uma vez por ano, nos podermos desvanecer da categoria de Messias para uso interno. Cada um em sua casa está no direito de se considerar Messias ou Espírito Santo, sem incorrer na sanção da crítica ou do Código Penal.

O peor é haver muito quem se julgue tal fóra da sua casa, no fôro externo, nas suas relações com os outros sêres — que êles olham, sobranceiramente, com ares de senhores, deante da matulagem servil dos escravos. Esse é que é o nosso grande mal — mal, que v. ex.ª, assim o creio, deve reconhecer com a alma a sangrar dôr e confrangimento. E

como cada um dêsses Messias, de maior ou menor vulto, não tolera a existência de outro Messias, pois que o segundo constituiria o Anticristo, a negação do primeiro, daí a hostilidade manifestada por aqueles que a si mesmos se arvoraram em eleitos, em privilegiados, contra os que porventura se suspeitem na disposição de ser igualmente eleitos e privilegiados. É frequente o vermo-los, quasi sempre velhos já, já tropegos e oxidados de reumatismo, a crivarem de zombarias e desdens os contemporáneos e, em especial, e incondicionalmente os novos, os que sáem do presente para o futuro.

Messias aposentados, ao contrário do verdadeiro, do que na Judeia prégou o amôr e a simplicidade, a ternura pelos pequenos e a crença nas virtudes alheias, não conhecem senão o rancôr e arrogância, não vêem nos pequenos, nos que tenteiam os primeiros vôos na vida, mais do que frivolidade desprezível. No presente, como no futuro, não descortinam senão incertezas, sombras, esterilidade. Só o passado, de onde veem, e de que não são, tantas vezes, mais do que o símbolo vasio e inútil, merecem aos seus lábios palavras de louvôr.

Na sua incredulidade inamovível pelo esforço dos que começam, e que entendem dever «pôr a distância», reproduzem, ao natural, flagrantemente, a alegoria da concorrência pintada a luminosos traços pela pena aristocrática de Gautier — os que trepam até ao alto da ingreme ladeira em que está a conflagração, mal chegam acima, nem limpam o

suor que os alaga, nem tomam um sorvo de ar que os refaça da fadiga exaustiva, para, o mais depressa possivel, lançarem pedras sobre os que procuram subir a mesma escarpa.

Eu não contesto, Excelentissimo Senhor, a inferioridade da geração nova, ou *novíssima* — se ressalvarmos meia duzia de nomes, entre os quais se contam alguns dos colaboradores da *Aguia.* Mas essa inferioridade não é tão crassa que não mereça ser julgada a sério e documentadamente.

Demais, v. ex.ª, que é um homem habituado a mergulhar o espírito em profundos problemas, meditando por instantes no caso singular dessa inferioridade, desde logo reconhecerá que ela constitue o corolário fatal, a emergência lógica de um facto independente da vontade e do valor intelectual dos novos. Embora incapazes de tornarem realidade, por impossivel mesmo, a *blague* esotérica da renascença, *blague* que, além de outros merecimentos, teve o de agitar a pantanosa indiferença dos sinédrios escolares pelas «verduras dos rapazes», embora impotentes para aquela obra colossal, êles produziriam melhor, mais perfeito, se tivessem *meio*, se se encontrassem numa atmosfera favoravel ao seu desenvolvimento. O seu trabalho seleccionar-se-hia, pela convergência da paixão e da actividade estimuladas, se a êsse trabalho correspondesse a amoravel, a inteligente atenção do público — mais do que nunca dispersa pelos mil e mil capítulos em que hoje se desbobra a luta pela vida.

O que fazem v.as ex.as, os pedagogos, os mestres, os naturais educadores do *meio*, os instrumentos de purificação do ambiente intelectual? Onde estão os seus livros, as suas revistas, a luz cristalisada da sciência acumulada atravez de anos, e que da cristalisação no livro e na revista irradía para o espírito popular?

Tenham paciência—v.as ex.as, mais do que ninguem, são os responsáveis da inferioridade que apontam e que condenam. Enquistaram em sábios, endeusaram-se em sábios — e, á semelhança dos quistos e dos deuses, tornaram-se inertes e misteriosamente impenetráveis.

Frios como o gêlo, conservam-se inquisitorialmente surdos á agonia da sua própria raça. Enceleiraram luzes que bastavam para a despertar, inundando-a de claridade; possuem tesouros que, franqueados á curiosidade das multidões, creariam um estado de consciência intelectual em que seria facil e pujante a florescência das ideias e das emoções—e nem nos penetram de luz, nem nos franqueiam os seus tesouros de noções, de princípios, de leis e de verdades, mais fechados dentro do seu egoismo do que os avarentos das lendas e das tragédias.

V. ex.as, antes de condenarem a esterilidade alheia, devem renunciar á esterilidade própria, escrevendo, publicando, semeando de bons exemplos, de sãos estímulos, de flôres e de estrelas o caminho aberto aos passos incertos dos novos.

Não é justo que chamemos sáfaro, improdutivo ao terreno que temos á vista, sem sentirmos nas mãos a rijeza dos calos deixados pela rabiça do arado com que inutilmente o arroteámos, na aspiração de o vêr transformado no ouro milagroso das espigas maduras...—*Sousa Costa.*

Um artigo do snr. Aarão de Lacerda

O snr. Aarão de Lacerda é o director da revista literária Dionysos, *que se publíca em Coimbra.*

Não só por esta qualidade, como ainda pelas coisas interessantes que escreveu, merece figurar entre a já extensa galeria dos que teem vindo para aclarar a situação literária de Portugal.

Que todos o fizessem com o mesmo intuito de esclarecer, acima de qualquer ressentimento ou malquerença, e nunca os nossos sobresaltos seriam tantos e tão grandes, por amor á causa que servimos.

Eis o artigo que o snr. Aarão de Lacerda nos enviou:

— As palavras desanimadoras e exageradamente pessimistas dos muitos que no seu inquérito teem deposto, obrigaram-me a vir dizer alguma coisa sobre o movimento literário português, sobre as tendências principais que nêle se revelam, embora ainda esboçadamente, originando acentuadas correntes estéticas de um alto valor para o critério que, como criador de valores, as há-de merecidamente caracterisar e descrever. A missão dificílima

que a este se impõe, exige um profundo culto á Belesa, um entranhado amor pela Arte: não deve ser o scientista a dissecar piamente, mas a creatura que sente pelo seu artista uma íntima afinidade espiritual, comungando com êle no mesmo culto.

O momento de reconstrução que atravessamos presentemente oferece inúmeras dificuldades de análise; necessário se torna conhecer bem essa *temperatura moral*, de que Taine nos falou, reflexo do estado geral dos espíritos e dos costumes.

Estamos num período de excessiva actividade, em que pertinazmente se luta, em que se defendem princípios e se combatem as mais variadas opiniões e nunca os *novos* se empenharam tanto num ressurgimento literário, esforçando-se de fazer nascer com energias que vinquem e levem mais fundo os traços caracteristicos da nossa raça, com as suas tradições e lendas.

Desaparecida essa perigosa estagnação mental pela incisiva acção de um grupo de creaturas que alguma coisa queriam afirmar, *realisando,* começou de surgir pouco a pouco, de se formar um ambiente mais propício para as actividades creadoras produzirem.

Não nos devemos restringir no estudo crítico da literatura á observação dos elementos propriamente nossos, temos de buscar mais longe o filão e assim teremos de caracterisar correntes de influência tambem decisiva. Refiro-me, incidentemente,

á filosofia que hoje atravessa uma fase notavel, arrastando os espíritos na ância de se conhecerem: surgem conceitos sobre a vida despidos dêsse rigido positivismo que tanto prestigio exerceu sobre a maioria das consciências no século passado, e estes mesmos conceitos aparecem profundamente traduzidos em William James, Bergson, Euken, Boutroux e ainda outros.

Não posso referir-me, nem de leve, a cada um dêstes nomes, ante o exíguo espaço de que certamente disponho, mas com a sua citação eu apenas pretendi fundamentar a minha opinião: a poesia de hoje reflete bem a fase filosófica de que falei.

Não é de agora esta correspondencia, e se fôrmos, diz Lanson, estudar a psicologia de um heroe de Corneille, veremos a correlação que existe entre ela e a doutrina cartesiana e Tancrêde de Visan caracterisa a atmosféra comum de que participam Flaubert, Leconte de Lisle, Coubert e Taine. *A uma dada tendência poética corresponde, ao mesmo tempo, uma tendência filosófica.*

O *bergsonismo* contém dentro de si as mais belas páginas de arte e lê-lo é sentir essa nevrose de quem procura desvendar um mistério; há, porém, um velário que nos oculta sempre a essência das coisas e o homom sente a tortura de saber o que sob êle vive e palpita: é a luta que o génio de Rodin plasticisou na estátua *Esfinge*, é a interiorisação que o mesmo génio traduziu no *Penseur.*

A poesia dá-nos estados de alma, exacerba a

ância de advinhar o que dentro de nós existe, e o seu sentido é uma afinidade com o misticismo profético. O poeta vê o invisivel e as suas criações nascem da consciência espontânea. A arte é a vida concentrada, diz Guyau, é um produto do que William James chamou o *subliminal self*, é o resultado do que os estetas alemães intitulam pela palavra, intraduzivel para a nossa lingua, *Einfühlung*, a plenitude do sentimento da intuição. É êste o laço de simpatia que nos une ás coisas, é a projecção amorosa do nosso eu, é a sua identificação com o que se apercebe: é essencialmente o *Einfühlung* uma atitude estética A poesia tem, pois, origem nessa segunda consciência, o *subconsciente*.

Falando agora da poesia em Portugal: encontro nela duas correntes bem distintas, uma acentuadamente filosófica com um conceito amplo da vida, a outra, não menos notavel, ligando-se acendradamente ao nosso povo, ás manifestações ingénuas da sua arte.

Teixeira de Pascoais filiá-lo-ei na primeira: toda a sua obra é destacavel pelo cunho filosófico que a ela imprimiu. Será pouco sentida, isto é, compreendida pela maioria; apenas comungarão com ela limitado número de espíritos. A sua arte é a espiritualidade da fórma.

Correia de Oliveira é antes uma transição da poesia filosófica para a lusitanista: assim as *Tentações de S. Frei Gil* e o *Auto das Quatro Estações*.

Manuel da Silva Gaio, Lopes Vieira, Augusto

Gil, Julio Brandão, serão a segunda corrente. Eugenio de Castro revela-se um artista preciosíssimo, cultor e estilista de lendas distantes: a *Belkiss* é uma obra de extraordinaria beleza, revivendo a graça plástica da antiguidade, com os seus requintados simbolismos.

Quero-vos ainda citar Jaime Cortezão e Augusto Casimiro, como pertencentes á primeira corrente, o primeiro com a *Morte da Aguia* e o segundo com a *Evocação da Vida*. Dentre os novos falarei em Afonso Duarte, António Monfórte, Mário Beirão, Lebre e Lima, Eugénio Massa, João Amaral, José Monteiro Mota Guedes e outros. Das tendências literárias entre os prosadores, será difícil apontar correntes distintas, e como tal limito-me a citar alguns nomes de vulto, como Silva Gaio, Teixeira Gomes, António Patricio, Vila Moura, Malheiro Dias, João Grave, Veiga Simões, Camara Reis, Antero de Figueiredo, Hipólito Raposo, etc., e dos novos Garcia Pulido, Ribeiro Lopes e alguns outros. Deixe-me tambem citar-lhe Virgilio Correia, que na arqueologia se tem destacado e na literatura, conjuntamente: os seus estudos de estética regionalista, publicados há bem pouco tempo, merecem indiscutivel menção.

No campo filosófico, mencionarei Leonardo Coimbra e não esqueço o seu nome por a sua tese, *O Criacionismo*, conter páginas de uma prosa colorida e vigorosa, em que traçou o esboço do seu sistema.

São bem raros os trabalhos especulativos entre nós!

Todos acusam a *Renascença Portuguesa,* mas a verdade é que, áparte os defeitos que lhe apontam, a sua acção é benéfica e salutar, isto sob o ponto de vista de despertar energias adormecidas: ao menos, quanto mais não fosse, levantou um combate de ideias, fez surgir inimigos. Ela quer renascer, ou antes rebuscar o que de mais íntimo há na alma portuguesa: realisará esta ambição? A ideia foi pelo menos lançada, daí o merecimento da iniciativa. — *Aarão de Lacerda.*

*

Um artigo e uma carta

O distinto oficial do exército, snr. Manuel António de Almeida, é um estudioso a quem os críticos não deram ainda quaisquer mostras de apreço. Êle trabalha obscuramente em todas as horas que a vida militar lhe deixa livres, sem se mostrar, sem se expôr ao mar dos elogios, que muito encoraja uns e perde muitos outros.

Todavia, o pequeno artigo que hoje publicamos é revelador de excelentes qualidades de escritor e de crítico.

O snr. Garcia Pulido é um assíduo e distinto colaborador da revista literária A Rajada. *A carta que teve a gentileza de nos dirigir contém alguns reflexos da luz que procuramos fazer com o nosso inquérito.*

Fala o snr. Manuel António de Almeida

Eis o artigo que o tenente snr. Manuel António de Almeida nos enviou:

— A tendência idealista na Arte, que hoje tanto se proclama, não é recente, nem peculiar a um país, nem limitada á poesia. É um movimento geral da

arte europeia que com altos e baixos, vicissitudes e fortuna vária, parecendo hoje terminado para ámanhã reviver mais vigoroso, como a todos os ideais sucede, não tem conseguido até hoje tornar-se dominante, bem que venha impregnando mais ou menos toda a arte.

Exprimir o inefavel, as mais subtis relações da alma e do ambiente, exprimir o eu profundo, a essência da Alma indizível e fluida, ou exprimir a ideia integral, a ideia com o seu cortejo de imagens, de sensações, de sentimentos que lhe dão valor e perspectiva humana, tais são as ambições de certa arte moderna. Mas o seu principal caracter, aquele a que todos os outros se pódem reduzir, é o intento de exprimir ou criar a *Aspiração.* E por Aspiração se entenda um anélo para alguma coisa de superior e vago, anélo inebriante, que tanto póde ter uma feição suave e dolente, como a nostalgía de um sonho, ou ser forte, entusiasta, exultante como uma chama de heroismo.

É uma arte mística, sim (se misticismo é a convergência de todas as energias anímicas em tôrno de um objecto), porém, não só do misticismo quieto e doce dos contemplativos, mas do misticismo, tambem, ardente e combativo dos apóstolos. É até esta fórma exaltante que os poetas modernos na maioria preferem. *De todo o teu ser aspira a tudo ser! eis o lêma. A fé ou estado lírico é o estado de alma dos herois.* E cantam a alegria, a vida natural, a vida enérgica, a luta, a esperança na vitória.

A sua sensibilidade é optimista; não que lancem sobre as realidades dolorosas um véu de ilusão, mas porque as encaram de frente e as amam como motivos para lutar e para vencer. O misticismo moderno é um largo manancial de acção fecunda e bela.

Não só a poesia, disse, mas toda a arte exprime a aspiração. A estatuária, onde apenas os elementos expressivos emergem do blóco; a pintura onde as fórmas se perdem na sombra, como já fazia Rembrandt, ou se diluem na luz, como já fazia Turner; a arquitectura e o mobiliário assimétricos, a melodia sem fim e os acórdes fluidos, tudo produz no espírito o desejo, a inquietação, a anciedade de adivinhar, de fixar, de completar, tudo exprime ou procura criar a Aspiração.

Tais são as propriedades de uma tendência que, como se vê, não é recente, e que tendo reagido contra o classicismo e, mais tarde, contra o naturalismo, sofre ela própria atualmente os fortes embates de uma reação neo-clássica. Combalida pela deficiência técnica de muitos dos seus prosélitos, pela consciência de fórmas de misticismo patológicas ou extravagantes, pela aliança de metafisicas mal seguras, e sobretudo por defecções de individualidades ilustres em que a educação e o atavismo deixaram o vinco clássico, vai, não obstante, fazendo seu caminho, impregnando toda a arte, até as obras dos seus próprios adversários.

É que ela tem como condição o sentimento re-

ligioso, (no seu sentido mais amplo) raiz da alma humana, e na sua exteriorização plástica não exprime senão o fito da Arte de se tornar cada vez mais sugestiva, e, portanto, mais sintética. E talvez de todas estas reacções surja ámanhã o ponto de equilíbrio, não de certo definitivo, mas duravel, que se poderá quiçá definir: *uma representação nítida em torno da qual paira um nimbo de coisas evocadas.*

Nos meandros subtis da Arte, Apólo e Dionisos virão mais uma vez a encontrar-se? — *M. António de Almeida.*

Fala o snr. Garcia Pulido

Snr. Redactor:—Tentou V., por meio do inquérito á vida intelectual do país, apurar qualquer coisa de positivo, focando os principais aspectos do moderno movimento literário, definindo correntes e extremando campos. Para conseguir êste fim, necessárias se tornavam ponderação e lizura da parte de todos, entrando cada qual na discussão sem azedumes e ejaculações verdoengas de bilis.

Um mez volvido, vejo que o inquérito quasi falhou, amarfanhado entre o estrondoso farfalhar de aleivosias e marafamentos de insultos. Té á data, apurou-se que Pascoais, na opinião de Julio Brandão, é uma bexiga de porco, e que Julio Brandão, no dizer de Pascoais, é um ressurgimento de João Brandão, de canêta em punho.

Na realidade, aproveitar-se-ia alguma coisa desta

luminosa conclusão havida, se, ao menos, tivesse o dom de chocar violentamente o temperamento parrâna dêste povo raquítico, simples esquelêto chuviscado de carne, carateando pelos séculos afóra em saracoteios de Tarleton e desengoçamentos de palhaço. De tudo o que está dito tiro três conclusões:

1.ª—a inconsciência dos velhos;

2.ª — a incompetência dos novos para uma discussão séria;

3.ª — a inutilidade da discussão entre velhos e novos.

Vamos aos comentários:

1.º — Quasi todos êsses velhos que hoje surgem da penumbra e proféticamente pretendem caturrar de cátedra, foram, a dentro da valente geração passada, morrões de azeite, soltando apenas efémeras cuspinhações de luz polvilhadas de intermitências umbrosas. Todos os homens de sciência, talvez, armazenadores de filosofias e carunchosas descobertas arqueológicas, tendo tanto de artistas e de temperamento emotivo como o diabo tem de santidade, êsses homens nunca viram nas maiores páginas do seu tempo mais do que a disposição gramatical da frase. E sarrabulhando no convívio dos cafés, coroaram de loiros aqueles que empregavam, com propriedade, um ou outro vocábulo. Volvida meia duzia de lustros, veem êsses homens apreciar o labor artístico de uma geração saída do berço, quando êles entram no túmulo. E enregam a atirar

juizos, com uma ousadia de principiantes, confessando publicamente que desconhecem a maioria das publicações saídas nos ultimos tempos.

Quem desconhece o assunto não deve discutir... não acham?... Grita um, olhando a França, que se vê na grande Pátria do Genio Anatole... Ora valha-nos Deus e que a Virgem dê aos novos paciência para aturarem os velhos!... Dão a entender que a geração vai por mau caminho, porque (não rebentem de riso) porque... é muito individualista... muito pessoal! Que é a arte, de uma maneira geral, desde Beethoven para cá?

O artista divorciou-se da multidão e o individualismo campeou de uma maneira estranha. O individualismo é, como todas as correntes literárias- a resultante de uma multidão de causas sociológicas. Enquanto existirem as causas, os efeitos continuam. Há por aí livrinhos baratos e interessantes aonde se trata o assunto com precisão e clareza...

Acusam ainda os novos de falta de unidade e orientação. Mas a arte moderna é essencialmente anárquica; cada um concentrado no seu sonho tenta vibrar emoções inéditas seguindo inéditos processos.

Não encontro nos artigos publicados qualquer argumento mais, que mereça resposta. O resto, ironias de velhotes brejeiros e divertidos, exceptuando um ou outro que por não ter graça recorreu á transcrição de frazes espirituosas atiradas por autores que tiveram espírito quando Deus andou pelo mundo.

E as lusas gentes pasmadas admiraram então a aliança religiosamente harmonica do pensar de Acacio com o *imenso talento* de Pacheco. O espaço que lhes sobejou gastaram-no a troçar da *Renascença*, atirando com a responsabilidade das profecias do snr. Pessôa para cima duma geração inteira, que nada tem com o super-Camões e que se importa tanto da *Renascença*, como eu me importo com a dôr de calos que atormenta o meu visinho, um diabo gastrálgico de cabelos nos ouvidos. A associação portuense é na verdade ridícula quando, a fortes arrotos de burguês bem jantado, intenta renovar as lêtras esplendorosamente. Mas quando *A Aguia* se limita ao almejo de congregar esforços e energias aproveitáveis, tentando canalisar aspirações convergentes e estimular vontades adormecidas têmos de lhe reconhecer todos os direitos de vida, vendo nela, como em qualquer publicação semelhante, a beleza de uma iniciativa grande.

2.º— Para provar a incompetência dos novos basta vêr que raríssimos responderam a uma pregunta do inquérito. Quasi todos fugiram artificiosamente e poucos, cheios de desassombro, aguentaram com ponderação os *botes* que lhes atiraram. Valeram-se do insulto... claro indício de fraquêsa. Ora, para levar de cambalhotada pela riba da inconsciência esses sábios aposentados, não era preciso tanto.

A argumentação que traziam ovantemente cerrada na malêta, esfarinhada pelo dente daninho

dos tempos, levantou leve nuvem de pó, que sómente provocou um ou outro espirro passageiro.

3.º— A evidência conclusiva da terceira afirmação resulta, consequentemente, da demonstração das duas primeiras.

É necessário, porém, a troco de tudo patentear bem claramente o campo lastimoso em que caíram os velhos, o descalabro das suas afirmações, a injustiça dos seus arreganhos irónicos.

Fiquem nostalgicamente caturrando saúdades no ajoujamento de gatas borralheiras ao canto da chaminé e limitem-se a fitar, com lágrimas nos olhos, as novas falanges que vão de longada para o país do ineditismo, sedentas de luz e ar puro. — Coimbra — Outubro, 1912.— *Garcia Pulido.* — Colaborador de *A Rajada.*

Uma carta

O snr. Ribeiro Coelho, que apezar da sua profissão de tipógrafo, estuda e pratíca a nossa literatura, faz-nos agora vêr a questão literária sob o aspecto geral do Modernismo.

É claro que não louvamos nem condenamos. A crítica virá depois. Sómente não podiamos deixar de publicar esta carta, como documento que mais tarde se apreciará ácerca do nosso actual momento literário.

Áparte a religião e a politica do snr. Ribeiro Coelho — aliás inofensiva e merecedora de respeito, pelo seu tom de convicção — a sua carta, fosse embora uma heresia, tinha o direito á publicidade de todas que aqui se teem estampado.

Fala, pois, o snr. Ribeiro Coelho.

Snr. Boavida Portugal: — Permita V. que um rapaz venha na *República* dizer duas palavras, que se lhe afiguram justas, ácerca do actual movimento literário da nossa pátria. Não sou habitual leitor da *República*, porque o pouco tempo que me deixam livre os meus trabalhos de tipógrafo e de escritor, costumo dedicá-lo ao estudo de obras mais

reflectidas que a leitura dos diários tão comummente frívola. Demais... sou ardentemente católico e acho, como achava S. Bernardo, insípidos todos os escritos em que não leio o nome adoravel de Jesus. A *República* não lhe encontra esse dulçor; lamento-a por isso.

Tambem nos distanciam persuações politicas. A *República* consubstancía, como indica seu nome, a República, e eu, que antes do dia 5 de outubro me confessei sempre ardente democráta, após a proclamação da nova fórma governativa, emigrei... publicamente aderi, e disso me não pesa, ao programa que julgo altamente democrático, do partido legitimista. São modos diferentes de vêr a democracia...

Separam-me, pois, da *República* divergências grandes, mas menos o amor á pátria Portuguesa, amor que sinto estuante e vivo, e que julgo tambem sentirá comigo essa redacção, ilustre por tantos títulos. Se com todos os redactores me une êste amor, com o snr. Boavida Portugal sinto outro laço de união: o amor á mais bela das artes e primordial sciência: a *literatura*.

Porque o demonstra evidentemente a bela ideia do seu inquérito: o snr. Boavida Portugal ama a nossa melodiosa e bela lingua, tão maltratada hoje... Venho falar sobre o assunto que a *República* tem versado, mas não me adiantarei.

Não segui, pelas razões aduzidas, o inquérito, mas não desespero ainda de o coleccionar. O que

tenho visto, porém, é o bastante para me confirmar em opiniões que já preconcebera.

A obra da chamada «Renascença Portuguesa» parece-me tão falha de ideias e critério como palavrosa e imodesta; tão retumbante como estrepitosa catadupa, é ela; mas tão vazia como bola de espuma que se desfaz nos ares ao sopro da mais leve aragem. O snr. Boavida Portugal sabe perfeitamente que é a filosofia a fonte de todos os conhecimentos humanos, mas que na actual literatura portuguesa debalde se procurará um traço rapido e fugitivo de filosofia.

A que é que veem dando o nome convencional de «Renascença Portuguesa» os seus apaniguados?—A um conglomerado de Arte, Raça, Saudosismo, Arias e Semítas, tudo escrito com iniciais maiusculas, á germanica. Eu tenho lido artigos dos seus corifeus que, borboleteando como mariposas em volta de uma rosa, ao redor de uma palavra, veem por fim a nada dizer. Isto é o mais trivial, (ia a dizer o mais *ordinario*, mas tenho medo), porque é frequentissimo que depois de muito discretear e aduzir grande cópia de frases, não avançasse uma sílaba a discussão encetada.

Lamentávelmente vazia de ideias é a retumbante fraseologia modernista, pois aquela corrente literária crismada pelos seus adláteres com o pomposo nome de «Renascença Portuguesa», já tem sido no estrangeiro descrita e combatida sob a denominação justíssima de «Modernista». Justíssima, digo, por-

que tem todos os caracteres do sistema a que se convencionou chamar, por própria confissão, aliás, sistema modernista.

Como V., snr. Boavida Portugal, não ignora, o Modernismo é muito complexo. Depois de cometer cá dentro dos arraiais católicos diabruras inqualificáveis, condenou-o o Papa. Na memorável encíclica *Pascendi*, que lançou sobre êle o ferrete ignominoso do anátema, Pio X manifestava a concordância que unia os vários ramos das sciências e das letras, como da religião modernísticas. O Papa viu bem, com a perspicácia que (falando humanamente e prescindindo do caracter divino que na Igreja reconhecemos nós os católicos) era de supôr, sabendo-se a ilustração da romana curia. Depois da *Pascendi*, estudando eu o Modernismo nas suas variadíssimas manifestações, pareceu-me que podia expressá-lo a mim mesmo por esta definição : — Sistema que desprezando todas as regras, estabelece como única a sua supremacia e independencia. V. dirá se, tratando-se dos modernistas da pseudo-«Renascença», é justa a observação.

Para isso basta ler, e de relance, qualquer trecho, tomado ao acaso, dos tais reformadores da nossa literatura. Se lhes fôrmos dar crédito, só êles são literatos ; só êles são sábios ; só êles escrevem bem ; só êles são... aryas ! E nós, os que procurámos dar á lingua a melodiosa inflexão dos prosadores como Fr. Luís de Souza, Bernardes, Castilho e tantos outros, sômos uns pobres papalvos, estu-

dos, que não percebemos patavina de... Raças! Isto é de mais, snr. Boavida Portugal, isto é de mais!

Versos sem metro nem acentuação não são versos

A poesia, essa divina filha do entendimento humano, não fica melhor tratada quando cai sob a alçada dos *renascentistas*, ou, para dizer mais propriamente, «modernistas». *Nos leges habemus*, leis de ritmo, e de medida, de rima, e de metro. Mas... vão com essas aos modernistas!...

Eu tenho lido algumas tiradas de versos modernistas. Santo Deus! que horror! Versos sem seguirem os cánones literários da colecção dos acentos, alternados de diferentes medidas, serão tudo o que quizerem mas não são versos. Para escrever assim, mais valia a pena poupar papel e escrever tudo a seguir!...

E, apezar de ser tão grave o defeito, ainda, a meu ver, outro maior se encontra ali. Refiro-me á impropriedade dos vocábulos. É facil encontrar na poesia modernista enfileirados termos que muito se admiram por se verem juntos. Esta impropriedade é, para mim, maior defeito que todos os apontados. Não cito exemplos, nem citarei aqui jámaís nenhum, nem nomes dos corifeus... das *aguias!*... porque verberando a corrente que macúla a nossa bela literatura, nada me importa com a personalidade dos que seguem tal corrente.

E por essa razão não faço as considerações que logicamente faria, atendendo ás protestações de religiosidade, e porventura de cristianismo, que teem subscrito alguns dos poetas da nossa idade, filiados na pseudo-renascença, de que vimos falando, ou eivados do seu espirito modernista. Não! o sentimentalismo dominante em certos escritores, mesmo que se revista acidentalmente com o disfarce religioso, não é cristianismo, nem muito menos catolicismo. O sentimento católico póde inspirar verdadeira poesia, delicada e mimosa, mas o catolicismo não deixa por isso de ser, mais essencialmente, uma religião filosófica, isto é, uma religião que tem bases e fundamentos scientificos e que aceita sem pavor a discussão.

Inépcia memoravel é portanto pretender amalgamar o que nenhuma afinidade química nem física póde ter jámais. Conglobar, num só todo, a Virgem Maria e a deusa ciprina, só lembraria aos cérebros esquentados das *águias*, se não fosse tal impossivel a representação justa e verdadeira da orientação modernistica, cheia de incoerências.

A literatura não é vaidosa, nem cai na estultícia orgulhosa de se pretender impôr como única dominadora, profetizando que remodelará por completo a Sciência, a Religião e não sei que mais, criando tudo novo. Essa promessa é feita em todos os tons pelos modernistas da «Renascença Portuguesa», essa incompetência entronizada que julga impôr-se

a tudo e a todos como a rã, inchada com o vento, julgava ter atingido a corpulência do boi.

*

Falando dest'arte, julgarão talvês alguns que descreio completamente da ressurreição da literatura portuguesa. Não é assim, nem v. o suporá, snr. Boavida Portugal, pois certamente opinará comigo, que é não só possivel, mas até facil, e que se dará indubitavelmente, logo que se compreenda, com toda a nitidês, que a orientação tomada pelos literatos do modernismo, a nada, que estavel e belo seja, póde conduzir.

Em Portugal há ainda escritores que procuram manejar com elegância o rico idioma nacional, e verter em moldes clássicos um pensamento alevantado e nobre. Honra lhes seja! A lingua, esse mimoso dom do Creador, é nobre e grandiosa, e nós, os portugueses, temos a vantagem de falar aquela que tem de todas as linguas o melhor, no expressivo dizer de F. Rodrigues Lobo. Para que na actualidade se criem as obras literárias que dignificam um homem e ilustram um país, não é necessário excogitar paradoxos nem prostituir o idioma com forçadas e incoerêntes acepções dos termos. Escrever sensata e portuguêsmente, deve ser o primeiro requisito a exigir nas obras literárias.

Quanto á poesia, tem ela cánones fundamentaes, que bem merecem um pouco mais de atenção.

Atender ao metro e á rima, é próprio dessa forma literária, porque, ainda ninguem foi capaz de convencer-me de que seja verdadeira poesia aquela composição que se liberta das aureas cadeias da rima e da medida. Nos nossos tempos escreveram belos versos João de Lemos e João de Deus, Camilo e Tomás Ribeiro, Soares de Passos, Xavier de Novais e outros, para só falar dos falecidos. Dos que ainda existem, alguns há que dedicam a estas obrigações da poesia o seu cuidado atencioso. Façam assim os que desejam escrever bem, e te-lo-hão conseguido.

Ao chegar aqui, parece-me ver levantar-se em resoluto vôo a bandada das *águias* e vir exigir-me uma reparação, porquanto, recordando os cánones literários que elas aborrecem, deixo obumbrada a *ideia* (a *Ideia!*) que, por a não possuirem, apregoam a cada passo.

A ideia, (o tal *saudosismo*, talvez), é tudo para êles. Seja-o muito embora; trinem endechas á saudade, ou á raça, ao semita, ou ao arya; julguem muito embora ter realizado a visão dos tempos passados e por vir; levem a sua audácia á culminância de se julgarem o Petronio dos nossos tempos — *arbiter elegantiarium* — e o Homero dos futuros — *musarum pater et poetarum rex;* a imodéstia com que tais se apregoam, o **EU** maiusculo guinde-os ás esferas superiores do Parnaso que julgaram criar, e apesar de ser o que é — a vacuidade

scientifica do seu sistema literário — gosem a ilusão de ser cheia de ideias a sua fraseologia mas... — pela «Renascença!» façam-no em bom português, no lindo idioma em que escreveram Barros e Garrett! — *José Constantino Ribeiro Coelho.*

Um artigo

O Snr. dr. Rita Martins, moço escritor que há mêses se estreiou com um belo livro de contos intitulado Quadros vivos, *vem hoje contar-nos as suas impressões a propósito do nosso inquérito, naquelle estilo nervoso e desapiedado seu muito caracteristico.*

O seu artigo tem a virtude de vir ampliar a documentação do assunto que a outros pedi que esclarecessem e valorizassem com a auréola dos seus nomes.

Mas é preciso mostrar os menos conhecidos.

Sr. Redactor—Quiz v. dar balanço á intelectualidade indígena, *poer em coronica* os quarenta maiores contribuintes cá da terra e, sob a fórma de *Inquérito á vida literária,* acendeu a candeia de Diógenes.

Fez v. muito bem!

Com efeito, para se medir a faisca nacional nada melhor que ouvirmos a própria voz dos nossos grandes homens, dos dirigentes da nossa Vida, representantes doirados do nosso pensamento...

Fazê-los sair do negócio da sua reputação; obrigá-los a despir o preservativo do seu prudente

isolamento — crisálida engrandecedora da maioria dos nossos célebres; permitir-lhes que, a quererem espremer-se em ideias, arranhem o próximo —para falarem de si e deixarem as entrelinhas da sua Obra e do seu talento de homens-grandes; deixá-los vir, lamurientos e sem vergonha, a pedir, por favôr, que os tomem a sério, estendendo á luz da publicidade o brilho baço da goma-arábica que lhes péga as postiças penas de pavão (quando não teimam no silêncio, na lisonja ou na banalidade)— é fornecer-lhes o dinamómetro que lhes há-de classificar a pedantice, perante a magistratura dos beleguins do mesmo oficio.



A literatura nacional!

Nós sabemos, snr. redactor, que ela vai decadente, como a raça que traduz... Mas, creio eu, não será pontificando prognósticos fatais com as terapeuticas das doenças incuráveis, que o mal há-de sarar.

Temos a mansa languidês de quem nasceu ao sol... E como não há-de a ala dos namorados *das* nossas resnascenças ser de gente de mais ou menos capa ou espada? Como não há-de preferir ao triunfo da luta, que fortifica e faz bem, a volúpia do sonho que a terra e o clima provocam?

Para que hão-de os descendentes de conquista-

dores e dos cantores de epopeias gloriosas, dos homens dos *mares nunca dantes navegados* esquecer as tradições e as especiarias da India e a pata férrea de Afonso, o Albuquerque?

E, na fermentação das raças, tudo derivou para a poesia de alma, mística e estrambótica, espiritualizante...—com ocasos doirados na retina, esperanças imaginosas no miôlo, melancólica saudade no *doce* miocardio—e, oh incoerências humanas!—no estómago apenas convicções balôfas de burocratas incompetentes! (Vide o «Anuário Comercial» e os catálogos das livrarias).

E o *Terreiro do Paço* aparece como única «Boa Esperança» da Nova Geração!...



Entre as variadas fórmas de vida facil, além da politica (na sua fase parasitante) ha as casas de penhores e tambem a rendosa profissão da cosmopolita má lingua. Uma catilinaria pastelão, com selecções de coleccionador, ainda entre nós rende bom juro: e, ás vezes, o critico para conseguir representar o tal proximo...—basta analisar-se.

Mas eu não fujo á santa verdade confessando aqui, que, depois de Fialho, do Eça, me parece que em Portugal—uns querem ser Eça:—e arremedam-no, como se a sensibilidade ou a ironia não nascessem e se comprassem ou conseguissem com

a mesma dificuldade com que arranjam empenhos ou editores; e estes macacoides em vez de rirem do proximo, fazem-no rir; e a quererem criar, apenas fazem caretas, a custo conseguem esgares.

Outros, o maior número, uma praga, atrelaram-se ao *deuso* Fialho: mastigaram-no, enguliram-lhe a prosa—adubaram-se. Mas sem a sensibilidade nele excepção, imitam-lhe o arrevesado e poliglotico vocabulário—falsificam-no: e estes paleographos manhosos, bricabraquistas de linguas em fermentação, a quererem tosquiar ideias fabricam e amontoam néo-palavrões, em picados que é preciso dissecar e que nem eles proprios talvez traduzam... E com furias de onagro e harmonias de *Zé-Pereira* fardado fazem arreatas de periodos legua da Povoa, alcantilados e indigestos, eriçados como ramalhudos galhos de veado...

Isto quando não preferem, de caminho, inventar uma Escola fossil de prosa manhosa, saracoteante, pintada e mole, sem vida, sem sangue e sem nervo...—mineral. Ou criar, em charadas piégas, vernaculismos, logares comuns, preguiçosos e incolores, *Obra* obsoleta que marque nos atalhos da Critica pedralascada...

Os macacos!

Hoje, ainda, como se houvesse escolas. Não, não ha seitas: ha temperamentos unidos por afinidades e simpatias, partidos naturalmente opostos: e são essas classes que, em arranjos infinitos, subdividem a sensibilidade humana, que, afinal, como

a velha Natura, não dá saltos, mas cujos extremos cada vez mais e mais refinam. O resto são *claques* que morrem com os donos.

*

* *

Eu bem sei que a arte não usa freio. Nem se gasta a passear nos macadames da moda. Não se sacrifique, pois, nem se torça á educação e aos axiomas sadios da sociologia. Mas auxiliem-se no combate e na propaganda das teses uteis.

E são precisos outros simbolos: a saudade, directa ou indirectamente, é um sentimento melancolico.

Que a luta seja a base do nosso Futuro. E nós venceremos nas selecções da Vida.

Bem pezemos as realidades filhas do Acaso, determinadas pela dinâmica da vontade, cuja merecida apoteóse deve substituir-se ao ignorante fatalismo dos impotentes.

E apareça a moral da vida no grandioso scenario da Natureza. A expontaneidade dos grandes exemplos, a força dos triunfos, o sentimento das comoções benfazejas e das glorificações merecidas. E a lição bela e proveitosa das parabolas moralizantes.

*

* *

Filhos do meio, como a vegetação, as manifes-

tações da nossa vida correspondem-lhe. É sabido que os povos teem os representantes que merecem. Tivémos todavia fortes e grandes homens—e creio que alguns deve ainda haver... mas—bem sabemos!—caidas na paz das sombras essas águias que torceram a sua terra e a puxaram e lhe emprestaram a sua vida e a energia da sua acção—o meio volta atraz, como mola teimosa...

Só nos mexemos quando nos picam. E só queremos viver quando nos sufocam!

Já lá vai o tempo das novelas em que o português Camilo castigou a antiga linguagem dos cronicons... Já lá vai o tempo de Eça, o consul cosmopolita e irónico: e ninguem com tais e tão leves tintas fará melhor. E morreu outro dia Fialho, o condenado hipersensivel: começára a vida no martirio do *Altinho* e acabou na acanhante província, quasi na lavoura, a aliviar-se dos *triunfos* na benemerência de um testamento liberal, e a desabafar só lá para fóra, atravez os oceanos...

Rolam avalanches de ignorancia, travadas por erudições postiças e homenagens mutuas. E as patologias socio-sexuais, contra indicadas no nervosismo de hoje, guiam os que as compreendem ou traduzem.

E subido o pano, aparece a banalidade nacional a laurear a incompetência dos diplomas e do compadrio: e parece morreremos a fazer chorar...

E eu lembro-me de Tourgueff e da estepe; e das ruinas das nossas esperanças que sempre e cada

vez mais alimentam os turbilhões infinitos do fumo da nossa vida... Fumo! Fumo?!

*

* *

Mas...

Se nós não temos mercado literário! Se tudo está invadido pela indiferença, pela banalidade, e pelo estrangeiro—sob todas os fórmas e mais a do plagiato! Se o país, analfabeto, canta e se diverte e infelizmente bebe. Se os nossos literátos—áparte meia duzia de idolos de encomenda a viverem da reputação e do anuncio—quasi só servem para distraír o próximo e deixar que a estupida burguezia os troce e governe a encolher os ombros,—sim, para que hemos nós tambem sorrir?

Em Portugal ainda temos gente de nervo, que sente e vê bem. As artes germinam, e quando os artistas não emigram, prometem vida e querem dar flôr.

Nuvens de poetas doirados como o nosso sol puxam o sentimento e vivem das claridades luarentas, a olhar para o ar...E nós vemos que há portuguêses cheios de esperança que parece sincera que lançam ideias e lutam e trabalham...

Para que desfazer as suas tentativas quando honestas?

Para os justiçosos pecadores lapidarem? Para

fazermos toda a gente civica? Para abafarmos a vida e a concorrência? Para, esmagando tudo, esterilizarmos o meio numa pretendida ância de amôr á grande Vida, á Patria ou á Verdade?...—*Rita Martins.*

Mais um artigo

Desnecessário seria apresentar de novo o autor do presente artigo, o distinto oficial do exército snr. Manuel António de Almeida. Bem marcado deixou êle o seu nome da primeira vez que interveio no nosso inquérito, nos poucos períodos que nos enviou.

Se então recebemos felicitações, o artigo de hoje não agradará menos.

Eis o artigo que o tenente snr. Manuel António de Almeida nos enviou e nós gostosamente publicamos:

— O snr. Ribeiro Coelho veio anatematisar as tendências da Arte, apodando-as de modernistas. Como o asserto poderá lançar a confusão nos espíritos timoratos, e, tambem, pelo interesse que o snr. Ribeiro Coelho merece pelo seu ardor patriótico, pelo seu nobre amor pela Arte e pela hombridade da sua confissão religiosa, eu venho pela parte que me toca esclarecer a minha ideia.

O que a igreja catolica, eu julgo, condena sob a denominação modernista é o que, seguindo autorisados críticos, designei por *aspiração;* porém, tão sómente quando seja considerada como origem ou

fórma do conhecimento — em especial do conhecimento das coisas supersensíveis. Não se trata, porém, nêste caso da Arte, de aspiração fórma de conhecimento, mas de aspiração fórma de sensibilidade.

Um católico poderá deleitar-se com a musica de Wagner ou de Debussy: o que lhe não será lícito é constituir, com as ideias sugeridas pela sensibilidade, uma metafísica pessoal.

Que a aspiração é um facto no domínio do espírito ninguem o póde contestar; não permitir que a Arte a exprima é delimitar-lhe arbitráriamente o âmbito, mas supôr que ela própria seja revelação, sciencia, verdade, ou de que modo ou em qual grau o seja, eis o que resta discutir.

Os artistas que seguem esta tendência é verdade que com frequência apelam para Bergson e outros; porém, é aquele apêlo motivado antes por encontrarem em Bergson uma sensibilidade irmã e fortes sugestões para a Arte porque na verdade lhe admitem totalmente as asserções — escolha aliás facil numa obra que não constitue, por essencia, um compacto sistema, logicamente cimentado. Tambem, seja, alguns teem achado relação entre esta feição artística e certas atitudes espiritas, ocultistas, etc. Isto simplesmente porque entre umas e outras há êste ponto de contacto: o *misterioso*. Mas, na verdade, asseguro que para ser grande artista moderno não é essencial ser alquimista ou magico. E tambem, da mesma fórma, nos poderemos

entregar á mais dionisíaca exaltação, sem por êsse motivo nos crêrmos iluminados, videntes ou profetas.

É certo que o ideal da realização artística, tal como o defini—*uma ideia nitida, em torno da qual paira um nimbo evocador*, — semelha, em muito, a visão intuitiva. Porém, admitir a intuição como fórma de receptividade artística não é, necessáriamente, admiti-la como origem única, definitiva do conhecimento. Que não é ela sob esta feição de todo para desdenhar. A intuição é como os olhos, e a razão é como o tacto que rectifica os julgamentos da vista mais amplamente investigadora, mais capaz de orientação.

Porém, para tudo que estiver longe, e nos não seja revelado por alguem que de lá venha, que remédio senão confiarmos no juizo dos olhos que, contudo, não há duvida, nos pódem iludir? Mas estas correlações entre arte e filosofia são ás vezes um pouco artificiais. Não se poderá apreciar toda a obra de Wagner e ignorar Schopenhauer? Aí temos o naturalismo que parece com evidência aliado do positivismo. Todavia, vê-se o naturalismo acamaradar cómodamente com o mais nevoento ou o mais exaltado misticismo. Não são essas duas tendências que sintetisam a alma flamenga, e tambem a alma espanhola? Não sabemos nós hoje que os grandes místicos eram maravilhosos na acção, pujantes organisadores, com um sentimento profundo das realidades terrestres? Não são elas que se ma-

nifestam no drama ibseniano, não numa sequência evolutiva, mas alternadas e confundidas? E aí está Verhaeren que, numa página, celébra a truculência de um presunto e na seguinte a suavidade de um claustro, e isto em versos faceis e admiraveis, como se ambos os estados lhe fossem igualmente naturais. Portanto, sentir liricamente e pensar friamente nada teem de incompativel. A exaltação lúcida será até o estado de alma próprio do heroi moderno.

Na realidade, esta Arte póde criar a fé, mas uma fé puramente humana—um impulso á actividade desinteressada até ao sacrificio: uma ideia, uma causa, um ideal político, social, artístico, humanitário.

Trata-se de um impulso, de uma orientação bastante geral para que a razão a possa acomodar ás realidades imediatas. O fito último desta acção será uma utopia? Que importa? O sonho não vale por si mesmo, mas pela qualidade do esforço que se dispende, tentando realizá-lo.

Contudo, eu inclino-me a crêr (mas esta crença não será fundada) que o homem vai edificando a sociedade ou, mais própriamente, o homem vai edificando a humanidade com o mesmo instinto seguro com que a ave constroe o ninho.

E creio, tambem, que esse instinto obscuro na multidão, se torna mais consciente, mais nítido, á sensibilidade de alguns altíssimos poetas. Que, porém, isto nos não faça cair no lôgro de considerar um Evangelho tudo que qualquer cavalheiro nos

venha dizer em verso, ou de supôr fetichisticamente na multidão a pura fonte da Verdade. Os juizos da multidão devem ser apurados por um escól; os instintos individuais rectificados pela razão. Porque se a multidão ou o instinto tiverem a razão contra a lógica aparente, nada conseguirá obstar a que realisem o seu sonho.

Mas pondo de lado estas ideias, talvez não essenciais, despojando-nos de todo o aparato metafísico e de todas as galas do estilo obscuro com que é de uso pontificar em assuntos de Arte, a questão resume-se muito simplesmente a isto: a Arte tende para a sua definição, para a sua essência:— a emoção.

Se quizermos definir a curva evolutiva da Arte, diremos que ela vai do máximo de representação com o mínimo de emoção (arte clássica) ao mínimo de representação com o máximo de emoção. E isto não porque êste seja o bel-prazer de alguma etnidade metafísica, obscura e diligente; mas porque emoção e representação de certo modo são antitéticas como manifestações diversas de uma única energia, e tambem porque a nossa sensibilidade é cada vez mais complexa e cada vez mais profunda. Ah, quem hoje se contentaria com a melodia simples de uma avêna rude?

*

No princípio, era a Estátua. E ela era abstra-

cta, simples, clara, harmoniosa e divina. Mas depois veio a pintura: primeiro, os Mestres da linha, súbditos ainda da Estátua, em seguida os Mestres da Côr, os Mestres da Expressão, alfim os Mestres da Luz, sugestivos e musicais. E foi quando a Côr triunfava, que a Musica, sabendo que ia suceder-lhe, se desenvolveu e de súbito se alou para as hegemonias futuras. E agora vejo: a Estátua era a mais representativa porque no bloco nada era sugerido mas realizado, palpavel; mas a Estátua era serena. Depois, os mestres da côr fizeram o milagre da expressão, pondo em valor os elementos caracteristicos e desdenhando os mais, e os mestres da Luz, finalmente, não se satisfizeram de valorisar os elementos expressivos, isolaram-nos apagando os outros na sombra ou no esplendor. Mas estas representações, por assim dizer incompletas, eram idênticas ás outras que a música sugeria.

E começou aqui o domínio musical. Passou a arte por aqueles momentos que sofre a nossa visão, quando colocados em frente de um espectaculo nos deixamos insensivelmente absorver pela vida interior.

Postos diante de uma paizagem, o nosso olhar, a princípio, se dispersa pela multiplicidade das coisas; depois certos ruídos, o chiar ao longe de um carro de bois, o chocalhar de um rebanho que recolhe, nos dispõem á melancolia. Então os nossos olhos só reconhecem os objectos capazes de ex-

primir o estado da nossa alma: os clarões mortiços do poente, a sombra do pinhal, a planície deserta.

Finalmente, o nosso olhar se fixa num objecto único, uma arvore ou uma pedra, espécie de fulcro em volta do qual fluctua o pensamento.

Mas se o espírito ama encontrar no que é estático um ponto de apoio para se mover, com quanto maior delícia não acha num objecto fluctuante o seu próprio ritmo! Como é belo o mar! Que fascinadora a dança quando, em vez dos saltos bárbaros e das posturas grotescas em que o público se compraz, é uma seqüência de belas atitudes continuadas e pendentes, interrompida, alguma rara vez, por uma solução brusca e imprevista! Porém, a que virá ao nosso prazer a *filosofia da mobilidade?*

Posta aquela lei da evolução da Arte, de que acima falei, me parece que a Arte, que chamo de ámanhã porque pressinto que ámanhã dominará e não porque não existam já hoje esplendidas realizações, essa arte há de ser puramente expressiva e dela serão eliminados, portanto, aqueles elementos primacialmente lógicos. O que não quer dizer que seja obscura, mas sugestiva. E, como entre os elementos lógicos há os que situam o objecto no tempo e no lugar, a matéria da arte será lendária, dos países inconsistentes de nenhures, de épocas de que não reza a história, mas onde se agitem almas de toda a terra, de todo o sempre humanas.

E qual o efeito desta arte sobre o contemplador?

*

O contemplador duma obra de arte plástica terá diante dos olhos uma imagem circundada por um hálo prestigioso de coisas evocadas. Esta imagem, realçada assim, tornar-se-há um objecto de êxtase, um centro de unidade para a alma. Mas aquele mesmo hálo, aquela auréola vaga, criará na alma o frémito, a aspiração, a variedade. E assim a Arte será a expressão viva da própria Alma, a sua correspondencia perfeita, a Consciência, o EU, esta unidade múltipla, esta contínua flutuação que constantemente se sintetisa. A Arte não será a imitação da Vida, a Arte será a Vida. O Êxtase e a Aspiração, a Beleza e a Poesia, Apólo e Dionysos — os dois pólos da Vida — os dois pólos da Arte — se encontram reunidos na obra de arte suprema. — *M. António de Almeida.*

O poeta snr. António de Monforte

e os socios da Renascença

O snr. dr. António de Monforte enviou-nos a seguinte carta:

Senhor:—Tambem eu tinha alguma coisa para trazer a êste abençoado inquérito. E tanto era que, metendo-me a dizê-lo, atirei comigo para fóra de vila e termo,—não houve mão que me sustivesse dentro da concisão devida ao estreito campo dum jornal. Dei por mim já muito para além de todos os limites e voltar atrás seria renunciar ao que mais valia a pena. Daí, o reservar o meu depoimento, tão largo como êle me aparecia, para o desafogo de um folheto, que não demorará a romper com uma epígrafe sacudida, pronta:—«*O espírito lusitanista*».

É Topsius,—seja assim!—que ergue a palmatória contra o saudosismo de mestre Pascoais. Nada tão convencional, na verdade, nada menos probo do que êsse avariado conceito da nossa psicologia—pura improvização de académico pedante, de filisteu desconhecedor da realidade social do povo português!

Nem a capa tradicional do mendigo espanhol

enxadrésa remendos tão disparatados como a síntese formidavel do formidavel Marános, — Zaratustra mascarado em filósofo de aldeia. O psitacismo, afinal, que caracteriza a obra do vate, impossibilitando-o de pensar claro, de sentir claro!

Ora parece que os Deuses me fadaram, humilde criatura que sou, para derreter a gordura gongórica que amaneira a vacuidade daquilo tudo. V. verá que os artigos de fé da apregoada «Renascença» não passam de uma bastardía ignóbil, onde o excesso doentio da invenção se risca de antériticas rosalinices.

Pascoais embrulha o dionisismo criador da Esperança com a persistência resignada da Saudade, que não é senão uma esperança devolvida, negativa. Falsifica criminosamente a compreensão da raça com uma farrapada étnica a que mistura não sei que resíduos de ultra-romantismo sédiço. E o que é devéras engraçado são os compadres que, apenas Marános botou teoria, elegeram logo a Torre de Belem para Elvira das suas ternuras. Quer-se lá maior e mais abominavel contrafacção?!

Em vez de se conformarem com o determinismo da Paisagem e do Sangue, abandonam-se a uma espécie de perversão ideológica, regulamentada por um princípio unilateral e dogmático. E deve-se chamar Renascença ao que não significa mais do que uma atitude artificial, — um produto manufacturado grosseiramente, para uso de um sindicato farisaico?

Cardeal-diabo da capelinha tripeira! eu lhe juro que o processo ficará minuciosamente informado. Tão vazia de sentido a triste nasceu que para tomar ser de gente, para ganhar fisionomia, teve que se apoderar de intuitos que nunca foram dela. O movimento que inculca existia já bem definido em Portugal. Folheiem-se os *Serões* de setembro de 1909 e aí se encontrará uma prosa de pessoa lida, sob o título seguinte: — *A nova geração — Do neo-lusitanismo.* Pasmarão decerto da assinatura, porque não há muito ainda que nêste logar o autor discorreu, atribuindo á arcadia portuense o que três anos antes a outros atribuira. Não se estranhe, porém: — usou legítimamente dos direitos de propriedade.

Já o mesmo não acontece com os senhores de *A Aguia*, que até agora, numa pelintrice aviltante, só deitaram de original, de próprio, aquele *post-scriptum* deliciosíssimo de Pascoais no último número. Ensinaram-me em Coimbra graves sabedorias que, quando uma sociedade vive do que não é seu, abre-se-lhe falência. A da famosa Renascença por quotas está aberta. Podem habilitar-se os credores!

Sou de v. camarada leal e agradecido — Outubro, 1912 — *António de Monforte.*

O snr. Afonso de Bourbon e o inquérito

Sr. Redactor—Como poderá repercutir na alma dispersa e anónima uma obra cuja objectividade transcendente—se é que a tem—se não harmonisa com o pensamento, embora embrionário, que já move a consciência colectiva? A Arte tem que reflectir, interpretando-as em todas as suas modalidades e contrastes, a alma e a vida do seu tempo, as recônditas aspirações e tendências da sociedade. Creio que, nesta hora, exclusivamente uma Arte que reverbere a nossa trepidante vida contemporânea, amassada de exaspero rábido e tristeza, rebeldia e scepticismo, a nossa vida febril, intensíssima, tumultuária,—esta alma moderna nevrosada e fremente, morbidificada pelo *surménage*, electrisada de frenesis—logrará encontrar ressonância e correspondências na emotividade ambiente.

Essa arte possante, máscula, comovida—e a Arte que profundamente comove é aquela que brota de uma profunda comoção—iria buscar á complexa modalização da vida actual têmas, scenários, tipos, *Leit-motivs* que fossem bem o transunto ao mesmo tempo exacto e impressivo da nossa época, do nosso século, da nossa vida real.

Estou certo que uma arte assim valeria imensamente mais do que essa que, modelada sobre futilidades irrisórias de ideação, constitue a predilecção gulosa de *dilettanti* sibaritas e *mademoiselles* de tótó e *carnet-mondain*... Em vez da lamecharia de um subjectivismo delambido, banal e caseiro,—extases e elegias, melancolias ao sol-pôr, misticismos degenerativos— será a vida turbilhonesca das cidades loucas, corroídas pelo fermento de revolta que conjura nos *bas-fonds* suas vindictas de abalar o mundo, que inspirará e alentará a Arte ungindo-a de imensa grandeza e tocando-a de um poderoso sôpro de epopeia. E vai-o fazendo já... Bem mais que o saudosismo de Teixeira de Pascoais é, a nosso vêr, a inspiração que alenta os *crayons* de Forain e vibra poderosa nas estrofes de Veraharen — o poeta das *Villes tentaculaires* e das *Forces tumultuaires*. Porque, afinal de contas, o saudosismo — que é uma espécie de cantárida para espevitar a devoção patriótica em deliquescência — terá visos de viabilidade? Desconfio bem que não tem. Digo porquê — sintetisando.

A Saudade, como síntese psicológica da raça, como expressão suprema da alma nacional—conforme o conceito de Pascoais—cifra-se na «velha lembrança gerando o novo desejo», quer dizer, na rememoração comovida do Portugal heroico de outros tempos e no desejo de outro, harmónico com esse, modelado sobre a mesma alma criadora, construir de novo. Mas viabilisar-se-há esta concepção

eminentemente patriótica, racista, agora que, cada vez mais, a *Patria* vai sendo um eufemismo apenas toleravel ? Como se casa esta intenção glorificadora da pátria com as disposições agressivas da alma popular nêste século de reivindicações proletárias, gréves, demolição ?...

Na concepção saudosista há um reflexo de beleza irrefragavel e creio bem que ela agrada á sensibilidade da maioria dos portugueses que, sempre nos exaltamos de nostalgia, relembrando a grandeza fecunda e generosa do Portugal remoto, mas, vendo as coisas a frio, ponderadamente, não creio que o saudosismo logre cáptar as inteligências do maior número pelas razões que, muito pela rama, indiquei acima.

Tenho para mim como certo, porém, que cáia embora o saudosismo não cairá o talento, incontestavel, dos seus corifeus. E isso consola-nos. Claro é que da falange que hoje desfralda o balsão saudosista fica o nucleo, reduzidíssimo, inovador : a coórte que em redor dêle se apinha arremeda-o, por mimetismo, por interesseiro cálculo, para aquinhoar a aura momentánea que a « Renascença » agora tem... Essa esgueira-se logo que, á ala enamorada, chegar a hora dificil da hostilidade eriçada de doestos e indiferenças. O saudosismo, a meu vêr, tem o futuro de todas as ideias de cenáculo : inspirará polémicas, suscitará discussões, ungirá muitos sonetos e esfumar-se-há naturalmente, de mansinho, sem se dar por isso. A Saudade é a

própria alma da raça, o seu «próprio sangue espiritual»? Oh! a alma do povo não é imutavel e no momento em que estamos polariza-a um complexo de desejos bem outros que os que o saudosismo comporta e pressupõe.—*Afonso de Bourbon.*

O snr. Hernâni Cidade

faz uma síntese comentada das ideias que passaram através dos artigos aqui publicados

O snr. Hernâni Cidade, pela sua carreira de destaque na Faculdade de Letras de Lisboa e pelo que, por nós, entendemos que sabe, dá suficiente garantia de ponderação e proficiência, para que o público leia este seu artigo com o merecido interesse.

Depois dêle, os quatro ou cinco escritores que já sabemos irem escrever livros e folhetos a propósito dêste inquerito, farão a precisa análise de tudo que de notavel passou através dêle.

Eis o artigo:

Meu caro Boavida Portugal:—Que lhe exponha a minha impressão do Inquérito — pede o meu amigo.

É justo. E não é sem certa solenidade de flamínio antigo que eu me apresento a depôr. Sinto que o meu depoimento, ou antes, o seu convite

vale por uma metade do Inquérito... Mostra uma face inteira da questão, êsse convite!...

Qualitativamente, já estava conhecida a nossa crítica literária. Preciso era que quantitativamente ela se nos revelasse tambem, não é verdade? E daí, este convite—maneira finamente diplomática de provar que se exgota rápido a lista das competências desta Pátriasinha, tão dessorada e tão magrita...

O Boavida, afinal, em tudo foi duma graça inédita, nesta ideia do Inquérito. Que marota partida v. pregou á Crítica!... Em grandes ares pontificais, subiu v. ao altar em que se erguia hierático, esfumando em penumbra e incenso, o ídolo fulminador. E, grave e calmo, o dedo nos lábios a impôr silêncio, bateu-lhe rijamente na cabeça para que se ouvisse o oráculo—e a cabeça do estafermo ressoou, retumbante, de vacuidade e leveza...

Assim devia ser — e v. bem o previu — confesse...

Crítica literária em Portugal!...

Mas que olhar de adivinho a lobrigou jámais? Faltam-nos para ela:

1.° faculdades pacientes de análise e o dom divinatório da síntese;

2.° serenidade quasi religiosa nos processos e a desanuviada elevação de vistas;

3.° e quem sabe se tambem matéria a sério criticavel?...

E é porque tudo isso nos falta que, em Portu-

gal, ou é a critica um banal salamaleque de salas, ou uma descabelada diatribe de regateira ciumenta. E no geral, não passa de uma variabilíssima resultante dêstes factores: o *palpite*, a côr dos olhos do autor, o funcionamento gástrico do crítico, um jurosito de favor oportuno, ajuste de contas em aberto, desde umas inconfessadas aventuras convergentes... E que sei eu?...

Isto, em geral, não é verdade? Que no Inquérito aparecem nomes a quem os novos devem o respeito com que se paga um legado de sciência ou arte, grande ou pequeno não importa, mas representando um trabalho honesto e perseverante, tão pouco vulgar nesta Pátria de sol e moscas...

Falo, é claro, dos novos que não forem por sistema atacados de uma fobia iconoclástica que é o mais decisivo contra-indicador da aptidão crítica.

Mas concretizando:

Eu dividirei os críticos deponentes em dois grupos principais.

1.º Os críticos da velha escola;

2.º Os críticos da nova escola, compreendendo:

a) os não-renascentes;

b) os renascentes.

Reduzo, é claro, o Inquérito á sua expressão mais simples, mas compreensiva. Porque nem todos souberam depôr nêste tribunal literário. A complacência do snr. juiz permitiu até que, de quando em vez, um ou outro assistente, impaciente de alaridos escandalosos e sôfrego de olhares estranhos,

agitasse nas mãos charlatanescas a campainha do réclamo próprio...

Voltando, pois, aos críticos e *só aos críticos.*

Os primeiros apreciaram, em geral, por palpite, possivelmente na atonia contente das digestões opulentas. E como saíam dos poços escuros da sciência profunda, a espreitar, ás furtadelas, os horisontes azues, ou eram arrancados á paleontologia dos tempos distantes, para um meio psiquico diferente e consequentemente incompreendido, apenas dos seus veneraveis oráculos se logrou *ressaber:*

Que a literatura portuguesa a modo que anda assim impregnada de panteísmo, que substitue... os modelos quinhentistas e arcádicos...

Que os sabios e os intelectuais do século se agrupam assim: tantos nesta sciência, uns poucochinhos naquela, meia duzia para aqui, uns tres por junto para acolá... E que, pelo que respeita á poesia, vai menos mal. Di-lo-hiam os catálogos dos livreiros, se o não provasse o poeta Cunha filho, que o crítico muito aprecia...

Que, enfim, pelo visto nos autos e atendendo a que a ré, Literatura pátria, é uma criaturita franzina e inofensiva, embora ás vezes gritando impertinencias tôlas, fique-se em paz e socegadita, visto que *de minimis non curat praetor*, o que se traduzirá: de *coisas ordinárias* não curam os grandes homens.

Se quizer, entretanto, vir a ser gente, bátize-se e crisme-se, volva ao agápe cristão onde o crítico

ha muito se empenumbrou... e terá garantida a bemaventurança eterna dos humildes de coração e... dos pobres do espirito...

E mais não disseram... E imaterializando no nimbo de semi-deuses, lá se foram chegando para o pórtico gelado do panteon, sem se importarem que, no íntimo das nossas almas anciosas, sómente avolumára a desconfortante e quasi desesperada dúvida antiga:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária?

*

Mas novo grupo de deponentes se perfilam, elegantíssimos. Sorriem, confiantes e gesticulam com grandes pausas. São os triunfadores do presente. Tutelam a literatura moderna, vivendo com ela em mancebia que num ou outro chega ás vezes a ser sinceramente amorosa. Falam pois dela autorizadamente... se disserem mal...

E que nos dizem?

Muita coisa vaga... A luz do seu verbo dissipa-se na bruma, e é dificilmente que se lobrigam os perfis ondulantes destas afirmações:

A nossa época é convulsionada. E sobre a ruina do passado ainda se não deliberou a nova síntese fecundante...

Perpassam por cá, todavia, uns leves arrepios

dos ideais perturbantes lá de fóra:—o panteismo, o idealismo, o pragmatismo...

Mas é já velho, apesar de tudo, o nosso lirismo. Maior impressionabilidade talvez, maior riqueza expressiva, mas sem princípios especulativos que alicercem e ergam teorias de arte, determinando correntes literárias...

Renascença?... Uma sociedade que... abriu falência... Originalidade?... Histórias! Só a pregam creaturas que são...

...o que eles disseram aos leitores. Eu não o repetirei. Esfarrapem e enlameiem eles no lamaçal os nimbos divinizadores e as candidíssimas azas...

E mais não diziam...

Era muito?... Era pouco?...

Julgava eu que pouco fôra, em verdade.

A minha ingenuidade de primitivo recebera de Taine, como dogma, que um povo étnicamente diferenciado, muito tempo vivendo num meio fisico e psíquico distintos, deveria estereotipar na obra de arte o seu «facies» psicológico individualizante. E porque o olhar fluctuante e superficial dos nossos críticos o não atingira na bruma literária envolvente, eu ia já levantar contra eles o meu anátema indignado, quando reparei no dobre a finados por mais dum deles vaga ou nítidamente modulado:

— Em Portugal não há literatura... — Seria a explicação do vago das suas afirmações? Seria este penhorante empenho de nos não desconfortar, que a

alguns deles deteve lá pela altura das afirmações gerais e ondulantes, tão imprecizas, que á maravilha podem caber entre quaisquer paralelos do mundo culto... e tão banalizadas que nelas aeroplaniza ha muito a penuria intelectual dos lázaros do jornalismo?

Ou era a maneira cábula de fugir ás questões que jámais se analizaram?

Quem sabe?...

E no fundo da alma, perfurante sempre, cada vez mais e mais avolumava e pesava a interrogação já velha:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária?

*

E, então, eis que um novo grupo, radiante,

palmas na mão, cantando um cantico de esperança

se dirige a nós, num eureca esplendido, quasi comovedoramente sincero.

E clama:

—Em Portugal ha literatura nacional — e a mais original literatura moderna!

— Em Portugal ha crítica literária, porque se soube descobrir esta redentora verdade!

Ouçamos deste grupo o snr. F. Pessoa. Os seus confrades, não vale a pena. Nem o leitor perde em não contemplar as pirilampiscências de

grão-senhores monoculares, gesticulando rítmicos e sorrindo desdenhosos; nem seria edificante ouvir invectivar alguns, como empenhados em provar que o Pégaso não tem só azas e é carrascão grosseiro, ás vezes, a agua de Castalia... ; comquanto talvez fosse divertido ver os modernos processos de prestidigitação-filológica, com que se consegue atafulhar numa palavra uma biblioteca de filosofias e literaturas, vestígios de não sei quantas raças e embriões de maravilhosas civilizações futuras — como quem recalca, num côco velho, um armazem de bríc-à-brac e um armazem de modas...

Mas é tempo de ouvir o snr. Pessoa.

É um rapaz inteligente e estudioso. E, além destas qualidades tão raras, acumula a qualidade rarissima de saber responder aos adversários com ideias e com delicadeza. Na resposta do professor Adolfo Coelho ao inquérito e na réplica de F. Pessoa ao sábio lente da Faculdade de Letras, eu vejo resumido todo o Inquérito. Foram os dois críticos que mais inteligentemente e documentadamente traduziram as duas ideias, que correm, sobre a moderna literatura.

Que nos diz o snr. Pessoa?

1.º — Que a literatura portuguesa moderna se revela com uma equilibrada originalidade que é a máxima até agora por ela atingída, só comparavel á inglesa do período isabeliano e á grega do período homérico.

*

2.º Que essa originalidade não póde deixar de emanar de elementos nacionais.

3.º Que, concludentemente, os poetas portugueses de uma época muito próxima e talvez alguns dos da actual, ainda não revelados, porventura, hão-de ser supremamente grandes — águias olhando altivas para esse pintasilgo que foi Camões...

E daqui conclusões sociológicas interessantíssimas, pelo que revelam de escolasticamente engenhoso e quixotescamente arrojado. Mas isso não foi exposto no artigo, e, portanto, fica deste logar relegado.

Vejamos, porém:

Essa originalidade consiste para o sr. Pessoa numa nova atitude do artista, perante a Realidade. *E' unificada* que o artista vê a dualidade eterna que a constitue. E' a *Realidade-alma.*

Mas... *pelo filósofo*, essa atitude foi tomada ha muito tempo — desde os tempos do Hilozoismo grego. E modernamente, conhece o snr. Pessoa melhor que eu, talvez, o *naturalismo transcendental* de Scheling, afirmando a identificação da natureza e do espírito na suprema *realidade ontológica.* Traduzindo isto em humano, vem a dizer que, para o citado filósofo, entre os dois mundos não existem apenas analogias, paralelismos, relações traduziveis pela comparativa distanciante *como.* Há uma verdadeira *identidade substancial*, uma verdadeira *Realidade-alma*, manifestando-se atravez

da universal existência numa crescente iluminação de consciência.

A natureza vem a ser assim um vago prelúdio apagado da orquestração wagneriana e maravilhosa que o *homo sapiens* concentra e traduz, não é verdade?

Pascoais, o poeta da bruma e do mistério, que ao mistério e á bruma deve — quem sabe? — a ampliação desfigurativa das modestas linhas que lhe contornam a personalidade poética, outra ideia fundamentalmente diferente não exprimiu, quando disse:

Quando olhas para uma árvore, talvez ela
julgue que és um fantasma e tenha medo!
E quem sabe se as árvores são fantasmas
para o nostalgico e trágico rochedo?...

Mas não é isto a expressão do sonho panteísta da iluminação crescente, pela consciência, da *unidade substancial* da *Realidade-alma?*

Em que consiste então a originalidade da literatura moderna?

Em condensar, pela primeira vez, tais nebulosas filosóficas em fúlgidas cristalizações artísticas? Mas eu recordo que, já segundo V. Hugo:

Ce qui dit la bouche d'ombre
... c'est que vents, ondes, flammes,
Arbres, roseaux, rochers, tout vit!
Tout est plein d'âmes.

E, modernamente, Jean Lahor, por exemplo, não deixará tambem que sejam tomados e impostos como tipos de poesia original as composições pelo snr. Pessoa apontadas. E o leitor julgará se êle tem razão, quando o poeta francês, numa atitude mística de sacerdote do novo Credo e numa ternura efusiva e acolhedora de poeta das novas emoções, lhe disser convicto que

Les fleurs ont des regards qui nous font souvenir
de grands yeux feminins attendris par les larmes,
et les beaux yeux des fleurs ont aussi tendres charmes.
Les fleurs rêvent, les fleurs frissonent sous la nuit
Et . . . .
. . . .
les roses au corps pâle, en écartant leurs voiles,
folles, semblent s'offrir aux baisers des étoiles.

Entre êsses choupos em cujas almas a imaginação transfigurativa do snr. Cortezão descobriu almas de discípulos de Tomás de Aquíno, e estas flôres em cujos corações o ouvido feminino de M. Lahor logra sentir corações de filhas de Heloísa, não lobrigo eu, no ponto de vista de atitude perante a Realidade, a mais pequena característica diferencial. Numa, como noutra, não há a *imaginação da analogia* entre fenómenos do espírito e da natureza, há a *compreensão, o sentimento da identidade substancial* em que êles eternamente se abraçam e fundem.

Em que consiste, pois, a originalidade da poe-

sia portuguesa? Tem que mostra-lo mais claramente o snr. Pessoa. E bem anceio por que o faça, pois não é com cinismo e sem maguado desconforto que vejo tombar em ruinas uma torre ebúrnea de maravilha e grandeza, arrojando-se ao alto, espiritualizando no azul num grito ressurgidor das nossas almas, não sei se para sempre mortas, se transitóriamente a dormir, exaustas...

Mas não conseguirá prová-lo, certamente!...

E, consequentemente, a Pátria portuguesa, pelo que respeita a criações civilizacionais, continuará na sua sonolência secular de Roldão aposentado...

E, consequentemente, Camões continuará muito sobranceiro á Brasileira e ao Martinho, embora o não erga muito acima da sua visinhança de charlatães aquele boçalissimo pedestal, que bem receio não simbolize, assim grosseiro e inexpressivo e pesado, a alma truncada e deprimida da Pátria que lho erigiu...

Mais considerações nos sugere o artigo do snr. Pessoa. Mas este vai longo e eu só não fugirei a mostrar-lhe a minha estranheza pela facilidade com que infere a *nacionalidade* da nova corrente literária, do facto de meia duzia de poetas nela se agruparem e ser impossivel, uma vez provada a sua originalidade, ter esta outra proveniência que não a do fundo sentimental da raça.

Por menor expansibilidade que se atribua ás ondulações imitatórias de Tarde, ficará ainda a bas-

tante para explicar essa comunidade de sentimento e ideia, nesta nova Tavola-Redonda onde tão enternecida é a amizade e tão frequente o inter-cambio de filosofias, impressões, versos, elogios... Temos direito a exigir do snr. Pessoa provas menos aprioristicas dessa afirmação. O *folk-lore* português é rico. Procure o curioso crítico nêle qualquer germe que embrione essa decantada poesia nacional...

Mas o artigo já excede as medidas ordinárias. E nós chegamos ao fim da nossa tarefa. Com qual resultado?

Queriamos nós saber da beleza, virtude, graça e mais partes que concorriam na juvenil elegante que dá pelo nome de *Literatura Portuguesa.*

E vieram os velhos e negaram-lhe a paternidade, num arreganho escandalizado; motejaram-lhe os arrebiques extravagantes de *cocotte*, e encolhendo os hombros, num desdém olímpico, voltaram-lhe as costas.

E passaram depois os novos. Olharam-na sem respeito nem amor, envolveram-na numa indiferença gelada e quasi irónica e, sem lhe apontarem qualidades apreciaveis e inconfundíveis, disseram coisas vagas para, em cortezia de sala, mansa e prudente, lhe desculparem os defeitos... E retiraram apressados, como se estivessem constrangidos...

E, afinal, aproximaram-se os novíssimos. No seu olhar exaltado e visionário nós sentimos arder a febre de um amor desvairante e cego... E foi de-

lirio e quiméra e fumo quanto da *Esposa dos cantares* ditirambicamente disseram...

E como ninguem mais restasse, a tristeza então gemeu na intimidade da minha alma. Pesava nela a sensação depressiva que experimenta quem atinge a vacuidade da negação e compreende a inutilidade do esforço e antegosta a amargura do desespero...

Bem queria sentir uma aurora de fé, raiando no frenesi de trombetas que nos chamassem á vida.

E, afinal, tenho na alma a impressão de cinzento e vago em que se esmaiasse o sonambulismo duma cegada, exalando plangências de cantochão morrente, de repente varado por vibrações rápidas relampagueando numa fumarada rubra de marselhesa triunfante, logo esvaecida na impassibilidade do azul indiferente...

E no meu espírito, mais dolorosamente agora, perfura como um punhal e espirala como uma serpe, a interrogação antiga:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária? — *Hernâni Cidade.*

Termina com êste a série de artigos do nosso inquérito, pedidos uns, a sete ou oito dos nossos escritores e aceitos outros, a muitos ainda, que es-

pontaneamente vieram trazer a sua desinteressada colaboração.

Depois disto, diremos nós tambem algumas palavras, as quais, juntas áquelas que escrevemos na *República* do dia 3 de setembro, definirão bem o nosso papel, que muita gente vai tendo gosto em depreciar.

Entrámos nêste inquérito com toda a calma de espírito, com toda a independéncia de interesses ou afectividades e, sôbre tudo, perfeitamente conscios do que iamos fazer e, ainda mais, conhecedores do que em outros paises se tem feito.

Mas, não nos antecipêmos.

Como já tivemos ensejo de dizer, está por pouco o nosso inquérito. Mais um artigo, e tudo estará terminado.

Os nossos leitores, que não pudéram colecionar todos os artigos aqui publicados hão de tê-los, muito em breve, reunidos em volume, com vários outros depoimentos valiosíssimos que não alcançámos para agora.

Não perderão pela demora.

Post tantos tantosque labores... vamos pôr.

Ponto final

Muito poderosos e justos motivos nos levam a terminar aqui o inquérito. Os interessados nada perderão com isso, visto ser já copiosa bastante a documentação que vinhamos publicando.

Demais, o assunto foi debatido nas columnas da República *durante quatro mêses!*

E, assim, ninguem dirá que é cêdo.

O inquérito por nós feito á literatura portuguesa contemporânea é, sob vários pontos de vista, uma lição.

Como em Portugal nada se fizera ainda neste sentido, tivemos de desbravar a selva, de bater o mato maninho da república das letras.

Foi, ao mesmo tempo, lição para os jornalistas que venham a abalançar-se a idêntica tarefa e foi-o tambem para os nossos intelectuais, a quem nunca foram pedidas contas das altas responsabilidades que tomaram escrevendo para o público. Foi, talvez, providencial que neles despertassemos a con-

sciência dessas responsabilidades. Se alguns, em verdade, a teem, noutros verificámos estar de todo obliterada.

—Mas que autoridade—tem-se por aí preguntado—tem F... para?..»

—Entre toda a gente a quem por ventura isso suceda, nós prezamo-nos de tomar a sério o nosso papel de jornalista. E ser jornalista é, para nós, alguma coisa mais do que rabiscar uns quartos de papel, justificativos do ordenado do mês, absolutamente falhos de qualquer ideal que não seja o escândalo do dia, falhos de qualquer fórmula que não seja o logar comum.

O jornalista, em face de um inquérito literário, tem um ideal e uma missão algo superiores. Se o escritor tem uma responsabilidade social efectiva, isto é: se o escritor é responsável pelo que sabe e escreve, perante a sociedade, o jornalista é a única entidade idónea para, em benefício da sociedade, chamar o escritor a essa responsabilidade. (A não ser que á sociedade fosse preciso fazer estrondosas reclamações, para obter o cumprimento dos compromissos sociais!)

Daqui se infere que o convite por nós feito aos escritores portugueses não significa *o pedido do obséquio de nos virem pejar as colunas do jornal*, mas alguma coisa de mais elevado para êles e para nós.

No caso do inquérito á vida literária portuguesa, nós traduzimos uma necessidade de orientação geral. Nesta hora em que todos parecem ter

perdido a noção de si próprios e daquilo que os cérca, tornava-se necessário inventariar toda a vida portuguesa, afim de contribuirmos para a sua mais prática e fecunda orientação.

Sobre este ponto de partida que tomámos para efetuar o inquérito á literatura nacional, são bem claros os termos do nosso artigo de 3 de setembro último, nêste logar publicado. Hoje, simplesmente, queremos dar conta do desempenho da nossa missão de procurador do grande público que lê, junto dos escritores. Se o jornalista exerce um papel activo dentro da opinião pública, temos o direito e até o dever de o fazer.

Sabemos recair sobre nós a gravíssima acusação de não havermos citado a depôr no inquérito figuras de destaque no nosso meio intelectual. Não é bem assim : é que nós ainda não dissémos os nomes de todos que consultámos e não quizeram responder. E detraz disto está toda uma via-dolorosa de esforços baldados, de respostas desanimadoras, de passos perdidos.

Por exemplo: os snrs. Manuel de Oliveira Ramos, lente da Universidade de Lisboa; Eugénio de Castro, o poeta ilustre; Marcelino Mesquita, o dramaturgo insigne, nem se dignaram responder ás nossas cartas. Outros não quizeram depôr, como os snrs. José Sampaio (Bruno) *por andar mal disposto de espirito;* Mendes dos Remédios *não pôde concentrar a atenção por envolvido nas lidas do governo academico;* Carlos de Mesquita agradeceu o nosso excesso

de amabilidade, mas pediu que riscásssemos da lista o seu nome, *por não poder dar uma reposta satisfatória ;* Teixeira de Queiroz, confessou-se *humilde no caso, declinando a honra por não ser crítico, apezar de, como toda a gente, pensar, bem ou mal, alguma coisa sôbre todos os nossos pontos de vista, que são outros tantos assuntos literários e filosóficos ;* Antero de Figueiredo disse não ser crítico e só os criticos poderem dar serenas respostas; mas para que nos não agastássemos inteiramente quiz responder ao quésito que preguntava qual o seu papel na literatura portuguesa com a palavra: *humílimo! ;* Manuel da Silva Gaio, tendo dado todas as provas do seu apreço pela nossa ideia, *andava doente, oferecendo se, aliás, para outra vez* ; Coelho de Carvalho prometeu sempre, marcou muitos *rendez-vous* por só lhe faltar passar a resposta a limpo e... faltou sempre; Julio Dantas, depois de querer saber quem eram os companheiros que lhe havíamos escolhido (não pela sua pessoa, mas pelo lugar que ocupava...), encontrou bem, mas fugiu sempre; Guerra Junqueiro mandou-nos telegramas, falámos-lhe em Lisboa, prometeu sempre, mas...

Ora, com gente assim, nada de completo se póde conseguir. Mas, enfim, foi a primeira e a falta de hábito desculpa-os. Para a outra vez...

Ouvimos ainda censurarem-nos pela violência das respostas de alguns escritôres; mas a verdade é que nós os chamámos invocando a solenidade do acto, lembrando-lhes as responsabilidades, etc., o

quando os esperávamos, de luvas, colarinho lustroso e olhar sereno, que vimos?—alguns furiosos, olhar em braza, dizendo nomes feios, de mangas arregaçadas e punhos fechados.

Nós bem quizémos conduzir o espectaculo o mais sério e decentemente possível; mas os homens a quem chamáramos *intelectuais*, *directores*, *guias da sociedade*, *magos* e outros nomes bonitos, para tomarem tento em si, desmancharam-se todos, perderam a linha!

De quem é a culpa?—Só dêles!

Falou-se para aí e muito da nossa orientação. Mas quem poderia ajuizar dela, se apenas os interessados conheciam os quesitos do inquérito? o que dissemos no nosso primeiro artigo (na *Sinfonia de abertura*) foi o aspecto da questão e o memento. Os quesitos eram os seguintes:

1.º—Aspectos da literatura portuguesa contemporânea; correntes dominantes no teatro, no romance na poesia.

2.º—Principais cultores e obras de merecimento que conseguiram impor-se e ainda as que o conseguiram imerecidamente.

3.º—Existirá uma renascença literária em Portugal? quais as suas ideias e tendências? quem as representa?

4.º—Como se classifica, qual o papel de V. Ex.ª dentro das letras portuguesas?

Por aqui se vê que sabemos preguntar aquilo que desejamos conhecer. A nossa imparcialidade foi bem manifesta: os velhos teem a nossa gratidão pelo muito que nos ensinam e os novos a nossa

simpatia porque temos vinte e sete anos. Pena foi que alguns daqueles se mostrassem mal e estes perdessem a mais bela ocasião de se mostrarem bem, impondo-se á consideração geral.

Uns e outros não devem queixar-se de nós, nem do inquérito, mas dêles. Todavia, apesar das más linguas, é certo que alguma coisa de bom se fez. A psicologia do inquérito é bem a psicologia do momento. Sendo assim, conseguimos o que desejávamos.

A crítica do inquérito há de fazer-se. Se não, quebraremos os votos e iremos nós—que não temos querido entrar nesta questão como crítico—apreciar tudo que de bom e de mau se apurou com êle. E a imparcialidade, que atravez de tudo mantivemos, poderemos garanti-la ainda para isso.

Mas não será preciso. Já se prometem folhetos e livros e algum dêles virá, com talento, serenidade e justiça, poupar-nos a êsse trabalho, que nos póde dar tanto de prazer como de desgosto. O nosso papel dentro do inquérito está bem claro nêste e no primeiro artigo aqui publicado. Se, porém, alguma dúvida sincera surgir a nosso respeito e expendida nos devidos termos, cá estamos para a esclarecer. Aventureiros, despeitados e pouco polidos é que não podem contar com a nossa resposta. O público há de descobri-los tão depressa como nós.

Posto isto, vejamos, em síntese, os resultados obtidos.

O inquérito por nós realizado nas colunas da *República* conseguiu:

agitar ideias;

fazer justiça a muito nome ignorado, publicando-o e a muito nome conhecido, reduzindo-o ás devidas proporções;

trazer a público as mais desencontradas como autorizadas opiniões, dando logar áquela discussão de que necessáriamente saiu luz.

Sobre tudo, interessou milhares de espíritos, muitos dos quais não tinham outro meio de conhecer o estado actual da literatura portuguesa. Não falhou, pois, o inquérito.

III

A imprensa portuguesa e o inquérito

Da *Montanha*, do Porto:

Algumas considerações sobre o inquérito á vida literária

A *República* de ontem publicou para início dum inquérito á vida literária portuguesa, uma entrevista com o eminente psiquiatra, snr. dr. Julio de Matos, que muito me impressionou, snr. redactor. E muito me impressionou porque ou todos os que julgamos ter-se iniciado nêstes últimos tempos em Portugal uma intensa vida literária estamos absolutamente doidos ou o ilustre Professor, por quem tenho o máximo respeito e consideração, não quiz vêr o assunto em todo o seu desenvolvimento.

Eu, snr. redactor, sou um desconhecido nas letras e já agora tambem não quero tornar-me notório, mas sempre me convenço de que não atravessamos um período assim de decadência, como o snr. dr. Julio de Matos quer fazer acreditar. Nem mesmo na politica. É claro que tem havido muitas desilusões, muitas falências; é certo que se anda

em flutuação e dúvida; mas a verdade é que muito temos progredido e grandes ideais nos sustentam.

Não há revolução nenhuma que não traga após si tremendos períodos de efervescência.

O snr. dr. Julio de Matos sabe muito bem o que se deu com a França e com alguns dos seus mais notaveis revolucionários. O snr. dr. Julio de Matos sabe muito bem que se daqui a cinco anos se fizer um relatorio, minucioso e justo, da obra da República, se encontrará um avanço formidavel e se verá como, quasi insensivelmente, nos temos enriquecido de instrução, de leis humanas e fomentadoras, de instituições progressivas e racionais. E não é, certamente, deixando tudo para «amanhã», que tais passos se vão seguindo.

Nós vamos sentindo em tudo um renovamento, um renascimento, que pode não sensibilizar os velhos mas que enche de alvoroço os moços. Nas letras, nas artes, na própria política, sente-se girar um sopro novo de mocidade e vitória.

Fomos grandes, fomos heroicos. E quem nos diz que o não seremos novamente? Quem poderá negar, com íntima e desapaixonada convicção, que é preciso ser-se alguem para se praticarem actos como os de 5 de Outubro?

«Quem seria hoje capaz de fazer uma obra como a de Pombal?», pregunta o ilustre professor. Vê-se bem em que ponto êle quer bater. Mas, será lícito pôr tal questão, quando as épocas são tão diversas e tão diferentes os estados do país?—O snr.

dr. Julio de Matos não é justo em chamar-nos um país de mergulhadores. Todos procuramos com ância a luz do sol, e a posição bem vertical. E assim não se mergulha.

Temo-nos impregnado de fracesismo a tal ponto que alguns franceses nos consideram a continuação da sua alma, saltando por cima da Espanha. Temos vivido muito do espirito francês. Não há, porém, um certo motivo para isso, desde que, pela identidade de raça, nós somos naturalmente atraídos para os pontos brilhantes da civilização francesa?—Concordo, no entanto, que se combata cada vez mais essa influência, não para assimilar o que venha de Espanha, sempre em conflito de sangue comnosco, não para importar modelos da Inglaterra e da Alemanha, que tão mal ficam ao nosso temperamento de meridionais, mas para se criar de novo o espírito português, na sua grandeza antiga, na sua indomavel altivez do tempo das descobertas. E isso nem representa regresso nem atrazo. Significa apenas um renascimento de energias, que há tempos para cá se anda divisando.

«Nem romance, nem teatro, nem poesia—o cáos»

Propriamente, porém, a entrevista em questão visa só á vida literária, que tambem é o unico objectivo do inquérito.

O snr. dr. Julio de Matos começa por declarar-se um pouco á margem das questões literárias.

Não seria tal afirmação o bastante para um eminente homem de Sciencia ficar por aí e não se vêr depois obrigado a dizer repetidas vezes: «parece-me», «creio que» e outras expressões de dúvida? Ou o rigor de raciocínio só tem aplicação em sciência?

E diz então o snr. dr. Julio de Matos que não temos romance, nem teatro, nem poesia.

No romance e na novela temos, pelo menos, Raul Brandão, Antero de Figueiredo, Abel Botelho, Rocha Martins, Silva Gaio, Lopes de Mendonça, Teixeira Gomes, Carlos Malheiro Dias (com mais alguma coisa que *A Paixão de Maria do Ceu*), Severo Portela, João Grave, Henrique de Vasconcelos e outros. Para uma epoca de decadência e desorientação, como diz o snr. dr. Julio de Matos, já não é pouco.

No teatro, ainda que menos, podem notar-se Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça, E. Schwalback, Julio Dantas, Augusto de Lacerda, Vasco de Mendonça Alves, Augusto de Castro, etc.

E na poesia, então, poucos periodos terá havido tão ricos como o actual.

O snr. dr. Julio de Matos cita Correia de Oliveira como um bom poeta. Podia juntar-lhe sem custo Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Fausto Guedes, Julio Brandão, António Patricio, João de Barros, e, dos mais novos, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Mario Beirão, Alberto Monsaraz, António de Monforte, etc., para

não falar nos patriarcas Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Eugenio de Castro, e outros mais.

É que não vão todos numa mesma corrente?

No romance e no teatro, dificil se torna marcar em qualquer literatura uma corrente. No entanto, o snr. dr. Julio de Matos se não dissesse vêr apenas como romancista Malheiro Dias e não apreciasse o teatro simplesmente pelos títulos, donde *calcula* que sejam verdadeiras exposições de pornografia, constataria que se não está escrevendo á tôa e que se caminha, mais ou menos decisivamente, para uma definitiva exaltação do espírito lusitano. No teatro até o snr. dr. Julio de Matos não foi muito lógico tomando a *revista*, como representativa do género. Nós já temos obras sociais e de merito no domínio da dramatologia. Para as conhecer, porém, é preciso frequentar os teatros, coisa que o snr. dr. Julio de Matos diz não fazer há muito.

Na Poesia, então, a corrente idealista, duma religiosidade inteiramente nova, duma fé entusiástica na Vida e no Futuro, está já bem marcada e com numerosos cultores. Leia o ilustre professor as revistas «Aguia», «Rajada» e «Dyonisos», onde encontra essa corrente e êsses cultores.

De resto, o próprio snr. dr. Julio de Matos confessa haver uma corrente, quando diz que são todos mui pessoais e individualistas. Segue êsse individualismo ou não para uma renascença literária? Creio piamente que sim.

«A Aguia» e a «Renascença Portuguesa»

Mas o snr. dr. Julio de Matos tem quasi por exclusivo fim da sua entrevista depreciar «A Aguia» e a «Renascença Portuguesa», que eu me acostumei a respeitar por vêr que, se alguns erros teem cometido, maior número de benefícios hão prodigalizado na revista, na conferência, no livro e na Universidade Popular, que é uma instituição de enormissimo alcance.

O snr. dr. Julio de Matos dá, contudo, a impressão de que só superficialmente conhece a Sociedade «Renascença Portuguesa» e o seu órgão «A Aguia». Assim, depois de ter dito que Correia de Oliveira é um bom poeta, afirma que na «Aguia» tudo é ordinário. Ora, como póde isso ser, se Correia de Oliveira pertence á «Renascença Portuguesa», e é colaborador efectivo da «Aguia»?

Como é tudo ordinário na «Aguia», se ela tem sido feita por Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, António Arroio, António Carneiro, Augusto Casimiro, Augusto Martins, Cervantes de Haro, Cristiano de Carvalho, Fernando Pessoa, Gonçalo Sampaio, Henrique Rosa, Jaime Cortesão, João Augusto Ribeiro, João de Barros, João de Deus Ramos, José Malhoa, Leonardo Coimbra, Luiz Filipe, Malheiro Dias, Mario Beirão, Raul Proença, Teixeira de Pascoais, Teófilo Braga, Veiga Simões, Vila-Moura e outros?

Como é tudo ordinário na «Renascença Portu-

guesa» se ela é formada pela maior parte dêsses colaboradores da «Aguia» e mais por Guerra Junqueiro, dr. Manuel Monteiro, Augusto Nobre, dr. Magalhães Lemos, Julio Costa, António Sergio, dr. José de Magalhães, dr. Luiz da Câmara Reis, dr. Alfredo C. de Magalhães, dr. Antonio A. Cortesão, dr. Cerqueira Coimbra, dr. Moura Bastos, dr. Angelo Vaz, dr. Adriano Gomes Pimenta, dr. Manuel de Castro, dr. Teixeira de Vasconcelos, Xavier Esteves, Virgílio Angelo, Américo Angelo, dr. Marques Guedes, dr. Larose Rocha, Centro Comercial do Porto, Raimundo de Macedo, dr. Romulo de Oliveira, Caldeira Scevola, Bernardino Vareta, etc., etc.?

Julgou o snr. dr. Julio de Matos que a «Renascença Portuguesa» e «A Aguia» se limitavam ao poeta Teixeira de Pascoais e ao Saudosismo? Não quiz dar á Saudade a verdadeira interpretação que lhe apresentou o autor do *Regresso ao Paraízo*? Sem dúvida que julgo ser Teixeira de Pascoais um dos primeiros elementos da «Renascença Portuguesa», mas não é só êle. E quanto á interpretação da Saudade, que me parece não ter sido vista pelo snr. dr. Julio de Matos como o devia ser, creio bem que Teixeira de Pascoais lhe responderá com brilho.

Ainda para justificar a nossa decadência literária e social, o snr. dr. Julio de Matos aponta o mal de andarem os novos rapazes influenciados pelos *Simples* de Guerra Junqueiro, (que o autor

considera muito inferiores á *Morte de D. João!*) e de Portugal viver numa atitude de inerte, olhos fixos no chão, a deixar correr o marfim na atitude do *Desterrado*, de Soares dos Reis!

Destas duas razões, não sei qual me perturba mais. A *Morte de D. João* muito superior aos *Simples!* O *Desterrado* simbolizando o deixar correr o marfim!

Por fórma que, resumindo e para terminar, snr. redactor, a vida literária portuguesa actual, pondo de parte Sampaio Bruno, Basílio Teles e Teófilo Braga, que o snr. dr. Julio de Matos não quiz citar, resume-se á «Aguia», órgão da «Renascença Portuguesa», em que tudo é ordinário! Existe uma só corrente e essa má!

Vê-se bem que o snr. dr. Julio de Matos, como diz no principio da sua entrevista, se tem posto um pouco á margem das questões literárias.—*A. A.*

Porto, 5—9—912.

Do *Socialista*, de Lisboa:

Um inquérito

O snr. Lopes de Mondonça, num inquérito á vida literária, disse que não existe uma forte corrente literária, por falta do indispensavel estímulo, que são os leitores.

Leitores? É o que não falta. Mas lêem só as coisas que lhes não interessa, que lhes não fórma a intelectualidade, que lhes não faz desabrochar o espírito.

Livros? A maior parte do nosso público nem sabe o que isso é.

Agora anda meia cidade empenhada em saber como é que o *Saloio da Mouraria* matou *o Serafim da Bica.*

Isto é que instrue e que educa. O resto são lérias, nada mais do que lérias.

Da *Capital*, de Lisboa:

Poeira da Arcada

Um bando de literatos nacionais, que alimentam com suas prosas e versos uma bela revista, *A Aguia,* e uma folha volante de combate *A Bomba,* trabalham frutuosamente para pôr de pé a raça portuguesa. Julgará muita gente que os conspícuos mancebos agitam um vasto arsenal de idéas, métodos e processos novos, a fim de, em harmonia com a dinâmica da civilização moderna, acordar da sua fatalista passividade a mortiça alma do nosso Portugal.

Nada disso.

Terapêutica simples, e por isso mesmo interessantissima. Então? Tudo confiam os jovens taumaturgos da influência prodigiosa do saudosismo ou seja do culto da saudade! Com êste específico, que já pôs em voga algumas metáforas felizes e umas três entrevistas, calcula-se que em breve nós reentraremos no Paraizo Terral, guiados por Teixeira de Pascoais, a mais rica emoção lírica das actuais gerações literárias.

Assim os poetas com as suas arpas far-nos-hão

voltar aos felizes tempos em que as maçãs eram uma fruta divina e a humanidade cobria a sua nudês com os veus da inocência. É claro, as pessoas que se prestarem a dar o seu nome, para esta caravana de regresso devem desde já acreditar que a saudade é filha de Venus e da Virgem Maria e que Camões vai incarnar num vate trasmontano, casado com Nossa Senhora da Perpetua Tristeza.

Se alguem por aí encontrar o espectro de D. Quixote, diga-lhe que o pastor Maranos o espera ancioso, na serra do Marão, a fim de fixarem as linhas gerais do programa épico, restaurador e... reversal. A viagem será de lágrimas e arrependimento, inteiramente feita em águas lusitanas, contando-se que, para o efeito, o cândido Pereira de Lima proceda com a maior urgência á abertura do célebre canal que ponha em comunicação o Tejo e o Guadiana—dois rios que de tanto se amarem estão já mortinhos de neurastenia.

Aos bravos rapazes, todo o nosso apoio.

Do *Paiz*, de Lisboa:

Critico audaz

Diz o snr. Augusto de Castro, no inquérito á vida literária que a «República» está publicando:

«Tirem as figuras literárias extintas umas pela morte, outras pelo abandono da sua hegemonia literária, e além de não encontrarem *ideias representativas*, não encontrarão hoje literáriamente em Portugal o que se chama *figuras representativas*».

Está bem aviado o ilustrado dramaturgo, autor do «Chá das Cinco», com os socios do elogio mútuo que ali no «café das 11 horas» se permuta ás suas próprias biografias para se publicarem no dia imediato nos orgãos de maior circulação.

Eles que acham que o Bulhão Pato era um medíocre e Alexandre Herculano talvez toleravel...

Da *Montanha*, do Pôrto:

O que penso...

Do avêsso

A vida nacional tem aspectos diversíssimos que bem mostram o desiquilíbrio de relações do indivíduo para com a colectividade. A febre dos inquéritos, avassalando todas as classes, tem evidenciado males que veem por bens e bens que muitos males fazem. Alguns inquéritos prestam serviços dignos de nota, porquanto, previnem males de maior. O divergir de opiniões acusa, quasi sempre, a falta de orientação dos indivíduos que se julgam a bitola ou craveira por onde se guiem, de futuro, os passos dos vários componentes das fôrças vivas da nação.

É justo e imprescendível que se oiçam e se consultem os elementos indicados como reflectindo e consubstanciando o pensar da maioria inquirida. Nem de outra fórma se obviaria a desastres futuros, nem se daria remedio a dessidências provaveis. Mas o que se depreende de quasi todos os inquéritos, ultimamente feitos, é que cada um puxa

a braza á sua sardinha, com o egoísmo irritante de não deixarem que os outros metam o bedêlho. Catedraticamente impõem o que ás conveniências do momento melhor apraz. Se aparece alguem que não esteja pelos ajustes com o criterio expendido nem pertença á irmandade do mútuo elogio é acoimado de parvoide antigo ou de cretino moderno.

Se me querem ver contente é dizerem-me que há quem não pense pela cabeça dos outros, visto sentir que entre os ombros oscila a própria, que se responsabilisa pelo que diga ou escreva. Se é um nome feito, ou marca intelectual acreditada, não me furto a espiolhar o que sentenciou, na esperança de que irei aprender alguma coisa da catedrice. Se me sinto logrado vou ás do cabo, achando-me repezo de lhe ter ligado a atenção que não merecia.

Estas divagações veem a proposito das respostas do ilustre psiquiatra, dr. Julio de Matos, ao inquérito á vida literária, aberto pelo *República*. Sua Ex.ª disse algumas verdades, não há dúvida, mas, a par delas, quantas faltas de cortezia por tentativas que Sua Ex.ª desconhece por não as haver aprofundado! Melhor fôra que não falasse no ar, ou por subscrição alheia. Isto quanto ao que diz da *Renascença Portuguesa*. Sua Ex.ª que é sábio não ignora que Roma e Pavia não se fizeram num dia. Cale-se e espere... Agora o que diz a respeito de teatro, aceite um aperto de mão de quem sobre o mesmo têma tem dito e escrito o mais que

se póde dizer do estado actual do teatro português.

Estou tambem ao seu lado quando insinúa que o nosso mal é repisarmos os figurinos literários franceses, quando bem perto de nós temos uma literatura essencialmente nacional no colorido e profundamente humana nos intuitos. Tem muita razão snr. Doutor: outro galo nos cantára, se em vez de trazermos debaixo do braço Marcel Prevost, Abel Hermant e Paul Bourget, lêssemos Pio Baroja, Perez Galdoz, Joaquim Dicenta e Luiz Bonafoux.

Quanto ao mais, snr. Doutor: na rapaziada que começa há pelo menos a pureza das intenções. Já é alguma coisa para um país que se libertou. — *José Simões Coelho.*

Do Paiz:

Venha a nós

Um snr. José Simões Coelho escreve num diário portuense uma formidável diatribe contra os snrs. Julio de Matos e Lopes de Mendonça, porque ambos entendem que a nossa literatura está decadente quanto possível.

O sr. Coelho, (que por sinal é coelho bravo), ferra-lhes a seguinte dentada:

«E admiram-se de que apareçam novos, com ideias novas, não pensando como êles, que só trataram do *Venha a nós*...»

Parece inferir-se desta doutrina que os novos, com as ideias novas, só pensam no *Vá para vós.*

Aqui está um coelho que não gosta de roedôres e que só mastiga... para os outros.

Pois o caso é tão fenomenal nêstes tempos de egoismo, que chega a tornar-se singular o seu reparo.

Será o crítico um paranoico?

Mas, sendo assim, bem póde o snr. Julio de Matos, no exercício da sua humanitária profissão, praticar uma excelente obra de misericórdia, dizendo ao sr. Simões: « Venha a nós ».

E é muito possível que o cure...

Da Fronteira, de Elvas.

Aguia, Renascença & C.ª...

No jornal dos inquéritos, queremos dizer no nosso colega a «República» inicía o nosso bom amigo Boavida Portugal mais um inquérito á vida intelectual do país, dando a palavra ao dr. Julio de Matos. Foi acertada a escolha, como o leitor observou tambem, não só porque Julio de Matos é um renomado especialista do grande mal de que enfermam as letras pátrias, se não que o ilustre diretor do Manicómio Bombarda, relaxando para o cisco das ruas certos patetinhas de renascenças várias, ordenhou as têtas dos super-Camões, de sorte que agora só poderão escrever... super-asneiras. Que Deus lhes pague, que dêles é o reino dos ceus.

Da Montanha:

A voz da incompetência

Julio de Matos e a «Renascença Portuguesa»

Nesta longinqua aldeia recebi hoje um número do jornal «República», onde o snr. Julio de Matos não acredita que atravessemos um período de renascimento literário.

Se tal crença fosse sinceramente apresentada como crença, nada teria a objectar sôbre o caso tanto mais natural quanto é certo que é da naturesa do fragil barro humano avaliar, pelas próprias fôrças, as fôrças alheias.

Mas Julio de Matos permite-se *afirmações* e essas revelam uma absoluta ignorância do assunto, que referem, ignorância, aliás quasi confessada pelo seu petulante proprietario.

Afirma o snr. Julio de Matos que vivemos a imitar os figurinos franceses, desconhecendo o pensamento inglês e alemão.

Afirma o snr. Julio de Matos que a literatura francesa só tem Anatole France e que o pensamento scientifico francês, sem valor, se mascára de títulos rebuscados.

Afirma que não temos romance, nem teatro, nem poesia definida.

Afirma que a «Renascença Portuguesa» se baseia na saudade, *sentimento depressivo e mórbido* e que todos os *rapazes* da «Aguia» cantam máguas, que êles próprios criam.

Afirma que Junqueiro está com os *rapazes* da «Aguia», porque desceu da «Morte de D. João» á contemplação da própria sombra nos «Simples».

Depois propõe substituir o «Desterrado», de Soares dos Reis, pelo grupo de corneteiros das guardas republicanas, a contemplação, exaltação de vida e criação de valores, pelo galope frenético de cavalos desbocados.

No fim, quer que tenhamos fé e patriotismo.

Analisêmos:

A primeira afirmação é falsa, visto que é na poesia inglesa que mais parentesco existe com a nossa.

Com efeito, ela é menos límpida e lógica que a francesa, mas mais interior e comovida. Em filosofia, o pragmatista inglês, infinitamente abaixo do neo-criticismo, da filosofia da liberdade, da contigência e do bergsonismo, entrou em Portugal primeiro, e foi mais assimilada pelos espíritos superficiais e apressados. Em sciência, sabem os que pensam a serio nestas cousas, que a nossa lógica é estructuralmente mais exigente que a inglesa e, por isso, recebe os Kelvin, Maxwell, etc, de-

pois de tornados lógicos pelos Duhem, Poincaré, etc.

Quanto á Alemanha, abrindo os olhos é facil vêr a corrente de pensamento germânico que atravessa a nossa poesia, a nossa pedagogia nascente e o valioso pensamento especulativo que, com ignorância do snr. Julio de Matos, existe em Portugal. A influência de Goethe, de Schopenhauer, de Nietzsche, de Wagner, Schiler, de Kant, de Herbart, e modernamente, subretudo de Wundt e, encoberta ainda mas profundamente eficaz, a de Eucken é evidente, ampla e fecunda.

A pobresa da actual literatura francesa não é tamanha que não seja sobretudo invenção da pimpona ignorância do snr. Julio de Matos.

Tem poetas e tem prosadores, tem poesia, romance e teátro, e, até em traduções portuguesas, isso se póde vêr e em edições ao alcance dos pobres de dinheiro mas ricos de espírito. Quanto á sciência, em todos os ramos tem a França moderna supremas autoridades e a Alemanha o sabe, traduzindo os seus matemáticos, os seus filósofos, os seus biológos, etc. São os Duhem, Poincaré, Bouty, Curie, Perrier, Couturat, Boutroux, Hamelin, Bergson, etc., etc.

O que é moda é mudar de figurino e, em calçado, o inglês é melhor.

Depois vem a nossa pobresa, filha da pedantesca ignorância do snr. Julio de Matos.

Queira lêr Malheiro Dias, Antero de Figueiredo,

Teixeira Gomes, Raul Brandão, Vila Moura, Julio Brandão, Padua Correia, etc., e verá muitos prosadores, que sabem escrever e alguns romancistas de valor.

Quanto á poesía, excede o snr. Julio de Matos a paciencia duma crítica cortês, dá vontade de lhe pedir um pouco daquele pudôr e honra, que nestas coisas de letras, bem precisos são. Desafiamos o snr. Julio de Matos a demonstrar que leu os poetas colaboradores de «A Aguia». Nós afirmamos que o snr. Matos falou e opinou sem lêr — o que é sempre deshonesto e, no caso, malévolo.

Demonstrêmos:

Diz o desatento doutor que esses «rapazes» cantam as tristezas que criam, que a saudade é um sentimento depressivo, etc.

Ora todos esses «rapazes» são optimistas e crentes. Uns são impressionistas da côr e da alegria pagã, da verde terra e do doirado sol. Outros, a maior parte, são as bocas nereidicas daquelas aguas religiosas, que são as correntes do espírito criador e confiante.

Nenhum deles tem tristeza como nenhum deles tem alegrias brutais, todos eles tem a melancolia confiante e vitoriosa.

Expliquemos:

O animal homem, com as visceras em mau estado e o vinho ao alcance da mão, acha este mundo um paraiso de delícias.

O animal homem com más viceras e vida dificil, acha esta vida um inferno de amarguras.

O homem humano vê a distância da sua vida ideal de fraternidade e justiça á vida real de cegueira e amoralidade. Como a arvore que pudesse refletir na distância das podridões das raizes aos aromas dos frutos.

Os fracos suprimem-se e acham que tudo é podridão e as flores e os frutos epifenomenos duma subjacente podridão real.

Os fortes sentem-se e ordenam-se o permanente esforço de erguer sobre a terra miseravel as flores ideais.

Vivem no heroísmo de consciências morais, que se afirmam e, nesse próprio heroísmo, bebem a luz duma vida supra-natural.

Neles e para eles, a vida é dramática e trágica. Dramática, porque a sua moral tem de romper e dominar a penedia dos instintos. Trágica, porque, neles, a vida suprahumana é exilada na indiferente natureza circundante.

Por isso a vida é, neles, melancólica; a sua atitude perante a vida é de livre afirmação de bem querer. Nem vencedores ébrios, nem vencidos atordoados; mas vencedores pelas suas heroicas afirmações num mundo que aparentemente lh'as inutiliza. Daí a sua confiança tocada da profunda seriedade das suas responsabilidades metafisicas.

Mas essa é a única alegria legítima e forte, a outra é a fisionomia do animal contente, que o pri-

meiro desengano volve em tristesa e suicidio. Para essa alegria é concludente o pessimismo de Schopenhauer.

Eis, snr. Julio de Matos, o que é a corrente desses poetas. E a «Saudade» é um sentimento e, como tal, póde *cousar* no nível a que o pensamento o eleve. Em v. ex.ª parou no momento de chorar o passado, em Pascoais foi ao momento de ser a tal atitude melancólica de que falo.

E' Venus e Maria, é o supranatural na naturesa, é o espirito na matéria, é a dúvida shakesperiana vencida mas sempre presente.

V. ex.ª entendeu isto?

Creio que não; é, no entanto, claro para aqueles que mesmo na saudade dum ente querido não vêem apenas um sentimento depressivo. E todos os simples, sem o veneno da grande civilização do galope e da guerra, o compreendem e sentem.

Isto está escrito pela tal gente *ordinária* da «Aguia», que na sua filosofia depressiva encontrou, no entanto, forças para combater de armas na mão pela Republica, que v. ex.ª comodamente esperava na sua *tebaida* do «Conde Ferreira».

Quanto á regressão de Guerra Junqueiro, é o snr. Julio de Matos da opinião do boticário da minha terra e dum livre pensadôr desenfreado, que, tendo visto em casa de Junqueiro uma coleção de Christos, concluiu que ele estava *catolico* e *maluco*.

Se quiser demonstre que a minha exposição do caminho literário de Junqueiro é errada. Está no

« Século » da epoca daquela manifestação ao Poeta em sua casa, no Porto, quando lhe foi confiada a legação de Berne e está num livro ordinário dum ordinário escritor da « Renascença » e que aqui lhe vai mostrando os seus deshonestos erros.

Quanto ao « Desterrado », ele é grande e é nosso, porque ele é o tal exilado de que lhe falei, ha pouco.

Quanto á fé e ao patriotismo, é o snr. Julio de Matos muito exigente.

Quer uma literatura de ruido e movimento que *dê ganas* para a luta e depois quer fé e patriotismo.

O patriotismo só póde existir, quando houver uma alma nacional; e uma alma é concentração, riqueza interior e não movimento e luta por si e só por si. Isso levaria á vida do burro de nora sêca, onde a sua filosofia o conduz, excelentissimo senhor!

Vilarinho de Tanha, 8 de Setembro. - *Leonardo Coimbra.*

Da *Capital:*

Poeira da Arcada

Um redactor da *Republica*, no propósito de apurar as modernas tendências da literatura nacional, tem-se dado ao incómodo de entrevistar os nossos homens de letras. Hoje coube a vez a *Gomes Leal*, o glorioso lírico das «Claridades do Sul» e ao mesmo tempo defensor e crucificador do *Anti-Christo.*

No seu entender de poeta sempre em evolução, Portugal vai em breve dar ao mundo o espectaculo de uma renascença literária.

Quem a promoverá? Os novos ou os velhos?

Gomes Leal decide-se por estes e em especial por si próprio.

Ora acontece que, no Porto, os literatos que versejam e proseiam na *Aguia* tambem annunciam em sons hórridos, que estão grávidos de uma renascença. Como o leitor vê, o caso complica-se. A mesma maluqueira de conceber e criar ataca jovens e anciãos.

Como distinguir entre estes profetas do misticismo literário?

O melhor será deixal-os entregues a suas des-

vairadas mirabolâncias, porque o tempo lhes trará a cura de seus males. Ha meninos que começam a sua biografia nas estrelas e acabam-na amanuensalmente, fazendo de roda ou de prancha no mecanismo administrativo. Conhecemos mochos feios e tristes que na sua mocidade se ensaiaram para águias. O sebastianismo não morre nêste doce torrão.

Da *Capital:*

A Nova Arte

Um jornal de Lisboa, a *República,* iniciou um inquérito sobre as tendências da moderna literatura portuguesa. Tenho passado pela vista algumas das respostas obtidas por esse inquérito, entre elas as dos srs. Teixeira de Pascoais, Augusto de Castro, Gomes Leal e João Grave, e as suas affirmações essenciaes estão longe de contentar o meu espirito e convencer a minha razão.

Com efeito, que préga o sr. Teixeira de Pascoais? Uma ressurreição do misticismo na arte; e no mesmo sentido se pronuncia Gomes Leal. Que diz o sr. Augusto de Castro? Que em Portugal não ha choques de idéas, mas lutas de personalidades. Que declara o meu velho amigo João Grave? Que as renascenças literárias surgem espontâneamente, sem dependerem da vontade dos homens.

Tudo isto me parece vago quando não absurdo, e eu creio que não póde haver por defeito num inquérito desta natureza que precisamente se destina a esclarecer nitídamente aos olhos dum publico as carateristicas dum assumpto que altamente lhe interessa.

*

* *

Uma ressurreição do misticismo! Para que? Porque? Com que viabilidade? A prova de que essa orientação literária não se justifica nem se impõe está precisamente no fracasso que ela tem evidenciado, sobretudo na poesia, que melhor a póde interpretar e reflectir.

Ha vinte anos que ella pretende dominar e não tem conseguido senão demonstrar a impossibilidade desse domínio. Tentaram-a os simbolistas; e o que ficou do seu esforço? Á parte algumas inovações de fórma, o chamado simbolismo caiu sob o peso do ridículo e da indiferença pública. Apenas dois poetas, dentro dêsse movimento, vincaram a sua personalidade, António Nobre e Eugénio de Castro; mas nenhum deles conseguiu fazer escola, iniciar uma época de renovação literéria.

Postos de parte os ouropeis lampejantes do simbolismo, nebuloso no pensamento e berrante na expressão, procurou-se vasar o misticismo nos moldes da simplicidade. Um poeta o tentou: o sr. Antonio Correia de Oliveira. Resultado? Uma pieguice semsaborona e espapaçada, sem alma, sem nervos, sem vida. O snr. Correia de Oliveira tambem não conseguiu imprimir ao seu tempo o cunho desse misticismo, contra o qual reagem as energias dos homens e o caracter dos tempos.

Ultimamente Gomes Leal, na última phase do seu talento, lutou ainda mais expressivamente na ressurreição impossível. Quem leu os seus últimos trabalhos, o *Anti-Cristo* remodelado no sentido de ser a negação do primeiro poema, ou a *Senhora da Melancolia?* Ninguem; e, se alguem os leu, ninguem lhes seguiu a fórmula. A indiferença mais completa acolheu êsses trabalhos, como com indiferença igual teem sido recebidos os livros do sr. Correia de Oliveira, fóra dos círculos de elogio mútuo que os literatos formam para nutrirem a impressão de que teem um mundo entusiasta de admiradores.



Não! A sociedade moderna passa em frente dessas tentativas estéreis, encolhendo positivamente os hombros. Elas não falam nem á sua razão nem ás suas aspirações. Pois que! Estamos numa era maravilhosa em que não se faz senão preparar o futuro, em que a todo o momento uma nova invenção, uma nova descoberta, uma nova conquista, um novo progresso iluminam, como archotes acêsos, a estrada dêsse futuro; em que se não trata senão de suprimir as dissenções entre os homens, proscrever a sua miséria, eliminar a sua dôr; estamos numa era luminosa e sã em que se não pensa senão em arrancar a humanidade

a todos os fanatismos, banha-la na razão como num oceano fortalecedor e puro; em que a única guerra justificável é a guerra ao preconceito, á lenda, superstição e á mentira, recubram-a embora as mais formosas galas ou engrinaldem-a as flores mais belas, — e pensa-se só em ressuscitar o passado, arranca-lo ao museu das nossas recordações para o lançar na vida moderna, estátua que esmaga como um bloco, catedral que pesa como a pedra duma campa, beleza que envenena como uma sedução? Tudo na nossa vida, no nosso temperamento o repele. Senti-lo é sentir o contacto dum cadáver que gela o sangue nas artérias dos vivos.



Foi grande? Foi belo? A nossa grandeza é outra. A nossa beleza é outra. Mesmo que, em seus aspectos, não atinjam as que os séculos sepultaram, essa grandeza seria maior, essa beleza seria tambem maior, só porque a vida as anima. Grandes e belas foram as deusas que se coroavam de mirto e louros nas colinas radiosas do Olympo; grandes e belas foram as formosas e excelsas mulheres de formosura e encanto que o amor divinisou, a quem o genio conferiu a imortalidade da sua visão. Mas, mortos os deuses, inanimadas, na terra da morte, as heroínas de tanta paixão, quem não lhes preferirá o seio forte, o olhar em braza, o coração

palpitante, o sorriso em flor da mais humilde das camponezas, que sente, que ama, que irradía, — porque vive?

*

* *

E a renascença da arte em Portugal não há de constituir a interpretação desta vida fremente, em que, no cérebro da humanidade actual, germinam mais sonhos do que todos os que floriram na humanidade antiga, e no seu coração um sentimento mais doce do que toda a emoção que fez cantar os poetas que eram deuses como Orpheu ou génios como Petrarcha! E não há luta de idéas — diz o sr. Augusto de Castro. E essa renascença será espontânea; não dependerá dos homens — diz João Grave. Não há luta de idéas! Na realidade, não existe hoje outra coisa.

As idéas chocam-se, contorcem-se, no pugilato dos espíritos, a toda a hora, em toda a parte, numa ância de triunfo que a própria sociedade estremece ao fragor dos seus golpes. E é no cérebro dos homens que elas se geram, é o seu coração que as vivifica. Não são verdades reveladas, não são dogmas. São o fruto do pensamento tenaz, incessantemente elaborando as conquistas do futuro, — idéas de liberdade e de beleza, idéas de justiça e de piedade, idéas gigantescas como colossos, delicadas como flores, puras como almas, todas

empenhadas numa aspiração comum, que é a perfeição da espécie, redimindo o pobre ser humano das suas misérias, das suas opressões, dos seus martírios, pela criação dum mundo reconciliado e feliz em que as aves não cantarão mais docemente do que pulsarão, tranqùilos, os corações nos peitos pacificados e venturosos.

Não é um misticismo enervante, que afundou os espíritos em treva e em tristeza, não é a preocupação de tradições que a consciência moderna não aceita — que hão de inspirar e criar êsse mundo de ámanhã, fortalecendo e interpretando os esforços e as aspirações do presente. É uma arte viril a que deve corresponder a uma humanidade progressiva. Ela surgirá das gerações novas, que por toda a parte a liberdade electrisa e a justiça seduz. Os cantos que se impregnam da luz das auroras são promessas de vida; aqueles que empalidecem e desmaiam, amortalhados na luz crepuscular, são soluços de morto em que só reçumam lágrimas e saudades da vida que já se não póde viver.— *Mayer Garção.*

15 — 9 — 912.

Da *Voz Publica*, de Evora:

Tretas e Letras

Ha tempos, meia duzia d'homens de valor, afeitos por inclinação artística a coisas de letras, lembraram-se de fundar no Porto uma sociedade com escarradores, contínuos, estatutos, tendo lacrada na facharia a pomposa etiqueta de :—*Renascença Portuguesa*. E logo pelo país afora uma rustilhada de literatos patuscos, cambaleando sob desejos de fama, coçada pelas ventanias da vaidade, foi inscrevendo o seu nome e mandando adeantadamente a quota, no almejo secreto de encontrar abrigo contra a violencia dos donos, sob as prescrições altruistas e humanitarias da lei reguladora da casa. Tornaram-se assim, aqueles 6 ou 7 iniciados, mandões duma grande sociedade benemérita de animais que, de forma alguma, teem direito de gosar esta vergonhosa protecção dispensada.

Não é mister deitar abaixo muitos calhamações de sociologia para reduzir ás verdadeiras proporções de banalidade ridícula, de empreendimento leviano embrionado em cérebros de ignorância estulta, os desígnios fantasticos da *renascença*. Alevantar as peanhas duma grande obra de arte dura-

vel e refulgente, restituir a uma literatura as galas perdidas nas batalhas da inteligência contra a mediocridade, trabalho não é que meia duzia de maduros façam, por meio de estatutos e regulamentos. Um período de esplendoroso ressurgimento artístico nunca poderá existir sem a convergência poderosa duma multidão de causas, d'ordem vária, que a Sociologia rege com precisão.

A vida literária é o fiel espelho da vida política dum povo. Ela acusa em ímpetos de genial ascenção o florescimento do poderío popular sólidamente derivado da arreigada consciência de pátria.

Quando esta falha, a literatura desce ao postiço aviltante do gongorismo, á imitação dos pseudo-clássicos do século XVIII e, surgem os periodos de penuria e desnacionalização. O traço histórico percorrido de Pombal para cá acusa uma decadência altamente infame, já na desvergonha dos mandões, já na tolerância criminosa de todas as classes. O cacete miguelista derreou-nos a bordoada bravia, e a violenta reacção liberal, que contra êle se ergueu, sofismada nas suas aspirações, levou novamente ao trono o sangue degenerado dos Braganças. Aquelas aspirações libertadoras da nação, que voltava após anos de letargo, á consciência dos seus direitos, foram precedidas pelo grande movimento romântico. O constitucionalismo, pelo decorrer dos tempos, redundou numa mentira. O poder absoluto subsistia ainda, ardilosamente mascarado pelas praxes aparatosas duma *carta*. Come-

çam então a aparecer as ideias revolucionárias ao mesmo tempo que na literatura se salienta a escola *dissidente*, revolucionária na sua essência também. Poderemos ainda, de certo modo, considerar como continuação do movimento de Antero e Braga o parnasianismo de Junqueiro, Azevedo, Crespo e Penha. Depois o estado político torna-se cada vez mais deprimente e falham as tentativas revolucionárias preparadas para pôrem cobro ao deslavamento imoral dos mandões. Com êsses fracassos muita esperança morreu e daqui veio o indiferentismo desolador que avassalou o país e que teve como resultante na literatura uma corrente pessimista, manifestada nas obras de Antero, Nobre, José Duro, Cesario e ultimamente Larangeira. Temos portanto historiado até aos nossos dias, muitissimo por alto, a evolução politica e literária dos últimos tempos. Faz-se o movimento de outubro e, como todos os movimentos políticos desta natureza, são precedidos de períodos de esplendor literário, anda por aí todo o mundo de ventas no ar a farejar renovações literárias, que, a meu vêr, não existem. Viria então o movimento de outubro, isolado, ferindo assim a lei histórica nunca desmentida?

De forma alguma. Á revolução corresponde o movimento literário prégado por Antero, Braga, Junqueiro, Leal e em campo diferente por Silva Pinto, Ramalho, Eça e Fialho. O movimento renovador já passou e todo o borborinho que por aí

vai não tem razão de ser. Os processos artísticos que hoje preocupam as modernas gerações são inteiramente diferentes, posto que as aspirações, até certo ponto, se identifiquem. E, para ver que se não confundem, basta êste argumento:—A corrente literária passada foi demolidora; demolidora foi tambem a revolução. Da revolução nasceu a República que necessáriamente terá de construir com o material da derrocada um edificio novo. Logo a corrente literária que paralela germinar será tambem construtiva, aliás, alem de desmentir a lei histórica, teriamos uma confusão diabólica e incoerências de pasmoso estrondo entrechocando-se a dentro do meio social. Haveria a falta de orientação nas energias vitais da nacionalidade, as grandes correntes impulsoras em vez de marcha paralela seguiriam caminho á tôa, atropelando-se, combatendo-se, e tudo viria a finalisar numa balburdia de saracoteio macabro, nunca vista á face da terra.

Esta é a verdade dos factos, o mais...*words*... *words*... palhada... palhada... traduzirei eu.

Vidigueira, Setembro de 1912. *Garcia Pulido.*

Das *Novidades*, de Lisboa:

IMPRESSÕES

Prata da casa

Um inquérito á vida intelectual portuguesa, que anda a ser publicado na *República*, tem demonstrado—pelo que já veiu á letra redonda,—que isto é país de nulidades e que melhor seria não mexer em assunto tão melindroso.

A vida literária nacional!

Mas se a literatura entré nós é um snobismo, para que dar-lhe fóros de profissão honesta ou de mentalidade séria, com peso na balança da nossa existência intelectual?

Veja-se o mercado de livros:—uma pobreza franciscana. Em verso, temos o poeta Camacho; em prosa, o narrador insulso; no teatro, o *pasticheur* infeliz.

Não é, de certo, com esta *trempe* que nós iremos longe. Tirando meia dúzia de figuras de alto relevo e cunho, já um pouco apagadas pela distancia a que nasceram,—silhuetas do passado,—o que vêem os senhores para aí que mereça o monumento da nossa admiração?

O snr. Adolfo Coelho diz hoje «que não temos direito a saudar a aurora de um verdadeiro renascimento literário».

E tem razão. Essa aurora está ainda nas trévas.

Mas se o sábio filólogo conhecesse uma senhora das nossas relações... Essa, sim, é que merece a pena ser saudada!

Da *Capital:*

Poeira da Arcada

O snr. Adolfo Coelho é um sábio, nos domínios da psicologia étnica e individual. A sciência, porém, não o absorve por completo, de sorte a tranca-lo no isolamento e no silêncio. Caladamente vai seguindo a marcha das coisas, em Portugal: observa, anota, critíca e comenta. Quando os outros supõem que ele lê o seu Kant, alheado das farças dos pacóvios e das cavalagens dos arreburrinhos, enganam-se.

O seu espírito é malicioso, agressivo mesmo. A sua sabedoria morde como uma pinça.

Depois, o snr. Adolfo Coelho tem uma crença absoluta no seu ser, parecendo-lhe que tudo o que está para além da própria órbita são homúnculos e parvajolas. A sciência—a genuína, a puramente filológica—canta dentro das barreiras do seu crâneo; o que os outros teem no caco são metáforas pescadas ao anzol, nas aguas turvas da Sofistica. Nestas condições de culto pessoal, compreende-se que ele julgue os seus contemporâneos com algo de acidez.

Antero e Theófilo padeceram sempre de megalomania.

Junqueiro passou de fabricante de orações a fabricante de calda bordeleza.

Tomaz Ribeiro ensaiou-se para Camões, mas nunca passou de uma espécie de vate diplomado, truculento nas rimas mas, no fundo, dôce como um cisne.

A filosofia, na faculdade de Letras, apezar de apresentar fumaças de definitiva, ignora a primeira palavra de lógica e psicologia, etc., etc.

E assim vai seguindo o sábio, dando com frequência ferroadas nas basófias dos seus semelhantes. Nós, porém, preferiamos que a sciência no estudo e na meditação consumisse os seus dias. As lucubrações e vigilias ficam-lhe a matar. As polémicas arrazam-na. Apenas começa a dar á taramela, arde Troia! A vaidade dos sábios é peor que a cólera dos deuses. As academias transformam-se em vespeiros. Os exegetas, ordinariamente mudos como os papiros que decifram, dizem coisas atrevidas que são uma vergonha. Os astrólogos rugem como leões. Os poetas, que geralmente falam a linguagem das esferas, acabam por se exprimir na gíria pútrida das vielas. E assim a vaga espiritualidade que a inteligência vai derramando sôbre o mundo, aclarando horizontes e sondando profundezas, desfaz-se como uma neblina subtil, logo que a ira e a paixão obstinada entram nos peitos serenos dos filósofos, dos doutos e dos mestres.

Do *Primeiro de Janeiro*, do Porto:

Cartas de longe

Um jornal de Lisboa iniciou um inquérito á nossa vida literaria. O primeiro a expôr a sua opinião foi um notável psiquiátra, talvez porque a redacção entendeu que todos os homens de letras seriam seus clientes. Como ironia não ofende e poderia passar pela originalidade, se o sr. dr. Julio de Matos se limitasse a admirar o que se ha feito, dizendo o que em ocasiões similhantes se tem dito: — meia duzia de lugares comuns á roda das grandes obras consagradas pela crítica. Mas não. Enrodilhou-se o distinto homem de sciência numa pesada manta de pessimismo, que o fez transpirar hesitações e dúvidas até ao ponto de afirmar que não temos prosa e não ha poesia.

Arredado das letras como ele próprio se confessa, o sr. dr. Julio de Matos hostilisou de preferência nos seus remoques a geração nova que com toda a fantasia apontada pelos mercieiros das letras conseguiu ainda assim fazer já muito mais do que se esperava. E não querendo vêr os esforços e as iniciativas generosas a que a mocidade tem dado o melhor da sua energia, apodou de *ordinária* a sociedade de homens de letras que sustenta

«A Aguia» e não se referiu ao menos á geração de Coimbra, geração forte e util que tem o orfeon academico, sustenta duas revistas «Dionisos» e «A Rajada» e tem promovido esplendidas festas de arte e lições de vulgarisação scientifica.

Nas réplicas originadas pelas declarações da «República» tem-se tratado sobretudo de responder á parte referente á «Renascença Portuguesa», e na enumeração dos talentos e dos nomes muitos têm ficado sob a invejasinha dos valentes, envoltos num etc. apressado e redentor.

Em especial de Coimbra ninguem se tem lembrado nos muitos e longuíssimos artigos de defesa que hei lido em várias folhas.

Ora, na actual geração, entre os colaboradores das revistas citadas destacam-se pelo seu mérito real Afonso Duarte, Joaquim Manso e Correia Dias.

O primeiro é o extraordinário poeta a que a côr dá alucinações criadoras como nessa admirável «Tragédia do sol Posto», em que os nossos olhos descobrem serpentes de nervos, ora presas de singulares encantamentos, ora coleando, desprendendo-se ébrias de oiro e de fogo, numa ginástica heroica.

Ha na pureza serrana dos seus versos ritmos de águas correntes e embalos do povo. A natureza floresce e canta nas suas rimas. Ninguém ainda foi melhor pintor no poente e esculptor no crepúsculo. Nos «Episódios do Sol e das Sombras», poema ar-

quitectado superiormente obedecendo a um plano maravilhoso de visão, modelaram suas mãos as atitudes curvadas que o crepùsculo revela dos caprichos da sombra.

O campo e a montanha, na grandeza dos seus motivos e no enternecimento dos seus enlevos, deram-nos o «Romanceiro das Aguas», que deve saír breve da Livraria Ferreira, de Lisboa.

— Joaquim Manso é um escritor de orientação, analista profundo e organisado, consagrando-se aos estudos sociais depois de muitos anos de luta jornalística em que se afirmou o seu poder combativo.

— Correia Dias é o caricaturista inexorável, duma correcção de fórma que mais ninguem possue, com enormes faculdades de trabalho e de observação. Sem escola, original e bizarro, o seu lapis tem dito quanto vale pelas páginas das revistas.

Estes, para não citar Garcia Pulido, Ribeiro Lopes e outros que sabem escrever bem, que têm escripto bastante e mesmo na exiguidade das páginas dos jornais e revistas hão afirmado qualidades de prosadores notáveis.

Albagada, 13 — IX. — *Nuno Simões.*

Do *Paiz*:

Uma interessante lição

Um jornal da noite lembrou-se beliscar no snr. Adolfo Coelho.

Com franqueza, não vêmos em quê.

Não ha sábio mais completo do que snr. Adolfo.

Recordam-nos muito bem.

Aqui ha uns anos, íamos ouvir as suas lições. Uma delas versava sobre os primeiros gramáticos.

S. Ex.ª falou uns quartos de hora sôbre Nebriga e mais companheiros e, de repente, sem explicação possível, declarou aos alunos que tinha em casa dois gatos que faziam luta grego-romana.

Outra vez tambem achou grande analogia, entre *Mastro da gávea* e *Vasco da Gama.*

Interessantes e profundas aquelas lições! Sciência mal arrumada!...

Não se meta com o sábio, colega, que ele é naturalmente peludo!...

Do *Intransigente,* de Lisboa:

Os da Renascença

O barulho que se tem feito nos jornais, em volta dos intelectuaes da «Renascença Portuguesa»! Sabe o leitor que se trata daquele grupelho de mancebos geniais de talento sem limites e saber incomensuravel, que se constituiu no Porto, disposto a salvar o país pelo Saudosismo e outras drogas da mesma espécie e que teem uma revista onde expandem o que lhes vai no cérebro. Contentes que eles devem andar, a verem-se alvo das atenções de milhares de pessoas que cá de baixo os contemplam pairando nas alturas a despejarem saudosismo cá para os simples mortais!

Quem sabe se á força de se verem admirados, se resolvem a olhar com mais benevolência para os operários a quem, das alturas, chamaram olímpicamente «sub-gente».

«Sub-gente!» E ha padeiros que levam uma noite inteira a fazer pão para os olímpicos comerem!...

Da *Capital:*

Teatros

Nota do dia

Os homens de letras consultados no inquérito da *República*, sobre a renascença da literatura portuguesa, são todos concordes em dizer que não temos teatro nacional. Na verdade talvez o não haja; mas a verdade é que nunca se escreveu tanto para ele como agora. Se o nosso teatro não tem hoje unidade literária, se nele se não distinguem escolas—que de resto nunca existiram em Portugal—tudo isso provém exclusivamente de que o ser escritor dramático entre nós não constitue uma profissão. Significará para uns um sarampo que os cocéga ás vezes; para outros, que trabalham como forçados, quasi ininterruptamente, não representa senão uma ajuda á vida corrente que eles tratam de estabelecer sólidamente noutro ramo d'actividade.

A literatura dramática não sustenta, menos póde dar desafogo e riqueza. Autores temos por aí com vinte e cinco ou trinta peças exibidas, somando alguns milhares de representações que, de todo esse trabalho, por mal remunerado, não

puderam tirar senão o subsídio para necessidades de momento.

Se o teatro pudesse dar a quem o cultiva uma vida larga e desembaraçada de cuidados, se uma única peça por ano, caso agradasse, garantisse ao seu autor um passadio comodo em que pudesse tranquilamente gisar uma peça, estudá-la a fundo, observando e lendo, alimentando o espírito com viagens, com a consulta de bons autores, com tudo emfim que póde dar uma reserva de ideias e formar uma intelectualidade, então creio bem que teriamos o direito de exigir aos nossos escritores de teatro aquilo que hoje se lhes exige arbitrariamente. Tal como se exerce em Portugal o mister de autor, o que se produz representa um louvável esforço e por vezes um trabalho respeitável. — *O porteiro da geral.*

Do *Mundo*, de Lisboa:

A "Renascença Portuguesa" e um inquérito literário

Uma resposta do poeta Teixeira de Pascoais ao escritor Julio Brandão, do Porto

A «Renascença Portuguesa», bem intencionada associação de literatura, arte, sciencia e crítica social, que no norte se fundou, vem sendo ultimamente muito injustamente combatida por quantos com o assunto mais ou menos se interessam, porque saibam lêr e escrever ou simplesmente porque possuam a idiosincrasia da *má lingua*. Um colaborador de uma antiga gazeta monárquica do Porto, o sr. Julio Brandão, autor de vários livros e de um drama, convidado a depôr num inquérito literário algures iniciado, permitiu-se tambem atacar a «Renascença» e o poeta admiravel que é Teixeira de Pascoais, para não fugir ao *parti-pris* que resolveram adoptar os *consagrados* contra aqueles de cuja sombra porventura se arreceiam. Fê-lo, porém, por tal fórma, o escritor do norte, que o isolado poeta Pascoais não pôde deixar de descer da pacatez das suas montanhas á buliçosa arena da polémica lite-

rária, num legítimo e justo desforço a que foi recusada publicidade *por estar fóra de todas as praxes,* como se nestas questões de apreciação literária e artística forçoso fosse obedecer... a praxes. Assim Teixeira de Pascoais enviou-nos a sua defesa, que é como segue:

Tem a palavra Teixeira de Pascoais

Acabo de ler uma carta de um tal João Brandão, emérito facínora que ressuscitou agora, degenerado, atenuado, usando, em vez do clássico bacamarte, uma pobre pena de pedir...

Este Brandão, na sua qualidade de autêntico jumento enfurecido, atirou-me meia dúzia de coices misturados com algumas infâmias e mentiras, sob o título de *Inquérito literário*... Quanto aos coices nada direi... por misericórdia... Eu sei a dôr que eles traduzem:... Este Brandão, na mais simpática inconsciência de animal que, de vez em quando, orneia pretendidos lirismos de almanaque, ruidosamente revelou a tal esporada que o fez escoicear. *Não me referi ao mísero poetastro na minha resposta ao inquérito literário.*

Mas quem é o sr. Brandão? Um pobre fazedor de imagens mais on menos poéticas, ôcas de emoção e sentido: — um poeta de sons banais que nada dizem. Um certo brilho literário, puramente exterior e de verniz barato, servido por uma retórica aparência ruiva que, á primeira vista, ilude. O sr.

Brandão é quasi nada... Como poderia eu, em minha consciência, colocá-lo ao lado de poetas como António Correia de Oliveira, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, Mário Beirão, etc.? Absolutamente impossivel! De mais a mais, vejo agora que o seu lugar não é entre os poetas nem mesmo entre gente honesta. Pertence-lhe um lugar que seja porco e tenha mangedoura. Vejamos, para justificar estas palavras, as infâmias e mentiras contra mim vomitadas. A primeira infâmia é a intriga que ele, num autêntico momento facinoroso, quer urdir entre a minha humilde pessoa e o meu grande amigo de ha muitos anos, o grande poeta Guerra Junqueiro, afirmando *que eu lhe queria mal quando fui franquista.* Que duas vilíssimas mentiras! Sobretudo a primeira! A segunda é para mim uma coisa secundária. Todavia direi ao sr. Brandão que, em 1904 e 1905, fui um dos fundadores da primeira comissão municipal republicana de Amarante. Mas a política pouco tempo me interessou, entregando-me completamente ao meu trabalho literário, que tem a subida honra de não ser compreendido nem estimado pelo sr. Brandão. Desafio o emérito malandro a que apresente algum facto demonstrativo da minha inimizade a Guerra Junqueiro, e de que eu militei no franquismo, ou que, a favor dele, pratiquei qualquer acto.

Mas o vil poetastro de insípidas cantigas, tal é o ódio que me dedica, tenta indispôr-me com Guerra Junqueiro e com os poderes constituidos.

Porque não foi o sr. Brandão apontar-me á polícia como conspirador? O seu ódio venenoso ficaria mais satisfeito e praticaria qualquer coisa de muito conforme ao seu carácter. Eu inimigo de Guerra Junqueiro e franquista!! Que duas vilíssimas mentiras! Quem havia de dizer que o sr. Brandão, sob aquela adocicada e romântica aparência, escondia tão ruíns entranhas? Ah, mas o que é o instinto adivinhador... Por isso, eu me afastei ultimamente do poetastro, deixando de lhe oferecer os meus livros. O que imaginava ser desleixo meu, era, afinal, um puro pressentimento do pequenino tigre que o sr. Brandão esconde dentro do peito. Mas o mísero animal raivoso não se ficou por aqui. Mente ainda quando diz que eu maltrato sempre João de Deus, esse angélico Poeta adorado de todos os portugueses. É assombroso como se mente assim! E para quê? Talvez para me indispôr tambem com o filho ilustre do divino lírico do *Campo de Flôres!* Dir-se-ha que o sr. Brandão é a própria Maldade, loira e de olhos azues... para disfarçar.

E continúa a mentir quando insinúa que eu não considero Manuel da Silva Gaio, Eugénio de Castro, João de Barros, Augusto Gil e Fausto Guedes. Não falei destes belos poetas porque a minha resposta ao inquérito literário foi muito ligeira, e apenas me referi áqueles que mais integrados estão na nova poesia religiosa de Portugal, poesia que não foi, não é, nem será para o

sr. Brandão, insignificante romântico de 3.ª classe. O eu não falar neles nem no sr. Brandão, póde parecer que os considero a todos igualmente. Sim, vejo que andei mal, pois seria um sacrilégio irmanar um simples imbecil, mais ou menos harmonioso com poetas como Eugénio de Castro, João de Barros e Augusto Gil. Seria um sacrilégio! Além de infâmias, coices e mentiras, o mesmo João Brandão, para mais honrar este seu verdadeiro nome, dirige-me ainda algumas injúrias, chamando-me Boudhasinho de ponta e mola, tartufo, mistificador. Sobre este ponto espero que o duvidoso poeta e autêntico bandido se explique. Se o não fizer, servir-me-hei dos outros meios em uso.

Quanto ás imbecilíssimas larachas ao saudosismo, estão na lógica da sua estupidez, assim como as suas infâmias se casam perfeitamente com o seu carácter odiento, invejoso, sempre abarrotado de maguada vaidade insatisfeita, essa vaidade dolorosíssima, terrível, de impotente, de estéril que se não conforma... E chama-me vaidoso, a mim, o malandrete! É próprio das ínfimas criaturas que só teem vaidade ver este mau sentimento em toda a gente. A imaginária vaidade dos outros é para elas um limite imposto á sua vaidade, e, por isso, uma cousa insuportável que asfixia. Deixemos, por agora, a miserável alminha de víbora que já, uma vez, se atreveu a elogiar-me no extincto *Diario da Tarde*, do Porto, quando publiquei a «Vida Etérea».

Terminarei transcrevendo este periodo do aludido jornal:

«Teixeira de Pascoais é de ha muito um poeta na mais nobre, na mais íntima significação deste nome...»

E este:

«Vida Etérea» de Teixeira de Pascoais — um dos mais admiráveis livros de versos que se teem publicado em língua portuguesa».

E ainda este:

«Ha nos seus poemas um panteísmo transfigurado por Jesus. E o seu amor a quanto é humilde e obscuro, os olhos com que fita e a comunhão em que vive com o antigo segredo das cousas, fazem do autor um poeta que não póde interessar egoístas nem estúpidos, mas que tem entre os seus camaradas das últimas gerações — onde ha grandes poetas — um lugar que ninguem lhe obscurece». (*Diario da Tarde*), de 4 de setembro de 1906, n.º 203.

Veja o leitor a sinceridade e a seriedade do homem!... — *Teixeira de Pascoais.*

26 — 9 — 912.

Do *Mundo:*

Polémica literária

Publicamos a seguir um artigo do ilustre escritor Julio Brandão, em resposta a Teixeira de Pascoais. Sabemos que a demora no aparecimento deste artigo teve como razão ter aquele escritor enviado o artigo a um jornal onde se iniciou a questão e que o não publicou. Tendo O Mundo *publicado o artigo de Teixeira de Pascoais julga-se no dever de publicar o de Julio Brandão.*

Acabo de ler no *Mundo* uma resposta desopilante de Pascoais ás minhas opiniões desassombradas e claras ácerca da sua pessoinha grotesca e venenosa. O maior poeta da Europa perdeu a cabeça. É um garotote de aldeia, com a fralda de fóra, a chamar nomes e a atirar pedras. Um fiasco miserável, como argumentador e como polemista. E afinal incomoda-me—esta é a verdade!—havê-lo inutilizado tão de pronto. Pascoais não se póde perder depressa: é divertidissimo.

Numa prosa de Aljube, Pascoais chega a chamar-me, entre outras coisas amáveis, facínora e bandido. E torce-se, arrepela-se, escabuja epiléti-

camente. Cuspilha como um sapo calcado; enreda como D. Bazilio. Confesso que é dramático o espectaculo que está dando Pascoais. Como ele espuma, ao morder o freio que o domou com boa mão de redea! Sempre é util ter dado algumas lições de equitação; ninguem está livre de se ver obrigado a ter de «ajoelhar» um Pascoais!

Desta feita o *aria* desaparece de todo naquela prosa vilissima—um vómito de boleeiro. Desmascarou-se facilmente o dulçoroso poeta. Deu o que eu disse que ele lá tinha dentro; estou a considerar-me um razoavel psicólogo... A alma esverdengada esvurmou sujidade, sem poder reprimir o esguicho fétido. S. Francisco de Assis, na pessoa do idiota era uma figura de carnaval pelintra. Por baixo do hábito de franciscano humilde e poetico, só havia perfídia, mentira, vaidade estulta, baforadas sórdidas. Era uma fossa—coberta com flores de papel. Lá lhe foi a bondade e o génio, com seiscentos demónios. A terra lhes seja leve!

Ficou apenas o mariola a estrebuchar, com a vaidade em trapos. A bexiga de porco estoirou. O trono de papelão rebentou. Um cataclismo! Á minha crítica serena e á ironia que o fustiga, responde com pedradas de fundibulário aos bordos. Vem a ganir e a coxear. É infinitamente pífio—e absolutamente indígno de um semita, que trazia nas veias em compota, a Virgem María e o Cristianismo ancestral. Vou responder a rir, consoladamente a rir, porque o energúmeno é único debaixo de toda a

roda do sol. Deus lhe dê vida e saude — e versos, e crítica, e trabalhos sobre raças! — para que nos desça sempre, a alegrar-nos o caminho, o hilariante chuveiro das suas parvoíces! Deus lhe dê vida e saude! Que incomparavel escritor e que budista! Tambem me chama jumento.

Vamos a umas coizas... Pascoais diz que eu o quero indispor com Guerra Junqueiro e com o filho de João de Deus. Falseia até, mentindo, a transcrição de palavras minhas. Esqueceu-lhe acrescentar que tambem pretendia malquistá-lo com os sobrinhos de Garrett. O pateta tem o delírio de perseguições. Evidentemente é um caso de manicómio. Eu afirmei que da Obra prodigiosa de Junqueiro, num gesto generosamente ariano, Pascoais apontára com o dedo insigne e paternal apenas um trabalho; eu afirmei que nunca esse pedante que dirige a «Renascença» citou João de Deus entre os poetas portugueses «que o são», como ele tem escrito. Ora Pascoais não nos diz a razão por que os *Simples* (e eu agora acrescento a *Pátria*) se não podem integrar nos... *árias* e nos *semitas;* tão pouco indica onde citou, uma vez que fosse, o grande poeta do *Campo de Flores.* Não diz nada, não discute, não sabe que volta lhe ha de dar. É uma entaladela respeitável, concordamos. E irrita-se porque lhe chamo mistificador. Que pedaço de asno!

De Garrett tambem não diz nada, pela palavra nada. Em tudo torce o bico ao prego, a suar em

bica. Dos Arias e dos Semitas o eminente etnógrafo guarda, de fórma idêntica, um silencio aflitivo. É uma catacumba de estupidez e de ignorância. Âcêrca de poetas que desdenhava, sinuoso e pérfido, vem prestar-lhes agora a sua homenagem tardía. Não falou deles «porque a resposta ao inquérito foi ligeira, etc.»—E das outras vezes, que foram numerosas? Onde perderia o tartufo a vergonha?! Agora, depois dos meus reparos, já nos vai citando os réprobos... Já entra na última lista João de Barros (!) e Augusto Gil. Uma candura de flôr silvestre! Ah! se nós quizéssemos dizer o que ouvimos a Pascoais a respeito de algumas pessôas que hoje turibúla, á cata de elogios! Se quizéssemos descer á intriguinha de alfurja, em que se êle compraz! Porque nós conhecemos a alma do vate em seus meandros. É tenebrosa e trágica. Quanto a me não ter citado, é sempre o mesmo ôdre de vaidade provinciana. Que me importa, pessoalmente, que Pascoais me cite? *Á quoi bon?* Mas nós havemos de conversar, noutras ensanchas, sobre toda a tremenda mixórdia estética, que o torna nêsse campo rival do Rosalino, criatura afinal em extremo simpática. De resto, é deplorável que Pascoais comece tão cêdo a dar a mão á palmatória—a mão que aponta os astros sempiternos!

*

* *

Sem um raciocínio em termos, sem uma resposta concludente, Pascoais, como já disse, ataca-me com infinita pilhéria. Até me chama João Brandão, e fala num bacamarte. Tarrenego, diabo! Ora o sublime antropologista, se fosse inteligente, tomava outro caminho. O director de um grande renascimento literário e filosófico — esclarece a sua vasta filosofia, grava, em caracteres eternos, os cánones da sua arte perturbante.

Além disso, um panteísta tão lindamente compadecido pelas ervinhas rasteiras, pelos bróculos, que vai comendo guizados, pelo escalracho e pelas abóboras meninas; tão lacrimoso pelos bichinhos que sofrem (sempre Budasinho), por todos os seres humílimos da criação — que vai explorando e vai cantando em versos trôpegos, á sanfona—um *ária*, repito, não acoima de bandido um seu semelhante, que é um homem e que lhe provará em toda a parte que o é. Oh! mas é um homem que ri e que se consola extraordináriamente quando pratica um acto de justiça, atirando a baixo da tribuneca de arraial, o patarata que quer impingir um elixir de bôrra, que anda a crismar de «puro génio de raça, de saudosismo, de Nossa Senhora da Lembrança...» Um homem que fala claro e alto e não baixinho e sorna, mas que não atura um funâmbulo de bar-

racão, que pelos seus berros de regateira perdeu irremediávelmente o equilíbrio.

Pois quê! Pascoais até clama que o queremos indispôr com os poderes constituidos. Não ha dúvida: está febril, precisa de repouso. E compreende-se, na verdade, que assim seja. Ainda lhe deve parecer um sonho tudo isto! A apologia indirecta da forca, nos tempos do franquismo, não se harmoniza em extremo com a criação, pouco tempo antes, de uma comissão republicana... Eu ouvi mesmo dizer que o jacobino de 1904 e de 1912 fôra administrador monárquico. Não afirmo, ouvi dizer; e se assim é — *pro pudor*! — «singularidades do tempo e da fortuna!...»

Mas vamos ao que importa, visto que a política é para Pascoais «uma coisa secundária...» Como arquivasse umas palavras minhas, escritas ha anos a propósito de um seu livro, o sujeito julga fulminar-me. Até nisso é infeliz. O livro tinha duas poesias bonitas, e não era ainda do maior poeta da raça. O «delírio» veio depois. Fui, portanto, generoso. Mas o caso típico é que Pascoais, na dedicatória dêsse volume, como nas de vários outros e ainda em cartas—me encheu de elogios hiperbólicamente tocantes, como poeta e como prosador. Não posso transcrever já essas lamúrias, porque escrevo da província, onde estou ha tempos. Agora sou, porém, para Pascoais «um romântico insignificante e um imbecil», etc. *Veja o leitor a sinceridade e a seriedade do homem!*

Basta, por hoje. É provável que Pascoais venha a ter, aí por fins do século corrente, uma apoteóse nacional. Teve-a Herculano, que não sabia coisa nenhuma de raças, e Garrett, que não valia dez réis de mel coado. O solitário do Marão está a rever a sua obra...

Aqui lhe deixo, desde já, as minhas felicitações. A justiça imanente espreita Pascoais. Os pirotécnicos do futuro farão para esse dia, que entrará nas grandes efemérides do globo, peças de maravilha, dignas dos seus poemas—tudo fogo de artificio. E para lhe provar a boa vontade com que me associo a essa glorificação póstuma (e que Pascoais traz de olho) vou transcrever o epitáfio, ainda inédito, escrito por um dos seus panegiristas mais entusiásticos—para ser insculpido nos Jerónimos... Ei-lo:

Pascoais morreu:
Foi enorme; foi Europeu!
E, uma coisa catita:
Foi Ária e foi Semita...
Foi maior
Do que Camões (tirando o Adamastor...)
Ele viveu feliz, sempre a afirma-lo.
Caminhante, se não o conheceste,
E nunca o léste,
Não leias!! É melhor acreditá-lo...

Julio Brandão.

Da *Capital*:

Nos domínios da arte

Uma das características dos novos tempos que para Portugal se iniciaram está na aparição dum grande número de novos que tentam os caminhos difíceis da arte em todas as suas manifestações. A primeira dessas manifestações no ponto de vista das soluções que encerra é evidentemente o teatro, e por isso não admira que para êle se dirija o maior contingente. Autores e actores dramáticos, encontramos já um elevado número de nomes que até agora não tinham soado aos nossos ouvidos e que despertam a curiosidade quando não um interesse simpático pela sua resolução, em que se adivinham, a par dos sonhos de vitória, todas as emoções do receio.

O que se dá no teatro observa-se noutras fórmas de literatura. O inquérito a que a *República* está procedendo sobre as novas fórmas de arte em Portugal não dará um resultado nítido sobre o caracter e a significação dessas fórmas, mas evidencía um manifesto impulso espiritual, mostra que, de todos os lados, vagamente, obscuramente embora, se procura reatar a tradição literária dêste país, rica em manifestações de talento e que ulti-

mamente parecia ter-se suspendido nas suas necessárias evoluções.

Quantos são, dos que abordam o teatro, aqueles que triunfarão? Quantos são, dos que tentam ou vão tentar o romance, a poesia, a crítica, aqueles que realmente verão coroadas de exito as suas tentativas? Quantas verdadeiras aptidões se revelarão? O tempo o dirá, mas o que desde já com satisfação deve registar-se é precisamente esta irrupção de gente nova nos domínios da arte, êste sangue jovem que a anima de ideal e vida, na qual se operará a selecção necessária, com que a literatura nacional deve enriquecer-se.

Não devemos sorrir de muitas dessas tentativas. Não devemos despresar nenhum esforço. Todos os países em que a arte floresce teem uma multidão de cultores da arte a animar a sua vida intelectual. Porventura se imagina que a literatura, a poesia, o teatro na França ou na Itália, na Inglaterra ou na Alemanha têm só a cultiva-los a meia dúzia de nomes gloriosos que conhecemos?

São centenas, são milhares de espíritos ardendo na mesma chama, milhares de trabalhadores sucumbindo na obscuridade, ou porque a sua inteligência não vence na áspera luta das concorrências, ou porque tristes condições de meio lhes não consentem a vitória. Mas dentre êles é que surgem os artistas privilegiados que engrandecem uma geração e honram uma pátria.

Esta afluência de novos cultores da arte, entre

nós, é uma conseqüência lógica e necessária da implantação da democracia. Portugal resolveu o seu problema político, e na resolução dêsse problema andavam empenhados os que sentiam um sopro da arte bafejar-lhes a imaginação. A sua liberdade está assegurada. Resta o seu problema social, para cuja solução a arte fornece importantes dados, e sobretudo é necessario enflorar de beleza a obra da liberdade. Cumprido o dever cívico, que em todos os filhos de uma pátria só vê cidadãos, todos podem e devem entregar-se aos trabalhos predilectos do seu espírito. Fazendo-o, ainda servem a pátria, e acima de tudo o ideal, cuja aspiração sempre insatisfeita é o estímulo das grandes obras. É uma luta, embora incruenta, em que muitos dos que a ela se abalançam cairão por terra, mas donde se elevarão as figuras dos triunfadores.

Do *Paiz:*

Poetas de hoje

Veja lá o que são os poetas do nosso país nêstes tempos de prosa que vão correndo!

O snr. Dantas escreve a *Sevéra*, a célebre rameira das vielas que os fadistas dos antigos sítios da Cotovia imortalizaram nos seus fados chorados e plangentes; o sr. Teixeira de Pascoais, ferido por umas apreciações do notável escritor snr. Julio Brandão, endereça-lhe este *madrigal:*

«Este Brandão, na sua qualidade d'autêntico jumento enfurecido, atirou-me meia dúzia de couces, misturados com algumas infámias e mentiras sob o título d'«Inquérito literário»

«Êle orneia pretendidos lirismos d'almanaque e ruidosamente revelou a tal esporada que o fez escoucear».

«Desafio o emérito malandro, o mísero animal raivoso, um simples imbecil, duvidoso poeta e autêntico bandido, a que se explique. E chama-me vaidoso a mim, o malandrete».

Que lirismo, que inspiração, que tanger d'harpas eólias!...

Nem regateiras de tamancos na praça da Figueira ou do Bolhão!...

Do *Sindicalista*, de Lisboa:

Na linha de fogo

Uma renascença literária

Fundou-se ha tempo uma sociedade de exploração... literária denominada «Renascença», cujos fins consistem em promover a maior cultura do povo português, provocando adrede um renascimento literário e artístico.

Que é que isto significa, um renascimento literário regulamentado por um estatuto com os seus artigos e parágrafos, com seus comités e sucursais, as suas quotas e os seus associados?

Até aqui sabíamos de escolas ou correntes literárias determinadas pela eclosão de novos métodos e processos que vinham revolucionar paralelamente a técnica e as idéas, movimentos êsses tendo por centro irradiante ou uma excepcional mentalidade típica ou mais freqùentemente, e mais conforme á realidade, um núcleo d'atividades creadoras que, assimilando certos princípios filosóficos, rasgavam através dêles novos horizontes á arte impelindo-a para fecundos rumos de idealizações inéditas.

Isto surgia ametódicamente, ás vezes concretização das aspirações dum povo ou duma época; ás vezes penetração vivificante de elementos novos

na arte; ás vezes simples fumisteria duns quantos freqùentadores de café aguentando-se em meia dúzia de livros e morrendo.

Ora, entre nós, projecta-se a refundição inteléctual dum povo em 9 capítulos e 14 artigos, sem que ao menos se esboce uma vaga idéa, um simples ponto de vista que nos revele o cunho duma tendência. Em que princípio filosófico se apoia então êste movimento? Começa por lhe faltar caráter inovador, por lhe faltar originalidade, pois é uma renascença, quer dizer um ressurgimento, o que presupõe portanto um retorno a velhos métodos e a processos antiquados. Admite-se a Renascença do seculo XV depois do longo crepúsculo medieval. Mas na nossa época, em plena maturidade da civilização e do progresso, achamos paradoxal uma renascença. Ainda se fosse uma antecipação! Mas o que é que esta gente quer fazer renascer? O quinhentismo? A tradição camoneana? Ou estamos em frente duma tentativa de *modernismo* literário?

De vez em quando surgem, em todos os países, destas absurdas tentativas de remontar á tradição clássica, de ir beber a inspiração na fonte dos primitivos, como se a psicologia fosse a mesma de século para século e nós pudéssemos hoje reproduzir todas as sinuosidades, todas as inflexões da complicada alma moderna no instrumento rude e deficiente que é já para nós a língua dos nossos antepassados. Amar a tradição não é o mesmo que

querer revivê-la. E é mais que absurdo, é profanação ir desenterrar as velhas idéas mumificadas na poeira dos arquivos e dos tombos e trazê-las para a vida moderna, onde, não encontrando já correspondência mental, cáem novamente mortas mas desta vez pelo ridículo do contraste e do anacronismo.

O pensamento segue uma evolução natural e ao longo dela vão ficando os sedimentos das idéas, que são a reconstituição da história da humanidade como as camadas geológicas reconstituem a história da terra. Cada período histórico é resultante de certo ambiente ideológico, como cada período da geologia é resultante duma certa climatologia. Assim, pretender modificar o meio social, manejando ideias gastas, como fazem os tradicionalistas-nacionalistas, seria o mesmo que pretender variar o clima pondo á vista o jurássico ou o cambriano.

Segundo depreendo, porém, duma polémica na imprensa, não é o regresso ao passado que êles pretendem, não é a ressurreição das velhas fórmulas o seu móbil. Eles professam uma religião, a religião do passado; praticam um culto, o culto da saudade. O seu lêma é o *saudosismo:* a filosofia da saudade.

Conheciamos o romantismo, o realismo, o parnasianismo, o simbolismo, o decadentísmo, o humanismo, o classicismo, o naturismo, o integralismo, o sintetismo, o impulsionismo, etc. Ficamos conhecendo agora o saudosismo. Como é, porém, que pretendendo provocar um renascimento — que im-

plica sempre um certo movimento, embora retrógrado — vão adotar um sentimento mórbido e depressivo, em absoluta oposição com a vida e com a ácção, pois que a saudade, por maiores torturas a que sujeitem a hermeneutica, é o enervamento, é a imobilidade, é o faquirismo? Além disso advogam a maior cultura do povo português, são portanto patriotas, e coincidindo a sua tendência com o advento dum regime que pretende engrandecer e fortalecer a nação, em que medida colaboram êles neste programa com a sua renúncia e o seu desprendimento? E como é que Jaime Cortezão e Leonardo Coimbra (Raul Proença saíu já) com o temperamento creador que os carateriza, podem agir dentro desta filosofia da inércia que é o saudosismo?

*

*   *

Uma coisa esquecem os ridículos paladinos da saudade: é que hoje a arte tem de ser fatalmente o reflexo da vida moderna, das suas tendências e das suas aspirações. Esquecem que não é uma renascença que é necessario fazer, mas uma revolução. Não que nós, partidários da violência, neguêmos sentimento á arte. Reconhecemos que êle é mesmo a sua condição. Mas sentimento não é pieguice, não é dissolvência, como espiritualismo não é misticismo, nem ascetismo, nem religiosismo. Queremos clareza para termos beleza. Queremos que

a arte seja não um passatempo para matar ociosidades, mas uma fonte de rejuvenescimento moral, uma gloriosa expansão da vida como o divino Guyau a entendia, e que ela seja tambem — que o é já, peze embora aos lunáticos da Renascença — um instrumento de reivindicação social, atiçando essa chama de revolta que arde em baixo nas camadas proletarianas e ameaça atingir os altos cumes da sociedade. Que ela perde em beleza, replicam. Oh! a beleza simples do trabalho, e a beleza épica deste formidável assalto do mundo novo contra a sociedade que êle pretende conquistar para a destruir e arrazar! Que fecunda fonte d'inspiração para um espírito! Pensamos com Blanguerson que «a poesia social tem o seu fundamento na moral. O dever do poeta é engrandecer com seus cantos a alma de seus irmãos. Uma consciência profunda dos deveres sociais tal é a condição da poesia a um tempo pessoal e social.»

Como é differente a nossa arte de violentos e revolucionários! Por um lado a ância de verdade e de justiça, a aspiração duma vida melhor, para os que são tudo na vida, para os pequenos, para os humildes. Por outro lado, a paixão do belo, um culto pagão e idólatra pela natureza máter fremente d'amor e de vida, idealizando a beleza em tudo, palpitando enternecidamente na empolgante harmonia que emana do seio das cousas.

Esta identificação da bondade e da beleza tal é a nossa aspiração. Com ardor—mesmo com ódio!

— investigamos os preconceitos sociais que cavam a desunião entre os homens; com paixão e enternecimento ezalçamos os pequenos e os humildes, afeiçoâmo-los, blocos rudes, ao sopro da nossa crença, insuflamos-lhes o nosso entusiasmo, repassamo-los através da idealidade vaga da arte para que os corações que por êles passem não se interessem apenas, mas se comovam sobretudo, para que achando-os belos os venham a amar.

Que profunda emoção se sente em viver a vida oculta dos seres, em auscultar o coração das cousas, em sondar em toda a parte o frémito vital que percorre a natureza até ao explendor mudo dos astros no inquietante mistério dêsses minúsculos mundos d'oiro, vivos e ardentes, na solidão absorvente das noites!

Esta concèção da arte vae d'encontro a moldes e praxes convencionais? Qu'importa, se o ideal do poeta é justo e reflecte a razão e o direito? É campo estéril para a arte? Vêde essa terra que é uma charneca inculta onde o mato cresce irriçado com toda a sua hostilidade brava erguida para nós. Arroteêmos esse campo, cultivêmo-lo, lancêmos-lhe a boa semente, e das asperezas rudes brotarão as verduras tenras, a gracilidade fragil dos ramos, as ternuras cativantes das flôres, as atraentes doçuras dos frutos. Oh! a bela sementeira de que a arte é capaz!

É na creação, é na vida, e portanto no amor que nós assentamos o princípio fecundo da arte. E é

sentindo-o bem intenso e dominador, como a obscura e oculta raiz qne domina a planta toda inteira, que o ser cria a vida e a beleza, que a inspiração transfigura os herois e os poetas, que o génio despede os seus relâmpagos audaciosos!

Pois bem, uma arte assim inspirada nesta amplificação, nesta extensão do amor—porque o amor é movimento e é ação—tal a nossa concèção não tão transcendente como a das *águias* da Renascença, sabemos, ou êles não fossem super-homens e nós desqualificada e desprezivel... *sub-gente.* — *Manuel Ribeiro.*

Da *Capital:*

Poeira da Arcada

Do inquérito literário aberto na *República*, começam a brotar polémicas e rixas, atrevimentos e insolências que são signal evidente de que, a não renascer Camões ou o Super, temos aí pela certa a exacta encarnação da Padeira de Aljubarrota. Os poetas mordem-se com gana! Julio Brandão e Teixeira de Pascoais teem obrigação de terminar a murro seco o belo jogo de insulto em que agora estão empenhados.

Assim, provarão que são dois homens que sabem afrontar-se e desforrar-se. E varrida a sua testada com valentía portuguesa, nós, os da galeria, iremos ler as suas respectivas *Saudades*, para saber quem é melhor atleta... em verso.

NOTA

Este inquérito foi realizado nas colunas do brilhante diário República, *durante os mêses de setembro a dezembro de 1912.*

Além dos comentários da imprensa, deu origem á publicação de vários livros e folhetos, como Rompendo fogo, *de Garcia Pulido (edit. Coimbra); e outros que os autores nos anunciaram e não chegámos a vêr.*

Alguns erros leva a edição agora feita; mas tão poucos e de tão pequeno vulto que nem dificultam o entendimento do texto nem desfiguram as ideias.

Não são precisas, pois, as erratas.

INDICE

I PARTE

II PARTE

Réplicas de:

III PARTE

Comentarios:

CAPITULO VI

OLIVEIRA MARTINS: A vida.—O homem.—Primeiros trabalhos litterarios.—O historiador.

CAPITULO VII

OS HISTORIADORES: Ramos Coelho.—Gama Barros.—Costa Lobo.

CAPITULO VIII

O THEATRO: Porque não houve theatro realista.—Tentativas.

CAPITULO IX

A ELOQUENCIA: Antonio Candido.—Alves Mendes.

CAPITULO X

GENEROS MENORES: Viagens (Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, etc.)—Critica social (Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida).—Jornalismo (Emygdio Navarro).—Conto (Fialho de Almeida, Alberto Braga e Trindade Coelho).

CONCLUSÃO

Interpretação portuguesa do realismo.—Seus caracteres geraes.—Seu valor.—Sua influencia moral e social.

QUADRO CHRONOLOGICO

*
* *

Historia
da
Litteratura Romantica

(1825-1870)

I vol. enc. 1.000; em broc. 700

SUMMARIO:

INTRODUCÇÃO

A litteratura do primeiro quartel do seculo XIX.

CAPITULO I

GARRETT: A vida.—O homem.—O poeta.—O dramaturgo.—O romancista.—O orador.—Bibliographia.

A Critica Litteraria como Sciencia

(2.ª EDIÇÃO)

SUMMARIO: **1 volume 400**

Nota explicativa.—Capitulo I: O problema.—Capitulo II: O metodo de Hennequim.—Capitulo III: O methodo de Brunetiére.—Capitulo IV: O methodo do sr. Ricardou.—Capitulo V: O methodo do sr. Zacombe.— Capitulo VI: O methodo do sr. Renard.—Capitulo VII: O methodo do sr. Lichtenberger.—Capitulo VIII: O impressionismo.—Capitulo IX: O nosso methodo.

Appendice; Bibliographia portuguesa de Critica Litteraria: Secção I—Estudos theoricos; Capitulo I: Theoria da Critica Litteraria.—Capitulo II: Historia da Critica e estudos sobre criticos portugueses e lusophilos.—Capitulo III: Estudos de psychologia da litteratura.—Capitulo IV: Problemas varios. *Secção II—Litteraturas estrangeiras:* Capitulo I: Litteraturas classicas.—Capitulo II: Litteratura hespanhola.—Capitulo III: Litteratura francesa.—Capitulo IV: Litteratura italiana.— Capitulo V: Litteratura brasileira.—Capitulo VI: Litteratura inglesa.—Capitulo VII: Litteratura allemã.—Capitulo VIII: Litteratura russa.—Capitulo IX: Litteraturas varias. *Secção III—Estudos de conjuncto, sobre epocas e generos:* Capitulo I: Estudos de conjuncto.—Capitulo II: Estudos sobre epocas.—Capitulo III: Estudos sobre generos. *Secção IV—Litteratura portuguesa medieval. Secção V — Litteratura portuguesa classica.*—1.ª epoca: Capitulo I: Sá de Miranda. Capitulo II: Gil Vicente.—Capitulo III: Novélas.—Capitulo IV: Camões.—Capitulo V: Generos varios.—Capitulo VI: Estudos de estylo.—2.ª Epoca.—3.ª Epoca.—*Secção VI—Litteratura portuguesa romantica.*—1.ª Epoca: Capitulo I: Garrett.—Capitulo II: Herculano.—Capitulo III: Lyrismo.—Capitulo IV: Camillo.—Capitulo V: Romancistas e contistas.—Capitulo VI: Historiadores.—Capitulo VII: Theatro.—Capitulo VIII: Prosadores.—Capitulo IX: Jornalismo.—2.ª Epoca: Capitulo I: O realismo.—Capitulo II: Anthero de Quental.—Capitulo III: Eça de Queiroz.—Capitulo IV: Poetas.—Capitulo V: Prosadores.

Nesta *Bibliographia* se contém mais de 1:200 livros e artigos.